UNIVALI
UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós- Graduação, Extensão e Cultura**– ProPPEC**
Centro de Ciências Humanas e da Comunicação – CEHCOM
Curso de Pós- Graduação ***Stricto Sensu em Educação***
Programa de Mestrado Acadêmico em Educação.

ANA MATILDE DA SILVA

PEDRA DA MIRAGUAIA: TEMA GERADOR DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

ITAJAÍ
2006

ANA MATILDE DA SILVA

PEDRA DA MIRAGUAIA: TEMA GERADOR DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

UNIVALI

Dissertação avaliada e aprovada pela comissão examinadora e referendada pelo colegiado do PMAE como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação – Área de concentração Educação – Linha de Pesquisa: Formação Docente e Identidades Profissionais; Grupo de Pesquisa Educação, Estudos Ambientais e Sociedade – GEEAS

Itajaí, 19 de dezembro de 2006

Prof. Dr José Erno Taglieber

UNIVALI - CE de Itajaí

Orientador

Profa. Dra Sonia Maria Marchiorato Carneiro

UFPR – CE Curitiba

Membro

Prof. Dr. Antonio Fernando Silveira Guerra

UNIVALI – CE de Itajaí

AGRADECIMENTOS

Meu eterno amor aos meus pais pelos ensinamentos

A Deus pela benção de ter meus filhos Costabile e Francesco. A minha nora (filha) Andréa e netinho Lucas. São a minha luz e o sentido da vida. Agradeço pela compreensão, paciência e ausência em alguns momentos importantes de nossa vida.

Minha eterna gratidão a todos vocês educadores, amigo(a)s que acreditaram, incentivaram e compartilharam comigo neste caminhar de grandes desafios e superações. Neumara, Cléo, Lina, Darlene, Silvana, Viviane, Veraniz, Lucimari, Adna, Marilaine.

Quero compartilhar o enorme carinho ao educador e orientador prof. José Erno Taglieber a quem tenho profunda admiração pela paciência, respeito, sabedoria, solidariedade e ensinamentos de um grande Mestre.

A todos os integrantes da Escola Municipal Profª Ilka Muller de Mello, Comunidade do Gravatá e Prefeitura Municipal de Navegantes que colaboraram no processo da pesquisa.

RESUMO

A crise socioambiental não faz parte das preocupações cotidianas da maior parte da população do planeta. A comunidade do Gravatá localiza-se no litoral norte do Município de Navegantes, SC. Não se tem uma clareza histórica de quando a comunidade foi formada e como ela desenvolveu-se em função da pesca. Aqui entra a ação educadora da escola. O foco central do Projeto de Ensino foi a problemática ambiental vivenciada por alunos, educadores da escola e comunidade. A necessidade de ações pedagógicas no processo de transformação de um ambiente educativo de caráter crítico levou os educadores desta escola pública a desenvolver um Projeto de Ensino. Esse Projeto buscou contextualizar o cotidiano da comunidade e da escola, numa prática pedagógica vivificada pela abordagem freiriana. A Pedra da Miraguaia foi escolhida como objeto concreto das ações pedagógicas, em torno dela foram levantadas: as estórias, lendas, concepções, representações, conhecimento do senso comum, e a história oral dos moradores mais antigos. O presente estudo investigou as mudanças das percepções e representações das questões ambientais vivenciadas pelo grupo de educadores e alunos participantes do Projeto de Ensino da Escola Pública do Ensino Fundamental. A metodologia para o estudo foi a entrevista semi-estruturada realizada com dez educadores em 2005 e 2006, e desenhos elaborados pelos vinte e oito alunos da 8ª série no ano de 2003. A análise dos dados foi feita com apoio na análise de conteúdo identificando ao mesmo tempo a perspectiva dos conceitos envolvidos e as relações sociais destas percepções. Esta compreensão propiciou aos educadores uma maneira consciente e responsável para planejar estratégias pedagógicas, e atividades para um melhor desenvolvimento das habilidades, atitudes e valores. Nas categorias de análise os dados foram organizados para aprofundar as suas características, sistematizando o diagnóstico das percepções dos educadores. O Projeto de Ensino desenvolvido pela escola foi um eficiente processo de superação e de transformação, não somente para os alunos, mas também para os educadores e por que não dizer da própria comunidade. Um dos resultados do Projeto foi a incorporação da Educação Ambiental no Projeto Político Pedagógico da Escola. A educação escolar de qualidade é necessariamente um processo coletivo, envolvendo alunos, educadores, administradores e comunidade. A Educação Ambiental é a própria educação num processo de autoconstrução e ressignificação de valores sociais.

Palavras chave: Educação Ambiental. Atividades Pedagógicas. Percepção ambiental.

ABSTRACT

The social environmental crisis is not a major concern of the majority of the world's population. The community of Gravatá is located on the North coast of the municipal district of Navegantes, Santa Catarina. It is not historically clear when the community was founded, but it development was based on the fishing industry. This is where school education comes in. The main focus of the Teaching Project was the environmental issue, as experienced by students, teachers and community. The need for critical pedagogical actions, within the process of transformation of an educational environment, led the teachers of this public school to develop a Teaching Project. The aim of this project was to contextualize the daily life of the community and of the school, within a pedagogical action based on the approach of Freire. Pedra da Miraguaia was chosen as the concrete object of the educational activities: The stories, legends, concepts, representations, knowledge of common sense, and the oral history of the older residents. The study sought to investigate and understand the changes in the perceptions and representations of environmental issues, among the group of teachers and students taking part in the Teaching Project of a Public Elementary School. The methodology for this study consisted of semi-structured interviews with ten educators, conducted in 2005 and 2006, and drawings produced by twenty eight 8th grade students in 2003. The data analysis was carried out based on content analysis, identifying the perspective of the concepts involved, and the social relations underlying these perceptions. This understanding gave educators a conscious and responsible way of planning teaching strategies, and activies for developing skills, attitudes and values. In the categories of analysis, the data was organized in such a way as to explore its characteristics, systemizing the diagnosis of the educadtors'perceptions. The Teaching Project developed by the school was an efficient process of overcoming and transformation, not only for the students, but also for the educators, and the community in general. One of the results of the Project was the incorporation of Environmental Education with the Teaching Policy of the School. Good quality school education must be a colletive process, involving students, educators, managers and community. Environmental Education is a form of education, in a process of self-construction process and resignification of social values.

Key-words: Environmental Education. Teaching Activities. Environmental Perception.

LISTA DE FIGURAS

LISTA DE QUADROS

LISTA DE ANEXOS

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CONAMA- Conselho Nacional do Meio Ambiente
EA – Educação Ambiental
E.M.P.I.M.M. - Escola Municipal Profª Ilka Muller de Mello
IBAMA- Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis
IUCN- International Union for the Conservation of Nature
MCT – Ministério da Ciência e Tecnologia
MEC – Ministério da Educação
MinC – Ministério da Cultura
MMA– Ministério do Meio Ambiente de Recursos Hídricos e da Amazônia Legal
ONU - Organização das Nações Unidas
ONGS- Organizações Não-Governamentais
PCNS – Parâmetros Curriculares Nacionais
ProNEA – Programa Nacional de Educação Ambiental
SC - Santa Catarina
LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO

Curiosa e apaixonada pelo “ensinar”, iniciei na vida profissional antes mesmo de terminar o ensino superior. Com formação acadêmica em Biologia atuei no Ensino Público Fundamental e Médio, no estado de São Paulo por alguns anos.

Durante a trajetória profissional apesar de algumas interrupções, acompanhei as reformas que foram acontecendo no sistema educacional. Desde cedo percebi que determinado padrão de ensino não era muito bem aceito. Pode-se dizer que havia certa dificuldade em seguir e acompanhar determinadas regras e padrões pré-estabelecidos do currículo escolar.

Por que era necessário ensinar determinado conteúdo, quando a realidade e a necessidade dos alunos eram outras? Formar, por que, para que e para quem ensinar? Como conciliar esses questionamentos com a minha visão de mundo, valores, atitudes e princípios? Teoria e prática, caminhando longe uma da outra, disciplinas fragmentadas sem uma relação entre elas, enfim, eram questionamentos que me faziam refletir, no que efetivamente desejava ensinar. Descobrir novas formas de pensar, de agir, de educar e ensinar foi uma característica constante ao longo da minha vida profissional.

Retornei à sala de aula, após seis anos de afastamento, em uma escola do Ensino Público Fundamental, localizada na região litorânea de Navegantes, estado de Santa Catarina. Desde o primeiro momento percebi um clima de amizade entre todos os integrantes da escola. Durante os três primeiros anos havia entre os educadores um compartilhamento, na troca de experiências, no diálogo, na solidariedade, no respeito mútuo. Formávamos na realidade uma grande equipe. A maioria dos educadores vindos de outras instituições escolares do município de Navegantes.

Conhecer a problemática ambiental vivenciada pelos alunos da escola e comunidade foi um desafio para que se realizasse um Projeto de Ensino, onde os “famosos conteúdos” foram articulados, de maneira consciente e responsável, com a realidade socioambiental da comunidade. Até o momento da realização do processo do desenvolvimento do Projeto de Ensino, desconhecia os fundamentos da Educação Ambiental. A necessidade de compreender o conflito social da escola e da comunidade

propiciou e contribuiu para a construção e elaboração da atividade pedagógica do Projeto de Ensino e agir para uma prática inovadora.

O desenvolvimento do Projeto de Ensino motivou a busca de conhecimentos que fundamentassem esse processo. Ingressei no Programa de Mestrado em Educação, participando do Grupo de Pesquisa, Educação, Estudos Ambientais e Sociedade. Assim encontrei na Educação Ambiental um dos caminhos que contribui para a humanização e socialização dos indivíduos e possibilita aos indivíduos a compreensão das relações sociedade⇔ natureza. Além de que, a Educação Ambiental não é outra educação, mas é uma educação que caminha para a (re)construção de valores, atitudes e princípios, e que esta se faz na transformação e não na ruptura.

2 INTRODUÇÃO

Atualmente, vivemos numa complexa rede social contemporânea e, por outro lado, vivemos também uma crise socioambiental sem precedentes, conforme aponta Grün (1996). A não-preocupação com os problemas ambientais parece estar presente na maior parte da população. Isto sinaliza para a necessidade de busca de novos conhecimentos e de alternativas sensatas de construção de uma nova consciência do ser e do viver com responsabilidade no meio ambiente e para com ele, além da necessidade de se estabelecer uma nova relação com a Natureza criando um mundo melhor para as próximas gerações.

Silva & Taglieber (2005, p.2) destacam que vivemos numa sociedade em que os valores se restringem mais aos bens adquiridos, como se fosse uma demonstração de sucesso. Acrescentam que a complexa rede social contemporânea avança cegamente para a cultura do consumo: a ciência, a técnica, a indústria e a economia estão direcionadas ao lucro e ao acúmulo de bens materiais.

Isso significa que o desenvolvimento econômico vigente induz ao acúmulo de bens transitórios e de vantagens monetárias flutuantes, reduzindo o tempo útil dos produtos, desenvolvendo produtos descartáveis agravando assim o desperdício dos recursos naturais.

Esse mesmo desenvolvimento que traz maravilhas de consumo traz também a fragmentação da sociedade e induz ao individualismo e egocentrismo. Segundo RIO-92, a ***Carta da Terra***, princípios como solidariedade, ética nas relações interpessoais e democracia são substituídas por normas impessoais, tecnocráticas administrativas e anônimas. É a lei do mais “forte”.

> A situação global, os padrões dominantes de produção e consumo estão causando devastação ambiental, redução dos recursos e uma massiva extinção das espécies. Comunidades estão sendo arruinadas. Os benefícios do desenvolvimento não estão sendo divididos eqüitativamente e o fosso entre ricos e pobres está aumentando. A injustiça, a pobreza, a ignorância e os conflitos violentos têm aumentado, e é a causa de grande sofrimento. O crescimento sem precedentes da população humana tem sobrecarregado os sistemas ecológico e social.[1]

[1] Recorte da Carta da Terra, uma das articulações, que teve origem na RIO-92, realizada nos anos 1990, no Brasil, na Conferência da ONU para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, que estão em pleno curso nas

Trevisol (2003) afirma que, agressões à natureza em qualquer parte do planeta, tendem a produzir conseqüências diretas ou indiretas sobre grande parte da humanidade e ecossistemas. Para o referido autor, não é a natureza que se encontra em desarmonia é a própria sociedade. Os problemas ambientais são antigos, mas somente nas últimas décadas começou a se formar uma consciência mundial da gravidade desses problemas, e da necessidade de se buscar soluções ou alternativas sustentáveis que envolvam toda a sociedade humana.

Morin (2003, p.176), filósofo francês e intelectual, preocupado com as grandes questões relacionadas à complexidade da natureza humana e o destino da humanidade, em seu discurso aborda a necessidade de aperfeiçoar a existência do ser humano sobre o planeta, "[...] O homem transformou a Terra, domesticou suas superfícies vegetais, tornou-se senhor de seus animais. Mas não é o senhor do mundo, nem mesmo da Terra".

O ser humano passa a crer que, através das tecnologias e disputas econômicas, amplia o domínio sobre a natureza, tem a liberdade de suas ações, nunca a de suas conseqüências. O autor não acredita em soluções definitivas, mas argumenta em favor do esforço para criar respostas plausíveis, e acrescenta que o ser humano necessita destinar o seu pensamento e a sua consciência a não dominar, mas sim a compreender, arrumar e melhorar o planeta Terra.

O individualismo e a exagerada vontade de ter impedem que as pessoas possam ser junto com os outros. O relatório Delors (2000, p.19) sinaliza que a humanidade precisa dos quatro pilares da Educação para o século XXI, *aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser.* Talvez conviver seja o mais difícil para nós humanos, seja entre nós humanos, ou mesmo no conviver com outros seres vivos.

Nesse contexto, Delors (2000) acredita que todo ser humano necessita estar preparado inteiramente: espírito, corpo, inteligência e sensibilidade; ser ético e ter responsabilidade nos atos da vida profissional, social, civil e/ou pessoal. Aprender a conviver, a partilhar com solidariedade e compreensão é o reconhecimento dos direitos e deveres e o exercício da cidadania. Aprender a conhecer, a comunicar, aprender a

---

agendas nacionais e internacionais, site: http://www.reasul.org.br/mambo/files/CartadaTerraCompleta.pdf. Acesso em: dez. 2005.

perceber a complexidade do mundo é fundamental para construir conhecimentos de real importância para uma vida digna.

Todo esse aprender envolve o conhecimento que proporciona uma maior consciência e responsabilidade do ser e do viver. A simples manifestação do conhecimento, não é por si só a solução dos problemas ambientais. Esse aprender induz a transformações de valores éticos, na sensibilização e na percepção da realidade. Ainda, nos leva a refletir sobre a problemática socioambiental da sociedade contemporânea.

Frente à crise socioambiental global, nas últimas décadas do século XX, começa a surgir a Educação Ambiental como um novo campo de atividade e de saber. A Educação Ambiental se direciona na reconstrução da sociedade para uma nova relação com o meio ambiente. Essa nova relação formula respostas teóricas e práticas aos desafios impostos pela crise contemporânea.

Assim, nesse contexto o "meio ambiente" foi tema norteador das atividades pedagógicas realizadas na Escola Pública do Ensino Fundamental, do bairro de Gravatá e comunidade, localizada no litoral norte do Município de Navegantes, SC. Aqui entra a ação educadora da escola. A ***Pedra da Miraguaia*** foi escolhida como objeto concreto das atividades pedagógicas.

A necessidade de ações pedagógicas no processo de transformação de um ambiente educativo de caráter crítico levou os educadores desta Escola Pública, a desenvolver um Projeto de Ensino em Educação Ambiental.

O tema norteador foi a ***Pedra da Miraguaia,*** uma rocha que aflora no meio da praia, tendo ao seu redor outras rochas menores, que algum tempo atrás estavam cobertas por mariscos. A ***Pedra da Miraguaia*** por longo tempo foi fonte de alimento para peixes, nativos da região (índios), e pescadores.

O Projeto de Ensino, realizado na Escola Pública nos anos de 2002 e 2003, procurou contextualizar o cotidiano da comunidade, numa prática pedagógica vivificada pela abordagem freireana, buscando um processo de integração curricular.

Dessa maneira, o estudo se deu a partir do Projeto de Ensino em Educação Ambiental, realizado pela Escola Pública do Ensino Fundamental. Tendo como propósito saber se, com o desenvolvimento do Projeto de Ensino em Educação

Ambiental realizado na escola pesquisada nos anos de 2002/2003, através do tema gerador a Pedra da Miraguaia, houve impactos e influências "permanentes" sobre alunos, educadores, e se houve alterações na motivação pelos estudos, nas atividades pedagógicas, nas relações de poder dos profissionais e dos estudantes da escola.

Assim o estudo para uma melhor compreensão e análise sistemática desmembrou-se em três momentos descritos a seguir:

- ✓ **O primeiro momento**, denominado de "***CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA",*** está relacionado ao contexto físico histórico do Município de Navegantes, à comunidade de Gravatá, onde está localizada a escola, e ainda destaca o contexto ambiental físico histórico social da escola, além de abranger um breve histórico da Educação Ambiental no Brasil e no mundo, o que possibilita compreender a influência interdisciplinar desta no processo educativo.

- ✓ **O segundo momento**, denominado de ***"PEDRA DA MIRAGUAIA: UM PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL"***, descreve as atividades pedagógicas desenvolvidas e realizadas no Projeto de Ensino realizado na Escola Pública do Ensino Fundamental, nos anos de 2002/2003, foco do estudo.

- ✓ **No terceiro momento**, denominado "***REFLEXÃO SOBRE AS ATIVIDADES PEDAGÓGICAS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL",*** temos o desenvolvimento do estudo, realizou-se uma fundamentação teórica que busca contextualizar a educação de forma crítica, emancipatória e complexa na relação ser humano ⇔ sociedade ⇔ meio ambiente.

Na seqüência destaque aos procedimentos dos dados coletados para análise, bem como as suas fontes de informações. Isto possibilitou à pesquisadora investigar e clarificar as percepções e representações sociais do grupo envolvido no estudo. Os dados coletados foram retirados do Projeto de Ensino, através dos desenhos elaborados pelos 28 alunos, entrevistas com dez educadores, e a recuperação da memória oral dos moradores mais antigos da comunidade, que avivou a vida cotidiana dos primeiros moradores. Além

de proporcionar indicações que contribuíram para compreender melhor a relação entre a comunidade e a Pedra da Miraguaia.

O estudo finaliza com a análise dos dados, e a conclusão apresenta uma reflexão sobre os resultados obtidos, sugerindo um ponto de partida como abertura a novas perspectivas na Educação Ambiental.

3 OBJETIVOS DO ESTUDO

3.1. Objetivo Geral

O estudo busca compreender as mudanças das percepções ocorridas nos dez educadores e 28 alunos da oitava série, envolvidos no processo de desenvolvimento de um Projeto de Ensino em Educação Ambiental, nos anos de 2002/2003, em função da Pedra da Miraguaia, na Escola Municipal Profª Ilka Muller de Mello do Ensino Fundamental no Município de Navegantes.

3.1.1 Objetivos Específicos

- Identificar qual a percepção dos educadores e alunos sobre a questão ambiental do entorno escolar e comunitário, principalmente no que se refere à extração desordenada de sementes de mariscos, na região da Pedra da Miraguaia para a construção de um novo (re)significado de valores e atitudes.
- Caracterizar as mudanças das percepções e representações das questões ambientais do grupo de educadore(a)s e alunos envolvidos no estudo, sobre as questões ambientais, como interagem no meio ambiente e em suas práticas pedagógicas, a partir do Projeto de Ensino desenvolvido em Educação Ambiental.

4 PRIMEIRO MOMENTO: “CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA”

Neste primeiro momento a abordagem descreve o levantamento do contexto físico histórico do município de Navegantes, à comunidade de Gravatá, a localização e origem da Escola Municipal Profª Ilka Muller de Mello, bem como o histórico da Educação Ambiental no Brasil e no mundo, o que possibilita uma melhor compreensão do desenvolvimento do estudo.

4.1 Contexto Físico Histórico do Município de Navegantes

O Município de Navegantes está localizado na Foz do Vale do rio Itajaí-Açu, litoral norte de Santa Catarina, região sul do Brasil, (ver figura 1). Atualmente, segundo informativo da Prefeitura Municipal de Navegantes, administração 2001/2004, possui uma população em torno de 45 mil habitantes. Sua colonização se deu no início do século XVII, por açorianos e portugueses vindos do continente.

Figura 01 – Imagem Geográfica de Navegantes cedida por Francesco Di Gregorio. Junho de 2006.

A localização e a contextualização histórica do Município de Navegantes se fazem necessárias para uma melhor compreensão do trabalho realizado no desenvolvimento das atividades de um Projeto de Ensino em Educação Ambiental.

Conhecer a história do município nos leva a viajar para uma época onde as pessoas usavam os recursos naturais para o seu próprio sustento. Tinham uma vida simples, dedicada à família e aos filhos. Ao longo do tempo, construíram uma rica cultura pela interação dos imigrantes que aqui chegaram com os nativos da região.

Conviviam com a diversidade de etnias, entre eles portugueses, açorianos, espanhóis, italianos e alemães, que vieram com o decorrer dos anos, atraídos pelas terras férteis, pelas águas claras do mar e do rio, e pela variedade de animais e plantas, que deram um enriquecimento histórico às regiões próximas e ao próprio município.

Os registros históricos do município são apenas fragmentos. No entanto, a história é riquíssima em tradições, cultura de um povo que tem no coração o desejo e a esperança de evoluir com qualidade de vida.

Assim, a seguir descrevo os registros encontrados nas diversas fontes: Júnior (1972), Oliveira (2004), Souza (2003a,b), e outras, de maneira a compreendermos o início da colonização e a influência do desenvolvimento sócio-cultural da região enfocada.

4.1.1 A Colonização

A colonização de Navegantes se deu no início do século XVII, por açorianos e portugueses do continente, que aqui chegaram à época do povoamento, ou por ilhéus emigrantes da ilha dos Açores, (ver figura 2) roteiro do desenvolvimento da colonização da costa catarinense.

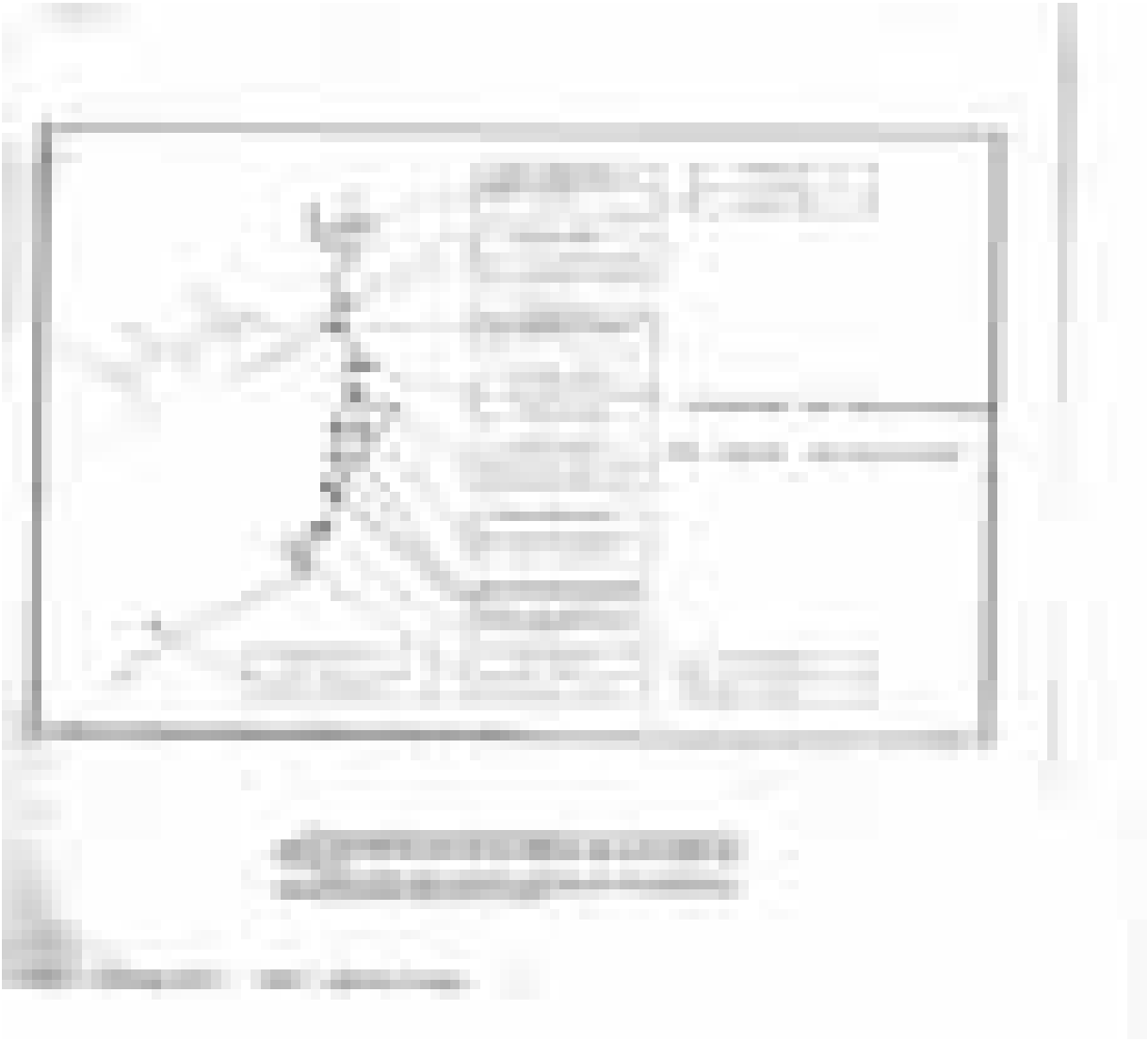


Figura 02 - Mapa da Colonização. Fotocópia retirada em 2004, do livro "Itajahy de Hontem" (1972, p.16), acervo pessoal do Sr.Ademar Cirino Cabral, Procurador Jurídico Geral do Município de Navegantes

Segundo Júnior (1972, p. 29), de acordo com o roteiro do desenvolvimento da colonização da costa catarinense, no início do século XVII, parte do estado já possuía vários aglomerados humanos. A mais antiga planta que se conhece da Foz do Itajaí-Açú é datada de 30/04/1796, e nela já consta o nome da região de Itapocorói[2] (atual município de Penha). Por essa planta as terras litorâneas que vão da foz do Itajaí-Açu[3] até o rio Gravatá eram tituladas e particulares. As terras onde hoje se assenta a cidade de Navegantes, era de Antônia Pinheira e José da Silva Cascaes. (ver figura 3).

Muitos portugueses vindos da capitania de São Vicente, os vicentistas (São Vicente, São Paulo e Santos) estabeleceram-se em São Francisco do Sul, estes e seus descendentes espalharam-se pelo litoral sul. Chegaram a Penha[4] e a foz do Itajaí-Açú pelas duas margens: Navegantes e Itajaí, aonde aproximam todos os açorianos, Itajaí e Penha, naquela época pertencendo à jurisdição de São Francisco do Sul.

Figura 03: Mapa Itapocorói, 30 de abril de 1796. Fotocópia retirada em 2004, do livro "Itajahy de Hontem" (1972, p.29), acervo pessoal do Sr.Ademar Cirino Cabral, Procurador Jurídico Geral do Município de Navegantes.

---

[2] Itapocorói: o significado é dado com diferentes interpretações. Itapocorá: parecido com um muro de pedra. Ita: pedra, Corói: cabeluda, pedra cabeluda pela grande quantidade de mariscos nas pedras. (SOUZA, 2003b)

[3] Itajaí: Itaiá-i: rio pedregoso ou rio das pedras. (SOUZA, 2003a).

[4] Penha: o mesmo que penhasco=pedra, em termos se diria "Vila de Nossa Senhora da Pedra". (SOUZA, 2003b, p.62.)

A ocupação das terras, à margem esquerda do rio Itajaí-Açu, iniciou-se por Navegantes[5], região do "outro lado do rio", como era conhecida. Os registros históricos narram que os habitantes nativos eram os índios Carijós, primitivos Guaranis, e os Botocudos. Os Botocudos conhecidos como Xokleng eram os mais temidos e defensores das terras. Aos poucos, os Carijós que eram mais voltados para o litoral foram se familiarizando com os forasteiros e acabaram num cruzamento cuja descendência cabocla passou a ser histórica na colonização da região.

O primeiro homem branco, segundo os historiadores, que se estabeleceu nas terras à margem esquerda do rio Itajaí–Açu, em 1658, foi João Dias D'Arzão, (ver figura 4), com apoio de Manoel Lourenço de Andrade, fundador de São Francisco do Sul, vindo de São Paulo. Parou temporariamente onde fez algumas plantações e garimpou ao longo do rio, visando extrair ouro, sendo o primeiro sesmeiro[6] do Itajaí, com posse à margem esquerda do rio. (ver anexo A)

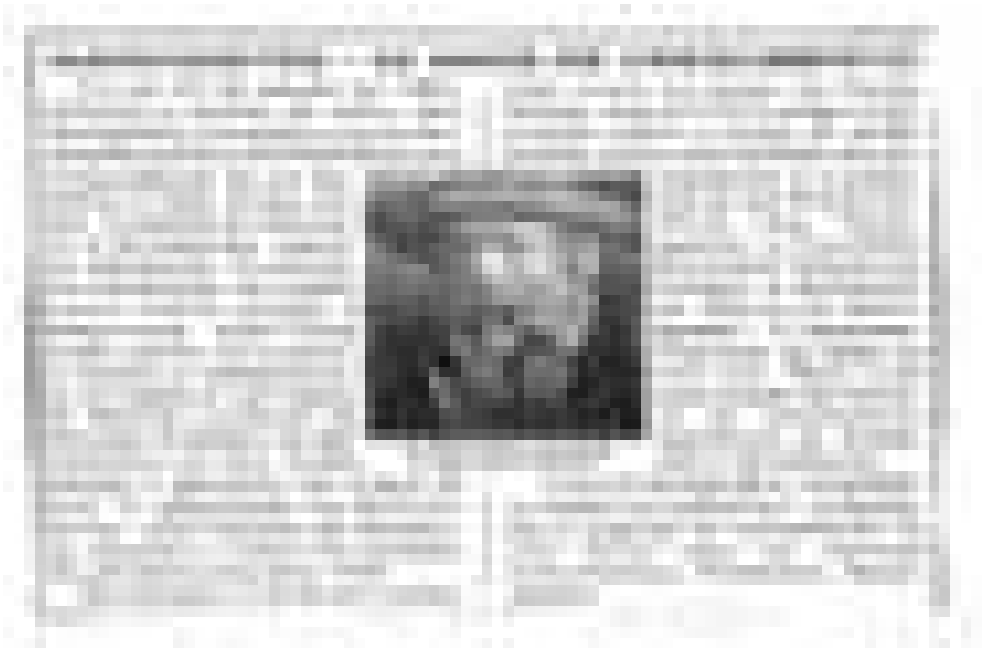


Figura 04 Imagem de João Dias D´Arzão. Fotocópia Retirada do Jornal O Tempo. Itajaí, 21 de agosto de 2004.

[5] Navegantes: nome da santa protetora dos navegadores. "Nossa Senhora dos Navegantes". (JÚNIOR, 1976 p. 16).

[6] Sesmeiros: os proprietários das Sesmarias, terras que a coroa portuguesa entregava aos interessados em cultivá-las. (OLIVEIRA 2004, p.47.)

Muitos outros vieram atrás, pelas terras férteis, a mata de ricas madeiras, a água do rio, do mar e a fartura da pesca, que foram as principais fontes de sustento dos moradores, além de outros sesmeiros, proprietários de terra à margem esquerda do rio. Em 1748, os açorianos fixam–se em terras do litoral catarinense.

Nas costas catarinenses, há em certa época do ano, grande abundância de baleias, o que deu origem às armações. A Armação de Penha de Itapocorói floresce em 1779 devido à quantidade de baleias, que atraía os pescadores vindos de diversas regiões do litoral catarinense. A quantidade dessa espécie, arpoada anualmente, diminuía gradativamente, por esse motivo às armações foram se extinguindo lentamente, o que levou os colonos e os remanescentes desta pesca migrarem pelas praias e sertões da redondeza, ocupando as terras livres nas duas margens do rio Itajaí –Açu, dando origem às sesmarias.

Nos registros históricos sobre Navegantes consta que, a praia de Itajaí era uma continuação de Gravatá que, por sua vez, era caminho para quem vinha de Penha e seus sertões se uniam. Segundo Oliveira (2004, p.30):

> [...] Não sofre dúvidas, em face de provas abundantes e seguras, o fato de que, já no ultimo decênio do século XVIII, os terrenos banhados pelo Itajaí–Açu, nas imediações de sua foz, eram ocupadas e cultivadas por cerca de quarenta famílias. Estas se espalharam pela Praia de Itajaí, pelo rio acima, de uma e a outra margem, pela Praia Brava, pela Margem Sul do rio Itajaí–Mirim até os terrenos de que os açorianos colonizadores e os seus descendentes se foram apossando, da ilha capital para o norte, até onde, posteriormente, se criaram a Colônia Ericeira e a vila de Camboriú, conseqüência daquela.”[7]

Segundo o professor Vilson Francisco de Farias, em “Coletânea de Artigos e Crônicas sobre Cultura Açoriana”, distingue-se, atualmente, três núcleos de Povoamento Açoriano em Santa Catarina, surgidos a partir de meados do século XIX, que são: Primário, Secundário e Terciário:

- ✓ Núcleo Primário: são as regiões oriundas das originais do antigo Desterro (ilha e continente).

[7] SILVA, Laércio Cunha; e FARIA, Roberto Mello de. Itajaí Cem Anos de Município. In “Os primeiros Moradores”. Crônica de José Ferreira da Silva,(apud: OLIVEIRA, 2004).

- ✓ Núcleo Secundário: entre outros, Itajaí, Porto Belo e Penha.
- ✓ Núcleo Terciário: neste núcleo está incluída Navegantes.[8]

Navegantes está localizada numa planície à margem esquerda do rio Itajaí debruçado sobre as águas do Oceano Atlântico (lado norte do rio). A história de Navegantes está ligada aos vicentistas e paulistas, iniciando-se por João Dias D' Arzão, que se fez sesmeiro na Praia de Itajaí, e também por açorianos chegados em Penha em 1748. Inicialmente, Navegantes era conhecida como um povoado da Paróquia do Santíssimo Sacramento, do lado norte do rio, e mais freqüentemente chamado de Pontal[9]. Navegantes era também conhecida como o "Outro Lado do Rio", devido ao seu aspecto físico.

O Balneário de Gravatá[10], em Navegantes, atrai os turistas. Muitos vêem nos balneários uma opção para o comércio e ali se estabelecem. Estes novos moradores chegam de diversos lugares e vão se unindo aos navegantinos. Formaram novas famílias, misturando-se assim as origens que vão modificar aquele aspecto inicial.

Navegantes pertencia à Itajaí e sua população começou a aumentar quando esse se emancipa de Itajaí, passando a ter vida própria. Dessa forma, o desenvolvimento alterou sua etnia inicial. O Ferry-Boat facilita a travessia do rio Itajaí-Açu e, pessoas de outros lugares começam a optar pelo novo município.

---

[8] FARIAS, Vilson Francisco de. Coletânea de Artigos e Crônica sobre a Cultura Açoriana (apud OLIVEIRA, 2004).

[9] Pontal - ponta de terra conhecida como o "outro lado do rio," formado pela areia da praia um pedaço de terra entre o rio e o mar que separa as águas do rio Itajaí-Açu das águas do mar, conhecida também por Farroupilha. (OLIVEIRA, 2004, p.330)

[10] Gravatá - nome de uma planta chamada bromélia; nome científico *Vriesea* sp, comum de zonas litorâneas. Suas folhas em forma de espada possuem uma fibra que depois de curtida, em água por vários dias, podem ser fiadas e torcidas em fuso manual, transformando-se em fios. Pode ser encontrado no site: http://www.bromelia.org.br , Sociedade Brasileira de Bromélias.

4.1.2 O litoral de Navegantes

Navegantes possui hoje em toda orla marítima uma avenida com aproximadamente 12 quilômetros de extensão. Inicialmente, era um atalho no meio da Mata Atlântica por onde os moradores do bairro de Gravatá, localizado ao norte, tinham acesso até o centro de Navegantes. O caminho era feito a pé, a cavalo, de carroça e até mesmo pela faixa de areia na praia, que era o mais comum para alguns moradores da região.

Segundo Oliveira (2004), em 1968, no governo de Cirino Adolfo Cabral foi aberta e construída a avenida em toda a orla marítima. Em 1983, a avenida recebeu pavimentação com paralelepípedos, passando a ter o nome de Avenida Beira Mar Ivo Silveira, governador do estado em 2002.

Na administração do prefeito Adherbal Ramos, a avenida foi asfaltada e recebeu, em homenagem ao prefeito que a inaugurou, o nome de Avenida Prefeito Cirino Adolfo Cabral[11]. A avenida é de grande importância para Navegantes, pois além de dar acesso à orla marítima e ao município vizinho de Penha, ladeia a Pedra da Miraguaia e isso favorece o turismo da região.

Na figura 5, a seguir, vê-se a imagem aérea atual do Município e da Avenida, que acompanha toda a orla marítima, confrontando-se à esquerda com o rio Itajaí-Açu com o município vizinho e à leste com o Oceano Atlântico.

[11] Fonte do Acervo da Secretaria Municipal de Urbanismo de Navegantes (2004).

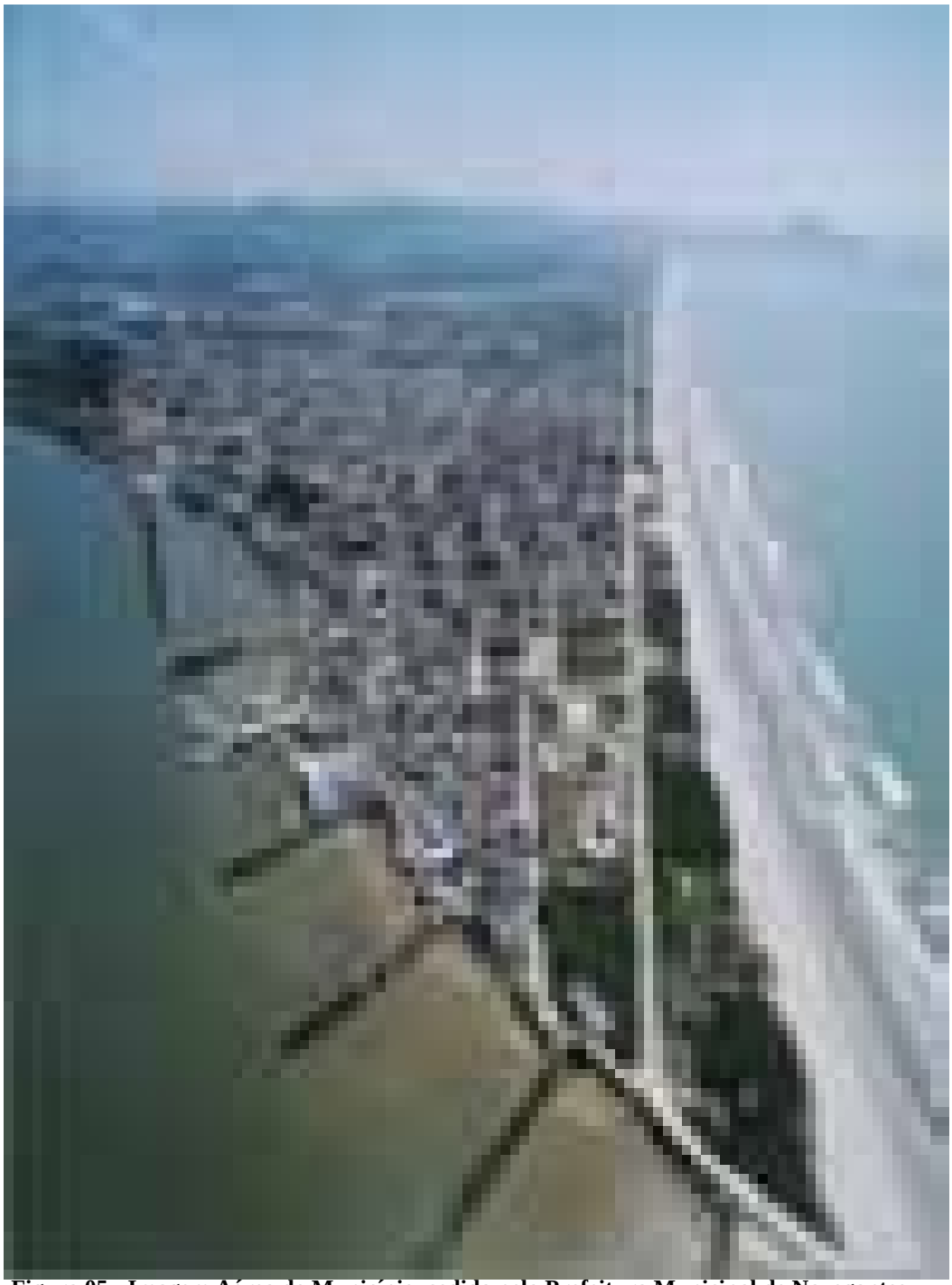


Figura 05 - Imagem Aérea do Município, cedida pela Prefeitura Municipal de Navegantes (2004).

4.1.3 A Emancipação do Município de Navegantes

Segundo Souza (2003a), Navegantes pertenceu por 102 anos ao município de Itajaí e era conhecido como povoado de Santo Amaro. Por volta de 1912, houve uma discussão sobre o nome a ser dado ao povoado. Alguns sugeriram que se chamasse Arraial de Navegantes, mas a maior parte dos habitantes daquela época era de navegadores e a padroeira local Nossa Senhora dos Navegantes (protetora dos marítimos), por esta razão o Conselho Municipal de Itajaí deu-lhe o nome de "Bairro de Navegantes".

Em 14/05/1962, a Resolução nº2/62 da Câmara Municipal de Itajaí aprova o desmembramento de Itajaí e cria-se o município de Navegantes. Segundo Oliveira (2004, p.262), esta resolução foi homologada pela Lei Estadual nº. 828, 30 de maio de 1962, elevando Navegantes à categoria de município, mas a sua emancipação política só ocorre três meses mais tarde, em 26/08/1962.

O governador do estado, naquela época, Dr. Celso Ramos, nomeia como prefeito provisório Athanásio Joaquim Rodrigues. E, segundo Oliveira (2004, p.263), em 07 de outubro de 1962, realizou-se a eleição para Prefeito e Vereadores da Câmara Municipal do novo Município, para a gestão de fevereiro de 1963 a 31 de janeiro de 1968 e o prefeito eleito foi Cirino Adolfo Cabral.

Souza (2003a) relata que, logo foi criado o símbolo de Navegantes marcando um registro de batismo à nova unidade municipal de Santa Catarina. (ver figura 6), Brasão do Município de Navegantes.

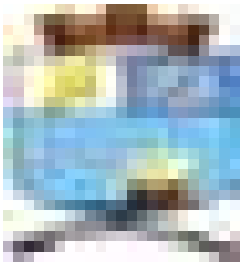


Figura 06 - Brasão do Município[12]

[12] Figura 06: Imagem extraída do site: www.navegantes.sc.gov.br. Acesso em: 02 mai. 2006.

No brasão prevalece a cor azul que representa o céu que cobre o território, vem na base o verde do mar que banha a sua orla, no alto em fundo branco a cor da paz, a cruz nos mostra a religiosidade de seu povo, e a âncora símbolo oficial da marinha representando o porto, que é a base da economia local. Sobre o escudo, a coroa da realeza governamental. Embaixo a faixa que identifica o próprio brasão com a data da emancipação do município

4.2 Contexto Histórico Social da Comunidade de Gravatá

A população de Navegantes tinha por ocupação a agricultura e a pesca, fontes de sustento para os moradores da região. Produziam mandioca, feijão, milho, cana-de-açúcar, arroz, batata-doce, enquanto algodoeiros, cafezais, laranjeiras e bananais rodeavam as casas e engenhos. Viviam de maneira simples, se vestiam com pano fiado em suas próprias casas com algodão retirado da própria plantação, outro tipo de tecido vinha do Desterro (Florianópolis) ou do Rio de Janeiro.

A comunidade de Gravatá sobrevivia da pesca abundante, havia fartura de peixes de imensa variedade, cultivavam e plantavam para o seu sustento e sobrevivência. Ao norte, longo da praia que levava até a barra do rio Gravatá, em suas proximidades havia um bom número de moradores. (ver figura 7)

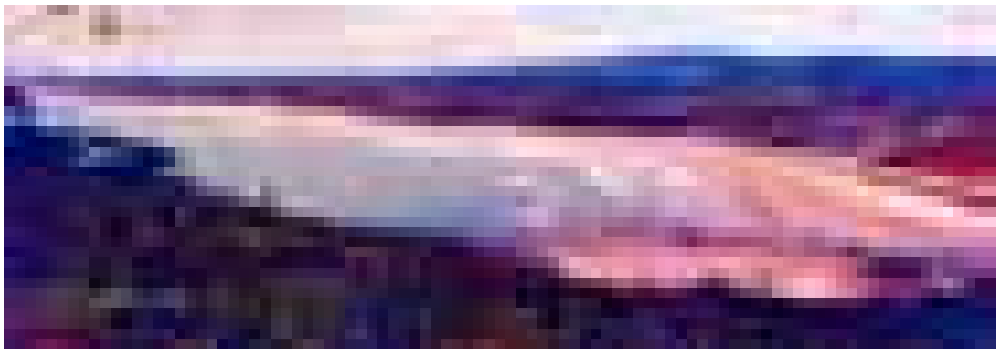


Figura 07- Imagem da Comunidade de Gravatá. Roberto Zen, 1982

Os moradores do local, inclusive os nativos carijós, preferiam ir à Pedra da Miraguaia[13] tirar marisco (figura 8) tamanha era a quantidade desse molusco, que proliferava cada vez mais ao longo do tempo, superando o consumo dos habitantes da região. (SOUZA, 2003a).

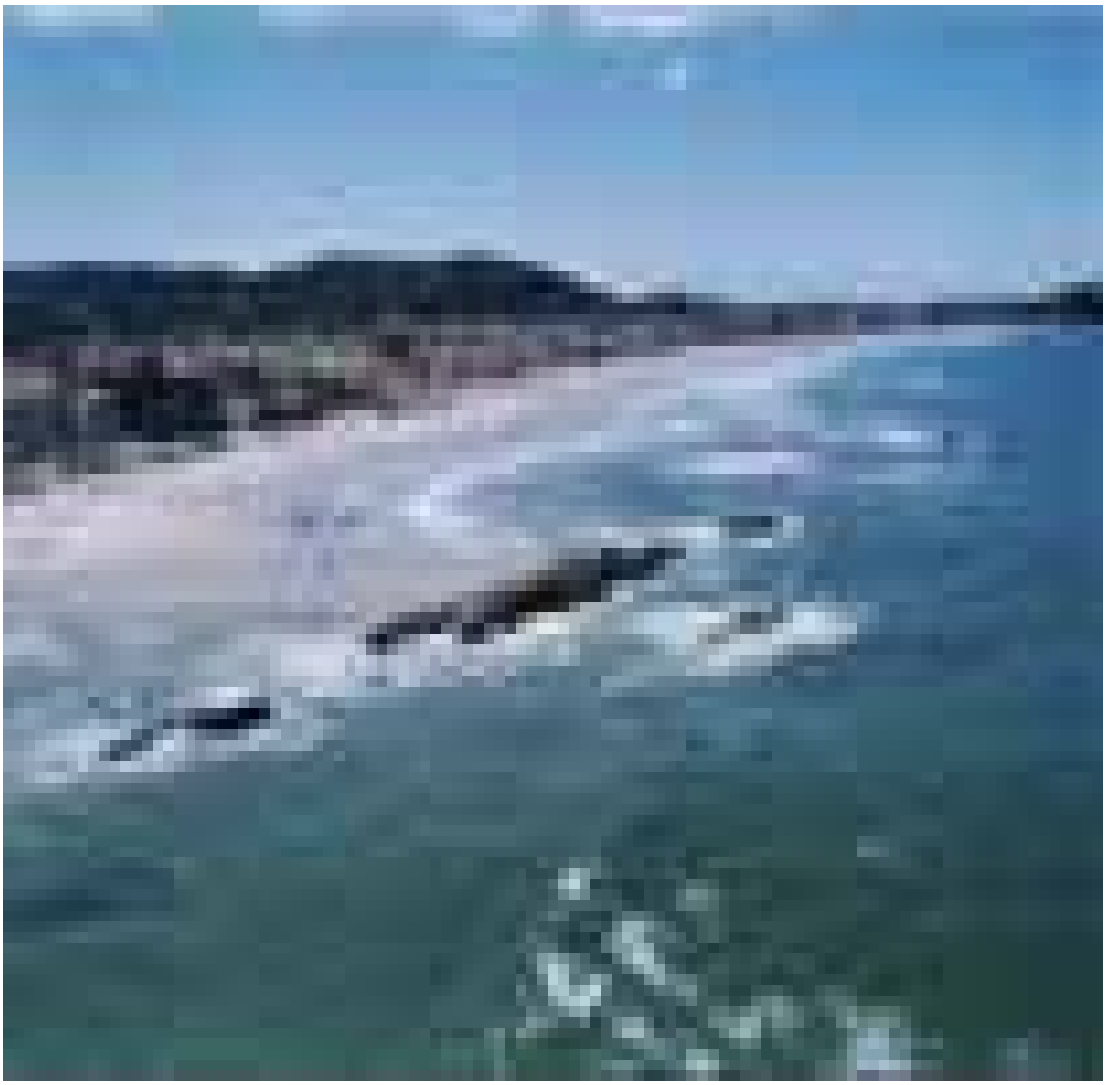


Figura 08 – Imagem Aérea Pedra da Miraguaia e comunidade de Gravatá, cedida pela Prefeitura Municipal de Navegantes, (2004).

[13] Miraguaia - peixe da família dos cianídeos (Sciaenidae), de lombo e nadadeiras escuras e lábio vermelho, também conhecido como burriquete. Distribui-se ao longo da costa do Atlântico Ocidental desde Long Island até a Argentina. Alimenta-se de mariscos e ostras por esse motivo possui dois dentes caninos superiores o que facilita a sua alimentação. É abundante na região da foz do rio Itajaí-Açu, sobretudo próximo aos costões. Migra para águas mais quentes durante o inverno, época da reprodução, quando pode ser encontrada junto aos costões rochosos. Pode ser encontrado no site: www.ambientebrasil.com.br/./agua/salgada/index.html&conteudo=./ agua/salgada/peixes/miraguaia.html - 32k.

Segundo relato dos moradores mais antigos da comunidade, a pesca está cada vez mais escassa nos dias atuais. Sabe-se que, há mais de dez anos, a comunidade de Gravatá se beneficiava com a pesca de várias espécies de peixes e moluscos para a sobrevivência. A maior parte dos nativos da região vive de forma simples e as famílias buscam a sobrevivência através da pesca, enfim uma comunidade acolhedora e de uma rica cultura.

Hoje, de certa maneira, o ambiente natural se encontra em desequilíbrio. Isso nos leva a refletir sobre o porquê dessa ocorrência e sobre a necessidade de um crescimento com responsabilidade, visando conservar o presente. O futuro da região torna-se importante no sentido da qualidade de vida e da percepção que interagimos com o meio ambiente e nos integramos a ele.

Os moradores antigos da comunidade relatam que, na Pedra da Miraguaia, a retirada de mariscos ocorre antes do seu amadurecimento, para serem comercializados aos cultivadores de mariscos do município de Penha, onde existe a maricultura.[14] Isso acaba gerando um conflito social, além de que o molusco é fonte de alimento de algumas espécies marinhas, entre elas o peixe Miraguaia.

A escassez do alimento, entre outras causas, também pode contribuir para o desaparecimento de determinadas espécies marinhas, além de causar a degradação da biodiversidade do entorno, interferindo no ecossistema da região.

As interações biológicas e suas funções orgânicas nem sempre são compreendidas pelo homem, daí sua intromissão destruidora no ambiente. Isto é registrado quando ocorre diminuição ou aumento de determinada espécie.

A relação existente entre homem⇔ marisco⇔ peixe é uma dessas ações destruidoras. Ao retirar excessivamente as sementes de marisco, o homem interfere bruscamente no ambiente costeiro. A diversidade num todo sofre redução. A relação de presa e predador é ameaçada, e está comprovado pelo relato dos moradores locais que, além da diminuição do tamanho do peixe miraguaia, diminuiu, também, a população deste peixe e de outras espécies.

A região da comunidade de Gravatá é de infinita beleza, a paz e a tranqüilidade levam a uma qualidade de vida que não se encontra mais nos grandes centros urbanos.

---

[14] Maricultura: criação de mariscos em cativeiro.

Outra parte, dos moradores é de veranistas, que chegam a quadruplicar o número de habitantes da região, usufruem os recursos naturais do local sem perceber os danos que causam ao ambiente e a importância da conservação do meio em que vivem e da sua integração neste.

4.2.1 Histórico da Escola Pública do Ensino Fundamental

A Escola Municipal Profª Ilka Müller de Mello se localiza no bairro de Gravatá, ao norte do município de Navegantes, próxima à divisa com o município de Penha. Situa-se na Rua José Couto nº 126 (antiga Rua Sorriso). Ao norte: margem direita do Rio Gravatá; ao sul: margem esquerda do Rio das Pedras; ao leste confrontação com o Oceano Atlântico; ao oeste: margem direita do Ribeirão Guaporuma, (ver figura 9), planta urbana atual da comunidade:

Figura 09- Recorte da Planta Urbana da Comunidade de Gravatá. Fotocópia retirada da Secretaria de Desenvolvimento Urbano de Navegantes, 2004.

Segundo fonte do acervo pessoal do procurador geral do Município, data de outubro de 1974 um requerimento encaminhado à Prefeitura Municipal de Navegantes,

Secretaria da Educação e Bem Estar Social, referindo-se à escola como Escola Isolada Municipal Professora Ilka Muller de Mello[15]. Nesse requerimento, os moradores pedem a criação de uma escola municipal nessa localidade, dada a dificuldade de seus filhos irem à escola, pois a mais próxima ficava a mais ou menos 5 km e, com isso, muitos desistiam de ir às aulas, além dos perigos que as crianças corriam ao passarem por uma região isolada e de vegetação densa nativa.

Em 06 de novembro de 1974 é assinado um decreto que estabelece normas para a criação da Escola Pública Municipal. A escola inicia com o funcionamento do ensino primário em uma casa locada no loteamento do Parque São Pedro, com total de 38 alunos (ver anexo B).

Em 01 de novembro de 1977, o Sr. José Anacleto Cardoso Filho e sua esposa Estevelina José Anacleto doam à prefeitura de Navegantes um terreno para a construção em alvenaria de uma sala de aula, uma cozinha e dois banheiros para abrigar a Escola Isolada Municipal do Balneário de Navegantes.

Nos documentos antigos, cedidos pelo patrimônio da escola, consta um oficio, datado de 22 de junho de 1985, solicitando o comparecimento da direção e colaboradores à solenidade da visita do governador do estado ao município. Nesse oficio, o nome da escola consta como Escola Isolada Municipal Balneário de Navegantes, embora, ela se chamasse Escola Isolada Professora Rosa Maria de Araújo, (ver anexo B e C). Dessa forma, constata-se que existe uma contradição quanto ao nome da escola.

Em 1989, a escola tem uma ampliação e passa a denominar-se Escola Isolada Municipal Ilka Müller de Mello. Somente a partir de agosto de 1999, com a criação da 5ª série do Ensino Fundamental, a escola passa a denominar-se Escola Básica Municipal Profª Ilka Müller de Mello. Assim, se hoje a escola está inserida neste local, não se pode deixar de citar e homenagear os responsáveis pela doação do terreno (ver figura 10). Além de ser um casal de moradores dos mais antigos da comunidade, contribuíram de

[15] Ilka Muller de Mello: nasceu em Navegantes em 1923, professora primária trabalhou em escolas da região inclusive na própria escola em que a homenageia com seu nome. Sofreu perseguições políticas, mas não desistiu da carreira profissional especializou-se em Florianópolis da qual retorna, casa-se com um marítimo maranhense indo morar em Santos SP, retorna depois de dez anos se dedicando à catequese vindo a falecer em 1997. Fonte do Acervo da Escola Municipal Profª Ilka Muller de Mello (2004).

maneira humana e solidária para o crescimento e enriquecimento histórico e cultural da região.

Figura 10 - Imagem Sr. José Anacleto Filho e Sra Estevelina Anacleto. Acervo de Ana Matilde da Silva. Maio, 2004.

Somente depois de 28 anos de existência da escola, iniciada com a Educação Infantil e, posteriormente, abrangendo as oito séries do Ensino Fundamental, é que se forma a primeira turma da 8ª série em 2002. Estes alunos participaram do início das atividades do Projeto de Ensino de Educação Ambiental, realizado nos anos de 2002/ 2003.

A escola, pelo desenvolvimento e crescimento da região, apresenta uma nova ampliação. Os dados fornecidos pela escola, datados de dezembro de 2005, relatam que ela possui 415 alunos e 33 funcionários.

Nesse sentido há necessidade de um espaço físico maior para abrigar a demanda da comunidade que está em pleno desenvolvimento e crescimento, para que se tenha um ensino com melhor desempenho e qualidade.

Na seqüência (figura 11), vê-se a Escola Municipal Profª Ilka Muller de Mello, educadores e alunos, local onde se desenvolveu a atividade pedagógica do Projeto de Ensino de Educação Ambiental.

Figura 11- Imagem Escola Municipal Profª Ilka Muller de Mello,alunos e professores. Acervo Ana Matilde da Silva. Abril, 2004.

Assim no seguimento, a abordagem é em torno dos momentos históricos por onde a Educação Ambiental criou raízes, vem se fortalecendo a cada momento, e sobre a importância da EA estar inserida no processo educativo.

5 UM OLHAR PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Neste item, a abordagem descreve um breve histórico da Educação Ambiental no Brasil e no mundo, com a intenção de contextualizar o histórico da EA e a influência interdisciplinar no processo educativo.

As questões socioambientais são complexas e desafiadoras. Desde os primórdios dos tempos, as ações humanas sempre tiveram algum impacto sobre a biosfera, (TREVISOL, 2003) uma vez que o ser humano, como um ser vivo, está intimamente inserido e vive nesta mesma biosfera. Mas durante grande parte da história da humanidade essas ações não causaram maiores problemas ou desequilíbrios ambientais, como nos dias de hoje. A própria natureza absorvia os impactos causados pelas ações humanas, havendo um equilíbrio biológico. Conforme as sociedades foram se desenvolvendo e ampliando sua capacidade de intervenção, a ação humana foi deixando alterações profundas na biosfera.

Trevisol (2003) acrescenta que, ao longo dos últimos 100 anos, a relação ser humano⇔natureza tornou-se desastrosa para os mecanismos que sustentam a vida na Terra. O autor faz um resgate histórico sobre a relação ser humano⇔natureza, separando a história da humanidade em três grandes fases.

Na primeira fase, Trevisol (2003, p.67) destaca o período das civilizações do mundo pré-moderno, em que a humanidade tinha uma visão geocêntrica do universo e com a organização social de base agrária. Acrescenta que, as civilizações dependiam diretamente da natureza para sua sobrevivência e sustento. A capacidade do ser humano intervir na natureza era insignificante. Os povos antigos simbolicamente se relacionavam com a natureza tanto numa dimensão maternal, provedora e bondosa, quanto na sua dimensão adversa, impetuosa, incontrolável e misteriosa.

Na segunda fase da história da humanidade, o autor destaca as civilizações nos séculos XV e XVI. Havia uma fragmentação na relação ser humano⇔natureza. A noção de universo passa a ser uma visão mecanicista de mundo. A natureza passou a ser comparada a uma máquina. O ser humano passa a intervir na natureza e explorá-la sem considerar suas conseqüências. A concepção cartesiana do universo como um sistema

mecânico, acabou gerando uma visão da natureza como um instrumento que precisa ser transformado, legitimando a própria dominação dos homens sobre si mesmos.

A partir dos meados do século XIX, inicia-se a terceira fase. O processo de industrialização alterou de forma considerável a relação ser humano⇔natureza. Através, dos conhecimentos científicos e tecnológicos, o ser humano passa a crer no poder de dominação sobre a natureza. E, muitos sistemas naturais primitivos são agora produtos da tomada de decisão humana.

As múltiplas degradações ambientais promovidas pelo desenvolvimento científico, tecnológico e econômico, começam alertar a comunidade global. A partir do final dos anos 1940 e início dos 1950, começa a surgir uma preocupação maior do homem em relação à natureza. Há um novo discurso no planeta.

Na década de 1960, começam a surgir os movimentos sociais. Cascino (2000, p. 30) relata que em 1962, Rachel Carson publica o livro *Primavera Silenciosa*, que alerta para o uso indiscriminado dos recursos naturais, da perda de qualidade de vida e o uso excessivo de pesticidas, inseticidas sintéticos etc. Destaca ainda que o livro publicado iniciou uma socialização do debate ambiental, produzindo discussões sobre a necessidade de reverter o quadro de consumo, poluição e degradações múltiplas.

Começam a surgir as primeiras manifestações em relação à Educação Ambiental. Esta passa a existir através de eventos e conferências sobre os problemas ambientais que revelam a crise da própria sociedade. Dentre as várias conferências e encontros realizados, temos, em Estocolmo, na Suécia, em 1972, *a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano*. A Conferência chama a atenção do mundo para os problemas ambientais. É também conhecida como *Conferência de Estocolmo* (DIAS, 2001, p.79). A Conferência reuniu 113 países para debater questões relativas a um conjunto de princípios para o manejo ecologicamente racional do meio ambiente.

O Brasil participa da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente, mas a falta de recursos econômicos e empregos acaba gerando uma não preocupação por parte dos representantes políticos com a degradação ambiental (DIAS, 2001 p.36), pois, o que queriam era um progresso econômico a qualquer custo.

Na época da Conferência de Estocolmo, a questão da Educação vigente é abordada e reconhecida pela sua característica de austeridade e fora do contexto real da

sociedade (DIAS, 2001,p.74). Esta mesma Educação não seria capaz de promover as mudanças necessárias. Nesse sentido, surge o rótulo Educação Ambiental (EA) como um novo processo educacional que seria capaz de efetuar aquela tarefa.

Dentre as orientações regidas na Conferência de Estocolmo destaca-se o Princípio 19, que se refere à Educação Ambiental com a seguinte conotação:

> É indispensável um trabalho de educação em questões ambientais, visando tanto às gerações jovens como os adultos, dispensando a devida atenção ao setor das populações menos privilegiadas, para assentar as bases de uma opinião pública bem informada, e de uma conduta responsável dos indivíduos, das empresas e das comunidades, inspirada no sentido de sua responsabilidade, relativamente à proteção e melhoramento do meio ambiente, em toda a sua dimensão humana. (DIAS, 2001, p.372)

Nessa perspectiva a sociedade encontrará na Educação Ambiental uma nova forma de reconstruir, de implantar, de criar, uma nova ética capaz de buscar as transformações sociais necessárias à compreensão diante das complexas questões socioambientais.

Em 1975, em Belgrado, atual Sérvia (ex-Iugoslávia), realiza-se o primeiro *Seminário Internacional sobre a Educação Ambiental*. O objetivo do encontro era dar continuidade às recomendações da Conferência da ONU sobre o meio ambiente humano. Dias (2001) relata que o encontro envolveu especialistas de 65 países e resultou na formulação dos princípios e orientações para um Programa Internacional de Educação Ambiental.

No encontro, é gerada *"A Carta de Belgrado"*[17], um marco mundial para a Educação Ambiental. Esta propõe promover uma nova ética global, a partir de uma outra visão do mundo, tendo como sentido básico a qualidade de vida. (ORELLANA & FAUTEUX, 2002, p.43).

Em um dos trechos da Carta de Belgrado, lê-se:

> A reforma dos processos e sistemas educacionais é central para a constatação dessa nova ética de desenvolvimento e ordem econômica mundial. Governantes e planejadores podem ordenar mudanças e novas abordagens de desenvolvimento e podem melhorar as condições do mundo, mas tudo isso se constituirá em soluções de curto prazo se a juventude não receber um novo tipo de educação. Isto vai querer um novo e produtivo relacionamento entre

[17] A íntegra da Carta de Belgrado pode ser encontrada no site: http://portal.mec.gov.br/secad/index.php - acesso em 16/12/2006

> estudantes e professores, entre escola e a comunidade, entre o sistema educacional e a sociedade. (TREVISOL, 2003, p.98)

A Carta de Belgrado chama a atenção para a complexidade das questões ambientais e a necessidade de se ter um olhar em nível global, para uma melhor compreensão interdisciplinar. Nesse sentido, Orellana & Fauteux (2002) relatam que a Educação é vista como uma ferramenta de transformação que favorece a criação de novas relações entre ser humano e seu meio.

A primeira fase do Programa Internacional de Educação Ambiental preparado em 1975, resulta na Primeira *Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental*, realizada em Tbilisi, na Geórgia, em 1977. Esta vem reforçar as colocações de Belgrado e contribuir para trazer mais preciso sobre os conceitos, pressupostos e diretrizes básicas da Educação Ambiental em nível mundial. Assim, Tbilisi aprovou a *Declaração sobre a Educação Ambiental*,[18]um documento técnico que estabelece as finalidades, os objetivos e as estratégias fundamentais à E A. (TREVISOL, 2003, p.98).

A Conferência propõe uma educação global e permanente, orientada para a solução dos problemas, o bem estar das comunidades humanas, e para encontrar alternativas de melhoria e proteção do meio ambiente num universo em rápida transformação. (ORELLANA & FAUTEUX, 2002, p.43).

As orientações surgidas na *Conferência de Tbilisi* também se direcionam para práticas pedagógicas inovadoras, com a intenção de adaptar melhor a Educação Ambiental aos novos desafios sociais e educativos. Como podemos verificar na citação, sobre uma das características e finalidades da EA:

> A educação ambiental é parte integrante do processo educativo. Deve girar em torno de problemas concretos e ter um caráter interdisciplinar. Sua tendência é reforçar o sentido dos valores, contribuir para o bem-estar geral e preocupar-se com a sobrevivência da espécie humana. Deve, ainda, aproveitar o essencial da força da iniciativa dos alunos e de seu empenho na ação, bem como se inspirar nas preocupações tanto imediatas quanto futuras (MMA, 1997, p. 33).

Portanto, a Conferência de Tbilisi situa a Educação Ambiental em uma dimensão maior. O conhecimento deixa de ser fragmentado e incorpora a EA aos processos educativos, introduzindo certas mudanças nos contextos educativos

[18] A íntegra da Declaração de Tbilisi sobre Educação Ambiental pode ser encontrada em: UNESCO. Educação ambiental: as grandes orientações da Conferência de Tbilisi. Brasília: Ibama, 1998. Também encontra-se a Declaração em: www.mma.gov.br/port/SDI/ea/cont.html>Fonte: (TREVISOL, 2003, p.98)

institucionais. Nessa perspectiva, a Conferência deixa clara a necessidade de considerar os aspectos sociais, econômicos, culturais, políticos, e éticos nas questões ambientais. A Educação Ambiental deverá resultar de uma reorientação e articulação de diversas disciplinas e experiências educativas o que facilitará a visão integrada de meio ambiente.

A partir de 1977, as recomendações de Tbilisi foram colocadas à disposição do Brasil, o país não teve participação nesta *Conferência Intergovernamental de Educação Ambiental*, por não ter relações diplomáticas com o bloco soviético.

No contexto dos marcos históricos sobre a Educação Ambiental, em 1987, a Comissão Mundial para o Meio Ambiente e Desenvolvimento dirigida pela primeira ministra da Noruega, Gro Harlem Brundtland, elabora o relatório "*Nosso Futuro Comum*". A comissão tem como objetivo recomendar um tipo de desenvolvimento que assegure o bem estar das gerações atuais, sem comprometimento das gerações futuras; esse documento passaria a ser referência para os debates a serem consolidados na RIO-92 ou ECO-92.

Orellana & Fauteux (2002, p.45) mencionam que a Comissão Mundial para o Meio Ambiente recomenda o desenvolvimento sustentável, em uma tentativa de encaminhar e conciliar os interesses de uns com outros. Essa é uma forma de colocar fim ao ritmo desenfreado de destruição produzido pela atividade humana. O desenvolvimento sustentável se refere a um desenvolvimento responsável, tanto na utilização de tecnologias menos contaminantes como na eliminação das desigualdades sociais, principalmente as das populações de países chamados de Terceiro Mundo.[19]

No relatório, a Educação Ambiental aparece de maneira não muito explícita. Mas segundo Orellana & Fauteux (2002), considera-se que o ensino deveria analisar o meio ambiente integrado a outras disciplinas em todos os níveis dos programas oficiais. Dessa maneira, desenvolve-se um sentimento de responsabilidade em relação ao meio ambiente.

Após vinte anos da Conferência de Estocolmo, em 1992, realiza-se na cidade do Rio de Janeiro, Brasil, *A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento*, também conhecida como RIO-92 ou ECO-92. A Conferência teve

[19] No entanto, a expressão "desenvolvimento sustentável", leva facilmente a uma compreensão enviesada, no sentido de um desenvolvimento econômico em vez de uma sustentabilidade responsável pela vida.

grande repercussão mundial. Participaram 176 países, inúmeras ONGS, (Organizações Não Governamentais) e pessoas das mais diversas partes do mundo.

O planeta passou a ser olhado de maneira diferente. As questões sociais, ambientais e econômicas e a sustentabilidade foram discutidas, analisadas sob o aspecto da cidadania planetária e responsabilidade global. Do encontro, resultaram metas e compromissos, entre elas a Agenda 21, com recomendações práticas sobre como alcançar o desenvolvimento sustentável no século XXI.

A Educação Ambiental passa a ser visualizada como uma ferramenta indispensável, em que os conhecimentos ambientais estão inter-relacionados com a ciência, a tecnologia e o emprego das leis (ORELLANA & FAUTEUX , 2002, p.46).

Nesse sentido, a educação para o desenvolvimento sustentável adota uma concepção de educação do tipo comportamentalista "behaviorismo", centrado na transmissão em que não aparece a preocupação por construir saberes críticos. (ORELLANA & FAUTEUX , 2002, p.46).

Paralelo à *Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento*, surge um conjunto de tratados alternativos, em 1992, que se denominou *Fórum Global*. Entre eles, o *Tratado sobre a Educação Ambiental, Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global* reafirma o papel principal da Educação Ambiental, ou seja, a formação do cidadão responsável, também pelo meio ambiente, com uma consciência ética ressignificada.

O *Tratado de Educação Ambiental para as Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global*, formulado pelas organizações não-governamentais durante a convenção do RIO-92, também representa um excelente documento de apoio à E A.

Orellana & Fauteux (2002, p.46), relatam que o Tratado propõe o desenvolvimento da EA sob uma visão holística, sistemática e interdisciplinar, de um diálogo de saberes e de um pensamento crítico que estimule a compreensão, a participação, a solidariedade, a cooperação, e a apropriação da realidade com o intuito de se obter uma melhor qualidade de vida.

A partir da mobilização das redes de ONGs ambientalistas e movimentos sociais em função do Fórum Global e das recomendações do *Tratado de Educação Ambiental*

para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, paralelo à RIO-92, iniciam no Brasil, as redes como uma organização social.

Sato (2001, p.590) acrescenta que as redes foram propostas pelas ONGS, através da luta pela democracia, pela interdependência e soberania participativa nas tomadas de decisões e na apropriação comunitária das condições culturais, econômicas e ecológicas. O objetivo das redes sociais como forma de articulação coletiva é de fortalecer a atuação de educadores e educadoras ambientais em todo o Brasil. As redes se articulam e se mobilizam em todo território nacional. Dessa maneira, contribuem para que haja uma interação, uma troca de saberes, agregando vários setores da sociedade na troca de experiências e na produção do conhecimento. A meta das redes é o fortalecimento da Educação Ambiental em todos os níveis e idades.

Se nos reportarmos à década de 1980 no Brasil, percebemos que ela se destaca por ser os anos de abertura, pós-regime militar, onde se aposta na reconquista dos direitos civis e políticos, e no avanço dos direitos sociais, nas lutas, entre estas, o direito ao meio ambiente. Sorrentino (2002, p.80), quando discute educação e ambientalismo na América Latina, destaca que, no Brasil nessa década, os movimentos populares, os movimentos sociais onde se inserem as entidades ambientalistas, sindicalistas de bairros entre outras, foram se multiplicando, e de certa forma, cumprem importante papel de resistência à lógica de desenvolvimento predominante.

Em 1992, o Fórum Brasileiro das ONGS e Movimentos Sociais e a ação voluntária de indivíduos de diferentes formações articulam-se e ganham força as ações ecológicas. Surge uma nova política, a da subjetividade, onde há articulação dos movimentos ecológicos com outros movimentos sociais, motivo que pode ter levado pessoas de tantos setores a se preocuparem ao mesmo tempo com a sensibilização para a Educação Ambiental e os fazeres educacionais.

Em 31 de agosto de 1981, promulgou-se no Brasil, a primeira lei federal nº. 6.938, que trata da Política Nacional do Meio Ambiente[20]. Ela é a mais importante lei ambiental do Brasil que coloca a Educação Ambiental como um dos objetivos e como um instrumento para ajudar a solucionar os problemas ambientais.

---

[20] A íntegra da Lei Federal nº 6398 pode ser encontrada no site: www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L6938org.htm. Acesso em: Set. 2006.

A referida Lei, no artigo segundo, diz:

> Art. 2º - A Política Nacional do Meio Ambiente tem por objetivo a preservação, melhoria e recuperação da qualidade ambiental propícia à vida, visando assegurar, no País, condições ao desenvolvimento sócio-econômico, aos interesses da segurança nacional e à proteção da dignidade da vida humana.

Ainda, nesta lei ambiental, entre os dez princípios, encontramos o ***Princípio X*** que faz uma referência à Educação Ambiental no processo educativo, com a seguinte conotação:

> X - Educação Ambiental a todos os níveis do ensino, inclusive a educação da comunidade, objetiva capacitá-la para a participação ativa na defesa do meio ambiente. (DIAS, 2001 p.385)

Em 1987, o antigo Conselho Federal de Educação do MEC aprova o parecer 226/87, que enfatiza a urgência da introdução da Educação Ambiental. O parecer propõe a inclusão da EA dentre os conteúdos a serem explorados nas propostas curriculares das escolas de 1º e 2º graus, apresentando uma abordagem interdisciplinar, levando a população a se posicionar em relação a fenômenos ou circunstâncias do ambiente, sugerindo centros de Educação Ambiental nos estados brasileiros.

No ano de 1989, é criado pelo Governo Federal o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis (IBAMA), Lei 7335 de 22 de janeiro. Com a finalidade de formular, coordenar e executar a Política Nacional do Meio Ambiente. Dando competência, entre outras, para que se estimulasse a Educação Ambiental, nas suas diferentes formas.

Em 1994, o MEC e o Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal (MMA), com a interveniência do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) e o Ministério da Cultura (MinC), formulam o Programa Nacional de Educação Ambiental – ProNEA, cujos esforços resultaram na Política Nacional de Educação Ambiental através da Lei nº. 9795, de 27 de abril de 1999.

No ano de 1997, o Ministério da Educação inclui o meio ambiente entre os temas transversais. O MEC recomenda e oferece subsídios teóricos - metodológicos para que os professores insiram o tema nas suas respectivas disciplinas.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), produzidos com base na LDB[21], documento que definiu como temas transversais, em função da relevância social, urgência e universalidade: saúde, ética, pluralidade cultural, orientação sexual e meio ambiente. Teve o mérito de inserir a temática ambiental não como disciplina, mas de abordá-la articulada às diversas áreas de conhecimento. (LOUREIRO, 2004b, p.83). Os Programas Curriculares Nacionais (PCNs) auxiliam, através de seus elementos constitutivos, os professores a repensarem suas práticas e a organizarem atividades de EA no ambiente escolar (TREVISOL, 2003).

Em 1999, o Governo Federal assinou a Lei Federal nº. 9795/99, regulamentada pelo Decreto nº 4281/02, da qual consta a obrigatoriedade da Educação Ambiental, citada a seguir:

> Art. 2º: A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal. (TREVISOL, 2003, p.112)

O artigo 4º da referida lei federal destaca seis princípios básicos que devem estar integrados ao processo educativo de forma articulada com as questões ambientais, atendendo ao pluralismo de idéias e concepções pedagógicas na perspectiva da inter, multi e transdiciplinaridade e a concepção do meio ambiente em sua totalidade. Os princípios consideram o meio ambiente como interdependência entre o meio natural, o sócio-econômico e o cultural, sob o enfoque da sustentabilidade. E o Art. 5º da Lei nº. 9795/99 estabelece os objetivos fundamentais que devem reger a Educação Ambiental, tanto no ensino formal quanto no não-formal. (TREVISOL, 2003, p.111).

Esta mesma Lei Federal induz a promover a democratização do acesso à Educação Ambiental como parte do processo educativo mais amplo, incumbindo o Poder Público, nos termos dos art. 205 e 255 da Constituição Federal, de definir políticas públicas que incorporem a dimensão ambiental e promover a educação ambiental em

---

[21] LDB- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996, estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. A íntegra da LDB pode ser encontrada no site: www.mec.gov.br/legis/default.shtm - 24k (acesso em set.2006).

todos os níveis de ensino e o engajamento da sociedade na conservação, recuperação e melhoria do meio ambiente.

Pode-se dizer que no Brasil há leis e normas para a gestão do meio ambiente, e ainda existem regulamentações que estimulam a Educação Geral a transformar-se também em Educação Ambiental. Segundo Grün (2003, p.111), toda “educação se não ambiental não será uma educação”, pois temos as condições necessárias, mas talvez não suficientes para desenvolver uma educação na qual a dimensão ambiental esteja seriamente trabalhada.

6- SEGUNDO MOMENTO: PEDRA DA MIRAGUAIA: O PROJETO DE ENSINO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Neste momento a abordagem descreve o Projeto de Ensino em Educação Ambiental e as ações pedagógicas realizadas pela Escola Pública do Ensino Fundamental Profª Ilka Muller de Mello, no ano de 2002 e 2003, tendo como tema gerador a Pedra da Miraguaia.

6.1 Justificativa do Projeto de Ensino em Educação Ambiental

Como já abordado na introdução e na contextualização histórica deste estudo a comunidade de Gravatá se constituiu próxima a uma formação rochosa denominada Pedra da Miraguaia, a qual era um viveiro natural de crustáceos e moluscos, com grande abundância de peixes, que serviu durante muito tempo como principal fonte de alimento para a comunidade.

A pesca na região era abundante, pois havia peixes de imensa variedade. Os moradores do local inclusive os nativos carijós, preferiam ir à Pedra da Miraguaia tirar marisco, tamanha era a quantidade que proliferava no local, vindo a superar em muito o consumo dos habitantes da região.

Durante anos a comunidade do entorno, se beneficiava da pesca artesanal de várias espécies de peixes (entre eles o miraguaia), de moluscos (mariscos), para sua comercialização e para o consumo. A pesca passou a ser uma das principais atividades econômicas da comunidade e o meio de sobrevivência para algumas famílias. (ver figura12)

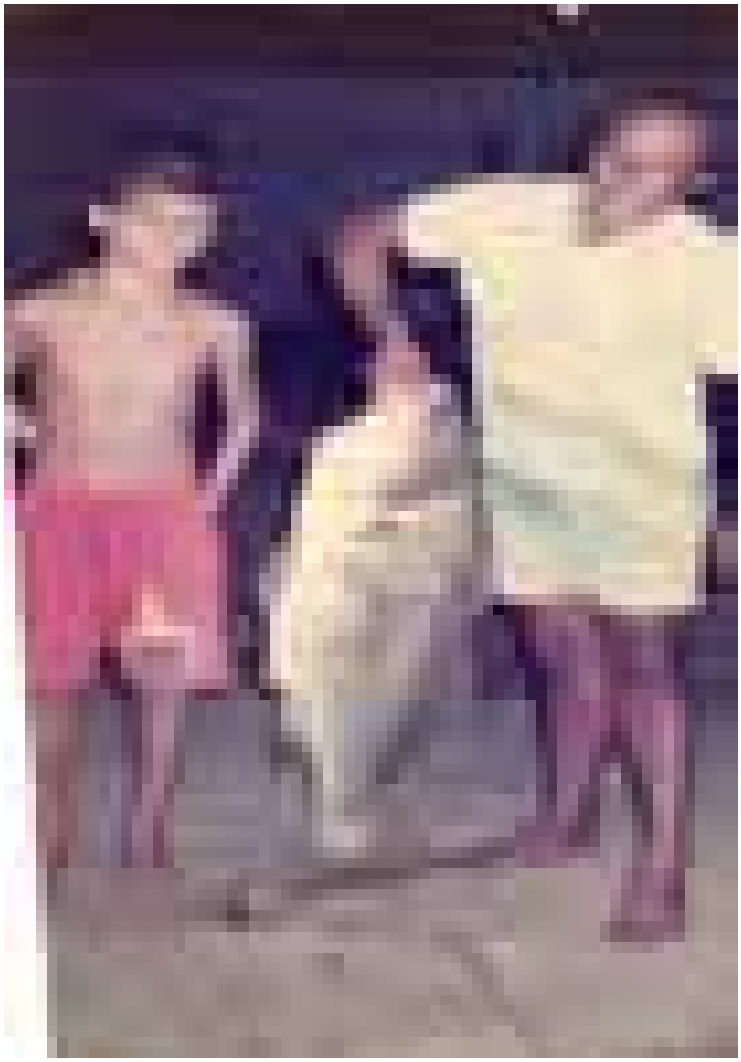


Figura 12 - Imagem A - Peixe Miraguaia pescado por moradores da comunidade, pesando em torno de 50 kg. Foto Souza, Alfreu, 1993.

Com o desenvolvimento da população humana na região durante as décadas de 1980, 90 e 2000, este viveiro natural foi explorado intensivamente e seus recursos naturais minguaram e foram praticamente depredados. A extração desordenada de sementes de mariscos na Pedra da Miraguaia e no seu entorno fez com que os peixes desaparecessem, possivelmente por falta da alimentação.

Dessa maneira, instalou-se um problema social para os pescadores, moradores ribeirinhos em geral, que perderam sua principal fonte de alimentos e de recursos naturais para sua subsistência. (ver figura 13)

Figura 13 – Imagem B - Peixe Miraguaia reduzido, pesando em torno de 20 kg. Foto Ademir Libório, 2001.

Aqui entra a ação educadora da escola. Neste espaço escolar tão precioso os educadores começaram refletir sobre a realidade local e concluíram que o "meio ambiente" poderia ser um tema norteador das ações pedagógicas para a interligação e integração dos saberes escolares.

No sentido de compreendermos o significado da dimensão ambiental, não se tratando simplesmente de um conhecimento ecológico, percebemos uma dificuldade no envolvimento dos seres humanos em relação ao meio natural. Não a natureza da beleza das paisagens, em uma visão fragmentada e reducionista, mas a da complexidade das relações ser humano⇔sociedade⇔natureza.

Em uma perspectiva crítica quanto ao campo da metodologia do ensino, as escolas, de um modo geral, ainda deixam a desejar. Os conteúdos trabalhados e suas metodologias parecem ter uma visão de mundo onde é possível o domínio da natureza pelo homem e a não integração dos saberes dos educandos.(SILVA & TAGLIEBER, 2005, p. 3).

Dessa maneira as atividades pedagógicas desenvolvidas centraram esforço no sentido de que alunos, educadores e comunidade percebessem a realidade concreta na qual viviam.

Segundo Freire (2003, p.52), “Saber ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Nesse sentido, o “ensinar” baseou-se em um processo onde os saberes dos educandos relacionaram-se com as ações pedagógicas. De acordo com o mesmo autor, quando isto ocorre há uma superação na forma de ensinar.

Dessa forma, ensinar requer compartilhar hábitos, valores, atitudes e respeito e, principalmente, exige tolerância com a diversidade e requer ainda amor naquilo se faz e pelo que se faz. Assim, a escola como uma instituição social atua no seio da própria sociedade construindo a educação do futuro.

6.1.1 O objetivo do Projeto de Ensino de Educação Ambiental

O objetivo do Projeto de Ensino foi construir uma consciência dos educadores, alunos e comunidade da realidade concreta, a partir das observações e de reflexões, produzindo uma re-interpretação dos fatos do quotidiano, um novo conhecimento, a transformação das atitudes e a ressignificação dos seus valores.

6.1.2 Estratégias do Projeto de Ensino

O Projeto de Ensino de Educação Ambiental realizado pela Escola Pública foi desenvolvido utilizando diferentes estratégias. Dessa maneira, criou possibilidades de retomar novos princípios de ação, construindo uma nova relação ética com o meio ambiente, e incentivou a auto-estima das pessoas que, até então, haviam sido subestimadas e desvalorizadas. Os educadores da escola, dentro de suas limitações de formação, tempo e recursos financeiros, proveram:

- Levantamento das condições ambientais daquela região, através da percepção, sensibilização e representações sociais sobre o meio ambiente, através de desenhos e elaboração de textos sobre meio ambiente. (ver anexos D e E, figuras 14/15).

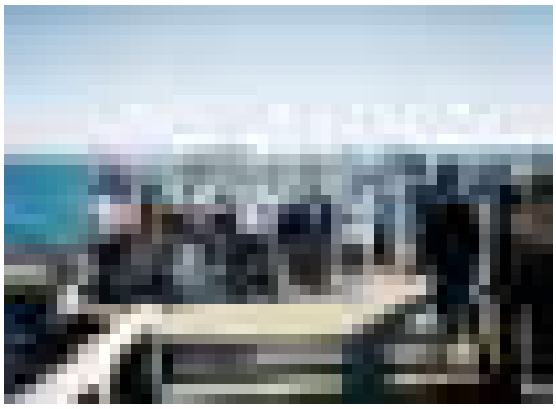


Figura 14- Saída de Campo -Penha
Foto Darlene Couto 2003

Figura15- Oficina de sensibilização.
Foto Darlene Couto 2003

- Entrevistas com os antigos moradores da comunidade e com os alunos, para o resgate cultural de brincadeiras da infância típicas da região; a história e a lenda da "Mulher de Branco" na Pedra da Miraguaia, resultando na confecção de um "livrinho" elaborado pelos alunos da 8ª série. (ver anexos J e L).
- Ações pedagógicas, sempre envolvendo atividades de observação da realidade, busca de informações sobre os problemas encontrados, reflexões sobre as formas de solução destes, envolvendo sempre que possível os educadores de 5ª a 8ª séries.(Figura 16).

O Projeto de Ensino tornou-se interdisciplinar, tendo como eixo principal a problemática ambiental local. A participação da maioria dos educadores da escola, um grande número de alunos e a participação de pessoas da comunidade

possibilitaram aos educadores uma vivência pedagógica ímpar: a ação coletiva de todos os participantes do Projeto na ação de educar. (ver anexo I).

- Levantamentos de dados e informações sobre as leis e normas ambientais, seguidas de discussões e diálogos sobre conservação e preservação da flora e fauna da Pedra da Miraguaia.
- Colocação de placas descritivas no local da Pedra da Miraguaia, impedindo a extração desordenada de sementes de mariscos fora de época.
- Patrulhas de observação para impedir que os maricultores (das fazendas de mariscos de Penha) retirassem as sementes da Pedra da Miraguaia.
- Busca de alternativas sustentáveis, com mobilizações e discussões da comunidade com as autoridades competentes.
- Reportagens sobre o Projeto. (ver anexos F, G, figura16).

Figura 16- Reportagem sobre o Projeto de Ensino. Fonte: Diário da Cidade. Região Barra Velha/Navegantes/Penha-Piçarras, 06 de Junho de 2003

6.1.3 Avaliação do Projeto de Ensino

A escola sendo co-responsável pela formação dos indivíduos necessita orientar seus alunos em uma visão ampla e complexa, e não segmentar a consciência do educando ou da sociedade escolar, entendida como o educando, sua família e sua vizinhança.

Dessa maneira o Projeto de Ensino de Educação Ambiental realizado pela Escola Pública do Ensino Fundamental possibilitou construir uma melhor compreensão e conhecimentos no processo possibilitando aos integrantes da interação coletiva, da interligação dos saberes, da transformação de atitudes e ressignificação de valores frente a problemática ambiental vivenciada pelos mesmos.

Durante o processo do desenvolvimento do Projeto de Ensino as dificuldades encontradas pelos educadores foram várias, entre elas podemos destacar: falta de recursos financeiros para viabilizar a saída de campo com alunos, materiais pedagógicos necessários para a elaboração dos trabalhos, tempo maior aos educadores para que participasse das discussões necessárias quanto o desenvolvimento do Projeto de Ensino. Mas, estes obstáculos foram transformados em desafios e superações por todos os integrantes, educadores, alunos e comunidade, para a concretização do Projeto de Ensino.

Diante do Projeto de Ensino desenvolvido, a contribuição dos relatos dos alunos e moradores antigos da comunidade propiciou um resgate sócio-histórico-cultural da região As estratégias do Projeto de Ensino como as aulas extra-classe possibilitaram para que viesse a tona a lenda da Mulher de Branco na Pedra da Miraguaia. Diz a lenda, segundo o relato dos moradores mais antigos da comunidade e alunos, que

> [...] “em noite de lua cheia, uma mulher vestida toda de branco surgia no alto da Pedra da Miraguaia para assustar os pescadores e extratores de mariscos, que ficavam de vigia durante a noite na praia, assustados com o vulto da Mullher de Branco na Pedra da Miraguaia fugiam para as suas casas. Caso a Mulher de Branco alcançasse algum pescador, avançava rasgando suas roupas”.

Assim a escola como ponto culminante do Projeto de Ensino realizou uma exposição dos trabalhos, representação teatral interpretada e contextualizada sobre a estória da lenda da Mulher de Branco na Pedra da Miraguaia, além de propiciar os relatos das brincadeiras de infância, o modo de vida da comunidade comparando-o com o modo de vida atual, e a problemática socioambiental da comunidade com a participação de todos. (figura 17 e 18).

Figura 17- Grupo de alunos da 8ª série – Representação Teatral. Foto Darlene Couto 2003

Figura 18 – Professores e funcionários da Escola Municipal Profª Ilka Muller de Mello. Foto Viviane dos Passos 2003.

7 TERCEIRO MOMENTO: REFLEXÃO SOBRE AS ATIVIDADES PEDAGÓGICAS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL.

Como já abordado anteriormente na introdução quando o trabalho científico foi desmembrado em três momentos, neste terceiro momento inicia-se o estudo. Dessa maneira procura saber se, através do tema gerador a Pedra da Miragüaia, houve impactos e influências "permanentes" sobre alunos, educadores, e se houve alterações na motivação pelos estudos, nas atividades pedagógicas, nas relações de poder dos profissionais e dos estudantes da escola, se deu no ano de 2005/2006 depois de dois anos da realização do mesmo.

7.1 Justificativa do Estudo

As transformações ocorridas na sociedade moderna nos conduzem a um conhecimento desta realidade de forma não-fragmentada. Estas nos direcionam a um conhecimento e um saber do não-cientificismo cartesiano, em que o olhar está voltado para a sociedade de forma individualizada e desfocada das inter-relações ser humano⇔sociedade⇔natureza, mas para um olhar voltado para a necessidade de se desenvolver uma sensibilidade na compreensão, de uma sociedade complexa, particular e não-individual. Desta forma se supera o paradigma cartesiano reducionista da simplificação/separação que fragmenta a noção do mundo real.

Assim, a educação é um dos caminhos para se compreender as transformações que ocorrem na sociedade moderna e é um dos pontos relevantes que nos leva a refletir sobre a complexidade desta sociedade que se impõe.

Guimarães (2005, p. 193) menciona que a educação não é tudo, mas sem ela nada se transforma. Ela é um dos caminhos de intervenção e transformação da sociedade moderna, Mas para que isso aconteça, existe a necessidade de rompermos com visões simplistas e reducionistas, que olham para os fenômenos buscando interpretá-los em uma lógica mecanicista e linear. Para o autor é estar consciente da influência dominante dos paradigmas na visão de mundo individual e coletiva historicamente construída na/da sociedade moderna. Neste desafio encontra-se na própria educação, a Educação

Ambiental, como um processo que fortalece a compreensão e reflexão sobre a complexidade e a diversidade das inter-relações indivíduo⇔natureza. A Educação Ambiental abre espaço e cria diversas possibilidades para a compreensão da importância da responsabilidade de cada um de nós seres humanos na construção de uma sociedade solidária, democrática e ambientalmente sustentável.

Nesse sentido, a Educação Ambiental aparece não só como uma exigência das profundas transformações necessárias que acompanham a sociedade moderna, mas também como uma possibilidade de desenvolver sensibilidade para as questões ambientais que são reivindicações constantes de propostas curriculares em diferentes níveis de ensino Hermann (apud CARVALHO,2001)[22].

Portanto, a Educação Ambiental possibilita a construção de um ambiente educativo consciente, causador de rupturas na ordem estabelecida, capaz de promover a reflexão crítica que se dá na ação-reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo (FREIRE, 1987).

Nesse sentido, Dias (2006) acrescenta que o ambiente educativo requer um processo com práticas inovadoras que sejam “capazes de ampliar a percepção, promover o senso crítico e autocrítico, resgatar valores e produzir mudanças”. Para o autor, somente produziremos mudanças no processo educativo, quando o desvincularmos de práticas tradicionais descontextualizadas, fragmentadas sem considerar o conhecimento integrado do mundo e a complexa rede de conexões das questões socioambientais.

Na seqüência do estudo a abordagem tem a intenção de clarificar as bases conceituais e epistemológicas que permeiam a educação, percepções, representações sociais e o resgate histórico da memória oral da comunidade que se formou em torno da Pedra da Miraguaia. Para tanto, o estudo procura seu aporte teórico com o olhar voltado para o conhecimento, o ensino, e o pensar das pessoas de forma crítica, emancipatória e complexa. Além de buscar referência em autores que tratam das questões socioambientais e de ambientes educativos numa visão integradora e de um movimento coletivo.

---

[22] HERMANN,N. Apresentação.In: CARVALHO, I. C. M. A invenção ecológica narrativas e trjetórias da educação ambiental no Brasil. Porto Alegre: Ed Universidade/UFRGS,2001.

8 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A realidade socioambiental contemporânea ignora as possibilidades de desenvolvimento do futuro humano voltadas para a sustentabilidade e, por esta razão, torna-se imprescindível ir a busca do conhecimento e de alternativas sensatas para enfrentar este desafio.

As constantes transformações da sociedade modernas nos direcionam a um pensamento complexo[23] que promova um novo tipo de relacionamento com o conhecimento e um saber que permita desenvolver uma visão de mundo na complexidade e as suas inter-relações ser humano⇔sociedade⇔natureza.

As interferências do ser humano e suas ações nos equilíbrios biológicos sempre tiveram algum impacto sobre a biosfera. Na Antigüidade a capacidade da espécie humana[24] de intervir na natureza era insignificante. Hoje, o ser humano passa a crer no poder de dominação sobre a natureza, através dos avanços científicos, tecnológicos e econômicos.

Noal (2001, p.369) relata que na Idade Moderna, a ciência e a tecnologia, sempre foram mediadoras do processo de evolução da sociedade e seu fator de organização, ainda que estas favoreçam a um pensamento, acreditando no seu potencial transformador e na transformação do mundo através das descobertas científicas e tecnológicas. Para o autor, a disjunção radical entre o conhecimento científico e o conhecimento filosófico contribuiu para que o pensamento científico e o individualismo exasperado prevalecessem. (NOAL, 2001, p.372).

Já Grün (1996, p.16) afirma que o poder de destruição total da espécie *Homo sapiens* (a atual humanidade), e de todas as demais espécies do Planeta Terra, através dos avanços científicos e tecnológicos, fizeram com que os seres humanos adquirissem uma nova consciência da possibilidade de destruição completa do Planeta. Com isso começam a surgir as primeiras sementes do ambientalismo contemporâneo, apontando no horizonte histórico uma nova doutrina ideológica. O autor ainda coloca que a

---

[23] A idéia da complexidade - pensamento complexo- não pressupõe a construção de uma linha integradora do conhecimento que dê conta das verdades definitivas, pelo contrário, por ser complexo, também contempla o incerto, o desigual e o ambivalente. (NOAL, 2001, p. 371)

[24] Espécie humana no sentido de um ser complexo, construído pelas relações entre o biológico, o cultural, o econômico, o político e o histórico. (LOUREIRO, 2004, p.37)

emergência da crise ambiental, considerada “como uma preocupação específica da educação foi precedida de uma certa ecologização das sociedades”. Nesse sentido, o meio ambiente passa a ser um assunto da sociedade civil mais ampla e, por meio deste processo, pode-se compreender o surgimento da educação ambiental.

Trevisol (2003) afirma que as transformações societárias acabam influenciando a educação e a escola, e acrescenta que o interesse pela educação tende a aumentar com a chegada das turbulências e das crises sejam de ordem moral, intelectual ou econômica. Nesse sentido, recai para a educação a tarefa de dar sentido e direção à multiplicidade de demandas e expectativas, constantemente formuladas pela dinâmica da sociedade (TREVISOL, 2003, p.118).

Nesse contexto marcado pela gravidade dos problemas ambientais e suas conseqüências para o meio ambiente, a sociedade é desafiada a elaborar novas epistemologias que possibilitem compreender o modelo societário gerador dessa grave crise ambiental. Dessa maneira, a sociedade atual nos direciona a novas práticas no universo educativo, que potencializem a integração dos sistemas de conhecimento em uma perspectiva ampla e complexa.

Cascino (2000, p. 43) afirma que a marca fundamental desses momentos históricos passados desde os anos 68, 72, 77, 87 e 92, estavam voltados para se discutirem novas formas de leituras das relações humanas, novas estratégias para alterar formas de convivência e construção de relações.

Percebe-se que a evolução dos conceitos de Educação Ambiental (EA) esteve diretamente relacionada à evolução do conceito de meio ambiente e ao modo como era percebido. Nesse sentido, o conceito de meio ambiente, reduzido exclusivamente a seus aspectos naturais, não permitia apreciar as interdependências entre as ciências sociais e as outras ciências nem contribuir para a compreensão do ambiente humano e de sua melhoria.

Diante do contexto surge uma nova política em relação à Educação Ambiental, onde há articulação dos movimentos ecológicos com outros movimentos sociais. Estes apontam para uma nova consciência das inter-relações ser humano⇔ natureza. Percebe-se uma preocupação maior no intuito de sensibilizar para a Educação Ambiental como

uma área pedagógica nova, em que a educação deve ser capaz de reorientar as premissas do agir humano e sua relação com o meio ambiente.

Mininni (2000, p.15) considera que a Educação Ambiental e o meio ambiente, por serem conceitos dinâmicos e complexos, possibilitam interpretações variadas em função dos referenciais teóricos adotados. Isso porque a Educação Ambiental é um processo que consiste em propiciar às pessoas uma compreensão crítica e global do ambiente, para elucidar valores e desenvolver atitudes que lhes permitam adotar uma posição consciente e participativa, a respeito de questões relacionadas à conservação e à adequada utilização dos recursos naturais, para melhoria da qualidade de vida e a eliminação da pobreza extrema e do consumismo desenfreado.

Segundo Trevisol (2003, p.147) a Educação Ambiental cria raízes formulando uma crítica ao modelo de sociedade e de desenvolvimento agregado à lucratividade, mas apresenta alternativas sustentáveis ancoradas em propostas concretas de mudanças de mentalidade, valores e atitudes.

Assim, percebe-se que, no decorrer da trajetória histórica da Educação Ambiental, várias vertentes e conceitos se complementam e, outras são complementares e contraditórias. Nesse sentido, a Educação Ambiental pretende ser um processo por meio do qual os indivíduos possam aprender como funciona a relação ser humano⇔ ambiente, como dependemos deste, como o afetamos e como geramos a sua sustentabilidade.

Diante do contexto, o presente estudo procurou compreender e articular as questões da educação escolar e a Educação Ambiental, como um dos caminhos para superar as transformações que vêm ocorrendo na sociedade moderna. Ainda, buscou a compreensão das percepções, representações e da memória oral como subsídios ao levantamento e análise dos dados de campo. Para tanto, na seqüência vai se discutir o sentido da educação escolar e a Educação Ambiental; as percepções e representações sociais; o desenvolvimento das categorias e a memória oral no contexto escolar.

8.1 O Sentido da Educação Escolar e a Educação Ambiental

A necessidade de uma nova consciência de preservação e conservação do meio ambiente como forma da nossa própria sobrevivência, nos direciona para uma educação reflexiva, emancipatória[25] e aberta ao diálogo, no sentido de uma educação capaz de promover o senso crítico, resgatar valores, produzir mudanças da estrutura dominante, construindo novos paradigmas de uma sustentabilidade[26] socioambiental.

Compreender a relação entre a educação escolar e a educação ambiental na prática pedagógica dos educadores se torna fundamental para termos uma maior clareza da percepção dos educadores nas suas práticas educativas sobre a relação sociedade⇔natureza.

Dessa maneira, a compreensão[27] baseou-se na análise das questões sobre educação como uma forma de transformação[28] social para a reconstrução do conhecimento e do pensamento dos educadores e educandos implicados no processo da percepção e representações da questão socioambiental.

Reigota (2000) considera que as representações sociais sobre o meio ambiente são determinantes e condicionam as concepções de Educação Ambiental e conseqüentes práticas pedagógicas. Nesse sentido, a Educação Ambiental e o meio ambiente como conceitos dinâmicos e complexos possibilitam aos educadores planejar estratégias e atividades pedagógicas de maneira consciente e responsável, buscando o desenvolvimento de habilidades, atitudes e valores tão necessários e imprescindíveis à relação ser humano ⇔natureza.

---

[25].Emancipatória no sentido de possibilitar a construção de caminhos mais adequados à vida social e planetária, diante da compreensão que temos destes em cada cultura e forma de organização societária, produzindo patamares diferenciados de existência. (LOUREIRO, 2004, p.32).

[26] Sustentabilidade significa aqui o modo solidário de relações entre o homem, a vida e o mundo. (BRANDÃO, 2005, p. 91)

[27] Compreensão (do latim comprehensio, de comprehendere: entender, perceber) Filosoficamente, na lógica clássica, a compreensão de um conceito é um conjunto de caracteres que permite sua definição; com a fenomenologia a compreensão passa a ser definida como um mundo de conhecimento predominantemente interpretativo, por oposição ao modo propriamente científico, que é o da explicação, enquanto a explicação detecta as relações que ligam os fenômenos entre si, a compreensão procede a uma apreensão imediata e íntima da essência de um fato humano, isto é, seu sentido. (JAPIASSÚ, 1996, p.47).

[28] No sentido da educação como transformação de valores (cidadania, respeito, solidariedade), o valor educativo que está por trás dessa transformação do modo como nos inserimos e existimos no mundo. Grupo de Pesquisa GEEAS – UNIVALI, 10/06/03)

Mas o que vem a ser educação? Segundo a etimologia da palavra educação[29], é o ato ou efeito de educar-se. Como processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral do ser humano, civilidade, polidez. Ou, o conceito como *educo(ere)* conduzir para fora, fazer sair, de produzir. *Educo(are)* alimentar, amamentar (figurativo).

Educar pode significar, também, instruir, ensinar, algo que vem de fora para fortalecer e reconstruir o organismo (alma/espírito/intelecto/mente).

A educação, no dizer de Taglieber (2004, p.13), significa:

> [...] um processo projeto social civilizatório, é um aprender, transmitir, de uma geração para outra, conhecimentos, habilidades, valores, atitudes sociais que determinam as regras de convivência na coletividade baseado nas necessidades concretas de cada grupo social em cada uma das épocas da História.

Isto induz que educar não é simplesmente transmitir conteúdos, mas implica um trabalho de construção de valores, atitudes, habilidades que a escola como uma organização social precisa ter claro no seu ideário e no seu Projeto Político Pedagógico.

Maturana (1993, p. 25) acrescenta que educar

> [...] é uma coisa muito simples: é configurar um espaço de convivência desejável para o outro, de forma que eu e o outro possamos fluir no conviver de uma certa maneira particular [...] que quando se consegue que o outro, a criança, o jovem aceitem este convite à convivência, educar não custa nenhum esforço para se viver.

Nesse sentido, podemos perceber que educar requer, entre outras coisas, um clima de convivência mútuo. O problema está nesta configuração do espaço educacional, no qual a auto-educação se concretiza. O processo educativo caminha sobre três eixos: a prontidão do aluno para aprender e educar-se; a qualificação do professor, como mediador entre a sociedade constituída e a geração a ser incluída nesta sociedade; e, finalmente, as condições concretas que a escola oferece seu currículo e suas normas de funcionamento. Se um desses eixos tiver problemas, o processo como um todo fica comprometido. Isto significa que o processo educativo, embora simples na visão Maturana (ibid.), torna-se complexo por ser um processo coletivo, não linear.

---

[29] Anotações acadêmicas. Grupo de Pesquisa GEEAS – UNIVALI. Tema abordado: Pesquisa-ação 10/06/03.

Dessa forma, o processo educacional para o aluno passa a ser um processo de autoconstrução, de cooperação, de integração e de criação. Para o professor a educação é o objeto de sua profissão, cuja ação profissional precisa ser desenvolvida de forma indireta em relação ao aluno, pois de outra forma o aluno não poderá ser o sujeito de sua educação. Já a escola deve propiciar as condições concretas e ser o espaço cultural para o desenvolvimento humano e a base para transformações sociais e culturais. Essas condições concretas e o espaço cultural e a sua forma de desenvolvimento podem ser definidos pelo currículo escolar, onde o professor e seus alunos estabelecem suas relações educativas. Em função disso, concluímos que o ato de educar, ou a educação como um todo é mais do que transmitir o conhecimento dos conteúdos disciplinares.

Numa perspectiva filosófica acerca da educação, Gadotti (2003, p.18) considera que a educação tem um papel importante no próprio processo de humanização do homem e de transformação social. De acordo com esse processo, dentro de um contexto histórico cultural, a educação pode ou não transformar a sociedade.

Freire (2003) considera a educação como um processo crítico e emancipatório, de transformação e inclusão. Ele menciona que a educação é uma “forma de intervenção no mundo”. Para o autor, a educação necessita promover reflexão crítica e ação para produzir o desencadeamento de um novo conhecimento. Ou seja, é necessária uma educação dialética que vise o diálogo, a liberdade, a crítica e a reflexibilidade para encontrarmos meios para a transformação.

Guimarães (2005) afirma que “a educação não é tudo, mas sem ela nada se transforma”. Isto é, o sujeito se transforma desde que esteja comprometido com seu caráter crítico e emancipatório. Portanto, nesse sentido a educação como meio para uma transformação não é uma reprodução da transmissão do conhecimento e sim de saberes a serem compreendidos, contextualizados e problematizados. E, dessa forma, chega-se à reconstrução de um novo conhecimento.

Loureiro (2004b, p.76) aborda a educação ambiental transformadora partindo do princípio que a educação ambiental é uma perspectiva que se inscreve e se dinamiza na própria educação, acrescenta que

> [...] educar é um fenômeno típico, uma necessidade ontológica de nossa espécie, e assim deve ser compreendido para que possa ser concretamente realizado.

O autor faz uma referência aos processos sociais relativos à aprendizagem e diz que esta ocorre dentro de uma dimensão pessoal pela percepção, reflexão e atuação objetiva e dialógica da realidade. A educação

> [...] ocorre por meio de múltiplas mediações sociais e ecológicas que se manifestam nas esferas individuais e coletivas por nós compartilhadas, o que pressupõe, em seu movimento constitutivo, os lugares e o momento histórico em que vivemos.

Além de considerar que a educação se realiza pela ação, pela práxis em interação com o outro no mundo. Ou seja, educar é uma ação conservadora ou emancipatória, que pode reproduzir as relações sociais ou, também, ser uma forma de transformação, redefinindo o modo como nos organizamos em sociedade, como gerimos seus instrumentos e damos sentido à nossa vida.

Já numa perspectiva sobre as principais concepções éticas, políticas e pedagógicas que orientam as propostas de educação ambiental referindo-se às bases teórico-conceituais da pedagogia freiriana, Lima (2004, p.101) afirma que a educação libertadora traz uma rica contribuição teórica e metodológica para a prática da educação ambiental emancipatória. Ele considera a educação libertadora, quando esta procura despertar a consciência do educando através da problematização dos temas geradores pertencentes ao universo vivido. Trabalha, nesse sentido, sua percepção de indivíduo no mundo em relação com outros indivíduos, visando sua inserção crítica na realidade.

Morin (2003b) nos induz a refletir sobre as relações entre conhecimento, ensinar, educação, escola e a complexidade do mundo contemporâneo, quando se refere à reforma do pensamento como um desafio reformador da escola atual, defende a interligação de todos os conhecimentos valorizando o complexo, afirmando:

> [...] Não se pode reformar a instituição sem a prévia reforma das mentes, mas não se pode reformar as mentes sem a prévia reforma das instituições [...] Como reformar a escola sem reformar a sociedade, mas como reformar a sociedade sem reformar a escola? MORIN (2003b, p.87)

Isto significa que a escola, como exemplo da sociedade, está fragmentada. A solução dos problemas, a sua submissão às finalidades deve levar, necessariamente, à reforma do pensamento e das instituições. Para o autor, o nosso sistema educativo atual é incapaz de reconhecer a sua complexidade, tratar desta no todo, pensando nas suas diversas dimensões não devendo separá-las da realidade e nem fragmentá-las. Nesse sentido, ensinar não é transmitir somente o saber, mas é transmitir uma cultura que nos permita compreender a nossa condição e nos ajude a viver, possibilitando-nos, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre.

Guimarães (2005) se refere à conscientização no processo educativo como sendo um processo não-individual. Afirma que isto se dá na relação com o outro, em que está interiorizado pela razão e pela emoção, na consciência, se exterioriza pela ação refletindo essa interioridade. É a consciência em ação-conscientização. Isto significa que a forma de pensar das pessoas, na sua relação com o outro, cria possibilidades de uma conscientização na construção do conhecimento e na interligação dos saberes, compreendendo dessa forma a diversidade na complexidade e a escola fazendo sentido ao estudante.

Percebe-se que, nesse sentido, existe a necessidade de um pensamento da não-disjunção, que compreenda o fenômeno da integração em todos os aspectos. E, através da reflexão, do diálogo e de um pensamento complexo deixa de existir a compartimentação dos saberes, dos conhecimentos isolados e fragmentados.

Freire (2003) trata a questão dos educadores e das ações pedagógicas com ênfase ao professor, destacando a importância deste último em relacionar os saberes dos educandos na sua prática docente. Quando isto ocorre, há um processo de superação na forma de ensinar. Freire ainda afirma que:

> [...] Assim como não posso ser professor sem me achar capacitado para ensinar certo e bem os conteúdos de minha disciplina não posso, por outro lado, reduzir minha prática docente ao puro ensino daqueles conteúdos. Esse é um momento apenas de minha atividade pedagógica. Tão importante quanto ele, o ensino do conteúdo, é o meu testemunho ético ao ensiná-los. É a decência com que faço. É a preparação científica revelada sem arrogância, pelo contrário com humildade. É o respeito jamais negado ao educando, a seu saber de "experiência feito" que busco superar com ele. Tão importante quanto o ensino do conteúdo é minha coerência na classe. A coerência entre o que digo, o que escrevo e o que faço. (FREIRE, 2003, p.57).

Isso significa que ensinar requer compartilhar hábitos, valores, atitudes, respeito e, principalmente, ensinar exige tolerância com a diversidade e amor àquilo que se faz e por que se faz. Nesse contexto, a escola atua no seio da própria sociedade construindo a educação do futuro.

Guimarães (2005) faz uma reflexão sobre o ambiente educativo, considerando que este deve ser percebido como um movimento. Segundo o autor, só ocorre educação quando a realidade socioambiental é contextualizada e se transforma em um movimento coletivo. Este movimento se dá de um indivíduo para com outro. Menciona que todos esses princípios educativos de intervenção podem ter como pressupostos ações interdisciplinares em educação ambiental, buscando superar a dicotomização e relacionar os diferentes saberes podendo ser construídos conhecimentos amplos e complexos da realidade.

Loureiro (2004b, p.81) na perspectiva da educação como um processo contínuo de intervenção no mundo, enfatiza a educação ambiental transformadora como processo permanente, cotidiano e coletivo pelo qual agimos e refletimos, transformando a realidade da vida. Ou seja, o autor considera que a educação ambiental está focada nas pedagogias problematizadoras do concreto vivido, no reconhecimento das diferentes necessidades, interesses e modos de relações na natureza que definem os grupos sociais e o lugar ocupado por estes em sociedade, como meio para se buscar novas sínteses que indiquem caminhos democráticos, sustentáveis e justos para todos.

Este processo contínuo acaba sendo uma forma de contribuir para uma educação que favoreça a pensamentos reflexivos, críticos e não reducionistas de reprodução social, a não-homogenização conteudista e fragilizada, na reflexão de um novo fazer pedagógico, que se impõe nessa nova era transformada e transformadora. Diante disso, teremos os educadores como co-responsáveis dentro do processo, ainda que estes necessitem ir além, no sentido de serem intelectuais em busca e na direção de uma pedagogia de aprendizagem transformadora e crítica.

Brandão (2005, p.67) analisa a educação ambiental transformadora fundamentando-se em alguns autores, referindo-se à pedagogia no sentido histórico, social, crítico, como ancoragem à função social da escola. Faz referência a Giroux,

Michel Apple e Pierre Bourdieu para uma compreensão das relações de poder, da crítica ao currículo vigente e da escola como elemento de reprodução social no capitalismo.

BRANDÃO (2005) relata que estes autores abordam a escola como função social numa concepção da tradição dialética marxista. De acordo com a Escola de Frankfurt, no início e em meados do século XX, o sentido de nosso pertencimento à natureza e a compreensão da sociedade como expressão de organização de nossa espécie estava vinculado ao processo de exploração das pessoas entre si, tendo por base sua condição econômica e os preconceitos culturais. Acrescenta que isto é parte da mesma dinâmica de dominação da natureza, definida na modernidade capitalista, em que as pessoas são objetos a serviço da acumulação de capital.

No contexto da função social da escola, McLaren (1997, p.11-20) menciona a pedagogia do concreto de Giroux quando este conceitua as escolas como esferas públicas democráticas que abrangem as organizações políticas, igrejas, e movimentos sociais que estas propiciam e ajudam a construir princípios e práticas sociais democráticas através do debate, diálogo e troca de opiniões.

Giroux (1997, p. 161), na obra em que aborda a questão dos professores como intelectuais transformadores, destaca que estes, dentre outras questões ideológicas e econômicas de seu trabalho, devem envolver a educação para o desenvolvimento de uma sociedade livre e, devem ainda assumir responsabilidade ativa pelo levantamento de questões sérias acerca do que ensinam, como devem ensinar e quais são as metas mais amplas pelas quais estão lutando. O autor reconhece assim que os educadores podem promover mudanças, possibilitando que os educandos se tornem cidadãos ativos e críticos, e que estes detenham o conhecimento e a coragem para lutar a fim de que o desespero não seja convincente e a esperança seja viável.

Guimarães (2004, p.119) analisa a formação crítica de educadores visando à incorporação e à inserção da educação ambiental no ambiente escolar. O autor se refere à necessidade e às expectativas que a sociedade projeta sobre a escola. Isto significa que para o autor a realidade é que os professores devem desenvolver nas escolas ações educativas de caráter crítico transformador, indo além de uma proposta de educação, e que o fazer pedagógico se reflita na transformação, na criação e na construção de um novo mundo complexo e paradigmático.

Layargues (2004, p.11) considera que a Educação Ambiental Emancipatória se conjuga partir de uma matriz que compreende a educação como elemento de transformação social. Para que isto ocorra à educação necessita estar inspirada no diálogo, no exercício da cidadania, no fortalecimento dos sujeitos, na criação de espaços coletivos de estabelecimento das regras de convívio social, na superação das formas de dominação capitalista, na compreensão do mundo em sua complexidade e da vida em sua totalidade.

Educar é emancipar, e a ação proveniente da emancipação é o meio pelo qual podemos perceber e romper com os padrões estruturados da sociedade e da civilização. Ou seja, a Educação Ambiental só apresentará algum resultado se incorporar em seu fazer cotidiano a completa contextualização da complexidade ambiental.

A Educação Ambiental Emancipatória necessita ter um envolvimento das dimensões social, econômica, política, ideológica, cultural e ecológica para que realmente promova a preparação de indivíduos capazes de intervirem nos processos sociais. Dessa forma, pode-se encontrar possibilidades de promover tanto as mudanças culturais como as mudanças sociais necessárias para a construção de uma sociedade capaz de mudar o modelo de sociedade contemporâneo.

8.2 As Percepções e Representações

8.2.1 As Percepções

O estudo sobre as percepções, representações e memória oral procura seu aporte teórico em autores que relacionam as abordagens de forma crítica, dentro de um contexto histórico social amplo e complexo. O estudo tornou-se fundamental para que se pudesse compreender as inter-relações da percepção e representações sociais entre ser humano⇔meio ambiente, na concepção dos sujeitos envolvidos.

Japiassú & Marcondes (1996, p.210) utilizam a palavra *percepção sob a ótica filosófica.* A palavra tem sua origem no latim *perceptio* e significa ato de perceber, ação de formar mentalmente representações sobre objetos externos a partir dos dados sensoriais. A sensação seria assim a matéria da percepção.

Para os empiristas[30]a percepção é a fonte de todo conhecimento. Hume relaciona a percepção com a mente e destaca dois aspectos fundamentais: as impressões e as idéias, como relata no Tratado da Natureza Humana:

> [...] Todas as percepções da mente humana se incluem em dois tipos distintos que chamarei de impressões e idéias. A diferença entre uma e outra consiste nos graus de força e vivacidade segundo os quais atingem a mente chegando até o pensamento e a consciência. Aquelas percepções que penetram com mais força [...] Podemos chamar de impressões [...] compreendendo todas as nossas sensações, paixões e emoções [...] Por idéias considero as imagens pálidas nessas no pensamento e no raciocínio. (HUME, Tratado da Natureza Humana, in: JAPIASSÚ & MARCONDES 1996, p.210).

Nessa perspectiva, o conhecimento é mais certo quanto mais próximo está da percepção que o originou.

Os racionalistas[31], entretanto, consideram que a percepção, por depender de elementos sensíveis, não é confiável, sendo sujeita à ilusão, quando uma imagem percebida não corresponde a um objeto real. Embora se possa considerar, em última análise, o objeto como causa da percepção, segundo o fenomenalismo[32] na verdade nada sabemos sobre o objeto além dos dados sensoriais que recebemos pela percepção.

---

[30] Empirismo (fr. empirisme), doutrina ou teoria do conhecimento segundo a qual todo conhecimento humano deriva, direta ou indiretamente, da experiência sensível externa ou interna. Freqüentemente fala-se do "empírico" como daquilo que se refere à experiência, às sensações e às percepções, relativamente aos encadeamentos da razão. O empirismo, sobretudo o de Locke e de Hume, demonstra que não há outra fonte do conhecimento senão a experiência e sensação. As idéias só nascem de um enfraquecimento da sensação, e não podem ser inatas. Daí o empirismo rejeitar todas as especulações como vãs e impossíveis de circunscrever. Seu grande argumento: "Nada se encontra no espírito que não tenha, antes, estado nos sentidos." "A não ser o próprio espírito", responde Leibniz. Kant tenta resolver o debate: todos os nossos conhecimentos, diz ele, provêm da experiência, mas segundo quadros e formas *a priori* que são próprios de nosso espírito. Com isso, tenta evitar o perigo do dogmatismo e do empirismo. (JAPIASSÚ & MARCONDES, 1996)
O empirismo afirma estar todo conhecimento baseado exclusivamente nos dados de experiência. (TAGLIEBER, 2003).

[31] Racionalismo - doutrina que privilegia a razão dentre todas as faculdades humanas, considerando-a como fundamento de todo conhecimento possível. O racionalismo considera que o real é em última análise racional e que a razão é, portanto, capaz de conhecer o real e de chegar à verdade sobre a natureza das coisas. Segundo Hegel: "Aquilo que é racional é real, e o que é real é racional". O racionalismo no sentido filosófico tanto pode ser uma visão do mundo que afirma o perfeito acordo entre o racional e a realidade do universo, quanto uma ética que afirma as ações e as sociedades humanas são racionais em seu princípio, em sua conduta e em sua finalidade. O racionalismo se opõe ao empirismo. (JAPIASSÚ& MARCONDES 1996,p.229).

[32] Fenomenalismo - doutrina segundo a qual o homem não pode conhecer as coisas em si, somente os fenômenos no sentido Kantiano. Para Kant o fenômeno se define como um composto daquilo que recebemos

Com isso podemos considerar que cada pessoa deve responder por suas ações sobre o ambiente em que vive. E cada pessoa tem suas próprias percepções de acordo com a experiência individual dos processos cognitivos e perceptivos e, por intermédio dessas percepções, gera a sua conduta e ações diante do meio.

Nesse sentido, é importante conhecer as percepções dos educadores e alunos envolvidos no processo do desenvolvimento do Projeto de Ensino de Educação Ambiental, porque através dessas percepções serão desvencilhados muitos aspectos importantes sobre a Educação Ambiental, pois estes se encontram atrelados ao ato de aprender e de conscientização.

Quando nos referimos a uma perspectiva fenomenológica da percepção temos em Merleau-Ponty (1999, p.14) um aporte teórico. O autor se refere às percepções considerando que elas são formadas pelos sentidos. Isto significa que através dos sentidos podemos perceber o mundo e a nós mesmos e, a partir dessas percepções, podemos mudar a nossa maneira de ser e estar no mundo. Acrescenta também que percebemos através de associações e substituições que fazemos em relação ao nosso passado. Essas relações tanto podem ser com palavras, pessoas, lugares e/ou com objetos. Para o autor o passado não é importado da percepção presente por um mecanismo de associação, mas desdobrado pela própria consciência presente. Isto significa que a evidência da percepção não é o pensamento adequado. O mundo é não aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável. (MERLEAU-PONTY, 1999).

8.2.2 As Representações

O conceito filosófico da palavra *representação* tem sua origem no latim *repraesentatio* e significa, segundo Japiassú & Marcondes:

> Operação pela qual a mente tem presente em si mesma uma imagem mental, uma idéia ou um conceito correspondendo a um objeto externo. A função de

---

das impressões e daquilo que nossa própria faculdade de conhecer tira de si mesma. (JAPIASSÚ& MARCONDES, 1996).

> representação é exatamente a de tornar presente à consciência a realidade externa, tornando-a um objeto da consciência, e estabelecendo assim a relação entre a consciência e o real. A noção de representação geralmente define-se por analogia com a visão e com o ato de formar uma imagem de algo, tratando-se no caso de uma imagem 'não sensível, não visual'. Esta noção tem um papel central no pensamento moderno, sobretudo no racionalismo cartesiano e na filosofia da consciência. Sob vários aspectos, entretanto, a relação de representação parece problemática, sendo por vezes entendida como uma relação casual entre o objeto externo e a consciência, por vezes como uma relação de correspondência ou semelhança. A principal dificuldade parece ser o pressuposto de que a consciência seria incapaz de aprender diretamente o objeto externo. (JAPIASSÚ& MARCONDES, 1996, p.235).

A palavra *representação* pode, ainda, significar filosoficamente a reprodução de uma percepção anterior ou do conteúdo do pensamento. As representações são definidas como categorias de pensamento, de ação e de sentimento que expressam a realidade, explicam-na, justificando-a ou questionando-a. Ou seja, as representações sociais constituem "elementos essenciais à análise dos mecanismos que interferem na eficácia do processo educativo" (MAZZOTTI, 2001). Além de que para a teoria das representações sociais os atores sociais são ativos construtores e reconstrutores de suas representações.

No século XX, o estudo sobre a importância das representações e como estas influenciam as decisões individuais dos seres humanos foi desenvolvido nos trabalhos de Émile Durkheim, 1898. Este utilizou o termo "representações coletivas", que também aparece nos trabalhos de Weber e Marx. No início da década de 1960, o psicólogo francês Serge Moscovici retoma o trabalho de Durkheim, elaborando o conceito de "representações sociais".

As representações sociais se traduzem na linguagem do "senso comum", nas idéias, imagens, concepções e visões de mundo que os "atores sociais" possuem sobre a realidade. Elas se manifestam em condutas e chegam a ser institucionalizadas, portanto, podem e devem ser analisadas a partir da compreensão das estruturas e dos comportamentos sociais. No entanto, não são necessariamente conscientes. (MAZZOTTI, 2001, p.336). Perpassam o conjunto da sociedade ou de determinado grupo social, como algo anterior e habitual, que se reproduz e se modifica a partir das estruturas e das relações coletivas e dos grupos.

Reigota (2002), afirma que a teoria das representações sociais se originou na Psicologia Social, com Serge Moscovici, na França em 1961. Atualmente é conhecida

como uma teoria das ciências humanas em geral. A partir dos anos 1980, a sociologia, história e antropologia contribuíram para a sua difusão em outras áreas do conhecimento, ampliando assim a sua diversidade temática e metodológica.

Nos dias atuais é possível verificar sua expansão e característica interdisciplinar em vários trabalhos de diferentes áreas. São inúmeras as interpretações e definições sobre a noção de representações sociais dadas pelos percussores de Serge Moscovici, entre eles podemos citar Denise Jodelet, William Doise, Jacques Philippe Leyens e Robert Farr, e as pesquisadoras brasileiras como Ângela Arruda, Mary Jane Spink, Silvia Lane, entre outros.

Moscovici (1990) considera as representações sociais como o conhecimento do senso comum, sobre um determinado tema de características científicas. No chamado conhecimento do senso comum se incluem os preconceitos, ideologias e características sócio-culturais específicas das pessoas. O autor, quando trata das representações sociais, procura nelas aquilo que se une e não se separa, baseia-se na construção social e não individual, conforme podemos ver:

> [...] as representações sociais constituem-se em uma forma de conhecimento individual que só ocorre na interação com o outro, no mesmo momento em que esta interação se dá. (MOSCOVICI, 1990, p.52)

Jodelet (apud REIGOTA, 2002)[33] considera que as representações sociais são como sistemas de pensamento que sustentam as práticas sociais. Ou seja, as representações devem ser estudadas de forma articulada com os elementos afetivos, mentais e sociais integrados ao lado da cognição, da linguagem e da comunicação. Estas relações sociais determinam sobre que representações a pessoa irá intervir.

Reigota (2002) considera que as representações são sempre sociais. Pois elas estão relacionadas com o princípio de que toda pessoa é reflexa de sua herança biológica, econômica, social e cultural e das interações cotidianas que vivencia.

Barcelos (2001), quando faz uma abordagem sobre Educação Ambiental e Representações Sociais, procura seu referencial teórico apoiando-se nas representações

[33] JODELET, D. REIGOTA, M. As representações sociais na prática pedagógica cotidiana da educação ambiental. In: **Textos Escogidos Em Educación Ambiental de Uma América A Outra**. Tome 1. Sous la direction de Lucie Sauvé, Isabel Orellana, Michèle Sato, ês Publications ERE-UQAM, 2002.

sociais de Moscovici, (1998). Para Barcelos as representações sociais desempenham importante contribuição na sociedade para a formação de condutas, orientando relações e comunicações.

Moscovici (1990) reafirma que, quando estamos reunidos e formamos um grupo, alguma coisa muito importante acontece com cada um de nós. Passamos a sentir e pensar de forma totalmente diversa de quando estamos sozinhos, ou seja, existe uma interferência na forma de elaborarmos as representações sociais na interação com os outros.

Barcelos (2001), ao falar sobre representações sociais, diz que elas podem ser:

> [...] uma alternativa que incentiva um processo de discussão e ressignificação por parte dos educando(a)s, daquilo que o(a)s mesmo(a)s explicitam como suas representações sobre o tema em discussão. O processo de discussão das representações de cada educando(a), ou de cada grupo, se constituem no principal salto pedagógico, na medida em que é nele que se explicitarão as diferentes "interpretações", decorrentes do processo de construção simbólica particular de cada grupo. (BARCELOS 2001 p.493)

As representações sociais se constroem são elaboradas através da conversação, e da partilha de nossas representações comuns, estão relacionadas a um contexto histórico social mais amplo, são produto da interação, comunicação e da influência social, e se referem à maneira de pensar dos indivíduos e de interpretar o cotidiano particular de cada grupo social.

Segundo Reigota (2000), a escola é uma instituição social responsável pela formação dos cidadãos e, nesse sentido a prática pedagógica do professor desempenha papel primordial. O autor considera fundamental conhecer as representações sociais sobre meio ambiente e educação ambiental nas ações pedagógicas dos professores. (BRÜGGER 1994, p. 41). Da mesma forma, é preciso reconhecer a existência de diferentes abordagens sobre a questão ambiental na educação, pois algumas são contraditórias, e identificar os pressupostos epistemológicos, teórico-metodológicos e filosóficos que subsidiam as práticas pedagógicas dos docentes, uma vez que as crenças e valores de nossa sociedade industrial são passados subliminarmente, através de currículos escolares, no que tange à resolução de problemas ambientais.

Isto significa que a compreensão das representações sociais na prática pedagógica dos educadores é importante para o planejamento do processo educativo, de forma que este se torne mais adequado ao conhecimento e resolução de problemas ambientais locais. Além disso, é necessário reconhecer e avaliar o processo histórico das relações entre o ser humano e sociedade com a natureza. Uma vez que a atual crise ambiental nada mais é do que o reflexo da crise de valores existente em nossa sociedade contemporânea, como mencionam Brügger (1994), Grün (1996) e Trevisol (2003).

Reigota (2000) menciona as ações pedagógicas dos professores na escola referindo-se que estes, quando desenvolvem projetos em Educação Ambiental, devem estimular as representações sociais qualitativamente. Ou seja, os projetos devem se realizar através da intervenção cidadã com argumentos sociais, políticos, culturais e ecológicos, incitando para que sejam discutidas, desconstruídas e reconstruídas as nossas próprias representações assim como a dos integrantes deste contexto social.

Atualmente, considera-se a representação de meio ambiente como um conjunto de *fatores ecológicos*, em que estão incluídos os fatores biológicos, físicos, químicos de um lado e os fatores sócio-culturais como nível de formação intelectual, os valores ético-morais, econômicos, políticos e a formação tecnológica de outro.

Assim, as representações sociais determinam as práticas sociais e pedagógicas dos professores nas questões ambientais. Para Santos & Sato (2001), Orellana (2002), Reigota (2000), e Sauvé (2002), cada indivíduo que interage com o ambiente natural tem uma visão de mundo diferenciada, assim como é diferenciada a sua visão relacionada aos ambientes e a sua percepção para com os problemas ambientais. As autoras Sauvé & Orellana (2000) classificam as representações ambientais em categorias, permitindo perceber através dessas representações as diversas maneiras como os indivíduos interpretam e inter-relacionam as questões ambientais com as pessoas, o grupo social e o meio ambiente.

O estudo buscou interpretar de forma não definitiva, através das representações sociais, dos sujeitos envolvidos, os vários aspectos relevantes de seu mundo e da sua história individual e social, possibilitando reinterpretar o modo como os educadores e alunos constroem seu mundo social e com ele se relacionam.

8.3 Desenvolvimento das categorias

A análise das percepções e representações foi direcionada pelas categorias, que emergiram no discurso dos educadores como *o trabalho coletivo, a motivação, o clima de convivência* e *as relações de poder*. No processo educativo da atividade pedagógica do Projeto de Ensino, há uma interação e integração entre todos envolvidos, de tal maneira que a dimensão ambiental foi eixo de todas as atividades realizadas, determinando as regras de convivência na coletividade baseadas nas necessidades concretas desse grupo social.

De certa forma o que aconteceu foi um pensar conjunto. Existiu uma unanimidade no discurso, em dizer que realmente se formou um grupo em que todos compartilharam experiências, saberes, e estavam motivados. Isto permitiu a reflexão, um clima de convivência aberta ao diálogo, na participação e na realização da atividade pedagógica do Projeto de Ensino. O clima de convivência e as discussões entre todos os educadores propiciaram uma interação do grupo e produziram um efeito muito interessante sob o ponto de vista pedagógico: *a motivação*, outra categoria analisada, e o engajamento dos alunos e de pessoas da comunidade num único movimento, que foram acontecendo no decorrer das ações pedagógicas.

Um outro aspecto relevante a ser analisado no estudo das categorias é *as relações de poder*. Na escola tradicional a relação professor⇔aluno é geralmente uma relação de poder muito bem definida, centralizada no professor, o professor é visto como o único detentor do conhecimento. Nesse sentido, a escola delimita o espaço, separa, controla o que se pode ou não fazer e regula a ação de cada um. Acaba sendo um conjunto de normas definidas como técnicas de poder.

A escola moderna desde o seu início desempenhou um papel diferenciador em relação às classes sociais, separando brancos e negros, meninos e meninas, adultos e crianças etc. Ou seja, através de múltiplos e controlados mecanismos a escola se impôs sobre os sujeitos escolarizando-os e diferenciando-os. Esta situação não ocorreu na Escola Municipal em questão, porque os alunos, educadores e comunidade participaram ativamente do processo sem a imposição sobre os sujeitos.

Segundo Morando (1995)[34], a relação de poder, na concepção de Foucault, está em toda a estrutura social. Existem múltiplos poderes, ele está em todas as partes e tem, portanto, um caráter relacional, que produz efeitos de verdade e saber constituindo verdades, práticas e subjetividades.

Nas atividades pedagógicas do Projeto de Ensino essa centralização desapareceu gradativamente. A liberdade das ações era questionada e dialogada por todos sem hierarquia administrativa, consolidando, dessa forma, a evolução da atividade pedagógica, o que proporcionou, indiretamente, mais poder à direção da escola.

Gore (1999) menciona que Foucault expressa essa compreensão de poder e saber considerando que o poder não é necessariamente repressivo, uma vez que este incita, induz, seduz, torna mais fácil ou mais difícil, amplia ou delimita, torna mais provável ou menos provável a ação. Isso na educação significa que o poder não está apenas nas mãos do professores, mas nas dos alunos, pais, administradores e governo que também exercem poder nas escolas.

Segundo Gore (1999, p.13), Foucault não fez uma análise detalhada das escolas, mas acreditava que as escolas e a educação formal exercem um papel no crescimento disciplinar. Foucault em sua obra *Vigiar e Punir*, no capítulo intitulado Corpos Dóceis, relata as inovações pedagógicas iniciais e o modelo que elas forneceram para a economia, a medicina e a teoria militar do século XVIII. Mas adiante no livro referido o autor pergunta: “Devemos ainda nos admirar que a prisão se pareça com as fábricas, com as escolas, com os quartéis, com os hospitais, e todos se pareçam com as prisões?” (FOUCAULT,1997b, p. 199).

Essas semelhanças articuladas por Foucault emergiram do foco que seus estudos colocam sobre os mecanismos que constroem instituições e experiências institucionais, e não sobre as pessoas no interior dessas instituições. Nesse sentido, os próprios alunos reconhecem esse mecanismo quando usam a expressão “a escola é uma prisão”. Isto significa, segundo GORE (1999), que o processo pedagógico corporifica relações de poder entre professores e alunos. O que de certa forma não deixa de ser real.

Na escola atual, o processo pedagógico parece que continua baseado em técnicas que enfatizam a autodisciplina, em normas impostas pelos professores, ou imposto aos

[34] Morando, 1995, apud FOUCAULT, p.67.

educadores. Isto nos leva a refletir sobre que saber é realmente válido, qual o saber que deve ser produzido, o saber de quem? Ao que tudo indica na atividade pedagógica do Projeto de Ensino, a relação de poder-saber sobre os indivíduos e a descentralização propiciaram uma reinterpretação das práticas pedagógicas dos educadores. Nesse sentido, pode-se perceber que a escola deixou de ser vista como uma prisão, pois alunos, educadores e comunidade se sentiram participantes em um ambiente de aprendizagem na troca de saberes e experiências. Os alunos puderam dialogar com seus professores e pessoas da comunidade, criando propostas e alternativas de conservação da Pedra da Miraguaia.

Morando (1995) se refere a Foucault quando discute a sociedade como uma estrutura disciplinar. O autor menciona que Foucault descreve o panoptismo como uma forma de poder e controle. Na sociedade disciplinar ou panóptica, o poder é uma forma de vigiar e punir:

> [...] Vigilância permanente sobre os indivíduos por alguém que exerce sobre eles um poder – mestre-escola, chefe de oficina, médico, psiquiatra, diretor de prisão - e que, enquanto exerce esse poder tem a possibilidade tanto de vigiar quanto de constituir, sobre aqueles que vigia, a respeito deles um saber. (MORANDO, p. 71)

Esses três aspectos do panoptismo de vigilância, controle e correção, segundo Foucault (ibid.), são uma característica das relações de poder que existem em nossa sociedade.Nesse sentido, a hierarquia administrativa, o fator de vigilância e o poder centrado no professor, ou a própria estrutura disciplinar dos alunos, desapareceu na atividade pedagógica do Projeto de Ensino realizada pela escola. Isto propiciou um ambiente de colaboração e confiança mútua, resultando em uma nova experiência, novas relações entre si mesmo e entre os participantes.

É evidente que os educadores continuaram a ensinar, mas também aprenderam com os alunos e moradores, e estes se sentiram participantes da escola. Mostraram aos filhos e aos educadores o que sabiam, instalando-se dessa maneira um clima muito tranqüilo de comunicação e de confiança mútua, de compromisso social e voltado para o coletivo.

Lima (2004) aborda a questão das relações entre professor e aluno colocando que em todo processo os educandos reconhecem sua situação como problema, deparando-se

com a possibilidade de assumirem sua história, superando os obstáculos que impedem seu crescimento e humanização. Forma-se, assim, uma união de elementos que propiciam uma visão de mundo emancipatória. Isto acontece quando as relações entre professor e aluno tornam-se descentralizadas e se fazem através do diálogo no processo de ensino-aprendizagem. Além disso, há uma valorização do saber do educando em relação à historicidade dos homens; da cultura e dos processos sociais; ao amor como fundamento do diálogo e como ato de liberdade; à crítica, à reflexibilidade e à criatividade como ingredientes indispensáveis à libertação; à promoção do homem e do educando como sujeito de sua busca e de sua história. Ainda, refere-se à transformação/libertação das relações de dominação que impedem à humanização dos indivíduos. (FREIRE, 1987).

8.4 A memória oral no contexto escolar

A recuperação de fatos históricos através de falas e de entrevistas com as pessoas mais idosas da comunidade foi uma das atividades pedagógicas do Projeto de Ensino que mais tocou o sentimento e a emoção dos educadores e alunos e trouxe à baila a identidade dos pescadores da comunidade do Gravatá.

A História Oral ou Método Biográfico, denominação dada por Becker (1999) e Goldenberg (1997), é o registro da história de vida de indivíduos que, ao focalizar suas memórias pessoais, constroem também uma visão mais concreta da dinâmica de funcionamento e das várias etapas da trajetória do grupo social ao qual pertencem. Muitas dessas memórias são chamadas de subterrâneas, porque ficam à margem da história oficial[35]. Além de ser um instrumento fundamental para compreensão do passado recente. Também possibilita que indivíduos pertencentes a categorias sociais geralmente excluídas da história oficial possam ser ouvidos. Nesse sentido propiciam um registro para análise futura, sua própria visão de mundo e aquela do grupo social ao qual pertencem.

[35] Pode ser encontrado no site: www.centrodememoria.unicamp.br/laho/index.htm - 10k LABORATÓRIO DE HISTÓRIA ORAL (LAHO)

Este método apresenta um caráter novo e envolvente, porque pressupõe uma parceria entre informante e pesquisador, construída ao longo do processo de pesquisa e através de relações baseadas na confiança mútua, tendo em vista objetivos comuns. Constrói-se assim uma imagem do passado muito mais abrangente e dinâmico.

Ainda, segundo Laville & Dione (1999) esse método remete ao papel destacado do autor do relato, que decide o que será relatado, enquanto o papel do pesquisador se restringe à mínima intervenção na narrativa.

Ruscheinsky[36] (2005) aborda a pesquisa em história oral e afirma que como a metodologia de investigação cria possibilidades na articulação dos argumentos, o indivíduo passa a ser o centro desse processo. Acrescenta que tais procedimentos da pesquisa abordam questões relacionadas aos

> [...] padrões culturais, estruturas sociais, relações sociais e processos históricos todos eles visando aprofundar o conhecimento através de conversas com pessoas sobre a sua experiência e ainda o impacto que estas tiveram na vida de cada uma, a partir da memória individual.

Nessa perspectiva, a história oral tem um significado de conivência e cumplicidade, além da riqueza de significados e emoções expressas pelo narrador ao pesquisador, pois se desvela a subjetividade, partilham-se intersubjetividades e se constrói uma identidade sócio-histórica.

Marotti & Santos (2001) se refere à história oral, ou a narrativas orais, segundo o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global (WWF, 1993), que considera o uso das informações relacionadas ao saber e à memória popular, como uma das principais estratégias de ação em educação ambiental.

Os autores relatam que o pesquisador, que trabalha com depoimentos e resgate da história oral, ao fazer com que as pessoas relatem suas próprias lembranças e interpretações do passado, possibilita que os entrevistados, em particular aqueles freqüentemente ignorados e fragilizados economicamente, adquiram dignidade e sentido de finalidade ao rememorarem a própria vida, fornecendo informações valiosas a um processo de investigação.

---

[36] Ruscheinsky (apud SATO, Carvalho e cols. 2005, p.137-147).

Dessa maneira, o resgate da sua história possibilita ao indivíduo recuperar o sentimento de sua identidade. Ou seja, um sentimento de pertencer a um determinado lugar e a uma determinada época, em um mundo caracterizado por mudanças aceleradas e vertiginosas (MAROTTI & SANTOS, op.cit), e (THOMPSON, 1992). Para os autores, a história oral também denominada "narrativa aberta", está baseada num processo em que o pesquisador aborda o sujeito de modo mais abrangente possível, interferindo o mínimo durante a narrativa. (BRIOSCHI & TRIGO, 1987)[37]

Ruscheinsky (2005) relata que, na pesquisa, podemos interpretar como um problema social algo que incomoda, perturba, aflige a vida de uma sociedade ou de setores dela. De tal forma que se perceba em um dos olhares, entre os múltiplos, a necessidade de se encontrar uma solução para o suposto problema e que, no decorrer do processo de investigação, à medida que a curiosidade vai trazendo à tona aspectos velados, o olhar se desenvolve, torna-se mais direto e específico determinado por um problema. Acrescenta que a pesquisa em história oral[38] pode ser uma ampliação do conhecimento, tendo como uma das especificidades a intencionalidade de produzir documentos que se tornarão fontes do conhecimento da história.

O desenvolvimento das atividades do Projeto de Ensino, em que foram se desvelando as crenças, a vivência e as relações com a questão ambiental, permitiu à pesquisadora desvencilhar os significados e as percepções da subjetividade dos envolvidos tanto na questão ambiental como com a intenção de produzir uma fonte do conhecimento popular e histórico da região enfocada.

Se utilizarmos as crenças e seu significado como uma das estratégias de sensibilização na questão ambiental de uma determinada região, encontraremos apoio em Cintra (2004), quando a autora se refere às lendas como uma forma de ser, entre outras. Acrescenta que as lendas podem ser uma estratégia de conscientização e educação ambiental, porque elas despertam o interesse e a motivação para desenvolver uma investigação mais profunda, da cidade ou da região enfocadas, incluindo o estudo dos aspectos geográficos, econômicos, históricos e culturais, a partir desses elementos. Elas tornam-se um componente forte para a percepção e contextualização da realidade

---

[37] BRIOSCHI & TRIGO (1987 apud MAROTTI & SANTOS, 2001, p.197)

[38] Para estudos mais aprofundados sobre História Oral consultar THOMPSON (1992), FERREIRA & AMADO (2001), BECKER (1999) e GOLDENBERG (1997).

ambiental, possibilitando compreender o modo de vida da região, recuperando valores esquecidos e contribuindo, dessa forma, para melhorar a condição de vida de seus habitantes.

Ainda segundo Cintra,

> [...] cada vez que se deterioram os aspectos culturais de um povo, abrem-se feridas na alma desse povo, que assim triste, não tem forças para criar mecanismos de cuidar do seu próprio ambiente, de viver a natureza e manter essa sintonia. (CINTRA, 2004, p.25).

Através das lendas existe uma sintonia entre o ambiente e a cultura de um determinado lugar e, por isso, é importante ouvir esses relatos.

CINTRA (ibid.p. 97) considera que o estudo sobre as lendas é importante porque

> [...] mesmo quando o primeiro passo é o estudo, aparentemente inocente de uma simples lenda regional. Assim como num bate-papo, um assunto puxa o outro, de uma atividade surgem idéias de outras atividades. O estudo de uma lenda pode, portanto, desencadear uma seqüência de outras atividades, podendo chegar até a organização do grupo para discutir e buscar soluções de algum problema ambiental da comunidade.

A narrativa oral que surgiu no Projeto de Ensino através dos alunos e comunidade valorizou e tornou-se importante, porque propiciou a reconstrução da história local, possibilitando uma (re)interpretação, significação do contexto enriquecendo o estudo.

O estudo procurou através dos aspectos sobre educação, trabalho coletivo, motivação, relação de poder e narrativa oral, analisar os dados coletados nos trabalhos elaborados, nas atividades pedagógicas, e nas entrevistas dos sujeitos envolvidos no processo. A próxima abordagem descreve o caminho e procedimentos da coleta de dados, dos sujeitos envolvidos no estudo.

A compreensão da análise procurou ter um olhar voltado para autores que nos induz a refletir, a reconstruir em nossos atos, ações e sentimentos. Identificando as contradições profundas e situando a nossa prática como parte dessas contradições para que se encontrem caminhos de novos conhecimentos e ações que transformem a nós mesmos como pessoas, idéias, sonhos a fim de dar sentido e compreendermos de que somos sujeitos participantes na construção da história.

9 METODOLOGIA DA PESQUISA

Como já focado na introdução, a pesquisa como objetivo buscou compreender as mudanças das percepções de um grupo de educadores e alunos de uma Escola Pública do Ensino Fundamental, em função de um Projeto de Ensino em Educação Ambiental, tendo como tema norteador a Pedra da Miraguaia.

O método utilizado para o desenvolvimento da pesquisa não foi de um modelo com normas prontas e definitivas, pois a capacidade interpretativa da pesquisadora trouxe as marcas da sua experiência de vida e de sua carreira profissional.

Köche (1999), ao conceituar o termo pesquisa, destaca que o caráter sistemático e metódico da pesquisa não significa que essa atividade possa se realizar de acordo com regras fixas, pré-determinadas ou como uma espécie de receita a ser seguida mecanicamente. Pelo contrário, Köche afirma que:

> Não existe um modelo com normas prontas, definitivas, pelo simples fato de que a investigação deve orientar-se de acordo com as características do problema a ser investigado, das hipóteses formuladas, das condições conjeturais e da habilidade crítica e capacidade criativa do investigador. Praticamente, há tantos métodos quantos forem os problemas analisados e os investigadores existentes. (KÖCHE ,1999, p. 68)

Esta pesquisa parte da necessidade de conhecer, através da percepção e da reflexão, a realidade para transformá-la em processos contextuais e dinâmicos, complexos com ênfase na compreensão, interpretação e, por esta razão, ela compartilha com os objetivos e procedimentos de uma pesquisa qualitativa.

Bogdan & Biklen (1994) enfatizam que os indivíduos que fazem investigação qualitativa privilegiam essencialmente a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos investigados. Recolhem normalmente os dados em função de um contato aprofundado com os indivíduos, nos seus contextos ecológicos naturais. Os autores mencionam que as estratégias mais representativas da investigação qualitativa são a observação participante e a entrevista em profundidade.

Por vezes, este tipo de entrevista é designado por “não-estruturada”, segundo Maccoby e Maccoby, (1954); ou “aberta”, conforme Jahoda, Deustsch e Cook, (1951);

“não-diretiva”, de acordo com Meltzer e Petras, (1970); ou ainda, entrevista “de estrutura flexível”, conforme (Whyte 1979 apud BOGDAN & BIKLEN, 1994, p.17).

Dessa maneira, o objetivo do investigador é compreender o que os sujeitos pensam e como desenvolvem os seus quadros de referência. Isto implica que o investigador passe um tempo considerável com os sujeitos no seu ambiente natural, elaborando questões abertas e registrando as respectivas respostas.

A investigação qualitativa possui um caráter flexível e permite que os sujeitos respondam de acordo com sua perspectiva pessoal, ao invés de se moldar às questões previamente elaboradas. Ela admite que os sujeitos expressem livremente as suas opiniões sobre determinados assuntos.

Dessa maneira, a investigação qualitativa pode estar associada a outras expressões como: interacionismo simbólico, perspectiva interior, Escola de Chicago, fenomenologia, estudo de caso, etnomologia, ecologia, entre outras. Segundo Bogdan & Biklen (1994), essas expressões e definições têm variado ao longo do tempo, entre diferentes utilizadores e, por esta razão, elas podem ter significados diferentes quando utilizadas por determinados autores.

De acordo com Triviños (1987), na década de1970, nos países da América Latina surgiu interesse pelos aspectos qualitativos da educação. Para o autor o ensino sempre se caracterizou pelo destaque de sua realidade qualitativa, apesar de se manifestar através de medições, quantificações (repetentes, analfabetos, etc.). Os processos educativos quantificadores davam resposta a uma dimensão positivista e também ao empiricismo da explicação dos fenômenos sociais. Nesse sentido, o autor considera que as posições qualitativas baseiam-se, especialmente, na fenomenologia e no marxismo.

Segundo Taylor & Bogdan (1984, p.29), a pesquisa qualitativa rejeita a possibilidade de descoberta de leis sociais e está mais preocupada com a compreensão ou interpretação do fenômeno social, com base nas perspectivas dos atores por meio da participação em suas vidas.

Dessa maneira, a característica da investigação qualitativa é descritiva. Ou seja, os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números. Os dados incluem transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registros oficiais.

O pesquisador analisa os dados em toda sua riqueza, respeitando, tanto quanto o possível, a forma em que estes foram registrados ou transcritos e, dessa forma, se interessa mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos.

Assim, o pesquisador precisa compreender o significado que os outros dão às suas próprias situações. Ou seja, trata-se de um processo de compreensão da natureza da atividade em termos do significado que o individuo dá à sua ação. Segundo Gamboa (2001), a compreensão do significado das ações requer que o pesquisador adote uma abordagem hermenêutica.

A interpretação significativa dos dados se obtém mediante um processo de movimento constante entre as partes e o todo, em que não há ponto absoluto de partida nem de chegada. Assim, a compreensão de uma ação particular requer a compreensão do significado-contexto no qual ela se dá, e esta compreensão depende daquela ação particular. A hermenêutica demonstra que a compreensão não pode ser buscada na ausência do contexto de uma interpretação ou de um referencial de interpretação. (GAMBOA, 2001)

Dessa maneira, a compreensão hermenêutica tem como finalidade restaurar canais rompidos de comunicação. Isto se dá em duas dimensões: a primeira, no elo entre a própria experiência de vida de alguém e a tradição a que pertence; e a segunda se dá na esfera da comunicação entre diferentes indivíduos, grupos e tradições. (BAUER & GASKELL, 2002, p.31).

Ao utilizar a pesquisa qualitativa opta-se pelo método indutivo (dos dados para teoria), por definições que envolvem o processo e nele se concretizam, pela intuição e criatividade durante o processo de pesquisa, por conceitos que se explicitam via propriedades e relações, pela síntese holística e análise comparativa e por uma amostra pequena, escolhida seletivamente. (GAMBOA, 2001)

O uso da pesquisa qualitativa se expandiu em busca de métodos alternativos aos modelos experimentais e aos estudos empiricistas, cujo poder explicativo sobre os fenômenos educacionais vinha sendo posto em questão, trazem alternativas de análises que compõem um universo heterogêneo de métodos e técnicas, entre elas, a análise de conteúdo com toda sua diversidade de propostas, passando pelos estudos de caso, pesquisa participante, estudos etnográficos, antropológicos, etc. (GATTI, 2002, p. 27).

Nesse sentido a problemática abordada na pesquisa apresenta características da pesquisa qualitativa. O foco do estudo está na compreensão. A coleta e análise dos dados têm como instrumento chave o pesquisador. E o resultado final visa contribuir para uma educação em que haja no processo, um desenvolvimento na construção do conhecimento para a formação do individuo, em uma nova concepção ética para as relações humanas, consigo mesmo e deles com seu ambiente.

Na seqüência apresenta a descrição da entrevista como material de apoio na coleta de dados subsidiando a escolha do caminho seguido no processo da pesquisa, sistematizando as categorias de análise.

9.1 Descrição da entrevista e roteiro

As entrevistas foram utilizadas como material de apoio e foram gravadas e transcritas (ver anexo N). A pesquisadora teve um contato profissional e pessoal com os entrevistados, tentou seguir um roteiro pré-estabelecido, afastando-se o máximo possível durante as entrevistas do lado pessoal e afetivo. As entrevistas não ocorreram necessariamente em uma ordem pré-determinada, muitas vezes os educadores optaram por dialogar informalmente sobre o Projeto de Ensino desenvolvido, com o que a pesquisadora consentiu, oportunizando-lhes dimanar livremente.

A princípio houve certo constrangimento com alguns entrevistados em virtude da gravação, o que no decorrer da entrevista foi amenizado pelo fato de ter existido um relacionamento profissional e afetivo. Assim, criou-se um ambiente de confiança e liberdade de expressão.

Em nenhum momento da realização das entrevistas com os educadores percebeu-se falta de interesse, ou recusa em fazer comentários sobre qualquer questão tanto profissional como pessoal em relação ao trabalho desenvolvido em 2002/2003.

Segundo Ferri (2004), a entrevista é uma das mais antigas e difundidas formas de coleta de dados orais nas ciências sociais, sua técnica por excelência supõe uma conversação continuada entre informante e pesquisadora. A autora acrescenta ainda que a habilidade do pesquisador na condução da entrevista, o nível de confiança que se

estabelece entre entrevistador e entrevistado e a relevância do assunto são fundamentais para a qualidade dos dados produzidos na entrevista.

Tristão (2004) considera que a utilização de entrevistas é um poderoso recurso na pesquisa em educação, realiza-se com conversas informais, não-estruturadas ou semi-estruturadas e subsidia a escolha de caminhos a serem seguidos a cada momento do processo da pesquisa.

Já, Fazenda (1992) considera que a opção pelo uso da prática discursiva promove uma ação situada e contextualizada em que os sentidos são produzidos e versões da realidade são construídas.

Assim, a partir da leitura das entrevistas transcritas, as frases com significado relevante, repetidas e relacionadas ao objetivo inicial proposto foram grifadas. Os dados foram recolhidos, separados e reorganizados em uma lista de categorias, desenvolvida anteriormente. Dessa maneira, classifiquei os dados descritivos que continham um significado semelhante em relação às percepções, representações sociais sobre meio ambiente, o cotidiano escolar e as práticas pedagógicas.

André e Lüdck (2000), quando tratam da análise dos dados, citam que a compreensão da pesquisa depende de conhecimento das ações, percepções, comportamentos e interações dos sujeitos relacionados ao problema.

Nesse sentido, o material para o estudo obteve-se através da análise dos dados com o apoio da análise de conteúdo, considerando como pano de fundo a problemática ambiental vivenciada pelos educadores e alunos da Escola Pública.

A análise de conteúdo como técnica de pesquisa data do início do século XX tendo como foco a análise de materiais jornalísticos. Os pesquisadores norte-americanos desenvolveram técnicas mais sofisticadas para a análise de conteúdo, particularmente procedimentos do tipo quantitativo, com destaque para a Escola de Jornalismo da Universidade de Columbia.

Harold Laswell (1927) foi o iniciador da análise de conteúdo, com seu estudo na I Guerra Mundial. Neste período, o behaviorismo era o fio condutor das Ciências Sociais e procurava descrever a conduta de indivíduos como resposta a determinados estímulos.

Em 1940 e 1950, os cientistas começaram a se interessar pelos símbolos políticos que desempenham um papel importante no desenvolvimento da análise de conteúdo.

Na década de 1950 e 60, surgiram definições, requisitos metodológicos e as primeiras controvérsias. Segundo Berelson (1954, p. 489), “a análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa para a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”. Isto significa que, para o autor, todas as mensagens escritas sejam elas jornais, revistas, livros, entrevistas etc. são mensuráveis. Para Berelson, essas tendências são essencialmente quantitativas. Tal definição, restrita e limitada, foi modificada por trabalhos posteriores.

Surgem preocupações com a validade das técnicas e a confiabilidade dos codificadores. Procurava-se uma objetividade entre as críticas de pesquisadores mais tradicionais.

A partir de 1960 as pesquisas que utilizam a análise de conteúdo são classificadas como pesquisas quantitativas tradicionais, ou seja, pesquisas cuja atenção está voltada para o estudo da comunicação não-verbal e a semiologia, os trabalhos de índole lingüística. Os últimos trabalhos surgem com Rolland Barthes, Serge Moscovici, Giraud e J. Maisonneuve, entre outros.

Na atualidade, a tendência francesa está relacionada com o estudo das variações de aspectos formais de um discurso considerando níveis lingüísticos diferentes. Os trabalhos norte-americanos estudam a relação entre elementos de um nível lingüístico, termos, objetos e atributos de um tema, aplicando técnicas quantitativas.

No entanto, o estudo dos símbolos e das características da comunicação é básico para compreender o homem sua história, seu pensamento, sua arte e suas instituições.

A análise de conteúdo é um tema central para todas as ciências humanas e com o transcurso do tempo tem se transformado em um instrumento para o estudo da interação entre indivíduos.

O conceito de análise de conteúdo vem se alterando ao longo dos tempos, à medida que se aperfeiçoa a técnica e se diversifica o campo de aplicação, com formulação de novos problemas e novos materiais.

Bardin (2004) conceitua a análise de conteúdo como:

> [..] um conjunto de técnicas de análise de comunicações visando obter, através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam inferir

> conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.(BARDIN, 2004, p. 42)

A análise de conteúdo é um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais aperfeiçoados e que se aplicam a discursos diversos. Suas características metodológicas são:

- ✓ objetividade - refere-se à explicitação das regras e dos procedimentos utilizados em cada etapa da análise de conteúdos;
- ✓ sistematização - onde o pesquisador analisa todo o material disponível, o planejamento, a coleta e a análise.
- ✓ inferências - pode ser resumida na formulação clássica: "quem diz que, a quem, como e com que efeito"? (LASWELL, et al. 1952, p.12)

Franco (2001) afirma que a análise de conteúdo é a busca do sentido ou dos sentidos de um texto, ou seja, é uma técnica desenvolvida para investigar um problema de pesquisa no qual o conteúdo da comunicação sirva de base. Isto significa que o que está escrito é o ponto de partida, a interpretação é o processo a ser seguido e a contextualização o pano de fundo que garante a relevância.

Dessa maneira, a análise de conteúdo possibilitou desenvolver o estudo caminhando para as categorizações como: *o trabalho coletivo, a motivação, a relação de poder*. Ainda propiciou o resgate histórico-sócio-cultural da comunidade, através da memória oral dos alunos e moradores antigos participantes da pesquisa.

No final de 2005, houve uma reunião pedagógica, na qual a direção da escola em questão, propiciou à pesquisadora a apresentação do estudo preliminar da análise, realizando desta forma um *feedback* com os educadores do estudo, além de contar com a presença de profissionais novos da escola.

Na próxima seção apresenta os procedimentos metodológicos realizados na coleta e análise dos dados.

9.2 Procedimentos

Para atingir os objetivos propostos e compreender as mudanças das percepções ocorridas com os dez educadores, e 28 alunos da oitava série, da Escola Pública do Ensino Fundamental Profª Ilka Muller de Mello, a pesquisa utilizou a coleta e análise dos dados de materiais narrativos mais subjetivos, através do Projeto de Ensino em Educação Ambiental realizado, nos anos de 2002 e 2003, na referida escola.

O Projeto de Ensino em Educação Ambiental forneceu os dados para análise, através de relatos, representação teatral e desenhos, elaborados pelos alunos da 8ª série no ano de 2003. O resultado constou de um "livrinho" que conta a estória de infância, as brincadeiras, e o modo de vida da comunidade pesquisada (ver seção 5, Pedra da Miraguaia: Um Projeto de Educação Ambiental, anexos J - L). As atividades do Projeto de Ensino proporcionaram o resgate histórico-sócio-cultural da comunidade, revelando a memória oral através de relatos dos educadores e da própria comunidade. (ver anexos J - P).

A análise dos dados dos educadores foi feita através de entrevistas semi-estruturadas, no ano de 2005 e 2006, gravadas e transcritas. (ver anexo O). Para a análise dos dados dos alunos foram utilizados os desenhos, por eles elaborados (ver anexos J - L), os quais serão descritos com mais detalhes no levantamento da coleta dos dados e entrevista. A análise dos dados permitiu a compreensão dos materiais recolhidos para chegar ao processo final da investigação.

Na seqüência trataremos da descrição dos sujeitos da pesquisa e os critérios para sua escolha.

9.3 Sujeitos do Estudo

O estudo baseou-se na seleção de dez educadores, que atuavam de 4ª a 8ª série no Ensino Fundamental, entre estes, três pertencentes ao corpo administrativo da escola, e, 28 alunos da 8ª série, todos participantes do Projeto de Ensino em Educação Ambiental nos anos de 2002 e 2003.

Durante o desenvolvimento e execução do Projeto de Ensino em Educação Ambiental tivemos maior contato entre os educadores. Dos dez educadores selecionados, oito destes continuam atuando na referida escola até o presente momento, um retornou à instituição, após dois anos de afastamento, e dois atuam em outras unidades escolares. Entre os três educadores pertencentes ao corpo administrativo da escola, um é também integrante da comunidade. Este se afastou da parte administrativa e retornou à sala de aula. (ver quadro um, sobre a situação dos educadores durante os anos de 2002/2003, até o momento da realização da entrevista em 2005).

Um educador participou no ano de 2002 do Projeto de Ensino em EA, retornando à escola em 2005. Outro participou nos anos de 2002 e 2003 sendo remanejado para outra instituição. Ainda um teve a sua participação no ano de 2001 e início de 2002, participando do início do processo da sensibilização dos alunos e educadores nas questões relacionadas ao meio ambiente, sendo remanejado para outra instituição escolar. Sete educadores continuam na referida escola.

ANOS/PROF	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
2002	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
2003	✓		✓	✓	✓	✓	✓		✓	✓
2004	✓		✓	✓	✓	✓			✓	✓
2005	✓	✓	✓	✓	✓	✓			✓	✓

Quadro 01-Situação dos educadores na escola

Dentre os educadores envolvidos no estudo, nos anos de 2002 e 2003, oito atuavam no magistério público por mais de cinco anos. Dois destes atuavam somente há três anos.

Quanto à formação para atuar no Ensino Fundamental, seis dos educadores tinham formação específica e quatro não possuíam formação superior. Dentre os quatro, três freqüentavam o ensino superior (vide quadro 2 - situação funcional dos educadores).

EDUCADORES	PROF .01	PROF 02	PROF .03	PROF .04	PROF .05	PROF .06	PROF .07	PROF .08	PROF .09	PROF .10
Atuavam no magistério público há mais de 05 anos	✓		✓	✓	✓	✓	✓		✓	✓
Atuavam há menos de 05 anos		✓						✓		
Formação específica	✓	✓	✓		✓	✓	✓			
Sem formação específica									✓	
Freqüentavam o Ensino Superior				✓				✓		✓

Quadro 02 – Situação funcional dos educadores

Todos os sujeitos envolvidos no estudo foram informados sobre o objetivo da entrevista, e as informações obtidas seriam utilizadas exclusivamente para fins de pesquisa, respeitando o total sigilo em relação à pessoa entrevistada. Dessa maneira os educadores foram identificados por numeração. (ver anexo O)

Os trabalhos dos 28 alunos da oitava série foram coletados e adaptados ao "livrinho", (ver anexos J e L), contado e interpretado pelos integrantes do grupo no ano de 2003.

9.3.1 Levantamento da coleta de dados dos alunos

A análise dos dados se fundamentou nas percepções e representações sobre meio ambiente e a problemática ambiental na Pedra da Miraguaia. Ainda, para a contextualização do estudo utilizou-se como recurso entrevista, realizada no ano de 2006, com oito, dos 28 alunos. A entrevista teve como finalidade compreender o que foi significativo para os alunos selecionados durante o desenvolvimento do Projeto de Ensino em Educação Ambiental, e que influência e impactos este Projeto de Ensino causou, atualmente, em função da Pedra da Miraguaia.

Para compreender os significados dos desenhos (ver anexo L) sobre as percepções e representações sociais, elaborados pelos sujeitos envolvidos no estudo, foi utilizada para análise uma tabela sobre representações sociais de Sauvé, (2002).

A realização dos desenhos ocorreu a partir de observações, anotações e aulas extraclasse, onde os alunos, junto com a pesquisadora, relataram as vivências, as

brincadeiras de infância e as estórias da comunidade. Esses relatos foram realizados na praia em frente à Pedra da Miraguaia, aconteceram durante algumas tardes, entre os meses de março a maio de 2003, com anotações escritas. Através dos relatos obteve-se o resgate histórico sócio cultural da comunidade e a estória das lendas.

9.3.2 Levantamento da coleta de dados dos educadores

Para o estudo da análise dos dados dos educadores envolvidos utilizou-se a entrevista semi-estruturada, realizada nos meses de abril a novembro de 2005. Estas entrevistas aconteceram em dias alternados, no ambiente escolar, na pequena sala dos educadores.

A sala dos educadores também funcionava como biblioteca da escola, além de ser utilizada como sala de aula de reforço, por isso o espaço físico para as entrevistas se tornou pequeno havendo algumas interferências e interrupções no decorrer das entrevistas.

As entrevistas foram realizadas no ambiente escolar com sete dos dez educadores. A direção escolar autorizou que as entrevistas fossem realizadas em horário de hora/atividade dos educadores, de forma individual, dentro do espaço disponível, com isso ocorreram algumas interrupções tanto de alunos como do corpo docente, conforme já relatado anteriormente.

Dos três educadores entrevistados, dois estavam atuando em outras instituições e não tinham horários disponíveis para receber a pesquisadora. Dessa maneira duas entrevistas aconteceram de modo informal, em horário pré-estabelecido com os entrevistados em suas respectivas residências, por incompatibilidade de horário entre a pesquisadora e os entrevistados.

As entrevistas buscavam compreender o que realmente ocorreu durante o processo de desenvolvimento do Projeto de Ensino, de que forma eram realizadas as ações pedagógicas, o que foi marcante em todo trabalho realizado, e quais foram os aspectos fundamentais para a concretização do Projeto de Ensino.

10 ANÁLISE DOS DADOS

Na seqüência temos a análise do estudo que esclarece os processos implicados para interpretar e analisar a coleta de dados com os 28 alunos e dez educadores da Escola Pública Profª Ilka Muller de Mello do Ensino Fundamental. Assim o estudo se baseia na compreensão das percepções e representações dos educadores e alunos têm em relação às questões ambientais e à escola.

Nesta análise ao que tudo indica o Projeto de Ensino realizado na Escola Pública, em 2002 e 2003, gerou uma consciência e ação crítica de contextualização, no sentido de perceber a própria prática pedagógica, do ensinar a pensar, a aprender, a integrar, a interagir e a relacionar os conteúdos curriculares com o cotidiano escolar, com a realidade dos educandos.

O que se percebe é que o Projeto de Ensino, em função da Pedra da Miraguaia, procurou desenvolver uma prática pedagógica transformadora e complexa. Criou possibilidades de uma intervenção educacional no reconhecimento da dimensão ambiental, promovendo a formação da cidadania em um movimento coletivo para a construção de uma sociedade capaz de interagir e integrar na direção do complexo.

Além de contribuir para uma educação que no processo de ensino-aprendizagem busque um desenvolvimento na construção do conhecimento para a formação do indivíduo, inserindo uma nova concepção ética para as relações humanas entre si e com o seu ambiente.

10.1 As percepções e representações dos alunos

A coleta dos dados com os 28 alunos da 8ª série do Ensino Fundamental se realizou no ano de 2003, em função do Projeto de Ensino. A partir deste Projeto foram retirados os desenhos (ver anexo L) e relatos. Através dos desenhos e falas surgiu a história da infância (ver anexo J), a lenda da Mulher de Branco na Pedra da Miraguaia e o modo de vida dos moradores da região, (ver anexo O, Prof. 10 e anexo P e Q). Dessa maneira a coleta dos dados dos alunos propiciou um resgate sócio-histórico-cultural da comunidade, de seus valores, até então esquecidos, e por muitos desconhecidos, pois é

importante salientar a dificuldade de se encontrar registro documental que abranja a especificidade da comunidade, sua origem, modo de vida, desde a sua colonização até o momento atual.

Os desenhos elaborados pelos alunos envolvidos no estudo foram identificados por numeração (ver anexo L). Através dos dados buscou-se compreender e clarificar como os alunos percebiam e representavam o meio ambiente, principalmente, no que se refere à extração desordenada de sementes de mariscos na Pedra da Miraguaia.

A análise fundamenta-se em autores que relacionam as percepções e representações sociais de forma crítica, articuladas com a memória oral e lenda, dentro de um contexto histórico social amplo e complexo.

Reigota (2002) considera que as representações sociais são expressões individuais, mas elas são consideradas fundamentalmente sociais, pois estão relacionadas com o princípio de que toda pessoa é reflexo de sua herança biológica, econômica, social e cultural e das interações cotidianas que vivencia. O autor considera que a expressão, seja oral, escrita, visual ou gestual, de cada um traz implícitas as influências que recebe e a forma como reelabora, recria e singuraliza estas influências. Isto significa que, nada do que a pessoa expressa é fruto apenas de si, de sua elaboração individual, mas é sim resultado das interações sociais que herda, estabelece, procura, recebe e convive. Esses componentes são fundamentais para a compreensão das representações sociais e de sua importância na prática pedagógica.

Nesse sentido, o estudo investigou as representações dos alunos envolvidos no processo através dos seus desenhos e relatos relacionados à da Pedra da Miraguaia. Além da compreensão, o estudo possibilitou conhecer como os alunos percebem o “ambiente” em que vivem. Isto significa que conhecer as representações dos alunos para os educadores, dependendo do que aceitamos como ambiente, nossas representações poderão direcionar e auxiliar nossas práticas pedagógicas de Educação Ambiental. (SATO 2004)

A análise das representações dos desenhos elaborados pelos alunos procurou seu aporte teórico em Sauvé (2002), que classifica as representações ambientais em sete categorias:

- ✓ meio ambiente não é tema e sim uma realidade cotidiana e vital;
- ✓ meio ambiente é natureza (apreciar, preservar);
- ✓ recurso (administrar, compartir); problema (prevenir, resolver);
- ✓ sistema (quer compreender para tomar melhores decisões); meio de vida (quer conhecer, quer organizar);
- ✓ território (lugar de pertinência e identidade cultural); paisagem (quer recorrer, interpretar);
- ✓ biosfera (viver juntos em longo prazo);
- ✓ projeto comunitário (comprometimento) é um conjunto de relações e interpretações que estão inter-relacionadas e se complementam.

Através desse conjunto e estas dimensões interrelacionadas se complementam as relações com o meio ambiente. Estas categorias, no entanto, são apenas concepções sobre o mundo, não existe certo ou errado, estas podem estar conectadas com uma ação ou pensamento com o outro. Nesse sentido, a Educação Ambiental se situa no centro de um projeto de desenvolvimento humano. É uma rede de relações entre as pessoas, um grupo social e o meio ambiente.

Dentro do contexto e de acordo com o quadro de Sauvé, foi realizada a investigação dos desenhos e análise dos mesmos. (ver a seguir quadro 03 das representações ambientais)

Representações	Palavras-chave	Problema identificado	Objetivos da EA	Exemplos de estratégia
Natureza que devemos apreciar e respeitar	Preservação, árvores, animais e natureza	Ser humano dissociado da natureza (mero observador)	Renovação dos laços com a natureza, tornando-nos parte dela e desenvolvendo a sensibilidade para o pertencimento.	Imersão na natureza "aclimatização", processos de admiração pelo meio natural.
Recursos que devemos gestionar	Água, resíduos sólidos, energia, biodiversidade.	Ser humano usando os recursos naturais de uma forma irracional	Manejo e gestão ambiental para um futuro sustentável	Campanhas, economia de energia, reciclagem do lixo e interface com a Agenda 21.
Problemas que devemos solucionar	Contaminação, queimadas, destruição, danos ambientais.	Ser humano tem efeito negativo no ambiente e a vida está ameaçada	Desenvolver competências e ações para a resolução dos problemas por meio de comportamentos responsáveis	Resolução de problemas, estudo de caso.
Sistema que devemos compreender para as tomadas de decisão	Ecossistema desequilíbrio ecológico, relações ecológicas.	Ser humano percebe o sistema fragmentado, negligenciando uma visão global.	Desenvolver pensamento sistêmico (ambiente como um grande sistema) para as tomadas de decisões	Análise das situações, modelagem, exercícios para validação dos conhecimentos e busca de decisões.
Meio de vida que devemos conhecer e organizar	Tudo que nos rodeia, "oikos", lugar de trabalho e estudos, vida quotidiana.	Seres humanos são habitantes do ambiente sem o sentido de pertencimento	Redescobrir os próprios meios de vida, despertando o sentido de pertencimento.	Itinerários de interpretação, trilhas da vida e estudos sobre o entorno.
Biosfera que vivemos juntos em longo prazo	Planeta Terra, ambiente global, cidadania planetária, visão espacial	Ser humano não é solidário e a cultura ocidental não reconhece as relações do ser humano com a Terra.	Desenvolver uma visão global do ambiente considerando as inter-relações local e global, entre o passado, presente e futuro por intermédio do pensamento* cósmico.	Valorização e utilização das narrativas e lendas das comunidades autóctones, discussões globais, enfoques da Carta da Terra.
Projeto comunitário com comprometimento	Responsabilidade, projeto político, transformações, emancipação	Ser humano é individualista e falta compromissos políticos com sua própria comunidade	Desenvolver a práxis, a reflexão e a ação por intermédio do espírito crítico e valorizando o exercício da democracia e do trabalho coletivo	Fórum ambiental com a comunidade, pesquisa – ação e pedagogia de projetos.

Quadro 03 - Representações ambientais.[39]

[39] Representações ambientais. Traduzido e modificado de Sauvé (2002).

Na análise dos desenhos, além da tabela sobre representações ambientais, foi levada em consideração a convivência profissional diária com os alunos, peducadora e pesquisadora; a história de vida de cada um e o envolvimento que estes tinham em relação à Pedra da Miraguaia.

Nesse sentido, pode-se dizer que:

- ✓ 23 representaram o meio ambiente como meio de vida, lugar de trabalho onde suas famílias procuravam o sustento para a sobrevivência. Destaca na vida cotidiana a Pedra da Miraguaia, relacionada à extração de mariscos, ou o mar com suas embarcações como um meio de vida, onde seus pais saem cedo com suas embarcações a procura de peixes para a sobrevivência. Desses 23 alunos, seis participavam diretamente da extração de mariscos e, os outros 17 tinham parentes próximos que viviam da pesca e dessa extração. Todos os 23 alunos eram moradores da comunidade. Isto sinaliza que, talvez, por suas famílias serem moradores antigos na comunidade e sobreviverem da pesca, os desenhos elaborados tenham uma forte relação com a Pedra da Miraguaia, com o mar como um local de trabalho e meio de sustento para as famílias. (ver anexo L, figura 19 - desenhos de números 01-03-04-05-06-07-08-09-11-12-13-14-15-16-17-18-20-21-22-23-26-27-28).

Figura 19- Desenho 08

✓ 02 representaram o meio ambiente como natureza na forma de apreciação e respeito, como algo lindo intocado, o ser humano dissociado da natureza, apenas como observador. Para esses alunos, o mar, a Pedra da Miraguaia é local de admiração pela beleza natural. (ver anexo L, figura 20 - desenhos 24-25). Provavelmente esses desenhos estejam relacionados ao fato de os alunos não participarem da extração de mariscos, por terem maior poder econômico, pois seus pais em outros setores que não o da pesca, desconhecia a problemática ambiental dos integrantes da comunidade. Um deles não era morador da comunidade, e outro era recém-chegado do interior de Santa Catarina.

Figura 20-Desenho 25

✓ 01 representou o meio ambiente relacionado à história de infância. Retirava o aipim do quintal das casas dos veranistas para fazer fogueira e alimentar os pais que ficavam de vigia na Pedra da Miraguaia durante a noite toda. (ver anexo L, figura 21 - desenho 10). Pode-se dizer que, para esse aluno, o meio ambiente se relaciona a um recurso de interação com a vida cotidiana.

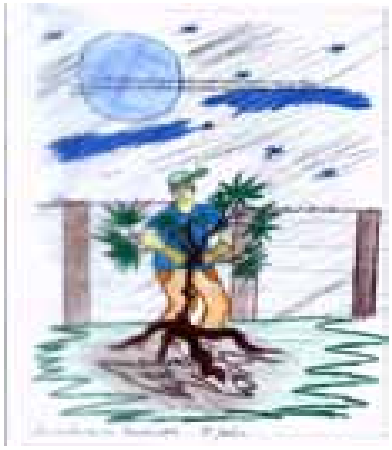


Figura 21-Desenho 10

✓ 01 representou o meio ambiente relacionado à escola. Para esse aluno a escola é o local onde mais gosta de estar. A escola está relacionada à sua representação de afetividade, talvez por ser filho único, e não participar de um convívio social fora da escola. A escola é o local onde pode ter um relacionamento de companheirismo e amizade com os amigos da classe. É onde estuda e, ao mesmo tempo onde fez amigos e tem um convívio afetivo e social. (ver anexo L, figura 22 - desenho 02).

Figura 22-Desenho 02

✓ 01 representou o meio ambiente relacionado à problemática ambiental vivenciada pela comunidade com a extração de sementes de mariscos. Onde os alunos e pais que extraem os mariscos fora de época são aprisionados, perdendo toda a produção da retirada das sementes. No momento da elaboração do desenho, a comunidade estava vivendo um clima de tensão, alguns amigos de sala estavam vivenciando essa problemática, por isso a sua percepção e representação de meio ambiente se direcionou ao fato do que vinha ocorrendo, e estava sendo trabalhado em sala de aula pelos educadores. (ver anexo L, figura 23 - desenho 19).

Figura 23-Desenho19

Assim, pode-se supor que o maior número de desenhos e suas representações se relacionam à própria realidade vivenciada, o meio ambiente como local de trabalho, ou seja, a questão do meio ambiente está relacionada à percepção econômica da subsistência, os seres humanos como habitantes do ambiente sem o sentido de pertencimento. Usufruem os recursos naturais ali existentes, sem perceber a degradação ambiental, e não estabelecem a sua integração com o meio ambiente.

Através dos dados coletados, sobre as memórias de infância, das atividades dos pais, e da comunidade surgiu a “Lenda da Mulher de Branco na Pedra da Miraguaia”. Nesse momento único em que os saberes dos educandos foram ouvidos, a participação dos pais e avós na escola recuperou visões, estórias, lendas que serviram para desenvolver os desenhos, representações teatrais e contextualizar a problemática ambiental vivenciada por eles.

CINTRA (2004, p.19) menciona que “[...] as lendas são capazes de insinuar o que não está visível ajudando a delinear a alma de um povo”. Ou seja, as várias versões de uma mesma lenda podem apresentar diferentes possibilidades de interpretação de uma mesma realidade. Também relata que, quando a interferência do desenvolvimento econômico sobre determinado ecossistema causa a degradação, a cultura desse lugar tende a se desagregar e vice-versa.

Becker (1999) e Goldenberg (1997) afirmam que o registro da história de vida de indivíduos ao focalizar suas memórias pessoais, constrói também uma visão mais concreta da dinâmica de funcionamento e das várias etapas da trajetória do grupo social a que pertencem. O registro de histórias, além de ser um instrumento fundamental para compreensão do passado recente, também possibilita que indivíduos pertencentes a categorias sociais, geralmente excluídas da história oficial, possam ser ouvidos.

Ruscheinsky (2005) considera que, através de conversas com pessoas sobre a sua experiência e ainda o impacto que estas tiveram na vida de cada uma, a partir da memória individual tem um significado de conivência e cumplicidade, além da riqueza de significados e emoções expressa pelo narrador ao pesquisador, pois se desvela a subjetividade, partilham-se intersubjetividades e se constrói uma identidade sócio-histórica.

Cintra (2004) considera que os relatos de lendas, por mais fantasiosos que possam parecer, não devem ser desqualificados. Esses relatos quase sempre sinalizam a necessidade de manter algum elo que possa garantir a continuidade da vida. Nesse sentido, resgatar as lendas é uma das formas de contribuir para a conscientização da necessidade de conservar o ambiente natural, além de ser um processo de aprendizagem baseado no respeito, na solidariedade e na recuperação de valores.

Dessa maneira através dos desenhos e falas, no quais se desvelaram às crenças, a vivência e as relações com a questão ambiental, permitiram desvencilhar os significados e as percepções da subjetividade dos envolvidos relacionados à questão ambiental, como produzir uma fonte do conhecimento popular e histórico da região enfocada.

Na seqüência, (ver quadro geral 04) as representações, em relação ao meio ambiente e a Pedra da Miraguaia, dos alunos, através dos desenhos elaborados em 2003, e em 2006 através da entrevista.

Alunos	05	07	09	13	15	16	24	25
Em 2003	Meio ambiente como meio de vida	Meio ambiente como meio de vida	Meio ambiente como meio de vida	Meio ambiente como meio de vida	Meio ambiente como meio de vida	Meio ambiente como meio de vida	Meio ambiente como natureza na forma de apreciação e respeito,	Meio ambiente como natureza na forma de apreciação e respeito,
Em 2006	Percebe de forma diferente. Há uma maior conscientização. Em suas ações.	Muita coisa mudou depois do projeto. Hoje está mais consciente em relação ao meio ambiente.	Percebeu uma grande diferença. Já não participa mais da atividade. Meio ambiente é tudo.	O meio ambiente também está incluído o ser humano. Percebeu que ficou mais consciente em suas ações.	Não participa mais da extração de mariscos. Procurou outro serviço. O meio ambiente é local para cuidar.	Percebeu que o meio ambiente é local onde todos seres vivos e não vivos devem viver em paz. Não participa mais da extração.	Percebe uma conscientizaç ão maior em relação ao meio ambiente. Acredita que muita coisa mudou.	Meio ambiente como apreciação. Nada mudou.

Quadro 04 dos alunos – Percepções e Representações

Este quadro dentro do contexto nos mostra alguns possíveis resultados sem a pretensão de serem finais, pois existem múltiplos caminhos a serem investigados e abordados. Assim nesta análise referente aos alunos pode-se perceber as mudanças de percepções em relação ao meio ambiente e a problemática ambiental, em função da Pedra da Miraguaia.

O Projeto de Ensino em Educação Ambiental iniciou em 2002, após um ano de atividades pedagógicas, os alunos elaboraram desenhos (ver anexo L). Passados três anos da elaboração das atividades pedagógicas do Projeto de Ensino, em 2006, foram entrevistados oito deles. Na entrevista a pergunta foi em torno de procurar saber, o que remanesceu de toda a atividade pedagógica realizada na escola em 2003, e de como percebem o meio ambiente atualmente.

Sete destes alunos responderam (ver quadro 04), que após a elaboração do Projeto de Ensino alguma coisa mudou, tanto em relação ao significado da Pedra da Miraguaia quanto na percepção de meio ambiente. Hoje afirmam que suas atitudes são diferentes e que aprenderam muita coisa com o desenvolvimento do Projeto feito pela escola. Aprender sobre a parte histórica social da comunidade foi um ponto positivo para a reconstrução de um novo conhecimento. Perceber a Pedra da Miraguaia como um recurso natural que deve ser conservado de forma responsável foi outra questão marcante para eles.

Nesse sentido pode-se afirmar que para os sete alunos o Projeto de Ensino realizado pela escola teve um significado relevante. Pelo que se pode perceber através das falas, o Projeto de Ensino, possibilitou para estes alunos uma mudança de atitudes em relação ao meio em que vivem, ou seja, construíram uma visão mais concreta da dinâmica de funcionamento da interação ser humano⇔ natureza. Possibilitou conscientizar da necessidade de conservar o ambiente natural, além de recuperar a história da comunidade, e isto promoveu e possibilitou um ensino de qualidade.

Já para o aluno que respondeu que nada mudou sua percepção de meio ambiente, pode significar que para ele o meio ambiente continua sendo um local de apreciação, continuou não relacionando o ser humano no contexto, além de não se preocupar muito com as questões ambientais. Neste sentido tudo indica que para este aluno a não participação nas atividades de extração de sementes de marisco na Pedra da Miraguaia, e ser morador recente na comunidade em 2003, a atividade desenvolvida não teve um significado relevante e não alterou seu modo de pensar ou agir.

10.2 As percepções e representações dos educadores

Neste contexto a abordagem tem a intenção de contribuir, pelo menos em parte, para que os educadores ampliem sua compreensão sobre a Educação Ambiental, que esta se reflita nas ações pedagógicas, na importância de integrar o cotidiano, nas vivências e nos saberes dos educandos. Sem a pretensão de propor fórmulas ou idéias definitivas, se busca uma compreensão de forma incompleta de interpretar e analisar a atividade desenvolvida do Projeto de Ensino em função de um tema gerador Pedra da Miraguaia.

Nesse sentido a análise se tornou importante para desvelar as causas e conseqüências que a Pedra da Miraguaia, causou nos educadores, dentro de um Projeto de Ensino que buscava interagir e integrar o cotidiano dos alunos no contexto escolar.

Assim, a entrevista realizada com os dez educadores permitiu compreender, clarificar e avaliar as questões relacionadas às mudanças das percepções e representações das questões ambientais, como interagem no meio ambiente e em suas práticas pedagógicas, a partir do Projeto de Ensino em Educação Ambiental, em função do tema gerador. Além de que a entrevista como prática discursiva buscou uma interpretação da fala, permitindo clarificar sobre a maneira de como os sujeitos interpretam esses aspectos.

Nas entrevistas realizadas com os educadores, no ano de 2005, procurou-se fazer questionamentos que levassem à compreensão do que realmente foi marcante em toda a atividade pedagógica realizada em função da Pedra da Miraguaia. Dessa maneira, os dados coletados para a análise surgiram das falas transcritas, que foram retomadas por diversas vezes, e deram origem categorias temáticas relacionadas aos objetivos do estudo. *o trabalho coletivo, a motivação* e *as relações de poder*.

A primeira categoria temática o ***trabalho coletivo***, direciona-se para a educação crítica e emancipatória, e aos próprios fazeres pedagógicos tão necessários para uma ação educativa transformadora, baseada em um processo de reflexão e construção diante da complexidade de uma nova compreensão de mundo.

A segunda categoria ***motivação*** busca-se a compreensão sobre os aspectos relacionados às ações pedagógicas dos educadores e os saberes dos educandos em uma dinâmica envolvendo uma reflexão crítica dentro de um ambiente educativo complexo, dialógico, de saberes compartilhados e de múltiplas mediações.

Na terceira categoria temos *as* ***relações de poder***, investiga-se o que ocorreu e remanesceu de todo o processo sobre o aspecto relacional entre os educadores, alunos e comunidade, partindo do pressuposto que nenhum processo social pode ser compreendido de forma isolada.

Ainda faz-se uma abordagem em torno *da* ***memória oral***, esta não é descrita como uma categoria, mas emergiram dos relatos de alunos, educadores e comunidade. A análise partiu do pressuposto que as percepções da subjetividade dos envolvidos

produzem uma ampliação do conhecimento histórico e popular e têm como uma das especificidades a intencionalidade de produzir documentos que se tornarão fontes do conhecimento da história da comunidade.

A seguir descrevem-se as categorizações com o objetivo de compreender o que realmente remanesceu de toda a atividade pedagógica procura-se relacionar, através das entrevistas, trechos das falas dos educadores que levassem ao entendimento da educação em um sentido amplo e complexo e das relações indivíduo⇔ sociedade⇔meio ambiente.

10.3 A Educação como trabalho coletivo

No presente estudo os educadores entrevistados, foram identificados por numeração, por uma questão de sigilo da sua real identidade. O trabalho coletivo foi um dos aspectos que chamou atenção, através da fala dos educadores, justamente, por ser esse um fator, que dificilmente se encontra nas escolas públicas.

Na escola tradicional, o professor considera o seu trabalho de “ensino” não exatamente como uma “educação” e sim, conteúdos. Educar para uma transformação crítica e emancipatória e de intervenção nos direciona para um processo permanente de construção de valores e atitudes baseadas na coletividade e na forma como agimos e refletimos, transformando a nossa realidade. (FREIRE, 2003)

Para facilitar a compreensão desta categoria, destacam-se fragmentos das falas dos educadores relacionado à educação e às práticas pedagógicas.

Assim temos o depoimento de um educador que lecionava no magistério público há mais de dez anos e era participante do Projeto de Ensino, em 2002 e 2003, com formação específica para atuar no Ensino Fundamental. Na fala relata que, até a época da elaboração do Projeto de Ensino, nunca tinha relacionado em suas atividades pedagógicas o cotidiano dos alunos, a partir da atividade pedagógica desenvolvida, as suas aulas começaram a mudar.

> [..] quando nós começamos a fazer o projeto essa questão da retirada de sementes de mariscos, não tinha sido trabalhada, pelo menos por mim não tinha, e aí toda a escola se empenhou para fazer o projeto, trabalhar juntos professores todos unidos, [...] porque mesmo sendo uma escola litorânea eu

> nunca tinha trabalhado a retirada de sementes de mariscos, [...] Isso que era coisa da realidade diária dos alunos, [...] tem coisas que eu aprendi e que passei a entender depois do desenvolvimento do projeto, e que nunca tinha percebido ou praticado em sala de aula [...]. Prof.01

Freire (2003) nos leva a refletir sobre os educadores e as ações pedagógicas, destacando a importância de o professor relacionar os saberes dos educandos na prática docente. E, quando isto ocorre há um processo de superação na forma de ensinar. Freire afirma, ainda, que ensinar é muito mais do que transmitir os conteúdos pré-estabelecidos, ensinar requer entre outras coisas, compartilhar hábitos, valores e atitudes, relacionar na prática docente os saberes dos educandos como uma forma de superação ao puro ensino dos conteúdos. Isto demonstra que talvez, o Projeto de Ensino fez com que este educador refletisse sobre as ações pedagógicas que vinha realizando por todos esses anos sem a adequada contextualização.

O Prof. 6, que participou da atividade pedagógica somente no ano de 2003, com mais de 10 anos de experiência no magistério público, formação específica, comenta sobre a integração dos educadores envolvidos e o trabalho interdisciplinar. Já o Prof. 5, que participou da atividade em 2002 e 2003, com mais de dez anos em sala de aula, também com formação específica, relata que, percebeu todos os educadores trabalhando de forma conjunta. A seguir destaca-se algum trecho da fala dos educadores citado:

> [...] não teve dificuldades porque sempre foi unido [refere-se aos educadores], [...] a gente fez um trabalho integrado, a gente trabalha unido, sempre teve uma interdisciplinaridade, [...] houve uma integração, [...] eu não sei como era antes, mas o tempo em que estou aqui sempre foi bem integrado todos bem unidos. Prof. 06

> [...] eu acho que todo mundo trabalhou junto e todos tinham esse objetivo de educar demonstrar até alguns como eu no processo de aprendizado crescer juntos, as atitudes mudaram, hoje eu sou muito mais consciente do que eu era em 2002/2003 [...] Prof. 05

Dessa maneira analisando a fala dos educadores de forma crítica e emancipatória, menciono Guimarães (2005) ao lembrar que, quando existe um movimento coletivo em que um indivíduo interage com o outro, constitui um conjunto em movimento que pode mudar o curso da história pela práxis de sujeitos individuais e coletivos, rompe-se, dessa maneira, a individualização, a não-reprodução do que já está estabelecido, e prepara-se a

construção do novo. Nesse sentido o trabalho integrado e interdisciplinar entre todos propiciou relacionar os diferentes saberes sendo possível construir conhecimentos amplos e complexos da realidade na qual estão inseridos.

O Prof. 2 possuía três anos de experiência no magistério público quando participou da atividade pedagógica. Regressou à escola depois de dois anos de afastamento, pôde rever os mesmos alunos já em outras séries. Seu relato é sobre o trabalho coletivo e interdisciplinar entre todos os participantes

> [...] Eu lembro do começo do projeto que começou haver conflitos com as famílias dos alunos e com alguns alunos também, que eram presos porque tiravam da pedra da miraguaia mariscos, os alunos faziam como atividade para se sustentar sem a preocupação com a natureza, isso veio acarretar no caso a idéia desse projeto. [...] na época todas as disciplinas tinham que se envolver nesse tema... pegar junto houve um trabalho coletivo, um bom número de alunos a gente conseguiu atingir sim... porque o projeto ajudou bastante a trabalhar com os alunos não só aquilo que ele tem que saber [referindo-se ao conteúdo disciplinar], mas no geral que faz parte do mundo o que é o mundo a gente tem que cuidar e porquê. Prof. 02

Segundo Lima (2004), quando a educação está voltada para uma prática que procura despertar a consciência do educando, através de temas geradores pertencentes ao universo vivido, trabalha-se a percepção de indivíduo no mundo em relação aos outros indivíduos, visando sua inserção crítica nessa realidade.

De acordo com Guimarães (2004), um ambiente educativo crítico é aquele que se constitui nas relações estabelecidas no cotidiano escolar, e no qual o processo educativo não se restringe ao aprendizado individualizado dos conteúdos escolares, mas se dá na relação de um indivíduo com o outro, contrapondo-se à educação conservadora que individualiza o processo pedagógico.

Ao analisar a educação como uma forma de intervenção no mundo, encontro Loureiro (2004) que enfatiza a educação ambiental como um processo permanente, cotidiano e coletivo pelo qual agimos e refletimos, transformando a realidade da vida.

O Projeto de Ensino, realizado pela escola, fez com que os educadores refletissem sobre as ações pedagógicas e buscassem alternativas de soluções para a problemática ambiental. Esse processo contribuiu para uma educação que favoreceu um pensar de forma diferente. Com isso os educadores puderam refletir sobre um novo fazer pedagógico que se impõe nessa nova era transformada e transformadora.

Assim, o trabalho conjunto, a participação, a integração e a interdisciplinaridade buscaram superar a visão disciplinar fragmentada e reducionista, elaborando uma interpretação ampliada da realidade, em que todos os envolvidos tentaram de certa forma compreender e atuar nessa realidade complexa com o objetivo de superar a problemática ambiental e de transformar as ações pedagógicas relacionadas à realidade local.

O Prof. 2 acrescenta, ainda, um outro aspecto que considerou relevante quando se trabalha em conjunto, destacando o modo de ensinar e avaliar o aluno:

> [...] eu dou aula há cinco anos e no começo eu me preocupava muito com passar conteúdos, notas e não avaliar no geral aí com a experiência com esses projetos que foi desenvolvido ao longo de nossa vida profissional é que a gente vai crescendo cada vez mais com os colegas de trabalho, com as conversas os mais experientes passam para gente [...]. Prof. 02

Pode-se perceber na fala desse educador que, depois do desenvolvimento do Projeto de Ensino, alguma coisa aconteceu em relação à forma de pensar. Esse aprender com os colegas de trabalho, as trocas de experiências, nos lembra Moscovici (1990), ao afirmar que quando estamos reunidos e formamos um grupo alguma coisa muito importante acontece com cada um de nós. Passamos a sentir e a pensar de forma totalmente diversa. Ou seja, a interação entre os educadores propiciou um pensar de forma adversa, criando uma ressignificação do processo de interpretar as suas atitudes frente às ações pedagógicas.

Morin (2000) afirma que "[...] é preciso substituir um pensamento que isola e separa por um pensamento que distingue e une". Isto significa que há necessidade de um pensamento que compreenda entre outras coisas que o conhecimento das partes depende do todo e que o conhecimento do todo depende do conhecimento das partes. Ou ainda, se pensarmos nas relações entre conhecimento, ensinar, e escola, isto se dá na reforma do pensamento e na interligação de todos os conhecimentos. Assim ensinar não é transmitir somente o saber, mas é promover a integração entre todas as partes para que não haja um pensamento reducionista, fragmentado e fragilizado.

Educar para a transformação não é apenas reproduzir a transmissão do conhecimento e sim emitir saberes para serem compreendidos, contextualizados e problematizados. Guimarães (2005) lembra que, quando estabelecemos uma interação

coletiva baseada na necessidade concreta dos indivíduos, a educação é mais do que transmitir o conhecimento dos conteúdos disciplinares. De certa maneira, torna-se claro que o ensino baseado na transmissão de conteúdos leva ao isolamento e à fragmentação dos conhecimentos.

Nessa perspectiva, o pensar conjunto da atividade pedagógica, a relação de diálogo e compartilhamento entre todos os educadores envolvidos permitiu que o seu processo de reflexão fosse além das expectativas.

A atividade pedagógica desenvolvida propiciou aos educadores uma maneira de pensar diferente, tanto em relação à forma de ensinar quanto nas ações pedagógicas e, até mesmo, no processo de avaliação do aluno, percebendo-o não de forma particular e individualizada apenas no momento pré-determinado da avaliação escolar, mas numa visão geral, em sua totalidade. É possível que a atividade pedagógica desenvolvida do Projeto de Ensino tenha aproximado os educadores e a sua integração.

10.4 A Educação como motivação

Essa categoria temática emergiu através da leitura das entrevistas no processo das ações pedagógicas dos educadores relacionados aos saberes dos educandos. Querendo ou não estamos, no conviver com outros e com o mundo, nos ensinando e aprendendo.

Despertar o interesse dos educadores e educandos em uma dinâmica que envolva uma reflexão crítica na troca de experiências e saberes de diálogo, onde se ensina e aprende junto, e dentro dessa compreensão se compartilha, se sociabiliza os conhecimentos e se cria um ambiente educativo, dialógico, aberto, curioso, indagador e atuante. (FREIRE 1996)

Se pensarmos a escola como um espaço dialógico e de saberes, a educação passa a ser um processo de sociabilização do conhecimento e não uma reprodução da transmissão de saberes. Reigota (2000) lembra que a escola é uma instituição social, responsável pela formação dos cidadãos e que a prática dos educadores tem um papel importante e, assim, torna-se fundamental conhecer as suas representações sociais sobre o meio ambiente.

Durante a análise das entrevistas pode ser observado que, a não-individualidade, o pensar conjunto diante da problemática ambiental vivenciada pela escola, podem ter propiciado o início de uma integração no desenvolver da atividade fazendo com que os educadores comecem a perceber e agregar a vivência dos educandos nas ações pedagógicas. Isto se percebe em um trecho da fala do Prof. 4, quando comenta :

> [..] A nossa grande preocupação, era o cultivo do marisco, na Pedra da Miraguaia, porque os nossos alunos, a gente entrava nas salas principalmente 6ª, 7ª e 8ª e a gente se deparava com aquela falta grande de alunos, [...] começamos a investigar, ir ver o porquê dessas faltas, o que eles faziam, eles iam com os pais para a praia à noite, na pedra para tirar as sementes de marisco então isso pra nós, se tornou até um trabalho assim social [...]. Prof. 04

A preocupação com a falta dos alunos em sala de aula deu início ao processo de investigação e revelou a vontade de fazer alguma coisa que motivasse os alunos e os levasse a compreender a problemática ambiental. Nesse sentido, o Projeto de Ensino procurou relacionar a vivência dos alunos nas ações pedagógicas. Esse aspecto até chega a surpreender porque nas entrevistas todos os participantes em suas falas relacionam a vivência dos alunos nas ações pedagógicas.

Freire (2003b, p.59) considera que não é possível aceitar uma prática educativa que ignore os saberes dos educandos, "[...] É preciso que o(a) educador(a) saiba que o seu 'aqui' e o seu 'agora' são sempre o 'lá' do educando. [...]" No fundo, ninguém chega lá, partindo de lá, mas de um certo aqui. Isto significa, em última análise, que não é possível o educador desconhecer, subestimar ou negar os "saberes de experiências feitos" com que os educandos chegam à escola. Como afirmam os entrevistados, os planejamentos eram feitos e, ao mesmo tempo existia, também, uma grande vontade de conhecer, de fazer, de buscar e de resolver. Os educadores já não eram mais obrigados a exigir dos alunos a fazer alguma coisa, eles mesmos vinham com idéias e ações para serem realizadas.

No trecho da fala de um educador que participou do Projeto em 2002, depois retornou à escola em 2005, pode-se ressaltar que o diálogo, a troca de saberes e experiências, na atividade pedagógica realizada, fez com que este educador percebesse algo diferente em relação aos alunos, conforme relata:

> [...] eu notei os alunos bem mais conscientes, e é interessante porque eu trabalhei com a 5ª série em 2002, eram pequenos tal, e agora que eu retornei eles estão na 8ª série e vejo que muitos ali são bem críticos em relação ao meio ambiente....nesses pequenos momentos que a gente vê o resultado daquelas conversas que a gente teve desse projeto [...]. Prof. 02

Na fala desse educador percebe-se um aspecto interessante relacionado ao papel do professor na sociedade e a complexidade da tarefa de educar. Maturana (1993, p.25) lembra que "educar é uma coisa muito simples: é configurar um espaço de convivência desejável para o outro de forma que eu e o outro possamos fluir no conviver de uma certa maneira particular". Nesse sentido a atividade pedagógica do Projeto de Ensino favoreceu para que emergisse uma educação como um processo de autoconstrução, criando condições aos educandos para que eles se tornassem críticos. Isto criou possibilidades de uma educação com base no processo de transformações sociais e culturais decorrentes da experiência do indivíduo e o meio em que vive. Dessa forma o ato de educar tornou-se mais do que transmitir o conhecimento dos conteúdos disciplinares,

Em outro trecho da fala o Prof.10, com mais de dez anos de experiência no ensino público, está em fase de conclusão do Ensino Superior, quando questionado sobre a sua participação na atividade, relata que, apesar de estar mais presente na parte administrativa naqueles anos, procurou colaborar dentro do possível. Diz que:

> [...] A minha parte foi mais de apoio nos trabalhos que estavam sendo realizados. Porque ali eu não trabalhei efetivamente na elaboração, a gente trabalhou apoiando os professores e buscando, mediando com eles o trabalho. Prof. 10

Este mesmo educador acrescenta, ainda, um outro aspecto, ao se referir à importância da escola estar aberta à comunidade e ter participação nos projetos escolares.

> [...] Hoje em dia a gente se preocupa muito só com a questão de repassar conteúdos, repassar conhecimento, a gente hoje foge um pouquinho, tem que tentar trazer um pouco essa comunidade para participar apoiar mais a escola, projetos que tragam mesmo a comunidade para dentro da escola. Prof. 10

A escola é uma instituição social responsável pela formação dos cidadãos. Segundo Reigota (2000), os educadores desempenham papel primordial nas questões relacionadas às práticas pedagógicas, e, por esta razão quando se trata do desenvolvimento de projetos em educação ambiental há necessidade de estimular as representações sociais qualitativamente, através da intervenção cidadã com argumentos sociais, políticos, culturais e ecológicos, incitando para que sejam discutidas, desconstruídas e reconstruídas as nossas próprias representações assim como as dos integrantes do contexto social em questão.

Nesse sentido, nas falas dos educadores percebe-se a preocupação em relação às ações pedagógicas, no sentido de não repassar somente os conteúdos disciplinares. O Prof. 10 destaca a importância de a escola estar aberta à comunidade de forma participativa. É possível que esta postura seja decorrente do Projeto de Ensino, por este ter propiciado uma prática de ensino aberta a discussões, preocupada com a troca de saberes, experiências, e por ter estimulado a reconstrução de um novo conhecimento dentro do contexto social em que estão inseridos.

O Prof. 3, com formação específica, pertencente à administração escolar, com mais de dez anos no ensino público, quando questionado sobre as dificuldades encontradas para a realização dessa atividade pedagógica, reporta-se à questão do envolvimento da família na escola como um aspecto importante. Abaixo se ressalta trecho da fala:

> [...] Um dos pontos tristes é que eles [refere-se aos extratores de marisco da comunidade, incluindo os alunos] tiravam marisco da pedra e era comercializado por qualquer quantia de dinheiro, e não na época certa da retirada do marisco, e isso era um problema sério e a policia batia ali e recolhia as famílias, alguns eram presos, então nós trabalhamos na escola essa conscientização, o que eles estavam fazendo era errado [...] com as famílias e muitas famílias concordam que o que eles estavam fazendo não era certo, era o meio de subsistência de vida para eles. Prof. 03.

A fala desse educador nos leva a refletir sobre a educação como uma forma de intervenção e transformação. Loureiro (2004) afirma que a educação, para se tornar um processo de intervenção e transformação no mundo, necessita estar focada na pedagogia problematizadora do concreto vivido, no reconhecimento das diferentes necessidades, interesses e modos de relações na natureza. Dessa forma, podemos contribuir para uma

educação não-reducionista de reprodução social, e para a não-homogenização conteudista e fragilizada.

Nesse sentido, supõe-se que na atividade pedagógica os educadores tornam-se co-responsáveis pelo processo levando a uma pedagogia de aprendizagem transformadora e crítica, dessa forma a educação deixa de ser apenas mera reprodução dos conteúdos.

Ainda, se refletirmos sobre o papel da escola, partindo do princípio que esta é uma instituição democrática, que tem como função social educar para o desenvolvimento de uma sociedade livre, Giroux (1997) nos lembra que os professores dentro desse processo necessitam assumir responsabilidades sobre o que ensinam como devem ensinar, e por quais metas mais amplas estão lutando. Nesse sentido, pode-se promover mudanças levando os educandos a se tornarem cidadãos ativos e críticos.

Já Guimarães (2004) argumenta sobre a necessidade e as expectativas que a sociedade projeta sobre a escola, diante de tais situações, sendo uma realidade para os professores desenvolver ações educativas de caráter crítico e transformador, que vise ir além da interdisciplinaridade, da informação e ainda descontextualizadas com a realidade.

A participação da maioria dos educadores durante o desenvolvimento do Projeto de Ensino produziu efeito e registrou momentos interessantes. Ficou evidente a motivação, o engajamento dos alunos, e de pessoas da comunidade em um único movimento. Isso provavelmente motivou os educadores a irem em busca de ações pedagógicas relacionadas à vivência dos alunos, proporcionando um ambiente de aprendizagem baseado na coletividade, no diálogo, no interesse pelas questões econômicas e sociais da comunidade. Isto possibilitou à escola agir democraticamente e contribuir para a formação de cidadãos ativos e críticos.

O Prof. 6 menciona a questão do envolvimento dos alunos e a atividade relacionada ao conteúdo da disciplina, quando fala:

> [...] foi um trabalho bom, porque as crianças participaram, foi diferente né, uma atividade diferente, e já ajudou no desenvolvimento do conteúdo [...].

É provável que, para este educador, a relação teoria e prática tenham adquirido um outro significado tanto na participação dos alunos como na colaboração ao conteúdo disciplinar.

O Prof. 9, na sua fala, recorda que não estava muito interessado sobre o meio ambiente ou a educação ambiental, por "não fazer parte" da disciplina que lecionava. A partir do momento da elaboração do Projeto de Ensino houve uma integração das disciplinas e, a motivação para trabalhar a realidade dos alunos pode ser constatada no trecho a seguir:

> [...] Até antes do projeto eu não tinha muito interesse nessas partes de educação ambiental, trabalhava com outra área... até que foi feito um trabalho... onde teve uma integração das disciplinas, e aí é que comecei a me interessar [...], [...] aí todo mundo começou a trabalhar diferente, foi um trabalho muito positivo [...] Prof. 09

Dessa forma, supõe-se que para este educador não existia nenhum entendimento sobre meio ambiente e educação ambiental. Esses aspectos estavam fora do contexto, o meio ambiente era uma questão à parte. Ou seja, na sua compreensão, o meio ambiente era percebido como se o homem não estivesse inserido nele. O professor, por ser de outra "área disciplinar", não tinha nada a ver com "aquilo" que estava acontecendo. A atividade pedagógica do Projeto de Ensino, o interesse por "trabalhar diferente" levaram os educadores a se motivarem e a "pensar diferente".

Um aspecto que chamou atenção é que este educador não possuía formação específica para lecionar no Ensino Fundamental. O que de certa forma acaba gerando dificuldades em relação a um conhecimento integrado, tendo como uma das conseqüências a fragmentação das disciplinas, como se elas não tivessem nenhuma relação entre si e o ensinar acaba, de certa forma, sendo uma prática conservadora.

Guimarães (2004) chama atenção para as práticas conservadoras e a práxis interdisciplinar, lembrando que o inicio de um movimento interdisciplinar na escola depende incisivamente da vontade de fazer diferente. De fato, isto foi o que aconteceu no desenvolvimento do Projeto de Ensino. O "fazer ou trabalhar diferente" possibilitou a este educador modificar, aos poucos, a maneira de pensar, agir, levando-o a refletir sobre suas ações pedagógicas e caminhar para uma práxis interdisciplinar.

Morin (2003) argumenta que para haver uma mudança na forma de pensar das pessoas e das instituições é necessário que haja primeiro a reforma das mentes. Acrescenta que não se pode reformar as mentes sem a prévia reforma das instituições Não se pode reformar a instituição sem a prévia reforma das mentes Como reformar a escola sem reformar a sociedade, mas como reformar a sociedade sem reformar a escola? Ou seja, ensinar requer, entre outras coisas, pensar a complexidade no todo, não devendo separar as diversas dimensões da realidade e nem fragmentá-la. É preciso, ainda, compreender que o conhecimento das partes depende do conhecimento do todo e que o conhecimento do todo depende do conhecimento das partes. Dessa forma, se consegue refletir sobre prática, reflexão e ação.

Assim, pode-se supor que a atividade pedagógica do Projeto de Ensino possibilitou que houvesse uma transformação na maneira de pensar dos educadores. E ainda, a não-fragmentação de forma disciplinar e descontextualizada desapareceu, propiciando a relação da integração ser humano⇔sociedade⇔ natureza na atividade.

Loureiro (2004) reflete sobre a educação como um processo de integração e interação, referindo que a educação deve ser vista em todas as suas relações: naturais, ecológicas e sociais, e que esta ocorre por meio de múltiplas mediações sociais e ecológicas compartilhadas e, dessa forma, se torna um movimento de interação com o outro no mundo.

Nesse sentido, o diálogo, os saberes e as experiências dos educandos foram motivadores para que emergisse uma educação em que todos juntos refletissem sobre a forma de educar e ensinar. Ocorreu um momento de aprendizado de saberes compartilhados, possibilitando uma educação que por meio do movimento da realidade sócio-ambiental, a prática educativa foi além do conhecimento sistemático dos educadores, o aluno deixou de ser um mero executor de tarefas.

10.5 A Educação e as relações de poder

Através da leitura das entrevistas com os sujeitos envolvidos no estudo emergiu as *relações de poder*. Dessa maneira investigou-se questões relacionadas à educação, e à percepção dos envolvidos no processo da atividade pedagógica do Projeto de Ensino, ainda, questões relativas de como as atividades do Projeto de Ensino eram articuladas em relação à escola e alunos. Assim, surgiu, nas falas, o clima de convivência e as relações de poder.

Como mencionam os educadores nas atividades pedagógicas do Projeto de Ensino, a liberdade das ações era questionada por todos sem hierarquia administrativa. Este foi um dos fatores que permitiu a evolução do Projeto de Ensino. Na escola tradicional, a relação professor⇔aluno é, geralmente, uma relação de poder muito bem definida e centralizada no professor. O professor é o único detentor do conhecimento e transmissor das informações. No Projeto de Ensino esta centralização desapareceu gradativamente, se instalou um clima de comunicação muito tranqüilo, de confiança mútua, de compromisso social e coletivo.

O Prof. 3, do quadro administrativo, quando questionado sobre a aceitação dos educadores em relação ao Projeto, diz que não existiu nenhuma dificuldade entre os educadores para a elaboração deste, houve sim, do poder administrativo externo à escola, conforme relata:

> [...] Não nenhuma dificuldade com os professores todos colaboraram, todo mundo participou de uma maneira geral, a nossa dificuldade mesmo foi com a prefeitura [...], [...] nem sempre quem está no poder sabe, tem todas as informações, tem o conhecimento do povo em geral, sempre quem está no poder sabe disso, é... então muitas vezes a gente argumenta, mostrando, levando as informações, ainda tem coisas que a gente não consegue [...] Prof.03

O mesmo educador, quando questionado sobre como percebe a educação na relação professor⇔aluno⇔escola, menciona o seguinte:

> [...] a educação só funciona se a pessoa for democrática, nessa vivência social ela demonstra a democracia. E todo trabalho que a gente faz dentro da escola é nesse sentido é um trabalho de não de imposição, mas de ouvir as pessoas, ouvir a comunidade, ouvir os alunos, ouvir os professores, de debater, de

> discutir e chegar num consenso dessas idéias pra gente poder estar junto resolvendo esses problemas [...], [...] o nosso trabalho na escola, é esse trabalho assim de assessoramento, mas não de autoritarismo [...], [...] Quando a gente fez o projeto, nós convidamos as famílias, quer dizer foi trabalhado o ano todo... Eles fizeram representações na escola, então foi passado para a comunidade, e assim eu acredito que os nossos alunos, eles tem essa consciência, teve uma mudança, atingiu eles internamente [...]Prof.03

Este trecho do relato nos induz a uma reflexão crítica que difere de uma perspectiva conservadora da educação, em que Freire (2003) sinaliza como sendo a educação bancária com características não-dialógicas, mas de opressão que estabelece relações desiguais de dominação de um indivíduo sobre outros e da sociedade sobre a natureza.

O que se pode perceber é que, através da atividade do Projeto de Ensino os educadores procuraram ter um movimento dialético, de mediações múltiplas entre escola e comunidade. Nesse sentido, a educação deixa de ser uma educação conservadora, e propicia uma reflexão no agir pedagógico. Isso criou possibilidades aos educadores de uma ação crítica, incorporando a realidade socioambiental dentro do contexto escolar.

Loureiro (2005) afirma que existem alguns elementos que devem ser observados quando se quer uma ação educativa não-conservadora. Entre eles, estão a não-centralização e a distribuição justa de atribuições entre os participantes. Ou seja, todos são participantes do processo e, apesar das especialidades funcionais, não pode haver hierarquia de poder que expresse a estrutura social desigual e classista da sociedade capitalista. Nesse sentido, os moradores se sentiram participantes da escola, pois, puderam mostrar aos filhos e aos educadores o que sabiam a respeito.

O Prof. 4 quando questionado sobre como percebe a educação e escola, pertencente à administração escolar, diz que:

> [...] A escola é uma união de alunos, professores e comunidade.

O mesmo educador menciona que, desde que iniciou na escola em 2001, não houve imposições da equipe pedagógica quanto ao regime interno da escola e ao trabalho desenvolvido em 2002 e 2003 pela própria equipe:

> [...] Desde que entrei não foi jogado material para eles [“eles”, refere-se aos professores, que nada foi imposto pela direção da escola, para que “eles”

> fossem obrigados a seguir ou elaborar] ...a escola tem que ser dessa forma ou o regime da escola é isso! Eu quero que trabalhe dessa maneira e segue aquilo ali, não isso não existiu, o que nós fizemos, nós tentamos, nós construímos e houve um debate muito bom, muito legal, cada um colocou até sua experiência de vida, então não adianta assim também vir aquele professor general, com aquela postura que vem de outras escolas e querer tentar mudar tudo na escola porque não é nada disso, nós trabalhamos com união, companheirismo [...] Prof. 04

Segundo este educador, a atividade pedagógica realizada não era imposta nem pelos educadores, muito menos pelo administrativo e pedagógico da escola. Havia diálogo, liberdade de ação, união e companheirismo.

Morando (1995) lembra a concepção foucaultiana sobre o poder, menciona que o poder não é algo que se possui, mas algo que se exerce. Nesse sentido, a liberdade das ações, a não-imposição, o diálogo, a união e o companheirismo entre todos os participantes, descentralizaram essa forma de poder, emergindo poderes múltiplos que apontavam para uma atividade pedagógica na busca da transformação.

Já para o Prof. 9, quando questionado sobre como percebia a escola em relação à equipe pedagógica, em um trecho da fala diz:

> [...] Eu acho assim: é muito bom trabalhar nessa escola, eu acho que parte da direção. Porque, assim, a direção ela abre espaço para isso entende... ela te abre os horizontes, ... é uma “pessoa” acessível, [refere-se a “direção escolar”], todas as tuas dificuldades...conversa com “ela”, e “ela” tem sempre alguma coisa boa construtiva para te dar e isso é muito bom, meus companheiros [refere-se aos professores] de trabalho, sem comentários eu gosto de paixão... se você vier e dizer...você vai ter que ir para outra escola, ah! Minha filha... [risos], eu prefiro sair do serviço, tanto que esse ano foi dado para ir para outra escola eu disse que não, porque se fosse para mim sair daqui, então eu prefiro perder meu serviço. Prof. 09

Para este educador, a relação direção escolar⇔educador deixou de ser uma relação de imposição, de autoritarismo, de controle ou de normas determinadas sobre os educadores. Nesse sentido, Morando (1995) refere à forma de poder baseada na sociedade disciplinar ou panóptica, onde o saber organiza-se em torno da norma e, por conseguinte, é determinante do que é certo e errado, do que se deve ou não fazer.

Isto na escola deixou de existir, tanto da parte administrativa como nas ações pedagógicas dos educadores. Dessa maneira, a atividade do Projeto de Ensino, onde todos eram participantes sem hierarquização, rompeu com os padrões de dominação, competição, autoritarismo e manipulação existentes em nossa sociedade. Ainda

propiciou um ensino não-tradicional, onde o enfoque é na disciplina fragmentada, na disposição dos alunos em filas, na superioridade do professor, e na imposição dos conteúdos disciplinares. Este fato desapareceu na atividade pedagógica desenvolvida.

Quando refletimos a educação como momento de aprendizagem baseado nos saberes e no diálogo, nos reportamos a Brandão (2005), que é de opinião que a educação torna-se um momento importante quando as pessoas que se encontram, conversam, dialogam deixam passar de si mesmos à outra algo de suas palavras, de suas idéias, de seus saberes, de suas sensibilidades. Acrescenta que, quando as pessoas se reúnem, possuem de qualquer maneira algo de seu, de próprio e de originalmente importante. Nesse sentido, a educação passa a ser momentos de saberes, de diálogo, onde se acaba ensinando e aprendendo juntos.

O Prof. 10 acrescenta em sua fala que, depois da elaboração do Projeto de Ensino onde foi abordada a problemática ambiental da escola e região, sentiu um impacto positivo na comunidade, pois além de fazer parte da escola também é integrante desta. Relata que:

> [...] A partir daquele projeto a gente percebeu assim, que os alunos levavam para casa essa conscientização da importância da preservação. Para o futuro deles, então eu senti que na comunidade, às vezes a gente escuta as pessoas mais velhas dizer assim: Ah! Mais meu filho disse que se eu tirar semente hoje, no futuro nós não vamos ter marisco nem para comer... Então até como eu tenho meu pai que também tirava a semente, hoje ele diz não adianta a gente tirar semente e repassar para o pessoal do cativeiro se amanhã nosso filho, nossos netos vão querer mariscos para comer e não vão ter... Eu disse que bom que vocês chegaram a essa conscientização e isso partiu de onde? Partiu do projeto dos alunos que estão levando isso para casa e a comunidade participando... [...] Prof. 10

Neste caso os educadores deixaram de ensinar, mas aprenderam com os alunos e com os moradores. Ou seja, os alunos puderam dialogar com seus educadores e pessoas da comunidade. Ainda criar propostas e alternativas de preservação da Pedra da Miraguaia. As questões do conflito existentes puderam ser trabalhadas com todos os integrantes da escola e comunidade, havendo uma maior conscientização relacionada ao problema vivenciado.

Para que isto se tornasse possível, a escola trabalhou o conflito existente de forma relacional, gerou uma interação em níveis distintos em função dos interesses, dos

valores e das percepções de todos os envolvidos em todo o processo. Isto criou e propiciou indiretamente mais poder à direção da escola.

10.6 A Educação e a memória oral

Durante a atividade pedagógica do Projeto de Ensino surgiu através dos relatos dos alunos e comunidade, a estória da comunidade. Isto se tornou uma contribuição da descoberta do real. Através dos significados dos relatos, das estórias, crenças, vivências e saberes, a compreensão baseou-se nas percepções e representações relacionadas à problemática ambiental vivenciada pelos sujeitos do estudo.

O fato de, a escola possibilitar a participação da comunidade e trazer a história das pessoas mais antigas da região, o modo de vida, foi talvez o que mais contribuiu para a transformação, para ressignificação das representações dos educadores e alunos desta escola. A partir desta atividade foram recuperadas visões, estórias, lendas que serviram para desenvolver desenhos e representações teatrais.

Becker (1999) e Goldenberg (1997) afirmam que o registro da história de vida das pessoas, ao focalizar suas memórias pessoais, constrói também uma visão mais concreta da dinâmica de funcionamento e das várias etapas da trajetória do grupo social ao qual pertencem. Além de ser um instrumento fundamental para compreensão do passado recente, também possibilita que indivíduos pertencentes a categorias sociais geralmente excluídas da história oficial possam ser ouvidos. Nesse sentido, propiciam um registro para análise futura, sua própria visão de mundo e aquela do grupo social ao qual pertencem, além de construir uma imagem do passado muito mais abrangente e dinâmico.

A escola tradicional tem o programa pré-estabelecido e geralmente a história oral[40] fica esquecida. No desenvolvimento do Projeto de Ensino isso acabou não ocorrendo. Criou-se um clima de conivência, cumplicidade e de descoberta produzindo fontes de informação do histórico da comunidade enfocada. Ruscheinsky (2005) lembra

[40] A referência à história oral está no sentido do surgimento do levantamento oral realizado através das entrevistas com moradores e relatos dos alunos. Para fins de estudo e um maior aprofundamento cabe indicações das obras de Thompson (1998), Ferreira & Amado (2001), Corrêa (1978), Haguette (1987), Laville & Dionne (1999), Becker (1999), Goldenberg (1997).

que a história oral proporciona uma riqueza de significados e emoções e acaba se desvelando a subjetividade partilhando-se intersubjetividades, dessa forma se constrói uma identidade sócio-histórica.

Nesse sentido, pode ser observado que a parceria, o trabalho compartilhado e as relações de poder descentralizadas proporcionaram para que emergisse no processo da atividade a história oral. Foram ouvidas as múltiplas vozes, alunos e comunidade. As aulas extra-classe, como uma das estratégias utilizadas no desenvolvimento do Projeto de Ensino, foram uma contribuição para o desenvolvimento das discussões e de ouvir os saberes dos educandos propiciando uma educação transformadora.

O aparecimento e a procura dos significados, através dos relatos das estórias de infância, do testemunho da vivência dos moradores da região e das lendas, possibilitou reconstruir as histórias e os acontecimentos, subsidiados pela voz do outro, como versa Ruscheinsky (2005), isto cria possibilidades na recuperação e interpretação do passado.

Dentro do contexto, na atividade pedagógica do Projeto de Ensino foram-se desvelando as crenças, a vivência dos alunos, moradores, e as relações com a problemática ambiental propiciando resgatar e produzir uma fonte de conhecimento e consolidar a dimensão ambiental nas ações pedagógicas dos educadores. Cintra (2004) lembra que essa também é uma forma de contribuir para o resgate de algumas leis e regras de convívio com a natureza

No trecho da fala, o Prof. 1, já quase ao término da entrevista, menciona toda a atividade desenvolvida e a contribuição do Projeto de Ensino em vários aspectos. Principalmente, no resgate da lenda que, apesar de estar a muito tempo na escola, em nenhum momento, durante todos os anos trabalhados, houve preocupação com a valorização das lendas da região. Ele diz que:

> [...] A valorização das lendas aqui do local, das estórias do pessoal, aqui do Gravatá, quem é que se interessou algum dia em fazer isso, em procurar isso, passar isso, ninguém [...] Prof. 01.

A valorização das lendas, o resgate delas e da história da comunidade possibilitou aos educadores uma reflexão e sensibilização de contextualizar a realidade da problemática sócio-ambiental em suas ações pedagógicas. Este momento único em

que as atividades curriculares e extracurriculares se articularam possibilitou um planejamento integrado.

A fala do Prof. 4 ressalta a participação da comunidade e as estórias antigas da região:

> [...] Desde o início nós fizemos o projeto leitura e durante o ano todo o projeto do meio ambiente, nós continuamos também, algumas famílias, vieram até a escola, nós tivemos reuniões para conversar, até para passar informações, também a parte folclórica nós trouxemos os avós dos alunos, nós também ressaltamos a parte ambiental do nosso bairro, a praia e vieram os avós contaram estórias, e os "causos" sérios [...]. Prof.04

Se formos refletir nas características metodológicas da educação ambiental transformadora, Loureiro (2004) menciona que esta necessita ser realizada pela articulação dos espaços formais e não-formais de educação; pela aproximação da escola à comunidade em que se insere e atende; pelo planejamento integrado de atividades curriculares e extracurriculares, e pela vinculação das atividades de cunho cognitivo com as mudanças das condições de vida.

Nesse sentido, as atividades pedagógicas realizadas pelos educadores no Projeto de Ensino procuraram utilizar uma metodologia que buscou uma articulação entre escola e comunidade, onde os saberes, as lembranças, interpretações do passado foram valorizados e recuperados.

Quando a pesquisadora questiona se ainda existe uma continuidade do Projeto de Ensino na escola, o Prof. 4 argumenta que sim, diz que os integrantes da comunidade continuam a participar das atividades na escola, através de relatos e histórias:

> [...] são relatos do pessoal mesmo daqui dos nossos pescadores, das nossas famílias, dos nossos alunos, e isso a gente encontra assim hoje, nós trouxemos esse avô que é uma das pessoas mais respeitadas do Gravatá, o que ele veio fazer na escola foi falar, ele tem 82 anos, ele ensinou aos nossos alunos a fazer rede... uma experiência de vida assim incrível, por ele ter 10 filhos, e todos seguiram a carreira de pescador. Prof. 04

Este educador referiu-se à experiência de vida daquele morador, que através de relatos contou a sua história, os saberes, a vivência, e ainda possibilitou ensinar aos alunos as experiências, a confecção de rede de pesca artesanal, proferindo que como

pescador criou dez filhos, e que estes se tornaram pescadores, os filhos destes também, criando, dessa maneira, um clima de cumplicidade entre todos.

Se partirmos do princípio que a história oral é uma estratégia metodológica para resgatar e preservar a memória de um povo, encontramos em Ruscheinsky (2005), que a interpretação de alguns fenômenos sócio-ambientais pode ser alterada a partir de um novo olhar, pois o que está sendo analisado não é o sujeito e sim seus relatos. O autor ainda acrescenta que essa realização cria uma conivência e cumplicidade entre todos.

Marotti & Santos (2001) consideram que o uso das informações relacionadas ao saber e à memória popular deve ser vista como uma das principais estratégias de ação em educação ambiental. Ainda para os autores o resgate da história oral faz com que as pessoas relatem suas próprias lembranças e interpretações do passado. Isto significa criar possibilidades aos entrevistados, em particular àqueles freqüentemente ignorados e fragilizados economicamente, que adquiram dignidade e sentido de finalidade ao rememorarem a própria vida, fornecendo informações valiosas a um processo de educação e investigação. Além disso, os relatos dos moradores antigos contribuem para que a memória da comunidade não seja esquecida e desprezada.

Neste contexto do estudo os resultados extraídos da análise dos educadores foram sintetizados em um quadro (ver quadro 05) compondo de forma geral a contextualização das percepções e representações dos educadores no ano de 2003, em relação ao meio ambiente e as atividades pedagógicas desenvolvidas, ainda o que remanesceu de todo o processo em função do tema gerador Pedra da Miraguaia, em 2005.

Educadores	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
A percepção do meio ambiente 2002/2003	Meio ambiente como local de preservação e conscientização	Meio ambiente local para se cuidar.	Meio ambiente como local de conservação da natureza	Meio ambiente e escola como um problema social	Meio ambiente se relaciona com questão da educação.	Meio ambiente local de preservação	O meio ambiente é o que nos rodeia.	Meio ambiente, em cuidar, preservar e conscientizar.	Meio ambiente como resgate	Preservação e conscientização de todo nosso meio.
As ações pedagógicas antes de 2002/2003	Nunca relacionou o cotidiano dos alunos em suas ações pedagógicas.	Não relacionava o cotidiano nas ações pedagógicas.	Preocupava-se com as questões sociais dos alunos. (administrativo)	Preocupava-se com as questões sociais dos alunos. (administrativo)	Trabalha atualidades, desigualdades sociais, etc...)	Trabalha com a questão do lixo.	Trabalhou com ações pontuais.	Tinha uma preocupação com o meio ambiente.	Não relacionava. Não tinha interesse com as questões ambientais.	Relacionava muito pouco.
A percepção depois da elaboração do Projeto de Ensino em 2005.	A partir do Projeto suas ações pedagógicas mudaram. Começou a relacionar o cotidiano dos alunos.	A partir do Projeto se preocupa com as questões ambientais. (valores, atitudes, etc..), e em avaliar o aluno no todo.	A partir do Projeto a escola se preocupa muito mais com as questões socioambientais, PPP.	A partir do Projeto a escola se preocupa muito mais com as questões socioambientais, PPP.	Hoje nas ações pedagógicas trabalha as questões de valores, atitudes. Nós somos a natureza, fazemos parte dela	O Projeto ajudou bastante. Os alunos progrediram.Preocupa-se mais com a reciclagem dos materiais, (reaproveitamento)	A partir do Projeto passou a pensar e agir diferente a preocupação foi maior com as questões socioambientais.	Hoje se preocupa com o processo de preparação das aulas. O meio ambiente é tudo.	A partir do Projeto passou a pensar e agir diferente e a se preocupar com as questões socioambientais.	A partir do Projeto houve um impacto positivo nos alunos e comunidade na conscientização da Pedra da Miraguaia e em suas ações pedagógicas

Quadro 05 - Geral dos educadores

O que se pode concluir, de acordo com o quadro dos educadores, que a atividade do Projeto de Ensino possibilitou aos educadores ampliar a compreensão sobre a Educação Ambiental, na reflexão da importância de integrar o cotidiano, as vivências e os saberes dos educandos às práticas pedagógicas, além de proporcionar um conhecimento sócio-histórico, até então, desconhecido e desvalorizado.

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aqui estão apresentados os resultados a partir de discussão referenciada e considerações indicativas para o avanço da Educação Ambiental e da sustentabilidade socioambiental da comunidade.

A educação tradicional negligencia muitos valores importantes e o ensino torna-se o da memorização, da transmissão da informação e do conhecimento fragmentado.

Freire (1997) afirma que a educação precisa ser transformadora e transformada não destruída. Isto leva a estranhamentos e tensões. Nesse sentido, para que ocorra uma transformação crítica e reflexiva no processo educativo é necessário, entre outras coisas, que a educação envolva as diversas áreas de conhecimento na busca de alternativas e soluções diante da complexa rede social em que vivemos.

A escola como um conjunto de relações sociais necessita amenizar as desigualdades sociais enfrentar os desafios impostos por essa sociedade, formando cidadãos em uma visão ampla e democrática. Indivíduos capazes de compreender a complexidade dos fatos e fenômenos que nos cercam e dão sentido à nossa vida.

Dessa maneira, os educadores de diferentes campos do conhecimento devem refletir sobre a própria formação profissional nas suas várias dimensões. Isto significa ir além do simples conteúdo programático de uma determinada disciplina, centrando-se, sobretudo, nas construções próprias, feitas a partir da reflexão sobre a articulação entre teoria e prática. Nesse sentido, teremos educadores defendendo uma nova política educativa de múltiplas influências em interações dos sistemas sociais.

O Projeto de Ensino de Educação Ambiental, realizado pela Escola Pública do Ensino Fundamental, em que os educadores articularam teoria e prática, ação e reflexão ao longo do processo, proporcionou, de forma não-fragmentada, construir

conhecimentos e encontrar caminhos que os levaram a perceber e transformar a própria realidade local.

Taglieber (2004) afirma que, a educação é um aprender, transmitir, de uma geração para outra, conhecimentos, habilidades, valores e atitudes sociais. Então, educar não é simplesmente transmitir conteúdos. Nesse sentido, o Projeto de Ensino promoveu uma educação que permitiu construir conhecimentos, resgatou valores, até então, desvalorizados. Isto promoveu uma educação em que o processo do ensino aprendizagem passou a ser de autoconstrução, de cooperação, de integração e de criação. E, ainda, possibilitou produzir mudanças da estrutura dominante, construindo novos paradigmas de uma realidade socioambiental.

De fato foi o que aconteceu com educadores e alunos participantes do estudo, pois afirmam que vêem a Pedra da Miraguaia, depois da realização do Projeto, com olhar e atitudes diferentes. Os educadores afirmam que mudaram a sua prática pedagógica depois da elaboração do Projeto de Ensino. Alguns deles nunca tinham relacionado à vivência dos alunos ao contexto escolar. Os alunos lembram do Projeto de Ensino e afirmam que pensam de forma diferente tanto em relação à extração de sementes de mariscos na Pedra da Miraguaia quanto à percepção de meio ambiente.

Este processo de ensino me faz lembrar Freire (2003), quando se refere aos educadores no sentido de articularem os saberes dos educandos e a pratica docente. No Projeto de Ensino, isto se tornou possível como mostram as análises. Essa maneira de ensinar e aprender proporcionou aos educadores relacionar as ações pedagógicas aos saberes dos educandos, superando a forma de ensinar. Nesse sentido, pode-se, então, ousar dizer que o Projeto de Ensino desenvolvido pela escola foi um eficiente processo de superação e de transformação, não somente dos alunos, mas dos educadores e por que não dizer da própria comunidade, onde os saberes dos educandos e o modo da relação da interação ser humano ⇔ natureza (Pedra da Miraguaia) integraram-se ao contexto escolar.

Lima (2004) quando se refere à educação, dizendo que esta procura despertar a consciência do educando através da problematização dos temas geradores pertencentes ao universo vivido. Assim, teremos uma educação libertadora. O desenvolvimento do Projeto de Ensino acabou sendo uma forma de contribuir para uma educação libertadora,

onde foi trabalhada a percepção dos indivíduos, visando sua inserção crítica nessa realidade, além de desvencilhar muitos aspectos, de aprendizagem e de conscientização. Como podemos encontrar nas análises, os sujeitos afirmam que este processo favoreceu um pensar de forma diferente e crítica em relação à percepção de meio ambiente e à Pedra da Miraguaia.

Percebe-se a questão dos educadores trabalharem todos juntos, ou seja, educadores e escola se empenharam em trabalhar a realidade vivenciada pelos alunos. Isto me faz lembrar de Moscovici (1990), ao tratar das representações sociais dos indivíduos afirmando que, quando estamos reunidos e formamos um grupo alguma coisa muito importante acontece com cada um de nós. Passamos a sentir e a pensar de forma totalmente diversa. Isso se pode constatar na fala dos educadores. O processo da atividade pedagógica contribuiu para um pensar totalmente diverso, onde todos refletiam, discutiam e participavam conjuntamente. Durante a realização do Projeto de Ensino, este processo foi marcante como falam os entrevistados. Isso proporcionou, entre outras coisas, um ensino não-reducionista e conteudista, de forma que os conteúdos curriculares passaram a ser trabalhados de maneira interdisciplinar, não-fragmentada, e sim contextualizada com a realidade socioambiental da região.

A escola, após a realização do Projeto de Ensino, passou a incorporar, no seu Projeto Político Pedagógico, a Educação Ambiental como parte integrante do currículo escolar, como se pode constatar no anexo M. Isso significa que, apesar de a estrutura do ensino como um todo atualmente ainda se encontrar de forma conservadora, é possível produzir um ensino de qualidade, como mostra a análise.

O Projeto de Ensino ao que tudo indica possibilitou ir além de uma proposta de educação; o fazer pedagógico dos educadores buscou uma reflexão no sentido de dar início a um processo de transformação, na criação e na construção de um novo ensinar, baseado na reconstrução de novas relações éticas, sociais, políticas e culturais. Este acontecimento foi um dos caminhos que possibilitou criar condições tanto para os educadores como para os alunos de construir um conhecimento integrado e complexo da realidade.

Nesse sentido, a Educação Ambiental só apresentará algum resultado se incorporar em seu fazer cotidiano a completa contextualização da complexidade

ambiental. Isto significa que educar é emancipar, e a ação proveniente da emancipação é o meio pelo qual podemos perceber e romper com os padrões estruturados da sociedade e da civilização.

Atualmente, os educadores das Escolas Públicas enfrentam várias barreiras tanto profissionais como econômicas. O tempo reduzido, pelo excesso de aulas, a falta da continuidade do aperfeiçoamento profissional, a falta de leituras apropriadas, a dificuldade de acesso às tecnologias de informação e a baixa remuneração acabam gerando nos educadores uma desmotivação para o "ensinar".

Entretanto na análise, o que se pode perceber é que os educadores, na realização do Projeto de Ensino, sentiram motivados. A atividade pedagógica despertou o interesse dos educadores e educandos em uma dinâmica na troca de experiências e de saberes. Educadores e alunos ensinaram e aprenderam juntos. Assim, no processo os conhecimentos foram socializados e se criou um ambiente educativo, dialógico, aberto, curioso, indagador e atuante. (FREIRE, 1996)

Esse ***clima de convivência e de motivação*** desencadeou um movimento dialético, de mediações múltiplas entre escola e comunidade Na fala dos educadores pode-se perceber o clima de convivência entre todos e o ***poder*** nas mãos de todos. O que se percebe é que, através da atividade do Projeto de Ensino, todos eram participantes do processo, não havia hierarquia de poder. Havia liderança, não no sentido da imposição de um poder, mas uma liderança que organizava, discutia, articulava conjuntamente educadores, alunos, administradores e comunidade. Nesse sentido, a liderança não foi uma forma de poder repressiva, e sim uma forma de induzir, tornar mais fácil o processo da atividade pedagógica articulando os saberes dos educandos nas ações pedagógicas. Como diz Foucault, reportando a educação, significa que o poder não está apenas nas mãos dos educadores, mas nas mãos dos alunos, pais, administradores que, também, exercem poder nas escolas.

Na análise, como relatam os entrevistados, na atividade do Projeto de Ensino todos, alunos, educadores e comunidade, sentiram-se participantes do processo, em um ambiente de aprendizagem na troca de saberes e experiências. Os alunos puderam dialogar com seus educadores e pessoas da comunidade, criando propostas e alternativas de conservação da Pedra da Miraguaia.

A pesquisa também foi relevante no sentido de que o Projeto de Ensino trouxe para a escola ***a história das pessoas mais antigas da região***. Este acontecimento foi um dos que mais contribuiu para a transformação, para a ressignificação das representações dos educadores e alunos desta escola. A escola tradicional tem o programa pré-estabelecido e, geralmente, a história oral local fica esquecida. A descoberta do real deu um significado na produção do conhecimento, subsidiando e consolidando a dimensão ambiental nas práticas pedagógicas, no resgate histórico social da comunidade em questão. Dialogar com os integrantes da comunidade, alunos e educadores tornou-se um momento único/ímpar. Ainda o Projeto de Ensino foi significante no sentido de mostrar como a natureza intocada era exuberante e produtiva, como o "desenvolvimento" e a vinda de mais e mais pessoas foi acabando com esta exuberância. De tal modo que os pescadores da comunidade foram lentamente diminuindo e a comunidade teve que mudar a natureza de seu trabalho. A ocupação principal da comunidade hoje não é mais a pesca e esta não é mais o seu sustento principal. Trazer para o seio da escola a história das pessoas mais antigas da região foi um acontecimento que, talvez, mais tenha contribuído para a transformação, para a ressignificação das representações dos educadores e alunos desta escola. A partir dessa atividade foram recuperadas visões, estórias, lendas até então desconhecidas e desvalorizadas, que proporcionaram um resgate sócio-histórico da comunidade.

Após a realização deste estudo algumas indicações de transformações sociais surgem:

- ✓ Quanto a encontrar soluções ou alternativas para que ocorra uma transformação nas pessoas da escola em questão, com relação a valores e atitudes, penso que o compromisso com as questões ambientais necessita de programas curriculares eficazes e contínuos. A ênfase no tema gerador "Pedra da Miraguaia" representa uma contribuição no sentido da qualidade do ensino, na melhoria da biodiversidade da região e da valorização dos recursos naturais, bem como do contexto histórico-social da comunidade, que vem se perdendo possivelmente pela falta de conhecimento e informação.

- ✓ Uma alternativa que considero, orientada para o alcance de melhorias na qualidade da vida nesta comunidade, seria a escola levar informações, conhecimentos sobre a questão socioambiental e sobre os recursos naturais, através de associação comunitária visando uma reflexão que suscite mudanças significativas em favor de um desenvolvimento com qualidade.

- ✓ Percebo, através dos relatos dos moradores antigos, que estes anseiam por soluções mais eficazes quanto a extração de mariscos e a pesca artesanal. Assim, cadastrar as famílias que vivem dos recursos naturais, dando-lhes acesso às informações necessárias para tal trabalho produtivo, seria uma das alternativas recomendáveis. Isto propiciará a utilização dos recursos naturais de modo responsável.

- ✓ Vejo, ainda, como um dos possíveis caminhos a formação de cooperativas em parceria com órgãos públicos competentes, abrir um Mercado Público na região, que vem se desenvolvendo e crescendo muito rapidamente. Dessa maneira, criam-se possibilidades para que os pescadores e ribeirinhos possam comercializar o produto (mariscos e peixes) de forma responsável, sem causar a degradação dos recursos naturais e danos irreparáveis ao meio ambiente, visando um desenvolvimento voltado para a realidade socioambiental e para a sustentabilidade.

A pesquisa em sua proposta tinha como objetivo compreender as mudanças de percepções dos sujeitos envolvidos no processo, durante o desenvolvimento da atividade pedagógica do Projeto de Ensino, em função do tema gerador Pedra da Miraguaia, além de saber o que remanesceu e, quais impactos e influências que este Projeto de Ensino causou nos educadores e alunos. Nesse sentido, posso concluir que, depois da realização do Projeto de Ensino de Educação Ambiental, houve uma sensibilização maior na forma de pensar e agir tanto dos educadores como dos alunos. Esse processo da atividade pedagógica possibilitou uma reflexão e, por que não dizer, uma transformação na forma de pensar dos indivíduos. Isto tornou possível, como mostra este Projeto de Ensino, produzir uma educação de qualidade. A educação escolar de qualidade é necessariamente um processo coletivo. A Educação Ambiental não é outra educação,

mas a educação geral da cidadania, na qual a dimensão ambiental é colocada no centro do foco curricular da escola com a participação de todo corpo docente.

Dessa maneira finalizo com as palavras de Freire (1987) quando há uma valorização do saber do educando; à historicidade dos homens; da cultura e dos processos sociais; ao amor como fundamento do diálogo e como ato de liberdade; à crítica, a reflexibilidade e à criatividade, estes são ingredientes indispensáveis à libertação; à promoção do homem e do educando como sujeito de sua busca e de sua história. Ainda, à transformação/libertação das relações de dominação que impedem à humanização dos indivíduos. Nesse sentido me identifico como ser humano com a capacidade de sonhar, de criar, de transformar e de realizar:

12 REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D; LUDKE, M. **A Pesquisa no Cotidiano Escolar.** In: FAZENDA, I. (org). Metodologia da Pesquisa Educacional. São Paulo. 6 Ed. Cortez, 2000.

BARCELOS, V.H.L. Educação Ambiental, Representações Sociais e Literatura: um Estudo a Partir do Texto Literário de Octávio Paz. In: SANTOS, J. E.; SATO, M. **A Contribuição da Educação Ambiental à Esperança de Pandora**. . Editora Rima, 2001.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3 ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. (editores). **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som**: um manual prático. Tradução de Pedrinho A Guareschi. Petrópolis, R.J. Vozes, 2002.

BECKER, H. S. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. 4 ed. São Paulo. Hucitec, 1999.

BOGDAN, R. C. E BIKLEN, S. K. **INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO**. Tradutores: Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Editor Porto Editora, LDA. 1994

BRANDÃO, C. R. Comunidades Aprendentes. In: **.Encontros e Caminhos**: Formação de Educadoras(es) Ambientais e Coletivos Educadores. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA (MEC) **Parâmetros Curriculares Nacionais** – Meio Ambiente. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRIOSCHI, L. R.; TRIGO, M. H. B.(1987); MAROTTI. P. S. & SANTOS. J. E. Narrativas Orais como Subsídio para um Programa de Educação Ambiental Direcionado a uma Unidade de Conservação. In: SANTOS, J. E.; SATO, M. **A Contribuição da Educação Ambiental à Esperança de Pandora**. Editora Rima, 2001.

BRÜGGER, P. **Educação ou adestramento ambiental**? 3Ed .Chapecó: Argos; Florianópolis: Letras Contemporâneas.1994

CARVALHO, I. C. M. **A invenção ecológica: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil**. Porto Alegre: EdUniversidade/UFRGS,2001.

CASCINO, F. **Educação Ambiental**: princípios, história, formação de professores. 2ª ed. São Paulo. SENAC. 2000.

CINTRA, M.A M.U. **Educação Ambiental:** A Sabedoria da Preservação Nas Lendas, coletânea de lendas da Bahia e de Sergipe/ por Maria Alice Martins de Ulhôa Cintra, Avelar Luiz Bastos Mutim. – Salvador: Grupo Ambientalista da Bahia/ Chesf, 2004.

CORRÊA, D.S. **Historiadores e Cronistas e a Paisagem da Colônia Brasil**. Rev. Brasileira. História; São Paulo. Jan/Jun 2006, vol.26, nº 51.

DIAS, G.F. **Educação Ambiental: princípios e práticas**. 7ª ed. São Paulo: Gaia, 2001.
_____.Atividades interdisciplinares de educação ambiental: praticas inovadoras de educação ambiental. 2 ed. rev, apl. e atual. São Paulo: Gaia, 2006.

DELORS, J. Educação. **Um tesouro a descobrir**.- 4. ed. -. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2000. "Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI".

FAZENDA, I. (org). **Metodologia da Pesquisa Educacional**. São Paulo. 6 Ed. Cortez, 1992.

FARIAS, V. F. de. Coletânea de Artigos e Crônica sobre a cultura açoriana. In: OLIVEIRA, D. L. de. **O Navegantes que eu conto**. Itajaí: Ed. do autor, 2004.

FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. **Usos e abusos da história oral**. 4 ed. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2001.

FERRI, C. **Pesquisa na universidade**: elaboração de projetos e relatórios/ Cássia Ferri, Elisabeth Juchem Machado Leal, Regina Célia Linhares Hostins – Itajaí: UNIVALI Ed., 2004

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: nascimento na prisão. 15 ed. Petropolois: Vozes, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra. 25ª ed., 2003a.

_____; SHOR, Ira.**Medo e ousadia** – o cotidiano do professor. Trad. Adriana Lopes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____,. **Pedagogia da Esperança.** Um reencontro com a pedagogia do oprimido. 10ª edição.Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003b.

_____,. **Pedagogia do Oprimido**.Rio de Janeiro, Paz e Terra. 17ª ed. 1987.

GADOTTI, M. **Histórias das Idéias Pedagógicas**. São Paulo. Ed. Ática. 2003.

GAMBOA, S. S. Quantidade-qualidade. In: SANTOS, F. J. C. dos. **Pesquisa educacional**: quantidade-qualidade. 4. ed. São Paulo, Cortez, 2001.

GATTI, B. A **A construção da pesquisa em educação no Brasil.** Brasília: Plano Editora, 2002
GIROUX, H. A. **Os professores como intelectuais**: rumo a uma pedagogia crítica de aprendizagem. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre:Artes Médicas,1997.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro. Record, 1997.

GORE, J. M. Foucault e Educação: Fascinantes Desafios. In: SILVA, T. T. **O sujeito da evolução**. Estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1999

GRÜN, M. Ética e educação Ambiental: A conexão necessária. Campinas, SP: Papirus, 1996.

GUIMARÃES, M. A formação de educadores ambientais. ed. Campinas: Papirus 2004.
_____.Educação Ambiental Crítica. In: LAYRARGUES, P. P (coord). **Identidades da Educação Ambiental Brasileira**.. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.

_____. Intervenção Educacional: Do "de grão em grão a galinha enche o papo" ao "tudo junto ao mesmo tempo agora". In: **.Encontros e Caminhos**: Formação de Educadoras(es) Ambientais e Coletivos Educadores. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005.

_____Armadilha paradigmática na educação ambiental. In: LOUREIRO. C.F.;
HERMANN. N. Apresentação. In: CARVALHO, I. C. M. **A invenção ecológica: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil**. Porto Alegre:Ed Universidade/UFRGS,2001.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 4ª Ed. Petrópolis. RJ. Vozes. 1997.

JAPIASSÚ, H; MARCONDES, D. **Dicionário Básico de Filosofia**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

JODELET,D.; REIGOTA, M. As representações sociais na prática pedagógica cotidiana da educação ambiental. In:**Textos Escogidos En Educación Ambiental de Una América A Otra.** Tome 1. Sous la direction de Lucie Sauvé, Isabel Orellana, Michèle Sato. êS Publications ERE-UQAM, 2002

JÚNIOR, S. Direção e Redação, da Academia Catarinense de Letras. ITAJAÍ. Edição Escalibur. 1972. Acervo pessoal de Ademar Cirino Cabral procurador da união **Pesquisa Histórica**: Prof. José Ferreira da Silva. Edições comemorativas Ltda. Sp – Brasil.

KÖCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica**: teoria da ciência e prática da pesquisa. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

LAYARGUES, P.P.; CASTRO, R.S. **Pensamento complexo**, dialética e educação ambiental. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. Para que a Educação Ambiental encontre a educação. In: LOUREIRO, C. F. B. **Trajetória e fundamentos da educação ambiental**. São Paulo. Cortez, 2004.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre. Artmed; Belo Horizonte. Editora UFMG, 1999.

LASSWELL, H. D. a Estrutura e a função da comunicação na sociedade. In: COHN, G. (org). **Comunicação e indústria cultural. São Paulo**: T. A. Queiroz, 1987

LIMA, G. F. C. Educação, emancipação e sustentabilidade: em defesa de uma pedagogia libertadora para a educação ambiental. In: LAYARGUES P. P. (coord). **Identidades da Educação Ambiental Brasileira.Brasília**: Ministério do Meio Ambiente. 2004.

LOUREIRO, C.F.B Teoria Crítica. In:.**Encontros e Caminhos**: Formação de Educadoras(es) Ambientais e Coletivos Educadores/ Luiz Antonio Ferraro Júnior, (org). Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005.

_____. Educação Ambiental Transformadora. In: LAYARGUES P. P. (coord). **Identidades da Educação Ambiental Brasileira.Brasília: Ministério do Meio Ambiente**. 2004a.

_____. **Trajetórias e fundamentos da educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004b.

MATURANA, H. R. Conhecer o conhecer. In: Vaz, N. & Magro, C. (Org). **Idéias de Humberto Maturana**. Belo Horizonte: UFMG, 1993.

MAROTTI. P. S. & SANTOS. J. E. Narrativas Orais como Subsídio para um Programa de Educação Ambiental Direcionado a uma Unidade de Conservação.In: SANTOS, J. E.; SATO, M. **A Contribuição da Educação Ambiental à Esperança de Pandora**. Editora Rima, 2001.

MAZZOTTI, T.B. Representação Social De “Problema Ambiental”: Uma Contribuição À Educação Ambiental. In: MOREIRA, A S. P. **Representações sociais**: teoria e prática. João Pessoa: Editora Universitária. Autor Associado, 2001.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Rio de Janeiro. Freitas Bastos s. A, 1999

MININNI, N. A formação dos professores em Educação Ambiental. In: **Textos sobre capacitação em Educação Ambiental.** Oficina Panorama da Educação Ambiental, MEC-SEF-DPEF- Coordenação de Educação Ambiental, Brasília. 2000

McLAREN, P. Teoria Crítica e o Significado da Esperança. In: GIROUX, H. A. **Os professores como intelectuais:** rumo a uma pedagogia crítica de aprendizagem. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre:Artes Médicas,1997.

MORANDO, E.M.G. **Educação e Disciplina**. Diadorim Editora Ltda, Rio de Janeiro. 1995.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do Futuro**. São Paulo: Cortez/ Unesco, 2000a.

_____.; KERN, B.**A. Terra-Pátria**. Traduzido do francês Paulo A. N. da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2003a.

_____. **A Cabeça Bem – Feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Trad. Eloá Jacobina. 8ª ed. Rio de Janeiro:Bertrand Brasil, 2003b.

MORIN, E.& MOIGNE. J.L.L. **A inteligência da complexidade**. Trad. Nurimar Maria Falci. São Paulo: Peirópolis, 2000c.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro. 1990.

NOAL, F. O. **Ciência e Interdisciplinaridade**: Interfaces com a Educação Ambiental. In: A Contribuição da Educação Ambiental à Esperança de Pandora. Editora Rima, 2001.

OLIVEIRA, D. L. de. **O Navegantes que eu conto**. Itajaí: Ed. do autor, 2004.
ORELLANA, I., FAUTEUX, S. La educación ambiental a través de los grandes momentos de su historia. In:**Textos Escogidos En Educación Ambiental de Una América A Otra**. Tome 1. Sous la direction de Lucie Sauvé, Isabel Orellana, Michèle Sato. êS Publications ERE-UQAM, 2002, 197p.

REIGOTA, M. Meio ambiente e representação social. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
_____. As representações sociais na prática pedagógica cotidiana da educação ambiental. In:**Textos Escogidos En Educación Ambiental de Una América A Otra**. Tome 1. Sous la direction de Lucie Sauvé, Isabel Orellana, Michèle Sato. êS Publications ERE-UQAM, 2002, 197p.

RUSCHEINSKY, ª Atores Sociais e Meio Ambiente. In: LAYARGUES P. P. (coord). **Identidades da Educação Ambiental** Brasileira.Brasília: Ministério do Meio Ambiente. 2004.

_____.A pesquisa em história oral e a produção de conhecimento em educação ambiental. In: SATO, M. & CARVALHO, I. **Educação Ambiental Pesquisa e Desafios.** Porto Alegre. Ed. Artmed. 2005.

SANTOS, B. De S. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 2001.

SANTOS, J. E; SATO, M. **A Contribuição da Educação Ambiental à Esperança de Pandora**. São Carlos, Rima, 2001.

SATO, M. **Educação Ambiental**. Editor: Santos, J. E. São Carlos, Editora Rima, 2004.
_____.; T.I.; D.L.; M.H.; S.M.; Rede de Educação Ambiental: Um Desejo Amazônico. In: SANTOS, J. E; SATO, M. **A Contribuição da Educação Ambiental à Esperança de Pandora.** São Carlos, Rima, 2001

_____,. La investigación en la Educación Ambiental: una invitación al educador investigador. In: SAUVÉ, L; ORELLANA; SATO, M. **Actas del Seminario Internacional de investigación-formación** EDAMAZ. Montreal. Université du Québec à Montreal, 2002.

SAUVÉ, L. La investigación en la Educación Ambiental: una invitación al educador investigador. In: SAUVÉ, L; ORELLANA; SATO, M. **Actas del Seminario Internacional de investigación-formación** EDAMAZ. Montreal. Université du Québec à Montreal, 2002.

SILVA. A M. & TAGLIEBER. J. E. **A escola como centro irradiador da EA**. III EPEA. Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental. Práticas de Pesquisa em Educação Ambiental. Organização USP-UFSC-UNESP. Realização FFCLRP/USP. Ribeirão Preto. 10-13 de julho de 2005.

SNYDERS, G. Pedagogia Progressista. Coimbra: Livraria Almedina, 1974

SORRENTINO, M. Educação e ambientalismo na América Latina. In:Textos **Escogidos En Educación Ambiental de Una América A Otra. Tome 1**. Sous la direction de Lucie Sauvé, Isabel Orellana, Michèle Sato. êS Publications ERE-UQAM, 2002.
SOUZA, C.B. – Entre o rio e o mar: Navegantes secular. Itajaí: Ed e Gráfica Berger, 2003.

_____, - **Penha em nova era e sua história fundamental**. Itajaí: Ed e Gráfica Berger, 2003.

SNYDERS, G**. Pedagogia progressista**. Coimbra: Livraria Almedina, 1974.

SAUVÉ, L.; ORELLANA, I. & QUALMAN, S. La educación ambiental – una relación constructiva entre la escuela y la comunidad. Montréal, EDAMAZ & UQÀM. 2000.

TAGLIEBER, J. E. **A pesquisa em Educação Ambiental**: dossiê de implantação do GE EA 22 da ANPEd. Itajaí. Contrapontos. V.3, n. I, jan/abr. 2003.

_____. Reflexões sobre formação docente e a educação ambiental. In: ZAKRZEVSKI, S. B.; BARCELOS, V. **Educação Ambiental e Compromisso Social**. Erechim. RS. Ed. FAPES, 2004.

_____., CAMPESTRINI, D. **A pesquisa em Educação Ambiental**, UNIVALI, Itajaí, Apostila de Curso, jul. 2003.

TAYLOR, S. J. & BOGDAN, R. C. (1984) A sociologia da educação. In: BOGDAN, R. C. E BIKLEN, S. K. **INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO**. Tradutores: Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Editor Porto Editora, LDA. 1994.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992

TRIVIÑOS, A N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TREVISOL, J. **A educação ambiental em uma sociedade de risco.** Joaçaba: UNOESC, 2003.

TRISTÃO, M. **A educação ambiental na formação de professores**: redes de saberes. São Paulo: Annablume; Vitória: Facitec, 2004.

ANEXO – A
COLONIZAÇÃO DE NAVEGANTES.

Fonte: Jornal de Santa Catarina. 04/02/2005. Reportagem de Giselle Zambiazzi.

ANEXO B
DOCUMENTO DO HISTÓRICO DA ESCOLA

Fonte: Acervo pessoal do Sr. Ademar Cirino Cabral, Procuradoria Geral do Município de Navegantes, 2003.

ANEXO C
PLANTA DO PRÉDIO ESCOLAR,1980.

Fonte : Acervo da Escola Profª. Ilka Muller de Mello

ANEXO D
OFÍCIO PARA CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES

ANEXO E
PLANEJAMENTO DO ESTUDO DO MEIO
-

ANEXO F
REPORTAGEM SOBRE O PROJETO DE EA

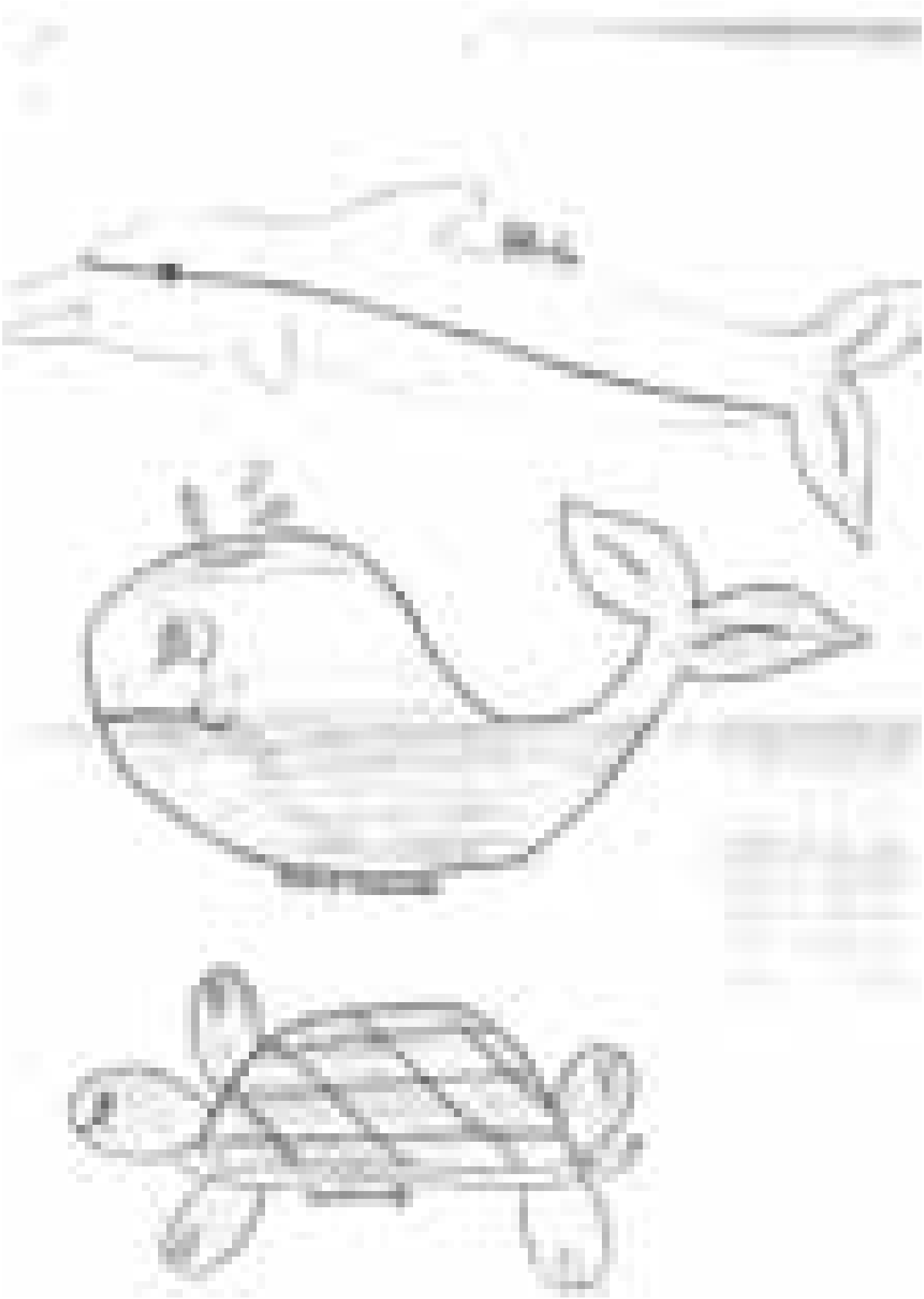
ANEXO G
REPORTAGEM SEMANA DO MEIO AMBIENTE

Fonte : Órgão Oficial do Município de Navegantes. Ano III-Nº20-Junho de 2003.

ANEXO H
REPORTAGEM MEIO AMBIENTE

Fonte: Diário da Cidade. Região Barra Velha/Navegantes/Penha-Piçarras, 06 de Junho de 2003.

ANEXO I
TRABALHOS PEDAGÓGICOS



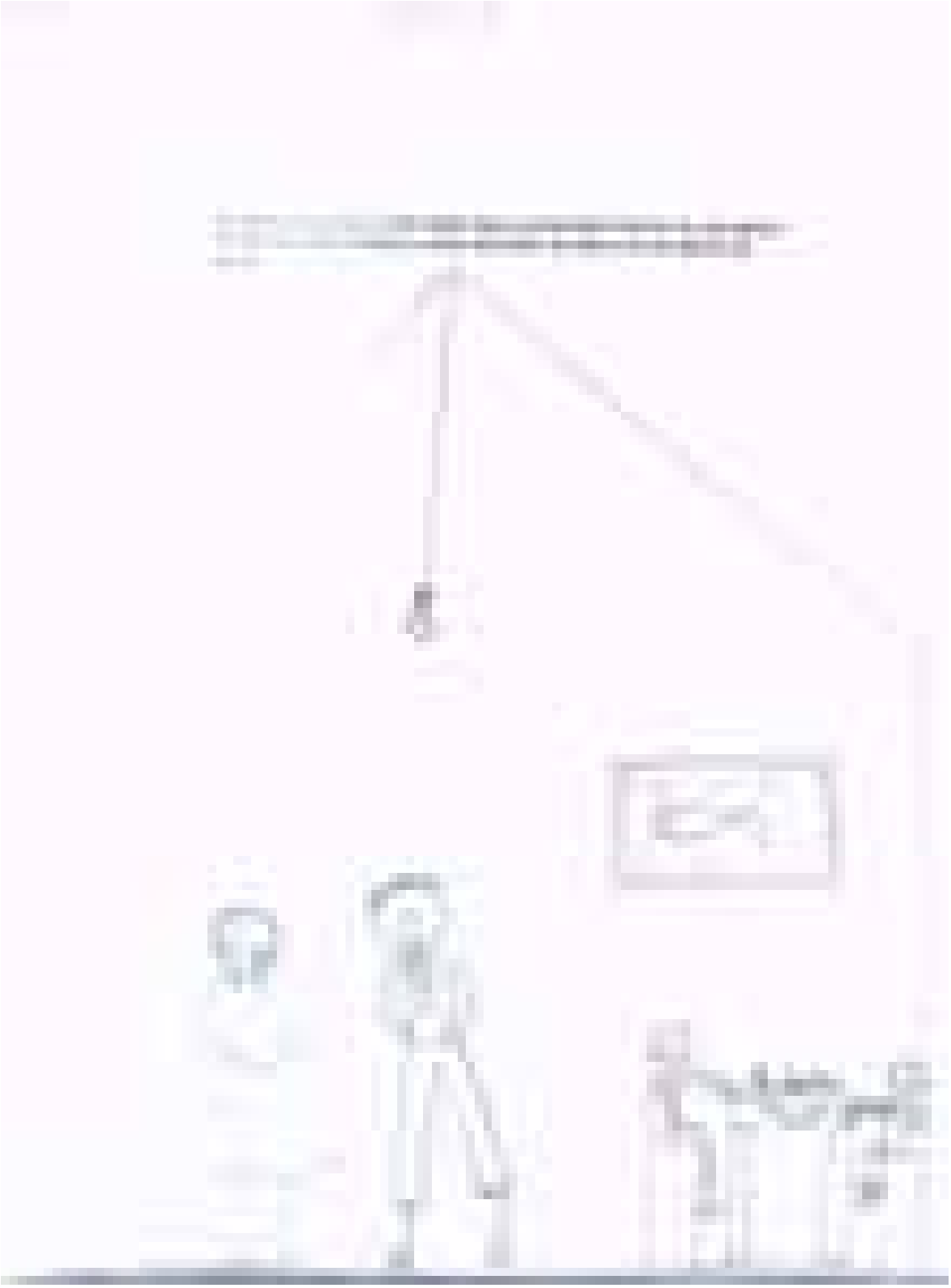
ANEXO J
HISTÓRIA DA PEDRA DA MIRAGUAIA

Fonte: Relato dos alunos da 8ªsérie de 2003, Ana Matilde da Silva

ANEXO L
MOMENTO DE REFLEXÃO

Desenho 01

Desenho 02



Desenho 03

Desenho 04

Desenho 05

Desenho 06

Desenho 07

Desenho 08

Desenho 09

Desenho 10

Desenho 11

Desenho 12

Desenho 13

Desenho 14

Desenho 15

Desenho 16

Desenho 17

Desenho 18

Desenho 19

Desenho 20

Desenho 21

Desenho 22

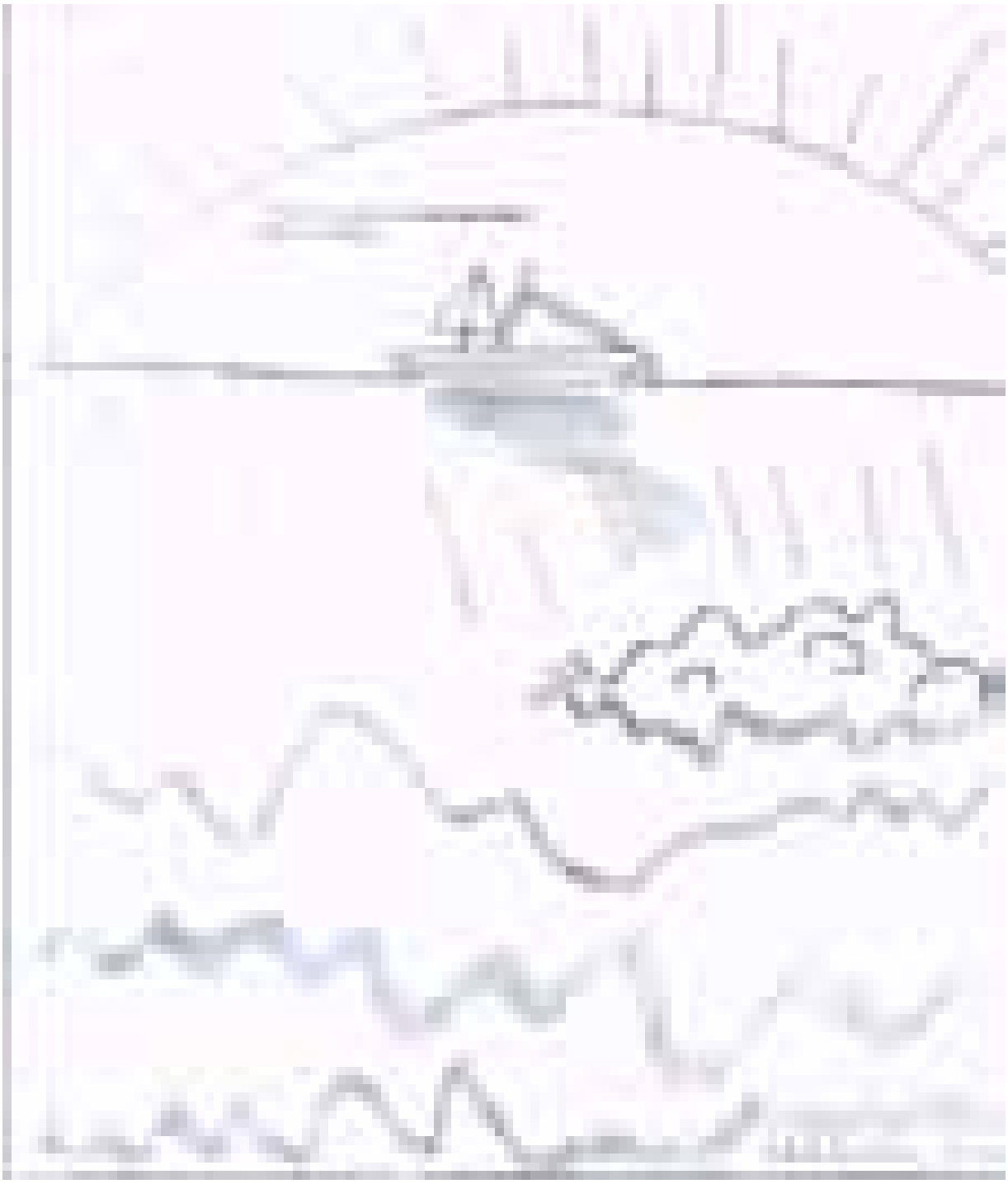
Desenho 23

Desenho 24

Desenho 25

Desenho 26

Desenho 27



Desenho 28
Fonte Silva, Ana Matilde da.: Desenhos elaborados pelos alunos da 8ªsérie, 2003.

ANEXO M
PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO

Fonte: Trabalho de Conclusão do Curso Normal Superior, Pesquisa de Campo. Neumara Rodrigues Romão. Navegantes,2003.

ANEXO N
ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

1- Apresentação do(a) educador(a).
2- Tempo de serviço.
3- Formação e função.
4- Conceito sobre educação.
5- Conceito sobre Educação Ambiental.
6- Você lembra do projeto realizado pela escola em 2002/2003?
7- Qual a sua participação no projeto?
8- De que forma foi trabalhada o projeto?
9- Qual o objetivo desse trabalho para você?
10- Em relação aos professores no desenvolvimento do projeto houve participação? Como? E da escola?
11- Como você percebeu o desenvolvimento do projeto em relação à escola e comunidade?
12- Quanto aos valores, atitudes percebeu alguma mudança em relação aos alunos, ou não? Quais?
13- Percebeu algum resultado ou não no trabalho realizado? Se houve,quais foram e por quê?
14- Em relação as suas ações pedagógicas, houve alguma modificação, ou não, por quê?
15- Quais as alternativas que você propõe para um ensino de melhor qualidade?

ANEXO O
ENTREVISTAS COM OS EDUCADORES

Professor(a) 01

PROFESSOR(a) -Eu trabalho há 21 anos já na educação. Os últimos anos somente com 4ª série, né.*(risos*)
PESQUISADORA – Você trabalhou com quais séries?
PROFESSOR(a) - Trabalhei com 1ª série, 2ª, 3ª série, já trabalhei Ciências com a 5ª, a maioria dos anos foi com a 4ª série que trabalhei. Como professora de 4ª série a gente trabalha as matérias interdisciplinares, né.
PESQUISADORA – Como você acha que é trabalhar de forma interdisciplinar?
PROFESSOR(a) – Assim, são todas as matérias integradas umas com as outras porque não é como o ginásio que tem uma disciplina só, nós trabalhamos todas as matérias, no caso, sabe, trabalham todas elas e dentro de ciências trabalhamos o meio ambiente, natureza essas coisas. Só que a partir do projeto de educação ambiental as minhas aulas de ciências elas mudaram o rumo natural das coisas.
PESQUISADORA – Por quê?
PROFESSOR(a) – Porque até então, eu nunca tinha pensado em educação ambiental da maneira como eu aprendi contigo. Apesar dos meus vinte e poucos anos de tempo de serviço nunca tinha trabalhado a educação ambiental dessa forma, entende. Principalmente ali no teu trabalho né, que..... (*Observação: olhos avermelhados com muita emoção*).
PESQUISADORA – Nosso trabalho.
PROFESSOR(a) – É nosso trabalho que pude participar contigo ali. No início, lembra da elaboração dos objetivos ali né, no planejamento de algumas atividades, então isso me deu bastante vontade de trabalhar, nesse projeto dessa forma com relação, ao marisco eu digo,..... Porque mesmo sendo uma escola litorânea, eu nunca tinha trabalhado a retirada das sementes dos mariscos ou alguma coisa assim, a emoção continua.
PESQUISADORA – O que eles vivenciaram?
PROFESSOR(a) – Isso que era coisa da realidade diária dos alunos, né.
PESQUISADORA – Ah!
PROFESSOR(a) – Então a gente nunca tinha feito um trabalho assim, desse tipo, é bem interessante fazer.
PESQUISADORA – Você acredita que deu algum resultado? Para os alunos foi bom, o que faltou?
PROFESSOR(a) - A – Deu, claro que deu.(*risos*)
PESQUISADORA – Fala, o que..(*interrupção*)
PROFESSOR(a) – Deixa ver, ah, eu lembro bem quando nós começamos a fazer o projeto, essa questão da retirada das sementes de mariscos né, não tinha sido trabalhada, pelo menos por mim não, e aí, toda a escola se empenhou para fazer o projeto, trabalhar juntos, professores né, todos unidos lá. E foi legal porque a própria criança tinha essa vivencia ali né, e a gente não tinha si dado conta até então. Daí foi bem interessante eu me lembro que nós começamos a falar sobre conscientização dessa retirada indevida do marisco e no início a gente sabe que não houve mudança de comportamento, eu lembro bem que quando, a gente começou a fazer isso teve uma tirada de marisco ali excessiva que tava todo mundo envolvido na escola. Só que depois disso, os alunos, eles começaram a tomar consciência, então eles ainda faziam, mas eles já vinham se justificar para nós. Não sei se tu se lembras uma vez à fala do Rudinei (*aluno da sétima série*), ele disse: "professora eu tirei em 2 horas, o que meu pai leva dois meses, três meses para receber em dinheiro".
PROFESSOR(a) – A parte financeira, ainda era muito grande para eles. Eles podiam até estar praticando a ação, mas eles tinham a consciência de que aquilo não estava certo, eu achei bem interessante isso; e assim nós trabalhamos. Nós trabalhamos sempre com a educação ambiental e esse projeto foi incorporado na escola né, não se trabalha ele alguns períodos do ano, trabalha a educação ambiental o ano inteiro. Toda a escola sempre esteve envolvida com o projeto, eu acho que o objetivo principal do projeto que era conscientizar as crianças, para que elas indiretamente conscientizassem os pais e toda comunidade, foi alcançada, pelo menos não se tem mais registro de nossos alunos retirando mariscos, sementes de mariscos da pedra. Acho isso muito bom, e se eles os fazem, fazem até ocultamente para que a gente não saiba. *(risos*).
PESQUISADORA – É verdade.
PROFESSOR(a) – Porque não se houve mais isso. Eu lembro que antigamente era um tumulto quando era época de maré baixa, que eles iam para lá e faziam aquele estardalhaço, agora não tem mais isso.
PESQUISADORA – Esse ano ainda não percebi muita movimentação, mas o ano passado ainda chegou a ter, o que a comunidade comenta é que são outros que vem para cá, da Penha, Blumenau, são pessoas estranhas. Você acredita que as pessoas da comunidade pararam de extrair as sementes de marisco?.
PROFESSOR(a) – Acho que sim, porque indiretamente através de nossos alunos a comunidade foi conscientizada né, e até os nossos funcionários da escola que tinham o hábito de fazer isso, né?
PESQUISADORA – Pararam para pensar um pouquinho.
PROFESSOR(a) – Sim, com certeza.
PESQUISADORA – Mas assim para você, qual o conceito de educação?
PROFESSOR(a) – A educação ambiental?
PESQUISADORA – A educação de um modo geral.
PROFESSOR(a) - A educação é à base de tudo, aí, não têm nem como explicar a educação. (risos).
PESQUISADORA – Não, sim.(risos)
PROFESSOR(a) – A educação é tudo, é uma necessidade e a educação ambiental, acho que é primordial ter dentro de uma escola, numa unidade escolar precisa diariamente dessa informação, desse conhecimento que o aluno seja alertado como a gente faz. Hoje os nossos alunos eles tem consciência de que não devem jogar papel no chão, que eles não podem estar arrancando a folha do caderno, é o natural é organizado. Eles sabem disso e a gente faz um trabalho bem legal com eles né.
PESQUISADORA – Continua trabalhando.....?

PROFESSOR(a) – Eu me lembro que no ano passado acho que foi a Suzi que fez uma campanha para limpar a praia. Não é uma coisa que as crianças fazem com prazer e eles sabem da importância disso, então foi feita uma campanha foram para praia com sacos de lixo e retiraram todo o lixo. Trouxeram para escola e aí, mostraram para outras turmas foi uma campanha assim bem legal, acho que continuam todos os anos, sempre tem uma turma ou outra que faz uma campanha desse tipo assim. Eu acho que continua o projeto sendo realizado até inconscientemente a gente acaba fazendo e relembrando de ti (gritos das crianças interferem um pouco o diálogo).
PESQUISADORA – O teu trabalho em sala de aula integrando as disciplinas..... História, a Geografia e Ciências o que você procura trazer de conhecimentos para eles, como você trabalha com eles?
PROFESSOR(a) – O conhecimento da 4ª série é bem amplo. Porque como eu os falei trabalham todas as disciplinas. É um professor só, mas ele tem que dar conta de Historia, Geografia, Ciências, Português, Matemática, Artes né, de tudo.
PESQUISADORA – E como você faz?
PROFESSOR(a) – Então a gente tenta utilizar essas matérias da melhor maneira possível, por exemplo, se eu estou trabalhando com eles, o corpo humano né, então eu vou trabalhar minhas atividades de português dentro do tema do corpo humano, por exemplo, aí eu vou fazer leitura de texto, produções de texto, interpretação de texto, irão fazer atividades gramaticais tudo incluído nesse tema entende da mesma forma com Historia, Geografia, vou procurar integrar os conteúdos todos num só entende?
PESQUISADORA – Desse tema, por exemplo, que você está falando como você iria trabalhar a educação ambiental?
PROFESSOR(a) – Ah *(risos*). Não, assim oh, a higiene do corpo, por exemplo, a criança precisa ter a higiene, então à gente vai dar dentro do tema, trabalhando o corpo, trabalhando os sistemas do corpo né, o conteúdo da 4ª série trabalha todo o funcionamento do corpo humano dentro dos sistemas, então a gente vai trabalhar sobre isso a prevenção, o cuidado que a gente tem que ter com a alimentação, ou esportes, com essas coisas, para que o corpo seja; e principalmente a higiene também porque ainda aparece uma ou outra criança que a gente sabe que não tem aquele hábito assim, de tomar um banho todos os dias, vir limpinho, cheirosinho. Com relação ao material, então isso aí, é uma coisa que a gente está sempre trabalhando todos os dias com eles. Mas a educação ambiental a gente trabalha diariamente dentro, na escola né.
PESQUISADORA – Você trabalha com hábitos e atitudes, valores.
PROFESSOR(a) – Sim, claro isso é o respeito né, e atitudes e valores o direito da criança, os deveres da criança também se trabalha com essas coisas dentro da 4ª série, aí não sei é um conteúdo amplo, mas é uma coisa gostosa que tu podes sempre interagir junto com a educação ambiental e também como professora de Artes que eu sou agora, eu procuro também fazer essa reutilização dos materiais descartáveis, por exemplo, quando a gente vai fazer um trabalhinho utilizar garrafas plásticas, papéis, papelão, então, é uma pena que aqui na escola não tenha um espaço, mais eu agora, estou uma catadeira de lixo (risos) porque tudo que eu encontro sabe, assim, que aparentemente é lixo, mas que eu acho que pode ser utilizado para algum trabalho de Artes eu estou recolhendo, estou passando isso para eles indiretamente, né.
PESQUISADORA – Você está passando a reutilização, (*sim Professor(a),* do material. O que é feito com esse material depois?
PROFESSOR(a) – Depois quando?
PESQUISADORA –Quando eles terminam as atividades.....
PROFESSOR(a) - Eles levam para eles, a gente faz exposição na escola, mostra pra escola os trabalhos que foram feitos e depois cada um fica com o seu, porque nós nem temos na escola espaço para estar guardando isso, né. Seria ótimo se a gente tivesse uma salinha de artes, um local onde desse para guardar isso, mas infelizmente não tem então cada um leva o seu trabalho para casa.
PESQUISADORA – Você é professora de Artes de 5ª a 8ª série também, além da 4ª série e têm mais alguma coisa que você queria comentar do teu trabalho, da tua vivência.
PROFESSOR(a) – Da minha vivência?
PESQUISADORA – Sim, você tem muita experiência de vida com os alunos?
PROFESSOR(a) – Ah! Não sei assim, (*emoção ao falar*), mas eu tenho certeza... que depois que nós começamos a fazer o projeto (... *nosso projeto*) teve, houve uma mudança, sabe, houve uma mudança na nossa prática até hoje, tu não estás mais aqui na escola daí a gente sente isso, porque as pessoas se acomodam um pouco, mas aquela sementinha que foi plantada ficou, e sempre que nós trabalhamos a educação ambiental, nós vamos lembrar da Ana Matilde (*risos*) é verdade, e houve uma mudança, eu sei que houve, a prática mudou, tem coisas que eu aprendi contigo agora nesses dois anos que vinte e poucos anos trabalhando na educação eu não sabia, entende.
PESQUISADORA – Entendo.
PROFESSOR(a) – Essa valorização das lendas aqui do local, das estórias do pessoal aqui do Gravatá, quem é que se interessou algum dia em fazer isso, em procurar isso, passar isso, ninguém. Nós fomos aprender contigo.
PESQUISADORA – Acho que com os próprios alunos também né.
PROFESSOR(a) – Também, mas alguém teve que iniciar isso.
PESQUISADORA – Porque nós demos chance de escutá-los.
PROFESSOR(a) – Eu acho que tu, deste uma grande chance para nós, de escutá-los.
PESQUISADORA – Não, acho que fomos todas nós.
PROFESSOR(a) – Alguém precisava dar esse impulso.
PESQUISADORA – Sinto não estar na escola, isso me deixa ainda meio sem sentido, não consegui me libertar totalmente, me libertar da escola porque eu gostaria de dar continuidade, fazer muito mais, mas no momento....
PROFESSOR(a) – E é assim, a gente sabe que o projeto foi incorporado já faz parte do currículo aqui da escola, trabalha-se o projeto sempre, mas falta a tua presença, porque se tu estivesses aqui com certeza à coisa iria fluir muito mais.
PESQUISADORA – Mas é como você falou, deixou a semente, então é com vocês isso agora...
PROFESSOR(a) – Na medida do possível tentamos repassar para os novos professores, novos alunos que encontramos, repassamos tudo àquilo que foi feito e o que a gente conseguiu.
PESQUISADORA – Que bom! Não foram todos que saíram, aquela união que nós tínhamos que até a Neumara comentou todos os professores juntos.
PROFESSOR(a) – É esse rodízio de professores, esse rodízio de professores.
PESQUISADORA – Também complica um pouco.
PROFESSOR(a) – Mas tu podes ter certeza que, enquanto eu estiver aqui e eu vou ficar por muito tempo ainda, a gente sempre vai repassar isso para os novos, de alguma forma.
PESQUISADORA – Que bom!

PROFESSOR(a) - Que teu trabalho não vai ser em vão, não vai acabar.
PESQUISADORA – Nosso trabalho, o trabalho é coletivo, nós fizemos se não tivesse vocês nada disso sairia. Então veja bem foram todos juntos...,, tínhamos que estar nós todos juntos trabalhando com isso,. eu sozinha, não iria conseguir. (emoção por parte da pesquisadora e professor(a). Agradecimento final

Entrevista
Professor(a) 02

PESQUISADORA: Qual a sua formação?
PROFESSOR(a): Formação em Letras habilitação Português/ Inglês e Pós Graduação em Inglês trabalhando sempre com Inglês, trabalhei na escola Ilka em 2002 com a 8ª série.
PESQUISADORA: Você em 2003 estava na escola?
PROFESSOR(a): Não, eu fui para outra escola.
PESQUISADORA: Voltou?
PROFESSOR(a): Voltei agora em 2005, passei no concurso, aí voltei naquela vaga.
PESQUISADORA: Naquela época de 2002, você lembra do projeto que foi desenvolvido de educação ambiental, referente à Pedra da Miraguaia?
PROFESSOR(a): Eu lembro do começo do projeto, que houve conflitos com as famílias dos alunos e que alguns alunos eram presos porque tiravam mariscos da Pedra da Miraguaia né, os alunos como atividade para se sustentar, sem a preocupação com a natureza né, eu me lembro que isso veio acarretar, no caso, a idéia desse projeto.
PESQUISADORA: E você participou desse projeto, qual foi a sua participação?
PROFESSOR(a): A gente começou fazendo a conscientização dos alunos na sala conversando sobre os danos que aquela prática estava causando ao ambiente, para a Pedra da Miraguaia, para toda a natureza em geral.
PESQUISADORA: No decorrer desses anos em relação as suas ações pedagógicas mudou alguma coisa, houve alguma mudança ou não?
PROFESSOR(a): Ah sim, sempre cuidando do meio ambiente valorizando né, trabalhando na minha disciplina questões dos valores, inclusive de cuidar do nosso meio ambiente lembro que, nessa época todas as disciplinas tinham que se envolver nesse tema para trabalhar; eu na disciplina de Inglês comecei a trabalhar as questões do Greenpeace, de pesquisas na internet sobre o Greenpeace e sobre o desmatamento.
PESQUISADORA: Você acha que naquela época, houve um trabalho coletivo entre todas as disciplinas?
PROFESSOR(a): Houve no começo um trabalho coletivo, depois eu não participei mais e dois anos fiquei em outra escola, agora retornei..
PESQUISADORA: E agora nesse retorno, você voltou em 2005, o que você sentiu em relação aos alunos e a escola?
PROFESSOR(a): Eu notei os alunos bem mais conscientes, é interessante que eu trabalhei com a 5ª série em 2002 eram menores e agora que eu retornei eles estão na 8ª série e vejo que muitos ali, são bem críticos tem uma consciência em relação ao meio ambiente, também de vez em quando contam casos porque, o fulano jogou garrafa no mar comentam criticando, interessante né, porque nesses pequenos momentos que a gente vê o resultado daquelas conversas que nós tínhamos dentro do projeto.
PESQUISADORA: Então, você percebeu que eles tiveram uma mudança?
PROFESSOR(a): Eu acho que sim.
PESQUISADORA: Mesmo aqueles que eram da 5ª série (referindo-me aos alunos do ano de 2002).
PROFESSOR(a): Sim, nunca 100% né, mas um bom número de alunos a gente conseguiu atingir sim, até mesmo porque eles não tinham aquela prática, era o modo de ganhar dinheiro deles e a gente lutava contra isso (refere-se à extração desordenada de mariscos) o que é bem forte (na comunidade) e com a própria família.
PESQUISADORA::... Para você o que é educação?
PROFESSOR(a): Educação é um tema bem amplo né, são vários os conceitos de educação, de um modo geral, uma pessoa ser educada é num todo respeitar o próximo, isso é educação no geral né, tem vários conceitos.
PESQUISADORA:: Para você assim o que é educar? Educar para você..(*interrupção*).
PROFESSOR(a): Educar é desde ensinar os conteúdos previstos lá na grade curricular, quanto ensinar bons modos né, bom dia, boa tarde e no meio disso está também à questão de valores, no geral, família, meio ambiente, escola, os amigos, isso é educar; a gente educa o homem para vida não só para passar no vestibular tem que saber mais ou menos o verbo To Be no meu caso, mas no geral, para vida.
PESQUISADORA:.Antes de 2002, em sala de aula, as suas ações pedagógicas sempre foram preocupadas com a relação do cotidiano do aluno com o meio ambiente ou não?
PROFESSOR(a): Não. Eu dou aula há cinco anos né, no começo eu me preocupava muito com passar os conteúdos, as notas e não avaliava no geral; aí com a experiência, com projetos desenvolvidos ao longo da nossa vida profissional é que a gente vai crescendo cada vez mais, com os colegas de trabalho, com as conversas junto aos mais experientes que passam para gente coisas bem interessantes, a gente vai começando a mudar na sala de aula. Esse projeto ajudou bastante a trabalhar com os alunos não só aquilo que ele tem que saber, o inglês, a gramática, mas no geral, que inglês faz parte do mundo o que é o mundo a gente tem que cuidar.
PESQUISADORA: Então você acredita que a partir do desenvolvimento do projeto, suas ações pedagógicas sofreram alguma modificação?
PROFESSOR(a): Sim, bastante; hoje a gente vai fazer um trabalho, uma maquete, a gente sempre conversa sobre o material, usando materiais recicláveis, pesquisas na internet com tradução de texto sempre procuro trabalhar sites que busquem para uma coisa mais consciente ah, vamos para o Greenpeace um site de ecológico, sites que mostrem a realidade.
PESQUISADORA: Agora outra coisa que eu queria te perguntar, (*fugiu da memória...)* Você acredita que nesse projeto, no desenvolvimento do projeto os professores, eles participaram como você percebeu?
PROFESSOR(a): É complicado dizer por que em 2002 a gente tinha um grupo bem interessante, um grupo de professores unidos, um dava uma idéia o outro concluía então a gente pegava junto era uma força.
PESQUISADORA: Então em 2002 houve esse trabalho coletivo?

PROFESSOR(a): Houve, em 2003 e 2004 mas eu não sei dizer; em 2002 foi bem interessante à gente via o resultado, mas só que para isso todos pegavam junto né, ah vamos trabalhar o meio ambiente no caso era a Pedra da Miraguaia, o negócio de atividades, não deixávamos de trabalhar as nossas matérias mas tínhamos que desenvolver atividades relacionadas a isso, interessante era mostrar também né o que a gente fazia é com cartazes a gente fez uma apresentação na escola o desfile cívico do município a gente levou o tema para avenida o(a) professor(a) três pintou um quadro com a Pedra da Miraguaia para mostrar para o resto do município de Navegantes o que a gente tinha de bom aqui, no caso os nossos valores turísticos né, nossa pedra e tal foi bem interessante porque nossa a comunidade com isso valorizou mais. Quando a gente faz um trabalho e mostra visual aí valoriza bem mais e também exposições na escola.
PESQUISADORA: Foi aberta para os pais.
PROFESSOR(a): Para os pais, poesias lembra?.
PESQUISADORA: Ah, claro, os livros, até a professora de português ela trabalhou.....
PROFESSOR(a): Maquetes se não me engano, maquete da Pedra da Miraguaia.
PESQUISADORA: Ah sim, e você não participou da representação teatral em 2003?
PROFESSOR(a): Não aí não.
PESQUISADORA: Trabalharam então com toda ...(*interrupção*)
PROFESSOR(a): Naquele começo do projeto que foi o início do conflito lembra que era bem interessante, às vezes, eles faltavam não vinham para aula aí ficava aquele, a porque a polícia foi na casa deles primeiro, porque eles estavam tirando marisco da pedra (sementes) legal (ironia), isso a gente sentiu bem na pele; e a gente confrontava com isso com alunos na sala dizendo para gente que, a não tem nada a ver professora ganhar dinheiro faço dez reais o baldinho e a gente confrontando com isso não porque aquilo era errado era complicado éramos só nós contra a família, contra o dinheiro que era a necessidade deles, é complicado.
PESQUISADORA: Você acredita que houve uma motivação ali para dar andamento nesse projeto?
PROFESSOR(a): Houve.
PESQUISADORA: Por parte de quem?
PROFESSOR(a): No geral dos professores pegaram juntos conversavam, a gente tem um poder muito grande sobre os alunos né, então estar os fazendo verem fazendo entender como que é como que devem ser alguns a gente consegue atingir mesmo a gente sente vê resultado como eu o vi na 5ª série nós temos alunos e agora na 8ª eles são adultos são mais consciente, eu mesmo foi bem interessante pegar eles na 5ª série em que ainda eles são bem crianças bem imaturas bem infantis.
PESQUISADORA: E ver o resultado agora.
PROFESSOR(a): E ver o resultado agora, para ver como eles estão bem interessados já tem maturidade, já são bem consciente são críticos.
PESQUISADORA: Isso é muito importante. De que maneira você percebe o ensino, o que você considera que possa ser feito para melhorar a qualidade do ensino?
PROFESSOR(a): Continuar com essa..., com esses projetos trabalhar a sexualidade, a violência, as drogas só que para dar certo o que eu sinto mesmo né, depois que eu trabalhei em outras escolas a gente até tentou trabalhar os professores todos juntos então tem que começar lá de cima os coordenadores, o supervisor escolar, montarem esses projetos, aplicar na escola, cobrar desses professores porque não são todos que tem o pique de pegar junto né e trabalhar os professores todos juntos aí dá certo eu queria mais na escola tentando fazer né, eu sinto que está um pouco desmembrado, né.
PESQUISADORA: Porque ?
PROFESSOR(a): Porque se vê professores novos que ah!.. já não bate com o outro, eu vejo que ela sempre está parando vamos fazer assim, vamos fazer aquilo, com música, vamos ver não é como antes, né, que dava certo agora está meio...(*refere-se a complicado, difícil)*
PESQUISADORA: E porque você acha que não dá para ser como antes?
PROFESSOR(a): De repente, está faltando ali à supervisora da escola né, a coordenadora parar um pouco, dá um tempo para gente se organiza colocar sugestões vamos fazer.
PESQUISADORA: Ouvir os professores.
PROFESSOR(a): Ouvir os professores, é porque agora o que está acontecendo não está tendo tempo para se reunir quando a gente para, é conselho de classe, é conversando sobre aluno, nota, não tem tempo para conversar sobre esses projetos a gente sabe que só tem tempo para isso e daí não se têm tempo, está faltando um pouco de união ali.
PESQUISADORA: Tem alguma coisa a mais que você gostaria acrescentar?
PROFESSOR(a): Eu achei que foi bem válido esse teu projeto e deveria ter mais desse projeto nas escolas por ano no mínimo, no mínimo deveria ser feito uns 4 projetos por bimestre porque os problemas da escola são reflexos da sociedade da família, da sociedade, em geral. Então há de trabalhar isso para a gente poder fazer alguma coisa não só pela nota do aluno, mas pelo aluno mesmo o ser humano o que ele vai ser lá fora da escola esses projetos ajudariam a formar uma consciência crítica para estar agindo e interagindo nesse mundo aí fora.
PESQUISADORA: E integrando o cotidiano a vivência deles na escola não ficar a parte só dar os conteúdos da grade curricular e acabou, sem contextualizar, sem um diálogo, sem discussões.
PROFESSOR(a): O interessante agora seria, de repente eu não sei mas no começo do ano que vem, começar o mesmo projeto só que agora para mostrar o resultado para todos os novos e comunidade.
PESQUISADORA: O resultado?
PROFESSOR(a): Fazendo uma palestra contando os dados.
PESQUISADORA: Com os professores pretendo fazer um feedback mostrar alguns dados da análise.
PROFESSOR(a): Conosco primeiro, aí a gente trabalhando junto de novo. De repente o ano que vem a gente leva e começamos de novo.
PESQUISADORA: Da entrevista de vocês esse resultado é importante para estar mostrando o resultado, os dados, o que deu certo e o que não deu certo, e onde podemos melhorar.
PROFESSOR(a): É interessante também estar mostrando para 8ª série, porque são os nossos alunos da 5ª em 2002.
PESQUISADORA: Sim, com certeza preciso ainda conciliar meu trabalho e horários para pedir a direção um tempo para poder estar mostrando a vocês esse resultado de todo o trabalho. Não foram todos os professores que ficaram mas, esses que ficaram acredito que tenham criado um vínculo muito forte .... o que é preciso eu acredito é dar um ânimo uma motivação para que isso não se perca.
PROFESSOR(a): É a união.

PESQUISADORA: Sim, é união.
PESQUISADORA: E o que você acha que não dá como antes para ser realizado agora?
PROFESSOR(a): De repente, está faltando ali à supervisora da escola né, a coordenadora parar um pouco, dá um tempo para gente se organizar colocar sugestões vamos fazer.
PESQUISADORA: Ouvir os professores.
PROFESSOR(a): Ouvir os professores, é porque agora o que está acontecendo não está tendo tempo para se reunir quando a gente pára, é conselho de classe é conversando sobre aluno, nota, não tem tempo para conversar sobre esses projetos, a gente sabe que só tem tempo para isso e daí não se têm tempo, está faltando um pouco mais de união ali.
PESQUISADORA: Tem alguma coisa a mais que você queira acrescentar, falar?
PROFESSOR(a): Eu achei que foi bem válido esse teu projeto e deveria ter mais desse projeto nas escolas por ano deveria ser feito no mínimo, no mínimo deveria ser feito uns quatro projetos por bimestre porque os problemas da escola são reflexos da sociedade da família, da sociedade, em geral. Então há de trabalhar isso para a gente poder fazer alguma coisa não só pela nota do aluno, mas pelo aluno mesmo, o ser humano o que ele vai ser lá fora da escola esses projetos ajudariam a formar uma consciência crítica para estar agindo e interagindo nesse mundo aí fora.
PESQUISADORA: E integrando o cotidiano a vivência deles na escola não ficar a parte somente dar os conteúdos da grade curricular e acabou sem contextualizar sem uma interpretação deles né.
PROFESSOR(a): O interessante agora seria, de repente, esse ano eu não sei, mas no começo do ano que vem, começar o mesmo projeto só que agora para mostrar né.
PESQUISADORA: O resultado?
PROFESSOR(a): Fazendo uma palestra contando os dados.
PESQUISADORA: Mas o que eu quero mesmo é fazer um feedback com vocês mostrar a análise.
PROFESSOR(a): Conosco primeiro aí a gente trabalhando junto.
PESQUISADORA: É porque eu já tenho uma análise preliminar.
PROFESSOR(a): De repente o ano que vem a gente leva.
PESQUISADORA: Da entrevista de vocês esse resultado é importante para a gente até estar mostrando o resultado, os dados, o que deu certo e o que não deu certo.
PROFESSOR(a): É interessante estar mostrando para 8ª série.
PESQUISADORA: É esse ano ainda que eu quero conciliar um espaço já pedi para a direção, para poder estar mostrando a vocês esse resultado, o que aconteceu não foram todos os professores que ficaram mas, esses que ficaram, eu acredito que tenham criado um vínculo muito forte, o que é preciso eu acredito é dar um ânimo, uma motivação para que isso não se perca, não seja em vão..
PROFESSOR(a): É a união.
PESQUISADORA: Sim a união. Você deseja acrescentar mais alguma coisa?.
PROFESSOR(a): Ah! Sim o caso ...como...essa dos professores ACT, todo ano muda de escola para escola, isso interfere muito, o professor que fica na escola começa a conhecer os problemas da comunidade, trabalhei aqui sabia da realidade porque na aula não é só gramática, mas conversa conhecer a realidade da escola. Aí passei dois anos trabalhando no Carvão (*bairro afastado do centro de Navegantes*), que é interior, lá os problemas são outros, lá precisava de um projeto assim, com os alunos lá o que eles querem mais saber é matar passarinho, e caçar porque lá é mais mato.
PESQUISADORA: É zona rural.
PROFESSOR(a): É zona rural, então eles não tem muito recurso de comunicação eles são bem desprovidos de tudo, e o que eles gostam mais de fazer é caçar passarinhos é de matar mesmo, eles vão e não estão nem aí.
PESQUISADORA: Eles não têm essa percepção que...(*interrupção*)
PROFESSOR(a): Vão catar bicho, passarinho, até nós levamos eles o ano passado para a Penha numa trilha ecológica pela Univali, e até eles desdenharam muito porque a menina (*representante da trilha*) mostrando esse aqui é tal passarinho e o aluno gritando ah! eu sei eu já matei ele, já peguei ele!. Então foi bem complicado, lá (*a escola*) precisa que eles não... sem contar os outros problemas, eles são muito pobres lá, não tem televisão, não tem rádio, tem muitos problemas, lá precisa de informação, precisa de um projeto assim (*refere-se ao projeto pedra da miraguaia*), para trabalhar com eles, só que a gente fica um ano e sai, só que agora ainda bem me efetivei, então vai ser bom porque vou poder trabalhar com projetos para estar trabalhando com eles e conhecer bem a escola e os alunos mas de repente um ano é pouco.
PROFESSOR(a): O teu projeto deveria ser levado para todas as escolas, não só no Ilka.
PESQUISADORA: (sorriso) Agradecimento final

Entrevista
Professor(a) 03

PESQUISADORA: Fale um pouco sobre seu trabalho e de você.
PROFESSOR(a): Trabalho nessa escola há quatro anos e meio sou supervisora escolar e desde que eu entrei para cá tenho acompanhado o crescimento da escola, das mudanças, das desestruturas da escola até as mudanças na educação também.
PESQUISADORA: Quais as mudanças que você tem percebido na escola?
PROFESSOR(a): Desde o tempo que eu trabalho aqui a primeira coisa que nós iniciamos foi o projeto político pedagógico, visitamos o bairro, conversei com cada família, mais de um mês visitando as famílias dos nossos alunos, conversando com eles sobre a importância da educação, falando da escola e depois em cada reunião pedagógica que a gente fazia com os professores a gente estava mostrando o nosso projeto político pedagógico, fizemos revemos o regimento da escola..., trabalhar a prática, colocando em prática. Sobre o que eu acho da educação de um modo geral, para mim como educadora, a educação é uma das coisas mais importantes para a vida, assim como a alimentação; você tem que comer todo dia, a educação é assim também para a vida, a pessoa tem que estar se alimentando da informação, do conhecimento, desse contato das pessoas, da interação das pessoas, do próprio crescimento delas, porque a educação só funciona se a pessoa for democrática, nessa vivência social ela demonstra a democracia. E todo trabalho que a gente faz dentro da escola é nesse sentido é um trabalho de não imposição, mas de ouvir as pessoas, ouvir a comunidade, ouvir os

alunos, ouvir os professores, de debater, de discutir e chegar num consenso dessas idéias para a gente poder estar junto resolvendo esses problemas.
PESQUISADORA: Então para você é importante o diálogo?
PROFESSOR(a): O diálogo é o coletivo de um modo geral. É o coletivo porque uma pessoa sozinha não educa ninguém, não resolve ninguém, a educação é continua a educação nunca está pronta, é a cada instante que você vai construindo, o ser humano nunca está pronto também, e é assim mais no coletivo, eu não posso falar eu vim para cá para resolver os problemas da escola, não de jeito nenhum, cada escola tem uma realidade diferente, depende de como a gente conduz o povo e trabalha o coletivo.
PESQUISADORA: Como é que vocês trabalham aqui na escola?
PROFESSOR(a): De um modo geral o nosso trabalho na escola, é esse trabalho assim de assessoramento, mas não de autoritarismo, claro que nós temos as autoridades, o conhecimento, nós temos pessoas é.... Pós-graduadas, que fazem mestrado à gente tem essas autoridades, mas a gente procura evitar o autoritarismo. Trabalhar de uma maneira geral no coletivo. E para os alunos a escola é talvez um lugar melhor do que a casa, pelos problemas que eles vivem com a família, o problema sócio-econômico, o problema de separação dos pais, as brigas, confusões, a gente conhece e sabe que eles vivem esses problemas, e a escola tem assim como um lugar que dá atenção para eles, os professores passam para eles essa afetividade e isso facilita a aprendizagem.
PESQUISADORA: Desde 2001 que você começou até agora em 2005, durante esses quatro anos vocês trabalharam com projetos, quais os projetos que vocês desenvolveram?
PROFESSOR(a): Aí nós trabalhamos o projeto de leitura com a dificuldade da aprendizagem, e esse é contínuo e o meio ambiente que também é contínuo que nós trabalhamos até hoje, continuam trabalhando até hoje.
PESQUISADORA: Como você percebe o meio ambiente?
PROFESSOR(a): É conservar a natureza, é de ter essa conscientização, que as pessoas precisam se sensibilizar da importância da conservação do meio ambiente, o resultado que traz para vida delas, tem pessoas que não tem essa consciência, elas atravessam o Ferry Boat, elas pegam qualquer coisa e jogam no rio, e isso aí é uma falta de sensibilidade, falta de informação.
PESQUISADORA: De que maneira vocês trabalham a questão do meio ambiente na escola?
PROFESSOR(a): Houve uma grande preocupação da escola em relação ao meio ambiente no nosso bairro do Gravatá, por que é próximo ao mar. Tomamos como ponto de partida às observações do local, os problemas que a comunidade estava enfrentando, para estudar um contexto interdisciplinar do nosso meio ambiente e sensibilizar a todos da sua importância.
PESQUISADORA: Quais eram e quais são os problemas ambientais aqui da região?
PROFESSOR(a): A primeira observação que nós fizemos aqui da praia é que ali foram devastadas, foram tiradas as dunas, restingas, o mar perfeito, pelas empreiteiras na construção de prédios, e sentimos a necessidade de envolver o nosso aluno, interagir e atuar na prática é para que tenha respeito a conservação da natureza, devido a constante degradação do nosso meio aqui, eles tendo consciência do bairro Gravatá, problemas aqui da beira da praia eles também vão ter essa visão do mundo.
PESQUISADORA: O que vocês trabalharam, o que foi realizado nesses anos, houve algum resultado ou não, quais foram às dificuldades encontradas?
PROFESSOR(a): Um dos pontos tristes é que eles tiravam marisco da pedra e era comercializado por qualquer quantia de dinheiro, e não na época certa da retirada do marisco, isso era um problema sério e a policia batia ali e recolhia as famílias, alguns eram presos, então nós trabalhamos na escola essa conscientização, o que eles estavam fazendo era errado, mas muitas famílias...? Com as famílias e muitas famílias concordam que o que eles estavam fazendo não era o certo, era o meio de subsistência de vida para eles.
PESQUISADORA: É um problema sócio-econômico?
PROFESSOR(a): Sócio-econômico, os filhos desses pescadores, tiveram as informações, o conhecimento e repassaram para eles.
PESQUISADORA: E eles continuam?
PROFESSOR(a): Agora não tenho nenhuma informação que estão tendo problemas, mas sim que eles pararam.
PESQUISADORA: Os alunos da escola ou a própria comunidade?
PROFESSOR(a): A própria comunidade.
PESQUISADORA: Esse ano está mais tranqüilo?
PROFESSOR(a): Está mais tranqüilo. Quando a gente fez o projeto, nós convidamos as famílias, quer dizer foi trabalhado o ano todo, depois teve aquela turma. Que nós convidamos e eles viram os trabalhos feitos pelos alunos, às apresentações teatrais que eles representaram tudo o que estava acontecendo, eles fizeram com representações na escola, então, fui passado para comunidade, e assim eu acredito que os nossos alunos tenham essa consciência, atingiram eles internamente.
PESQUISADORA: Como é que você acredita que atingiram “eles” internamente?
PROFESSOR(a): Houve as mudanças de atitude.
PESQUISADORA: Que tipo de mudanças eles tiveram?
PROFESSOR(a): Nós temos alunos que os pais têm quiosque na beira da praia, eles sabem que ali não é o lugar próprio para ter quiosque e sabem que ali é antiecológico, mas é o meio de subsistência para eles, eles têm medo da degradação da natureza, mas também tem medo que o pai não consiga arrumar outro emprego, não consegui que ele sabe que ali um dia vai acaba, vão tirar, eles tem essa consciência.
PESQUISADORA: O que você acha, depois desse trabalho que a escola realizou, aliás, que ela continua realizando, houve uma preocupação maior em relação ao meio ambiente, ou está faltando alguma coisa a mais para dar continuidade a esse trabalho?
PROFESSOR(a): É permanente, é um processo, foi colocado no plano político pedagógico da escola, está dentro do currículo, à gente trabalha assim dentro dos PCNs, está tudo, é a necessidade também aqui do bairro, trabalhando essa questão ambiental é prioridade está sendo trabalhado isso.
PESQUISADORA: E na questão dos professores, como você percebeu esse trabalho desenvolvido com os professores, eles colaboraram, houve participação, houve alguma dificuldade, alguma barreira?
PROFESSOR(a): Não, nenhuma dificuldade com os professores, eles colaboraram, todo mundo participou de uma maneira geral, a nossa dificuldade mesmo, foi como eu te mostrei, ali na prefeitura quando a gente precisou de ônibus para sair, para fazer as aulas, passeios, essa barreira.
PESQUISADORA: Essa foi à dificuldade encontrada?
PROFESSOR(a): É nem sempre quem está no poder sabe, tem todas as informações, tem o conhecimento sobre a necessidade do povo em geral, quem está no poder sabe disso, é então muitas vezes a gente argumenta, mostrando, levando as informações, ainda tem coisas que a gente não consegue, e a escola não tem dinheiro, a escola pública não é revestida de verba nem de dinheiro pra gente ta resolvendo essas coisas. Então para fazer o projeto, levar as crianças até o laboratório foi batalhado, nós fizemos rifas, e

pedimos colaboração dos pais nem todos colaboravam. Então, tivemos que correr atrás, mesmo do dinheiro, para pagar um ônibus e levar as crianças. Nós levamos a turma da pré-escola até a 8ª série, todos os alunos participaram, porque quando a gente faz o projeto, a gente envolve todos, não pode ficar aluno de fora é todo mundo envolvido.
PESQUISADORA: E hoje vocês trabalham com quais projetos na escola?
PROFESSOR(a): Nós continuamos trabalhando com o projeto da educação ambiental. Vamos parar agora em maio a gente faz a reunião com os professores pra determinar metas de pesquisa, de investigação, de atividades diferenciadas dentro da sala de aula como trabalhar com os alunos.
PESQUISADORA: Então de uma maneira geral vocês acreditam que deu resultado?
PROFESSOR(a): Principalmente na parte crítica, os alunos sabem opinar.
PESQUISADORA: Término da entrevista por tempo restrito.Agradecimento final.

Entrevista
Professor(a) 04

O(a) entrevistado(a) não quis seguir nenhum roteiro, as perguntas foram surgindo conforme o decorrer da entrevista. Houve interferência do(a) professor(a) 03
PESQUISADORA - Pediu que o(a) entrevistada se apresentasse e falasse sobre sua carreira.
PROFESSOR(a) – (*Risos*) Pode rir....(*momento de ansiedade*)
PESQUISADOR – (*Risos*) Pode falar, pode rir também.
PROFESSOR(a) - Estou aqui há cinco anos na escola Ilka, abracei essa comunidade, eu tenho interesse em querer ajudar sabendo que eu não era daqui, pra mim era uma comunidade como se fosse estranha, diferente e assim principalmente, por nunca atuar em sala de aula com o ginásio, porque sempre trabalhei com a educação infantil. Tenho 18 anos no município e já peguei varias gestões assim de troca de prefeito, nem era pelo município que eu trabalhava, era Itajaí, na FUCABEM. A FUCABEM era mantida ela não tinha os professores do município, nós não tínhamos, assim era a educação infantil. a ANABEM, pra nós era o lucro, vinha do pessoal lá da FUCABEM que eles que forneciam o curso pra nós entende, não era nada pela prefeitura, a prefeitura só pagava nós, era só o salário. Então sempre trabalhei com educação física idade de 5,6 anos, aí quando surgiu essa oportunidade ..., pra mim eu fiquei até espantada. Aí por eu não ser daqui do Gravatá, eu era lá do centro, eu sabia que ia trabalhar com o ginásio que era um dos meus bloqueios, porque antes eu só trabalhava com crianças menores pra mim foi um grande desafio, eu acho que eu me dei super bem, assim com a maior preocupação de mantê-los na escola e preocupada com os que ficavam lá fora em horário contrário, então até nós aqui na escola junto com o pessoal, supervisoras, tudo a gente até tinha projetos de trazer esses alunos, tentar né? Alunos com dificuldades e outros menores, trazer eles pra escola pra ficar em horário contrário, pra fica aqui dando uma força para os outros. É pra mim foi um grande desafio e assim no que a prefeitura fornece hoje para nós, nesses cursos de capacitação, veio assim a mim engrandecer mais, apesar assim que eu não terminei ainda o ensino superior, pretendo, quero ir mais além, eu não quero ficar parada, eu não quero fica só nisso e quero ir além, luto pelos alunos, principalmente pelos adolescentes, pra mim uma das maiores preocupação são os alunos de 5ª à 8ª série.
PESQUISADORA – O que você entende por educação?
PROFESSOR(a) –(*Risos, continua um pouco ansiosa, mas que falar tudo que vem na memória*) Eu ainda assim, eu me preocupo porque escutar uma reportagem assim às vezes no fantástico e tudo a dizer que o ensino no Brasil ta muito ruim, isso marca muito pra nós professores profissionais, saber que tem professores que estudam, são pós-graduados tem até mestrado, eu acho que eles não vão pra uma carteira de universidade a toa, porque eles aprendem, eles passam pro aluno, tem aqueles alunos que não querem nada com nada, mas isso aí já vem assim de família. É um problema social e a família é à base de tudo. Se a família vai bem o aluno vai bem, em casa com a família ele tem tudo na escola pra se dar bem. A gente sabe que é um complemento é até uma parte, mas não adianta, se o aluno não ta bem em casa por mais que a gente se esforce aqui como uma aliada dele na escola, mas não vai tão bem quanto uma criança que tem assim uma família bem estruturada.
PESQUISADORA – O ponto que você acha fundamental é a família?
PROFESSOR(a) - É, a família ela tem que, na minha opinião, a escola , a escola é uma união de alunos, professores e comunidade. Parte da educação assim tem que estar, a escola não pode estar de portões fechados sabendo que o nosso aluno aqui ele vem e não consegue assimilar nada, ele não consegue fazer deveres, e a família dele em casa ou está toda desestruturada, não tem nem um ambiente pra ele.
PESQUISADORA – Torna-se um grande desafio converter informação em conhecimento. Agora nesses cinco anos que você está aqui na escola, mas principalmente nos anos de 2002 e 2003, quando começamos a trabalhar juntas, a equipe toda você percebeu alguma diferença durante esses anos? Ou desde que você entrou até agora as coisas continuam sendo iguais.
PROFESSOR(a) – Muita, houve bastante mudança. Quando eu entrei, eu posso dizer que eu me sentia como se fosse assim... uma formiga, mas assim eu me deparei com uma equipe que era igual a mim. Cada um com o seu problema, o 1º encontro foi assim muito bom porque não foi direto! Jogado material pra eles, lança aqui! Ali! A escola, o regime da escola é isso! Eu quero que trabalhe dessa maneira, e seguir aquilo ali *(expressão em forma de imposição*). O que nós fizemos? Nós tentamos , nós construímos e houve um debate muito bom, muito legal cada um colocou até a sua experiência de vida. Então não adianta, querer vir aquele professor general, com aquela postura que vem de outras escolas e querer assim e tentar mudar tudo na escola, porque não é nada disso, o nos trabalhamos com união, companheirismo e seguido uma meta, um currículo na escola que tem que ser seguido, é um planejamento, tem até aqueles professores que são resistentes (*Não querem contribuir,participar*). Que a gente sabe que isso não vai leva a nada, só atrapalha.
PESQUISADORA – Mas de um modo geral você acha que professores, a equipe colaborou?
PROFESSOR(a) – Colaborou, muito, muito, muito! Desde a estrutura física que era precária nós tínhamos poucas salas, com o decorrer do ano foram construídas. A escola foi ampliada e isso foi muito bom, até vindo assim da secretaria da educação houve vários cursos que veio melhorar mais ainda a educação do município. É o nosso prefeito também ele levou, ele recebeu um premio de professor amigo porque ele soube investir na educação.
PESQUISADORA – O que mais que você gostaria de falar da escola?

PROFESSOR(a) – Não como eu falei, quando eu entrei eu senti assim eu jamais podia decepcionar a comunidade. No entanto, eu enfrentei várias barreiras, muitas assim...de pais chegarem aqui e acharem que era da maneira deles, e eu não bati de frente com eles, eu sentei, eu ouvi cada um, cada um tinha uma opinião, eram opiniões diferentes e a gente tinha o que? Chegar num acerto, no entanto teve uma vez que eu fui, fizeram uma reunião me colocaram que eu tinha que resolver a situação, eu disse que sozinha seria difícil, eu precisava da ajuda deles e eu convidei três mães para irem até a secretaria da educação, e não foram três foram doze. Essas mães foram comigo, elas foram pedir pela ampliação da escola que o espaço físico era muito pequeno, estava precário e desde a hora que a gente assume uma direção a gente não tem idéia do que vai enfrentar. São alunos de temperamento assim... alunos imperativos, alunos que vem assim sem condição financeira nenhuma, e que isso tudo a gente tem que buscar e quando eu cheguei para secretaria da educação e falei que aquelas mães estavam ali por uma causa justa, que elas queriam era o melhor para a comunidade, que para elas a prioridade era uma escola adequada, uma escola boa, uma escola que elas sabiam que o filho ia sair de casa e tinham um ambiente bom, onde eles pudessem sentar e estudar e adquirir conhecimento. Isso eu sabia, que a equipe de professores, a equipe que trabalhava comigo era uma equipe unida, era uma equipe que lutava por uma causa justa para que o aluno tivesse um bom resultado. Então a secretaria da educação até ofereceu nesse dia, se eu quisesse um lugar mais perto. Ela sabia a dificuldade que eu tava enfrentando por eu deixar meus filhos em casa, ter que ficar um dia inteiro aqui e me dedicar a esses alunos, a esses pais, que também eles muitas vezes procuravam a solução na escola, que não era tanto problema da escola, era o problema social, mas eu tentava unir isso tudo.

PESQUISADORA – Que tipo de problema social?

PROFESSOR(a) - Com a assistência social, muitas vezes eu encontrava barreiras, mas eu não desistia, eu ia a fundo, até nesse dia quando a secretaria da educação falou que ela tinha me oferecido um lugar mais perto se eu quisesse, eu comecei a chorar, porque eu entrei aqui e queria ir até o fim sabendo que cada tijolo, cada coisa que foi colocada, não era eu sozinha, e as mães se levantaram e disseram:"Lá na nossa comunidade fica quem a gente quer, se a diretora entrou e está conosco, ela só sai de lá se a gente quiser, e ninguém quer que ela saia de lá". No entanto para mim, foi um desafio, enfrentei... os alunos que abandonavam a escola e nós fomos buscar porque chegavam comentários para nós que esse aluno estava incomodando lá fora, e esse aluno estava até roubando, mexendo em casas de veranistas e eu não queria acreditar nisso, então nós fomos até a família. Quando nós deparamos com essa família, era a mãe e o nosso aluno e dois irmãos pequenos, a mãe com uma cirurgia enorme em cima de uma cama e esse nosso aluno que fazia tudo e ainda tinha um bebê que ele cuidava, o que nós fizemos? Nós resgatamos esse aluno, mesmo nas férias ele estudou, ele veio, ele fez as provas e ele conseguiu. Foi um desafio tanto pra nós quanto maior ainda pra ele, ele conseguiu, foi assim... um objetivo muito bom, um resultado gratificante que a gente teve. E isso e outras coisas também, por ser uma comunidade que a maioria dos pais, o pai é pescador, ele ficava um bom tempo fora, é a mãe que lida com os filhos, não são famílias de número pequeno de filhos , então são famílias numerosas e elas assim... chegam para nós e dizem, não dou mais jeito do filho, eu não dou mais jeito, eu não dou mais conta, vê o que vocês podem fazer. A gente sabe que não é bem por aí não, e nós temos que dar conta e dizer não, o que a gente ia era sempre buscar uma solução e muitas vezes a gente consegue um resultado bom, dava certo.

PESQUISADORA – Quais são os outros problemas sociais que tem aqui na comunidade.

PROFESSOR(a) – A comunidade, um dos maiores problemas que a gente enfrentou foram os alunos evangélicos. Os evangélicos, tinham trabalhos que os professores lançavam , principalmente, comemorações culturais. Isso era difícil, por a gente ter um número maior de católicos e menor de evangélicos, mas os evangélicos é que tentavam dominar e isso foi uma das grandes causas que eu consegui acabar com isso, trazendo eles também para escola e ver nosso trabalho, ver que isso está dentro do nosso currículo, e trabalhar como o dia das bruxas que para eles era uma coisa que mexeu com eles. E o que a gente fez? Nós lançamos um projeto que nós fomos trabalhar desde a cultura, tudo, isso fazia parte do nosso currículo e trabalhamos em cima dele, até de Florianópolis, a ilha das bruxas, a gente tentou resgatar isso para trazer, porque também faz parte de todo projeto de Santa Catarina e não podia ficar descartado, então o que a gente lançou, quando foi pela páscoa que os nossos alunos iam apresentar um teatro e teve pais evangélicos que ficaram apavorados, eles não aceitavam que o simples fato de ter ali a Maria mãe de Jesus que eles não aceitam, e o que a gente fez, nós convidamos os pais pra apresentar o teatro deles (*os evangélicos*). Que foi muito bom, eles trouxeram o tema deles, sobre as drogas, e isso foi fotografado, foram registrados, eles passaram a entender que eles não eram os únicos e que tinham que entender que tinham diferenças, e essas diferenças o próprio filho deles, eles levariam pro resto da vida. Que não poderia ficar só naquilo ali, aquela coisa da igreja deles, que eles tem que seguir. Aquele vínculo nós temos alunos assim que se fizer uma comparação dos alunos evangélicos a gente tem quase certeza que são mais educados que os nossos católicos. Por eles seguir aquilo ali, mas aquilo ali eles não vão levar a vida toda vai chega uma hora que eles vão ter que tomar um rumo também e que não vai ser a igreja que vai prender el

PESQUISADORA – Em que ano que vocês desenvolveram esse projeto?

PROFESSOR(a) – Foi em 2004.

PESQUISADORA – Quais foram assim outros projetos que vocês desenvolveram dentro da escola.

PROFESSOR(a) – Um dos mais importante foi a família na escola. Uma pena que dois anos pra cá que não ta mais sendo mais divulgado e o próprio governo não sei se cortou ou acabou com isso, mas a nossa escola ainda faz.

PESQUISADORA – O que era realizado no projeto Família na Escola?

PROFESSOR(a) – Era exposição de todos os trabalhos que os alunos faziam, isso é comemorado duas vezes ao ano. Então a gente faz, deixa pra fazer isso numa feira de ciências, e leva o convite. Os pais recebem um convite pra ver o que está sendo feito na escola. Todas as exposições de trabalhos, os pais assistem às aulas que são dadas durante a semana. Foi muito interessante, tinha que ter essa ponte, no entanto a nossa escola o portão é só encostado, fechado ele não é, nós atendemos qualquer um da comunidade desde da área da saúde até qualquer um que entra é bem recebido na nossa escola. Nós oferecemos também cursos, mais o primeiro desafio em 2001 quando eu entrei aqui, é que a gente sabia que tinha crianças fora da escola, aqui na comunidade de Gravatá, e que essas crianças eram indígenas, aí nós fomos atrás, eu a supervisora, nós fizemos uma visita , essas crianças se encontravam num estado assim que olha uma situação precária mesmo, nós fizemos a visita, nós fizemos a matricula, esses alunos vieram, nós trouxemos eles pra escola, foi assim um grande desafio porque eles tinham os costumes deles, nós tentamos mas não foi fácil e no fim a gente teve que deixar porque era a cultura deles, que era tentar colocar um calçado nos pés dos nossos índios e até roupas intimas que eles não usavam.

PESQUISADORA: –Esse trabalho iniciou em 2001?.

PROFESSOR(a) – Em 2001, até no dia do índio foi um trabalho assim, belíssimo, que a RBS veio filmou tudo, fez entrevistas com os nossos alunos e o surpreendente foi que a repercussão dos nossos alunos. Os nossos alunos os receberam muitos bem aqui, teve alguns pais que não aceitaram os índios tomar banho, que eles (*alunos*) tinham tudo, foi muito difícil de lidar. Mas, o nosso objetivo

maior nós alcançamos, nós alfabetizamos nossas crianças, que eles não sabiam nem pegar num lápis, nós aprendemos muito, muito, muito com a cultura deles. O nosso grande desafio era porque que eles eram tão bons em matemática, aí quando nós visitamos a aldeia deles nós vimos como eles tinham facilidade porque a cacique, ela pegava, se ela fosse montar uma cesta todos tinham que ficar em volta. Aquelas palhinhas, eles separavam, eles contavam, eles tiravam, a matemática deles foi assim um grande desafio para nós, e nós temos aprendido muitas coisas com eles. Mas assim de 2001 a 2005 foi um progresso muito grande.
PESQUISADORA: – Na questão do meio ambiente, qual foi à preocupação que a escola teve em relação ao meio ambiente.
PROFESSOR(a) – Nós também fizemos um projeto, a escola também trabalhou, é nós tivemos uma professora que ela se empenhou, ela não mediu esforços, tivemos assim também a colaboração do pessoal da Univali, que veio e nos ajudou muito e uma parceria assim grande dos pais e alunos, a própria prefeitura que colaborou muito assim, também ia lá fazer visitas, porque o trabalho para se concretizar e dar um resultado bom não pode ficar só na escola, ele tem que ir além, tem que buscar, tem que ir além, e a gente sabe que as aulas extra classe, elas tem um bom resultado.
PESQUISADORA: – Qual era o problema social dessa época?
PROFESSOR(a) – A nossa grande preocupação era com a Pedra da Miraguaia, era o cultivo do marisco, porque os nossos alunos, a gente entrava nas salas principalmente 6ª, 7ª e 8ª e a gente se deparava com aquela falta grande de alunos, aí nós fomos, começamos a investigar, ir ver o porquê dessas faltas, o que eles faziam, eles iam com os pais para praia a noite, para a pedra para tirar a semente do marisco, então isso pra nós, se tornou até um trabalho assim social. Era como uma coisa assim , era uma coisa privada deles e quem seria eu ou essa própria professora iria interferir nesse lado deles, assim que a gente sabia que era o próprio sustento, então nós trabalhamos isso em sala de aula, e o que a gente tentou foi conscientizar esses alunos, que o que eles estavam fazendo era errado, e poderia até de outras formas ou tentar o sustento não dessa maneira. Mas, a conscientização eu acho que foram muito bons, eles levaram essa mensagem para os pais.
PESQUISADORA: –Que tipo de mudanças você percebeu no desenvolvimento dessa atividade?
PROFESSOR(a) – Olha houve mudanças. A gente sentia necessidade que podia assim ir até adiante, um resultado até melhor ainda, se a gente tivesse uma ajuda melhor, a prefeitura até ajudou, mais se tivesse assim acreditado mais no nosso trabalho.
PESQUISADORA – Que tipo assim de ajuda você está falando? O que você pensa disso tudo?
PROFESSOR(a) – Eu acho que a secretaria do meio ambiente poderia saber que a nossa escola, fizemos convite, foi um projeto muito, muito interessante, nós tivemos assim uma homenagem belíssima que veio o pessoal da secretaria, eles vieram eles participaram de muita coisa e houve assim um certo descaso.
PESQUISADORA Por parte de quem, da escola?
PROFESSOR(a) – Não, não foi por parte da escola.Houve, houve assim uma integração muito grande, houve uma participação, mas é como eu falo foi 2002, 2003, 2004 houve mudança de professores, os membros do nosso projeto foram pra outras escolas, já vieram professores novos, alunos novos, e aqueles alunos nossos já se formaram, já até partiram pra outras escolas, eles levaram a mensagem, a gente conseguiu passar pra eles..
PESQUISADORA – Que tipo de mensagem eles levaram?
PROFESSOR(a) – A própria conscientização.
PESQUISADORA Como eles saíram conscientizados?
PROFESSOR(a) – Eles pararam de extrair os mariscos da pedra, houve assim bastante conscientização, o que a gente queria, o nosso objetivo é que eles levassem para os pais e assim... teve grande mudança.
PESQUISADORA: Você acredita que senão tivesse essa troca de professores teria um melhor resultado?
PROFESSOR(a) – Acredito que sim, mas o projeto que a gente tem nós ainda continuamos ano inteiro, não é só naquela semana do meio ambiente. É, no entanto essa professora, para nós foi de grande valor, ela foi pra nós uma profissional, ela merece todo o respeito e qualquer escola onde ela for à mesma bagagem que ela levou daqui, ela deixou assim para nós, um resultado riquíssimo, ainda bem que o município até reconheceu o que ela está fazendo (*refere-se ao curso de formação continuada, Projeto AMFRI)*, tem até professor que poderia ser mais, que poderia estar junto com essa professora, participando, a gente gostaria que o município inteiro e todas as escolas tivessem pelo menos um professor de cada escola, um representante, junto com a nossa professora Ana Matilde nesse projeto.
PESQUISADORA – De uma maneira a escola continua trabalhando com a EA, como você estava falando apesar dessa troca de professores, muitos estavam fora, foram pra outras unidades escolares, como é que vocês continuaram?
PROFESSORA(a) 03 (*Interferência da Profª3 na entrevista*) – Desde o inicio nós fizemos o projeto leitura e durante o ano todo o projeto do meio ambiente, nós continuamos também, algumas famílias vieram até a escola, nós tivemos reuniões pra conversar, até para passar informações, também a parte folclórica nós trouxemos os avós dos alunos, na época do município nós também ressaltamos a parte ambiental do nosso bairro, a praia, vieram os avós e contaram histórias, os casos sérios.
PESQUISADORA – Que histórias?
PROFESSOR(a) 03 – Da PEDRA DA MIRAGUAIA, foi quando nós resgatamos, junto com um projeto, foi resgatado a historia e o problema socioeconômico deles.
PROFESSOR(a) – É nós entramos bem assim na parte cultural. E assim, até devido ao grande número de alunos que nós recebemos fora, muitos alunos de São Paulo, do Paraná vieram, então eles também têm que criar essa conscientização, que é o nosso balneário, porque o balneário de Gravatá vem recebendo tanto turista que o próprio pessoal que mora aqui tem que se preocupa mais ainda, então a escola sentiu a necessidade de envolver o aluno, a atuar nessas pratica, direcionando o respeito, a conservação da natureza, isso não pode acabar, isso podem passar até os anos eles tem que ter consciência que devido a constante degradação dos solos, as matas, as dunas, as restingas, as pescas predatórias e o cultivo do marisco e a sua conscientização, então isso não pode acabar porque nós estamos a cada dia recebendo alunos novos e isso já está incluído no nosso currículo do nosso projeto da escola.
PESQUISADORA – Você acredita então que isso teve uma continuidade?
PROFESSOR(a) – Teve, teve, porque queira ou não queira, todo relatório da Pedra da Miraguaia a nossa escola é uma das únicas do município que tem tudo, que se for procurar ninguém tem e o que a gente tem isso tudo, são relatos do pessoal daqui mesmo, dos nossos pescadores, das nossas famílias dos nossos alunos, e isso a gente encontra assim hoje..., nós trouxemos esse avô que é uma das pessoas mais respeitadas do Gravatá o que ele veio falar, ele tem 82 anos, ensinou aos nossos alunos a fazer rede que hoje é a comercializada, você vai a qualquer lugar e é tão fácil de comprar uma rede de pesca pronta.
PESQUISADORA – E quem é esse avô?
PROFESSOR(a) – É o avô do Mauro e da Marisa, esse sim pra nós, é uma das pessoas ilustres do município.
PROFESSOR(a) 03 – Ele tem a vivência dele, ele é quase semi-analfabeto

PROFESSOR(a) – Uma experiência de vida assim incrível, por ele ter dez filhos e todos seguiram a carreira de pescador.
PROFESSOR(a) 03 – 82% da nossa comunidade é de pescadores.
PROFESSOR(a) – É, e a gente fica até entristecida assim... de falar da Miraguaia, pra eles é a pedra e para eles é o peixe, entende assim , ele mesmo tem que conservar isso, até agora como a prefeitura quer acabar com os quiosques na beira da praia, na orla marítima ali não pode.... agora é o que estamos enfrentando, temos alunos que os pais tem quiosque, pra eles está a maior polemica, como que vão tirar, como que vão se virar, isso aí a gente que tem que dar continuidade.
PROFESSOR(a) 03 – Eles sabem que aquele quiosque não pode ser feito em cima das dunas.
PROFESSOR(a) – Então nós temos que dar essa continuidade porque tem que conscientizar eles sobre isso.
PESQUISADORA – Então a escola continua se preocupando com essa parte e esta tentando dar continuidade?
PROFESSOR(a) – Não pode acabar, a gente sabe que outro dia tinha até um senhor que veio fazer matrícula, ele disse a praia de vocês é tão bonita é uma praia limpa, pena que tem tanto mato ali pela frente, ele não tem nem noção do que é aquela restinga, o que ela significa e como que ela é importante.
PROFESSOR(a) 03 – Lembra no inicio do ano passado que nós fizemos o projeto sobre os turistas, aí nós fizemos um mutirão com os alunos da escola, eu vim com eles no domingo pra gente limpar as praias e isso chamou a atenção dos turistas, eu como funcionário da escola mais os alunos, acho que tinha mais alguns professores e nós fizemos um mutirão de limpar a praia toda a partir do Gravatá, e os alunos conversaram com os turistas, falando pra eles não jogarem o lixo ali.
PESQUISADORA – E tudo isso foi um processo trabalhado anteriormente na escola.
PROFESSOR(a) – Eu digo assim pela minha experiência aqui mesmo em Navegantes que eu nasci, 42 anos moro aqui, eu era pequena eu ia brincar nas dunas da praia, a gente ia lá em cima e vinha rolando, hoje não tem mais nada, ver o mar era meu Deus! ... os nossos pais não deixavam subir para ver porque era perigoso, muito alto, e no entanto hoje a gente olha da beira da estrada e já vê que acabou as dunas.
PROFESSOR(a) 03 – Aqui no Gravatá mesmo quando teve aquela ressaca a água chegou na escola, a água do mar entrou aqui.
PESQUISADORA – Porque já não tem mais aquela parte de dunas, isto foi dito pela dona Estevam, que chegavam a atingir uma altura de 5 metros.
PROFESSOR(a) – Eu lembro era muito bom, era delicioso, era até a gente falava que era brincar de bife a milanesa, era tomar banho de mar e se jogar pra fica toda enrolada naquela areia.
PESQUISADORA – Mas esse resgate que foi feito na escola com os alunos, das lendas e das brincadeiras está esquecido?
PROFESSOR(a) – Não. Quero dar continuidade.
PESQUISADORA – Dar continuidade como?
PROFESSOR(a) – É o nosso objetivo geral é conscientizar todos os alunos, a comunidade, a defesa e a proteção do nosso meio ambiente.
PROFESSOR(a) 03 – Eles tendo essa consciência do meio em que estão vivendo eu acho que vai ter uma maior conscientização.
PROFESSOR(a) – E é através do que? É projeto, divulgação, pesquisa, é de professores que eles trabalham em cima disso e as atividades mostrando O que a gente pode utilizar os nossos recursos naturais sem provocar danos a natureza.
PROFESSOR(a) 03 – E o problema da água também é um caso serio.
PROFESSOR(a) – Uma das coisas mais interessantes que essa professora, foi quando essa professora levou o nosso projeto(*refere-se a apresentação do Projeto em eventos*), foi muito importante, ela trouxe tudo até livros, deixou na secretaria da educação, uma das que mais chamou a atenção foi o painel que está na nossa secretaria, aquilo ali está em exposição, assim que os pais chegam vêem aquilo, para eles é como se fosse um orgulho.
PESQUISADORA – É da comunidade, pertence a eles, na realidade se não fossem eles nada disso teria sido feito. Eles e a escola junto, por isso, que é importante essa participação, essa parceria.
PROFESSOR(a) 03 – Ana quando eu vim pra cá no ano 2001, a nossa escola era muito precário, meu Deus, tinha uma bica de água que escorria água ali, eu me preocupava tanto, bem naquela época eu estava fazendo um seminário de estudo sobre a água, sobre como que eles utilizavam a água do Rio Itajaí-Açú e tinha tanta coisa que eu poderia trazer pra escola, mas como que eu poderia trazer isso para escola, mas como que eu poderia trabalhar com os alunos a questão da água se a minha escola estava com esse problema que tinha que ser arrumado.
PROFESSOR(a) – Sózinho, ninguém faz nada, tem que ter uma parceria, uma integração.
PESQUISADORA – Isso é importante quando todos concordam, quando todos trabalham juntos, então flui melhor, você não está lutando em vão , sozinha. Agradecimento final.

Entrevista
Professor(a) 05

PROFESSOR(a) Sou professora e trabalho aqui no Ilka desde 2001.
PESQUISADORA: Qual é sua formação?
PROFESSOR(a): Curso Superior .
PESQUISADORA: Há quanto tempo você leciona?
PROFESSOR(a): Olha, eu comecei com dezoito anos, mas parei um tempo, continuei devo ter uns quinze a dezoito anos de magistério, não posso contar direitinho, mas foi sempre pulado nunca corrido.
PESQUISADORA: Nesse tempo, você trabalhou com escolas particulares ou públicas?
PROFESSOR(a): Eu trabalhei seis anos em escolas particulares, trabalhei em escola municipal em Joaçaba, trabalhei em escola do estado em Joaçaba também e agora estou aqui.
PESQUISADORA: Sempre no Ensino Fundamental de 5ª a 8ªsérie
PROFESSOR(a): Sim sempre, e espanhol trabalhava com o Ensino Médio.
PESQUISADORA: Em que época?
PROFESSOR(a): em 91 a 96
PESQUISADORA: Qual é o teu conceito sobre educação de uma maneira geral o que é educação para você?
PROFESSOR(a):Desliga um pouquinho(*risos e dúvidas*) deixa eu pensar em educação.Não, Ah! Me ajuda aí vai!

PESQUISADORA: De uma maneira geral, o que você acha que é educação, qual o significado.
PROFESSOR(a): Risos.(*houve interferência de outra pessoa, ironia, brincadeira e risos*).Eu uso mais como um exercício... não de condução mais de orientação. a gente acaba aprendendo junto a gente fala sobre as coisas discute, conversar sobre elas, que nem uma orientação, compartilhar conhecimentos, é porque você acaba formando opiniões, você não vai conduzir só para aquele caminho, mais formar opiniões, numa sala de aula com vinte, trinta alunos são vinte, trinta formações de opiniões diferentes, conceitos diferentes, eu acho que isso é a nossa função da educação.
PESQUISADORA: Agora especificamente qual é o seu conceito sobre Educação Ambiental?
PROFESSOR(a): Eu acho importante porque nós fazemos parte, como eu falava hoje para 7ªsérie nós fazemos parte (*do ambiente*) enquanto isso quanto mais nós cuidarmos (*do meio*) precisa dar atenção que nós somos natureza fazemos parte da natureza então cuidar do meio ambiente é fundamental você deveria ter nascido com isso
PESQUISADORA: E de que maneira você trabalha com a Educação Ambiental como é que você diz abranger isso em sala de aula com seus alunos ou não você não abrange?
PROFESSOR(a): Não, eu abranjo até trabalhando atualidades, os acontecimentos, os acidentes desastres então o próprio cotidiano a sujeira na escola, o não saber cuidar da sala de aula, você passa 4 horas numa sala de aula chupando bala jogando no chão, imagina o que eles fazem na rua, na praia em que eles ficam o dia todo, dois meses, três na praia, (referindo-se as férias de verão) então se eu sei cuidar do metro quadrado onde eu estou sentada eu sei cuidar de um espaço de um, dois, km...
PESQUISADORA: Você lembra qual foi a sua participação naquele projeto que foi desenvolvido na escola no 2002 e 2003?
PROFESSOR(a): Aí, está lá na memória! *(risinhos..)*
PESQUISADORA: Logo depois que nós entramos, em 2001/ 2002 e 2003
PROFESSOR(a): Eu trabalhava a questão de atualidade também né, eu dava aula de Geografia a importância da água, a importância do próprio lixo, as enchentes, que acontece em função do acumulo de lixo nas ruas, as mudanças climáticas.
PESQUISADORA: Você trabalhou nesse projeto de Educação Ambiental? Hã? Interrupção.Você quis dizer qual foi à forma que você encontrou de trabalhar com seus alunos?
PROFESSOR(a) Ah! O meu objetivo é justamente fazer com que eles tenham consciência, de que é importantíssimo para conservação do meio ambiente, na limpeza, na manutenção na manutenção da vida.
PESQUISADORA: Nesse projeto o que vocês trabalharam?
PROFESSOR(a):Ela fala tão sério (*referindo-se a pesquisadora, risos...)* que a gente fica (*sem graça*) dá até um calorão né tu vê cara não dá (*risos*) ..
PESQUISADORA: Então é muito difícil você ficar a parte e não se envolver com vocês nessa pesquisa, (*risos*).
PROFESSOR(a): Mas eu sempre... que você fala nisso, a gente fala elogia o teu trabalho
PESQUISADORA: É o nosso trabalho.
PROFESSOR(a):: Não mais aí é que está, eu sinto que não foi,(*referindo-se que poderia estar mais junto na realização do projeto*) porque eu podia ter feito muito mais
PESQUISADORA: Não, acho que não..
PROFESSOR(a): Não, mais de repente até a nível de conhecimento, a nível . histórico foi pouco (*refere-se que colaborou pouco*) eu acho legal isso porque é uma autocrítica, me fez crescer, me fez ser melhor, tentar ser melhor, eu podia ter feito muito, mais o trabalho todo de ter levado para a praia e coisa e tal, eu pulei fora eu não trabalhava na área com história na época, mas trabalhava com Geografia, quer dizer podia ter me envolvido muito mais
PESQUISADORA: É mais eu acredito assim...que está sendo difícil ficar a parte na entrevista, porque eu participei disso junto com vocês, fica complicado fazer essa entrevista. Mas acho que, o que foi feito no trabalho, de uma maneira geral, todos colaboraram e foi uma experiência ....(*interrupção do(a) professor(a))*
PROFESSOR(a): Eu acho que poderia ter sido mais de minha pare.
PESQUISADORA: (*Momento de se recompor*),...Então voltando lá. Nesse trabalho que você desenvolveu com seus alunos, você acredita que houve algum resultado?
PROFESSOR(a): Houve a gente sempre tem um retorno
PESQUISADORA: Qual o retorno que você acredita que teve com eles (*alunos*)?
PROFESSOR(a): Material alguns tinham o material sobre a água ou então passaram a assistir reportagens que falasse da água, falasse dessas transformações na região, falavam sobre a área aqui atrás lembra? Que estavam tirando um pedaço, cortando o morro nossa! A 5ª série caiu à ficha que aquilo ali era uma destruição ambiental, que alguém estava ganhando com aquilo e estava destruindo o meio ambiente, a questão do rio aqui que é poluído, os siris não conseguiam respirar e estavam saindo do seu habitat, isso foi legal, ele (*refere-se ao aluno*) pode até não ter tanta consciência de cuidar, mas ele já está percebendo o que é a poluição que está prejudicando o meio ambiente.
PESQUISADORA: A própria ressaca, a construção foi....(*interrupção*)
PROFESSOR(a) 03: Foi tirado todas as dunas
PESQUISADORA: Foi retirada a duna, então hoje, quando tem ressaca tudo fica destruído quer dizer, o homem tomando um espaço que não é dele. E, em relação aos mariscos na Pedra da Miraguaia você acredita que houve ou não, alguma modificação em relação aos alunos?
PROFESSOR(a): na questão de educação vem de casa, eu acho que aí a escola....(*parou para pensar*), eu sempre fico indignada de chegar aqui a gente trabalhar a questão ambiental estar a todo vapor tentando evitar tentando mostrar a história à necessidade de preservação e pai e mãe ali na praia tirando marisco daí vem à estória é uma questão de sobrevivência, mas é uma questão discutível tem que sobreviver mas também tem que educar deixar a natureza sobreviver e pessoas que trabalham de repente saem daqui vai ali para fazer uma sei lá, uma sopa eu nem sei o que eles fazem como é complicado eu ficava indignada... a escola trabalha, a escola investe fala-se um monte, e no entanto em casa e até em sala de aula a não meu pai ganhou tantos reais com aquele saco e teu trabalho como é que fica?
PROFESSOR(a) 03: Os próprios alunos criticavam um monte né essa atitude dos adultos eles...(*refereÀse a retirada de mariscos na Pedra da Miraguaia*)
PROFESSOR(a): Mas criticavam com o pé atrás...porque diziam é o pai ganhou cem reais, duzentos reais...
PESQUISADORA: O dinheiro fala mais alto.
PROFESSOR(a): O dinheiro fala mais alto.
PESQUISADORA: Na sua opinião, não houve nenhuma mudança, eles continuam..(*interrupção)*

PROFESSOR(a):: Eles (*refere-se aos alunos*) até tem como eu falei, tem consciência mas de repente é o pai que está tirando então de repente eu vou desculpar meu pai ta tirando não vai destruir porque é ele.
PESQUISADORA: Como você diz que ele tem consciência, em que sentido?
PROFESSOR(a): Eles sabem que está prejudicando o meio ambiente, que vai prejudicar, mas, ali ele deixa passar porque é o pai dele. Talvez essa consciência não seja tão profunda ele sabe não tem consciência melhor dizendo não tem consciência ele sabe que aquilo prejudica mas como é o pai que está fazendo... *(refere-se ao dinheiro)*
PESQUISADORA: Sei então...*(interrupção)*
PROFESSOR(a): É natural, normal.
PESQUISADORA: Então em relação aos valores, as atitudes, você acha que nesse sentido não houve modificação?
PROFESSOR(a): Se houve, houve muito pouca pelo menos no nosso convívio não vi.
PESQUISADORA: Você não viu, não percebeu mesmo? Isso você está falando dessas mudanças de atitudes, os valores, você está falando em relação ao marisco precisamente. Mas as atitudes, os valores em relação ao meio ambiente, a relação homem⇔natureza?
PROFESSOR(a): Eu acho que mudou pouca coisa, mas mudou, acredito que tenham consciência, tem que mudar a prática ter consciência mais a fundo, é saber que faz mal praticar. *(refere-se a extração desordenada de sementes de marisco)*
PESQUISADORA: Saber, eles sabem.
PROFESSOR(a): Saber, eles sabem, mas o agir é mais complicado, é mais difícil porque você tem que se educar.
PESQUISADORA: Em relação ao projeto de 2002/2003, você acredita que houve um compartilhamento entre os professores? O que você achou em relação aos professores e a escola?
PROFESSOR(a): Eu acho que todo mundo trabalhou junto e todos tinham esse objetivo de educar, demonstrar, até alguns como eu no processo de aprendizado...
PROFESSOR(a) 03: Aprender é isso, crescer junto.
PESQUISADORA: Então houve esse trabalho coletivo?
PROFESSOR(a): Houve...
PESQUISADORA: De todos os professores?
PROFESSOR(a) : Da minha parte poderia ter sido mais, eu queria ter me envolvido mais *(pausa - momento de tristeza e olhos vermelhos..)*
PESQUISADORA: Você continua fazendo alguma coisa em sala de aula? Qual é a sua maneira de trabalhar?
PROFESSOR(a): Ah! Eu trabalho muito a questão ambiental.
PESQUISADORA: Na sua concepção sua maneira de trabalhar mudou?
PROFESSOR(a): Mudou porque eu trabalho isso inclusive em casa, ensino a minha mãe a reciclar o lixo e de vez em quando eu vou lá e digo: Olha, você jogou de novo a latinha que tinha que ir aqui, está aqui.
PESQUISADORA: Então a sua maneira de pensar e as atitudes mudaram?
PROFESSOR(a): As atitudes mudaram, hoje eu sou muito mais consciente do que eu era, sou bem mais consciente.
PESQUISADORA: Então você acredita que depois daquele trabalho de 2002/2003 vocês deram seqüência e continuaram a trabalhar com todos os professores e a escola?
PROFESSOR(a): Pelo menos os que estavam na época continuam fazendo um trabalho conjunto, nós continuamos fazendo. Agradecimentos finais.

Entrevista
Professor(a) 06

PESQUISADORA: Qual a sua formação e quantos anos você tem de magistério?
PROFESSOR(a): Eu sou formada em curso superior e tenho quatorze anos de magistério.
PESQUISADORA: Há quanto tempo você trabalha aqui na escola?
PROFESSOR(a): Aqui na escola, trabalho aqui na escola.... *(Risos....) Há três anos e meio...*
PESQUISADORA: Você lembra do projeto que nós trabalhamos aqui na escola?
PROFESSOR(a): Aqui na escola, um projeto que eu lembro do meio ambiente, foi à limpeza da praia e a reciclagem, foi trabalhado com a 7ª e a 8ª série.
PESQUISADORA: 7ª e 8ª?
PROFESSOR(a): E as 5ªs séries foi à limpeza da praia, a 5ª e 6ª série que eram uma turma só. Foi um trabalho bom porque as crianças participaram, foi diferente né, uma atividade diferente e já ajudou no desenvolvimento do conteúdo programático do ano letivo.
PESQUISADORA: Eles trabalharam em conjunto com outras pessoas?
PROFESSOR(a): Foi interdisciplinar, trabalho interdisciplinar, onde todos os professores tinham que montar um projeto e trabalhar com ele.
PESQUISADORA: Nesse projeto, qual foi a sua participação?
PROFESSOR(a): Foi trabalhar a reciclagem e a limpeza da praia.
PESQUISADORA: Qual foi o objetivo desse projeto que você evidenciou nas tuas aulas?
PROFESSOR(a): A conscientização do educando quanto à preservação do meio ambiente, porque eles jogam lixo não sabe aonde, vem esse pessoal de fora, turista joga, tanto faz quanto tanto fez, é muito lixo durante o ano, durante essa temporada do verão não sabe onde se coloca. Olha que poderia ser muito aproveitado para a reciclagem, muito turista poderia ter reaproveitado. E quanto à praia, o beneficiamento é do turista né?
PESQUISADORA: Qual a seu conceito pessoal sobre a educação, o que você acha que é educação?
PROFESSOR(a): Educação?
PESQUISADORA: Quando fala em educação o que vem, na sua cabeça?
PROFESSOR(a): Para mim, educação é diferente dos tempos de hoje, são muitos direitos e poucos deveres, são poucas obrigações para eles obterem tudo fácil, eles sabem que eles vão passar porque é lei de nível maior, eles se aproveitam disso, os pais também não colaboram, a minha opinião são poucos os pais que colaboram.

PESQUISADORA: Colaboram em que sentido?
PROFESSOR(a): Orientar os filhos, porque a gente tem que fazer tudo, à parte de professor, pai, psicólogo, orientador, tudo, todo o trabalho.
PESQUISADORA: O professor passa a ter uma carga maior?
PROFESSOR(a): Maior, alguns, não são todos, mas alguns auxiliam bastante, a educação no meu ver está muito defasada, muito distanciada entre pais e filhos.
PESQUISADORA: E qual é a tua concepção de educação ambiental, qual o seu conceito?
PROFESSOR(a): Seria beneficiamento para o povo, os habitantes, para o futuro. O clima está todo desregulado... Eu achava que toda época, todo ano *(se refere às estações do ano*)... Então o meio ambiente ele está muito defasado, muito degradado, ele está destruído, daí o beneficiamento que a gente poderia fazer seria em forma de projeto, conscientizando os nossos educandos quanto a ajudar a preservar o meio ambiente.
PESQUISADORA: E você acha que desse projeto que foi trabalhado no ano 2002/2003, teve algum resultado referente aos alunos ou a tua opinião? Vamos supor as tuas maneira de agir em sala de aula mudou alguma coisa, ou não?
PROFESSOR(a): Ajudou bastante, muitos alunos se conscientizaram que tem que recolher o lixo, não podem jogar no chão, eles próprios, um chamam a atenção do outro, eles ajudam a turma, quanto aos alunos, foi uma progressão, não regrediram, eles progrediram, alguns se conscientizaram, eles sabem.... E outros já fazem de conta que não é com eles.
PESQUISADORA: E a tua prática assim...
PROFESSOR(a): A minha pratica em sala de aula, eu creio que ajudou bastante, não sei se em casa eles fazem a reciclagem do material, mas foi falado, quanto à prática, acho que alguma coisa foi útil para eles.
PESQUISADORA: Você chegou a abordar alguma coisa com eles sobre a Pedra da Miraguaia, a ação deles com o marisco, você nunca falou com eles?
PROFESSOR(a): Quanto a Pedra da Miraguaia, os levei lá, que eles falavam de serem presos. Daí sim, nós conversamos. Eles comentam sobre a retirada e que com o tempo vai começar a causar...
PESQUISADORA: Quais as alternativas que você propõe para um ensino de melhor qualidade?
PROFESSOR(a): Maior participação, eu creio que seja maior a participação dos pais, quanto aos professores todos são capacitados. Eu acho que seria mais a participação dos pais.
PESQUISADORA: A participação dos pais na escola?
PROFESSOR(a): Na escola, tanto na escola como em qualquer evento na comunidade. Eu acho que as crianças estão muitas "jogadas", o pai trabalha direto e não tem tempo para os filhos
PESQUISADORA: Você se refere para dar maior atenção aos filhos?
PROFESSOR(a): Isso, maior atenção aos filhos.
PESQUISADORA: Se os pais estivessem juntos você acha que aí... ? *(interrupção)*
PROFESSOR(a): A educação seria melhor.
PESQUISADORA: E quanto à escola, no desenvolvimento do projeto? Você trabalhou com os professores, houve uma integração ou você encontrou dificuldades para a realização desse projeto?
PROFESSOR(a): Não, não teve dificuldades pois sempre fomos unidos, daí um brinca com o outro e a gente faz um trabalho integrado, a gente trabalha unida e sempre tivemos essa interdisciplinaridade
PESQUISADORA: Então você acha que houve uma integração?
PROFESSOR(a): Houve.
PESQUISADORA: Com os professores e a escola?
PROFESSOR(a): Bem mais do que esse ano. Eu não sei como era antes, mas o tempo em que estou aqui, sempre foi muito bem integrado, todos unidos.
PESQUISADORA: E o que aconteceu com esses professores? Eles continuaram?
PROFESSOR(a): Alguns foram para outras escolas, alguns permaneceram, e nós continuamos. Não vou dizer que foi igual, teve algumas mudanças, pessoal novo, mas continua sempre a mesma coisa.
PESQUISADORA: Você está falando que entrou professores novos, então continua tendo uma integração com todas as áreas? E a educação Ambiental, é trabalhada ou não?
PROFESSOR(a): Todo ano é feito um trabalho de conscientização com os alunos.
PESQUISADORA: Então você percebeu alguma mudança com os alunos em relação à mudança de atitudes, aos valores, você percebeu isso?
PROFESSOR(a): Dentro e fora da sala de aula.
PESQUISADORA: Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar?
PROFESSOR(a):Quero terminar logo...*(risos)* Eu já falei que a proposta seria procurar uma alternativa para os pais participarem mais, porque é assim, a gente faz o papel, deveria ser só o papel da gente, que seria ensinar. A gente ensina, educa, nós fazemos tudo.
PESQUISADORA: Esse ensinar, para você e o educar, qual é a diferença?
PROFESSOR(a): Educar seria, as boas maneiras, ser delicado, muito obrigado, com licença, por favor, poucos usam isso. E ensinar seria o ensinamento básico para vida, ensinamento que eles aprendem que daqui a dez anos vão precisar, não só para um concurso, mas para a vida, preparar para a vida ,eu acho que é essencial.
PESQUISADORA: É isso que você quer para os seus alunos?
PROFESSOR(a): É, mas é tão difícil...(*risos*) Eles não têm vontade, eles não têm essa vontade de aprender..., não sei, auto-estima, eles levam tudo na brincadeira, nada a sério.
Em qualquer ...*(interrupção)* Em qualquer atividade que façam.
PESQUISADORA: Tem algo a mais que você gostaria de acrescentar?
PROFESSOR(a): Não, o dia que eu lembrar eu falo....*(risos)*. Espero que eu tenha contribuído para alguma coisa. Eu trabalho sessenta horas.
PESQUISADORA: Quantos alunos você tem?
PROFESSOR(a): Mil e poucos alunos.
PESQUISADORA: Mil?! Que horas e quando você corrige as provas e prepara as aulas?
PROFESSOR(a): Sábado e domingo e as provas eu preparo entre uma aula e outra.
PESQUISADORA: Você tem tempo para fazer um curso?

PROFESSOR(a): Nada, se eu fizer um curso eu não tenho mais sábado nem domingo.
PESQUISADORA: Você assiste tv, lê jornal,lê livros?
PROFESSOR(a): Não, não assisto, não leio, meu Deus! Como vou ficar defasada, não?

Entrevista
Professor(a). 07

PESQUISADORA: Qual sua formação e há quanto tempo você leciona?
PROFESSOR(a): Sou formada em Pós- Graduação em Língua Portuguesa, e atuo há vinte anos em Língua Portuguesa de 5ª a 8ª série.
PESQUISADORA: Você sempre trabalhou no ensino público?
PROFESSOR(a): Sempre, porque quando eu saí do Ilka, eu comecei a trabalhar pela prefeitura no Santo Anjo, o colégio era particular mas eu recebia pela prefeitura, e depois completei a carga horária em Itajaí onde estou até hoje.
PESQUISADORA: Em que ano você foi para o Ilka?
PROFESSOR(a): em 2001.
PESQUISADORA: E você ficou lá até que ano?
PROFESSOR(a): Até 2004.
PESQUISADORA: Você participou do projeto em 2002 e 2003, lembra desse projeto de EA?
PROFESSOR(a): Sim, lembro.
PESQUISADORA: Qual foi a sua participação nesse projeto?
PROFESSOR(a): Bom a participação foi ... esse projeto abrangeu todas as disciplinas na escola, desde a 1ª série até a 8ª série, então foi um trabalho interdisciplinar com todas as disciplinas, o projeto constava de .. teve passeios, trabalhos, pesquisas, entrevista com os moradores antigos da comunidade, e no final desse projeto nós fizemos, como é que vou te explicar uma exposição de todos os trabalhos, teatro, a participação das pessoas que nasceram ali mesmo (*refere à comunidade*), e trabalhavam com a retirada dos mariscos da pedra e ali como começou tudo, teve as entrevistas com... os próprios alunos fizeram as entrevistas com os avós que eram pessoas que nasceram ali e conheciam tudo, palestras.
PESQUISADORA Então esse trabalho envolveu todas as disciplinas, envolveu os alunos e comunidade?
PROFESSOR(a): Sim, envolveu todos e a comunidade.
PESQUISADORA: Quando o projeto começou a ser elaborado o que você percebeu em relação aos professores?
PROFESSOR(a): Nós tivemos muito incentivo.
PESQUISADORA: Por parte de quem?
PROFESSOR(a): Por todos mas principal foi a tua parte. Quem mais incentivou, e elaborou o projeto foi você mesmo junto com os professores.
PESQUISADORA: Senão houvesse a participação dos professores, não ia adiantar elaborar sozinha.
PROFESSOR(a):: Não eu sei, mas acontece que quem correu atrás do passeio, quem mais assim incentivou foi você.
PESQUISADORA: Então você acha que os professores todos colaboraram?
PROFESSOR(a): Todos.
PESQUISADORA: Houve algum momento que você sentiu ou percebeu que algum professor não queria estar participando?
PROFESSOR(a): Não todos participaram, desde a direção, todos os professores e a própria comunidade.
PESQUISADORA: Agora assim.. falando sobre a educação, qual o seu conceito sobre educação?
PROFESSOR(a): Educação.., bom a educação *(risos*) ta , a educação é uma continuidade vamos dizer assim da criança, ela vai para a escola e em casa ela tem uma educação e na escola ela vai aprimorar conhecimentos e preparar para a vida. Educação é uma preparação da criança para a vida.
PESQUISADORA: Agora quanto à educação ambiental, qual o seu conceito?
PROFESSOR(a):: Educação Ambiental é o que nos rodeia.
PESQUISADORA: É uma outra educação para você?
PROFESSOR(a): Não, não é que seja outra educação eu acho assim, que a educação ambiental é de conscientizar a criança, o adolescente, saber conviver com o ambiente que ele vive, mostrar o que é errado, o que podemos fazer, e o que devemos fazer para não agredir a natureza
PESQUISADORA: Você que dizer o que deve ou não fazer em relação somente à natureza ou também em relação aos valores e atitudes?
PROFESSOR(a): Tudo, é levar o aluno a compreender, a entender o seu mundo tudo é ...
PESQUISADORA: É o que representa para você! O que é educação ambiental?
PROFESSOR(a): É levar o aluno a conviver com dignidade na sociedade em que ele está inserido.
PESQUISADORA: Agora na questão relacionada as suas ações pedagógicas em sala de aula o projeto que foi desenvolvido no Ilka em 2002/2003, o que ficou para você houve ou não alguma mudança em relação a sua prática pedagógica?
PROFESSOR(a): Mudar mudou bastante depois do projeto assim meu Deus! ... eu acho que abriu as portas, para o aluno para a sociedade, o entendimento, eles (*os alunos*) compreenderam que não poderiam fazer o que eles estavam fazendo retirando as sementes não deixando ela chegar na idade adulta, e sabendo que eles estavam errados, mesmo que eles faziam pelo dinheiro que eles precisavam, mas se eles continuassem isso não ia mais existir, então eu acho que foi um grande passo, um grande ensinamento para eles, para os pais e para a própria comunidade ali que vive, sobrevive ali da pesca.
PESQUISADORA: Agora nas suas ações pedagógicas você já trabalhava antes da elaboração do projeto com a realidade dos alunos ou não, e depois você continuou relacionando o cotidiano dos alunos, ou não como que é?
PROFESSOR(a): Não, a gente sempre trabalhou com esse método com a necessidade a realidade de cada escola, no inicio do ano quando é feito o planejamento não são todos os planejamentos iguais a rede toda sempre se reúne por área (*se refere aos professores da rede pública*), só que cada escola é uma realidade.
PESQUISADORA: O que ficou na sua lembrança do projeto desenvolvido no Ilka?

PROFESSOR(a): Foi o resgate cultural que as crianças representaram, as estórias, a lenda da Mulher de Branco, eles resgataram a cultura deles ali, para eles..como é que eu posso te explicar foi uma oportunidade de nós ouvirmos deles mesmo representar a cultura deles.
PESQUISADORA: Até então... que eu saiba não tinha...
PROFESSOR(a): Nunca foram ouvidos entre aspas ouvidos assim, não... conheciam a estória.
PESQUISADORA: Então esse foi um fator importante para você?
PROFESSOR(a): Lógico foi para mim e para eles eu acho que foi muito importante ouvir e também para o resgate cultural deles..
PESQUISADORA: Gravação interrompida, por interferência de pessoas estranhas a entrevista.

Entrevista
Professor(a) 08

PESQUISADORA: Qual a sua formação no ano de 2001, e atualmente?
PROFESSOR(a): Eu na época em 2001 fui chamada para ser professor(a) de Artes, assumi as aulas de Artes e de Inglês na escola do Ilka. Na época eu estava estudando arquitetura, estava no 3º período, 2º ou 3º período, é na escola a gente então tinha uma equipe e essa equipe era de todos desconhecidos entre nós tal..., mas a gente começou a ter um contato bem próximo assim...
PESQUISADORA: Então naquela época de 2001, você não tinha formação em Pedagogia, nem licenciatura em Artes e Inglês?
PROFESSOR(a): Nem em Pedagogia, nem de Artes e nem de Inglês.
PESQUISADORA: Quanto tempo você tem no magistério, naquela época, quanto tempo você tinha de experiência ou foi o seu primeiro ano no ensino fundamental?.
PROFESSOR(a): Não, naquela época eu contava com três ou quatro anos de experiência só no magistério.
PESQUISADORA: Lecionando o quê?
PROFESSOR(a):: Eu já tinha lecionado Artes, para o ensino fundamental na 2ª e 3ª séries, Inglês nunca.. (*sorrisos....*)
PESQUISADORA: Então foi o primeiro ano que você começou a trabalhar com inglês.
PROFESSOR(a): Com inglês, claro.
PESQUISADORA: Qual é o seu conceito sobre educação, como você percebe a educação?
PROFESSOR(a): Bom educação para mim, ela é um conjunto de valores, né, mas não é valores digamos assim, só de comportamento, também existe conhecimento, existe a questão individual, o que é importante para cada um, e dentro dessa importância que tipo de ética também a gente pode estar tomando com relação aos valores individuais, e até os sociais em relação ao outro. De que forma eu acho que... deixa-me ver se consigo explicar melhor... *(interrupção*), ao mesmo tempo eu também tenho que pensar no bem estar do outro, talvez uma relação de ética assim, e...comigo mesmo, e daí no coletivo, que saiba analisar o lado bom o lado ruim, de um grupo de uma sociedade e aí nesse meio que valores podem ser mais bem aproveitado pela maioria, mesmo que eu faça parte da minoria. Eu acho assim até meio complexo, mas eu penso nessas questões.
PESQUISADORA: Qual foi o motivo de você ter saído da escola?
PROFESSOR(a): O motivo foi uma efetivação chamada de concurso que eu havia feito um
ano antes, e também porque naquele momento, parece que não tinha vagado, iria uma outra professora, não foi uma questão de não querer continuar na escola, foi a seleção do concurso.
PESQUISADORA: Nesse ano de 2001 que era uma turma nova de professores, praticamente era uma turma toda nova de professores nós começamos a trabalhar em um projeto e qual era o seu objetivo em relação ao trabalho que estava sendo organizado? Você lembra desse ano e de que maneira foi trabalhado o projeto?
PROFESSOR(a): Na verdade tenho que fazer uma correção acabei de me lembrar que eu já estava fazendo Pedagogia nesse ano, e fazia Arquitetura também por causa do concurso, então na hora da chamada eu tinha que estar cursando Pedagogia. Quando eu entrei na escola eu estava entrando no curso de Pedagogia e ao final do ano é que houve a seleção e aí eu saí do Ilka no terceiro período de Pedagogia. Ah! Mas Arquitetura eu continuava já estava no terceiro para o quarto período. Então retomando a pergunta é...na hora, no momento em que entrei na escola existia um grupo de pessoas que não se conheciam, mas eu já conhecia a direção da escola, que era companheiro(a) de sala de aula. Então eu cheguei na escola me sentindo bastante à vontade até por esse relacionamento, e o próprio grupo por não ter vínculos anteriores, parecia também se fechar em um único vínculo, não tinha ninguém que trazia algum relacionamento antes, e aí todos chegaram de algum lugar com alguma experiência diferente, para uma escola que estava aberta, a própria direção da escola deixava o grupo de professores muito à vontade.
PESQUISADORA: Então não existia uma relação de poder...
PROFESSOR(a): Exatamente era uma interação entre todos, os trabalhos eram cobrados na verdade não eram cobrados eram pedidos, os planejamentos, os prazos, mas sempre com muita colaboração, eram colocados para nós muito tranqüilamente e todos do grupo participavam.
PESQUISADORA: O trabalho que foi desenvolvido pelos professores, desde o começo que você iniciou na escola você lembra?
PROFESSOR(a): É um dos primeiros que a gente realizou foi na área de artes, então eu lembro que nós organizamos com a escola uma "toca do coelho", e aí uma turma fez os convites, e a outra turma fez o cenário, a outra turma construiu uma peça de teatro, então de quinta a sétima série cada turma contribuiu de alguma forma para um único evento, usando um único tema e tal, na disciplina de inglês, o assunto coelho, páscoa também foi levantado, mas aí começou a acontecer algumas colaborações de outros professores e essa colaboração muitas vezes, vinha de ceder o aluno, o aluno da turma tal, para ajudar com outra turma e tal, e bom o primeiro trabalho então esse da toca do coelho foi basicamente de artes, mas teve a colaboração do grupo, não de uma forma forte, mas condescendente, todos apoiaram, elogiaram, então assim o trabalho começou, eu acho assim do grupo, naquele ano de 2001, começou a se fortalecer aí, os colegas estavam colaborando mesmo que não fosse da disciplina dele, aquele desenvolvimento ali.
PESQUISADORA: E em relação ao meio ambiente você lembra foi trabalhado alguma coisa?
PROFESSOR(a): No caso da toca do coelho foi trabalhado superficialmente por todos, mas a gente procurou elementos do próprio lugar, eles trouxeram bambus da região, eles trouxeram galhos, folhas que eles recolheram do chão, não foi retirado da natureza, isso era bem explicado na sala, muitas vezes, alguns alunos colocavam... Ah! Professora vamos lá tirar, vamos lá tirar e aí eu lembro de dizer, não vamos recolher o que tiver no chão, o que estiver solto pode trazer. Eu lembro que a gente foi pegar o bambu e aí eles queriam tirar do próprio bambu, e aí eu falei não vamos recolher essa palha, aquelas que estão no chão tem um monte aqui, então

eles não estavam sendo informados da questão do porque desse cuidado de estar recolhendo e não retirando, mas de certa forma acho que o objetivo estava sendo alcançado.
PESQUISADORA: E aí no decorrer do ano foi realizado outro projeto na área do meio ambiente?
PROFESSOR(a): Na seqüência teve a semana do meio ambiente que também movimentou a escola, movimentou muito bem, foi mais ou menos logo depois da páscoa, um projeto da secretaria da educação, uma imposição que chegou para nós e a direção colocaram para nós, pessoal precisamos trabalhar com o tema do meio ambiente nessa semana, e aí nós todos, lembro que a gente pensou um pouco, e não me lembro de alguém ter se levantado contra essa questão, mas parece que ninguém gostou de receber aquilo ali daquele jeito, mas também ninguém se opôs, pelo contrário. Aos poucos as idéias foram surgindo e a gente então se organizou dentro de uma única idéia, então cada disciplina ia trabalhar o tema da melhor forma e a disciplina de artes propôs fazer a trilha ecológica, que é muito parecida com a trilha da vida, que hoje em dia está sendo muito divulgada. E aí nós utilizamos um corredor atrás da escola, fechamos o corredor e nesse espaço nós montamos folhas de árvores no chão, pedrinhas e areia, barulho de água correndo, sabores, e a turma escolhida para desenvolver essa atividade foi a sétima série, então a sétima série teve que guardar segredo, e no dia que ia ter a apresentação dos trabalhos, houve gincana, os participantes faziam fila para poder participar dessa trilha ecológica, e aí eles eram vendados, tiravam os sapatos e eram guiados por um aluno. Tanto os professores como os alunos das outras turmas participaram como experimentadores..(*risos*)
PESQUISADORA: Eram materiais diferentes em que nós trabalhamos a questão da percepção.
PROFESSOR(a): É a percepção de cada sabor, ou cheiro, ou barulho e depois ao final da trilha eles tinham um questionário para responder, eles então passaram pela trilha sem saber exatamente tudo que tinha lá dentro, a não ser aquilo que eles tinham percebido através dos sentidos, então foi bastante rico esse trabalho, a gente fez, um texto coletivo com a sétima série, os alunos também falaram um pouco sobre a própria expectativa com relação ao trabalho e o antes e depois, tudo isso deu em um texto coletivo guardado até hoje.
PESQUISADORA: Que maravilha! E em cima de tudo isso não havia uma fundamentação teórica. Agora, em relação ao trabalho com os professores de uma forma participativa e conjunta, você sempre trabalhou dessa maneira ou foi a partir dessas ações na escola?
PROFESSOR(a): Nos anos anteriores eu nunca tinha feito nenhum trabalho assim nesse sentido, a preocupação ambiental na verdade, eu não sei explicar como ela surgiu na minha vida, mas desde que eu entrei na escola e percebi toda uma gama de informações em cima do meio ambiente, aliás eu sempre fui muito ligada no meio ambiente, paisagem, outros lugares e tal, na verdade sempre gostei muito do campo e tal, então eu sempre procurei cuidar e a partir dos discursos vinculados a mídia que eu estava sempre atenta, então eu, digamos os meus hábitos e atitudes com relação à educação ambiental foram se afirmando e na escola então eu passei a agir dessa forma e eu procurava orientar meu aluno. Ah! O papel no chão.. mas amigo não joga o papel no chão, suja a sala, ah! Mas a flana é paga para limpar, ela está aí para trabalhar, ela é paga para isso, não mas não é isso que isso funciona. Então às vezes eu discutia com meu aluno uma questão ambiental que tinha a ver com o social, quer dizer a questão ambiental passa pelo social, no sentido de que o bem estar do outro é o meu próprio bem estar. Só que naquele momento eu ainda não percebia isso claramente e nesse ano de 2005 realmente é que foi o ano grande desencadeador das minhas ações ecológicas, nesse sentido de estar prestando atenção de estar fazendo a coisa certa, de ter um discurso de acordo
PESQUISADORA: Mas, você acredita que depois daquele ano houve alguma influência na sua vida profissional, ou só agora em 2005 é que você mudou as suas ações pedagógicas?
PROFESSOR(a): Em 2001 é que tudo isso aflorou e muito, até por causa do lugar também, eu acredito que naquele ano nos tivemos muitas ações envolvendo em cuidar do meio ambiente, e não só ação com o meio ambiente, mas ações com relação ao grupo da escola, alunos e professores, a gente percebeu tam bem que a escola tinha alguns conflitos e o nosso grupo se identificou tanto que quase que naturalmente um ajudava aos outros ali a solucionar os seus problemas e algum outro problema que tivesse com relação à sala de aula, com relação ao aluno.
PESQUISADORA: Então existia um clima de convivência bom por parte dos professores?
PROFESSOR(a): Sim, com certeza, existia colaboração, era uma questão até de sentimento. Nós éramos amigos e tão amigos, e quase já uma família, todo mundo torcendo por todo mundo se dar bem e acho que dessa forma o grupo se fortaleceu, e nós nessa relação de não ter um poder, aliás era um equilíbrio de poderes, tinha muita gente ali, com idéias fortes, com intenções, com liderança, porém todas essas lideranças eram muito conscientes da sua própria força, então todos davam a sua vez ou se colocavam de uma forma que não se machuca os grupos,
PESQUISADORA: Sempre em busca do melhor para todos.
PROFESSOR(a): É sempre havia um equilíbrio.
PESQUISADORA: Você acredita que no final desse ano teve algum resultado em relação aos alunos, você percebeu alguma mudança de valores e atitudes neles ou não?
PROFESSOR(a): As atitudes dos professores veio refletir nos alunos, quando nós iniciamos o ano, já disse, a gente enfrentava alguns problemas. Olha só aluno problemas para nós e a gente tentava solucionar da melhor forma, mas o conflito não existia entre nós, os professores, pelo contrário, quando um se sentia mais fraco diante de uma situação os outros iam lá e procuravam contornar, conversavam com os alunos, o trabalho dos regentes tam bem foi bem importante nesse sentido, alguma problemática que estava acontecendo na sala de aula o regente já tentava dar conta da situação, parava a sua própria aula e conversava com o aluno, eu lembro que a gente fazia alguns comentários nesse sentido, e de forma alguma deixava o conteúdo de lado, mas o trabalho parecia ser bastante eficaz e agora eu acho que me perdi..., daí os alunos parece que percebiam o relacionamento dos professores, apesar dos problemas individuais de cada um (*refere aos professores*), e muitas vezes era difícil de se livrar deles (*problemas individuais*), então os alunos pareciam também compreender isso, então eu quero dizer que no final do ano, aqueles alunos problemáticos pareciam estar colaborando mais na escola, eles não eram mais alunos problemáticos simplesmente por uma revolta, eles eram alunos problemáticos pela sua própria vida, mas a gente percebia uma melhora neles
PESQUISADORA: Então você acha que o clima de convivência e união em relação aos professores, levou os alunos a deixarem de ser problemáticos?
PROFESSOR(a): É eles começaram a colaborar mais, conversavam mais, se abriam mais ao professores, eles estavam mais abertos assim.
PESQUISADORA: Ou éramos nós que estávamos mais abertos a ouvi-los?
PROFESSOR(a): É ou isso.
PESQUISADORA: Essa relação que existia entre nós e os alunos eles começaram a perceber essa união, e ...

PROFESSOR(a): Mas, também penso que eles perceberam que nós estávamos unidos na questão de querer ajudá-los também, não era um professor ou outro, não, eram todos os professores juntos querendo ajudá-los, e talvez a sua colocação seja mais correta, mais eles estavam aceitando o nosso diálogo, nossa aproximação, que não era a de um ou outro professor eram de todos, dava para perceber que todos queriam ajudar aquele aluno, mesmo que não fosse lá muito "simpático" ou ele não gostasse da disciplina.
PESQUISADORA: Existia então uma motivação entre todos?
PROFESSOR(a): Sim tinha uma motivação entre todos, um clima de convivência agradável, de preocupação com o melhor para o outro, sem perder a própria individualidade, sem manipulação, nada era imposto, era até um pouco difícil essa questão da imposição, porque muitas vezes, o próprio sistema exigia que se fizesse as coisas de uma forma meio que imposta, mas na sala de aula havia muito diálogo, e isso era comentado o tempo todo na sala dos professores. Lembro mesmo, lembro de uma situação também de alguns alunos que não foram bem em uma determinada disciplina, acredito que foi matemática (*risos)*, e foi comentado como não aprendem e daí foi conversado com os alunos em sala e foi é feito um gancho com relação a outras disciplinas, eu lembrei que na época puxei em artes um pouco da matemática, em estar construindo alguma coisa do equilíbrio, em simetria eram feitos alguns trabalhos relacionados a outras disciplinas. Quando se percebia que um professor estava tendo dificuldade de trabalhar, outro professor já se prontifica a auxiliar de uma forma ou de outra, era assim com Geografia, História, Matemática, Português, Artes e tal Educação Física então a colaboração era constante.
PESQUISADORA: Você lembra de alguma coisa referente à problemática vivenciada por eles?
PROFESSOR(a): O que eu me lembro porque participei bem pouco depois fui para outra escola, foi à questão que nós trabalhamos com eles uma gincana da retirada do lixo na praia e depois os alunos conversavam com a gente sobre a retirada de sementes de mariscos na Pedra. Até porque nós tínhamos uma preocupação com a questão do meio ambiente.
PESQUISADORA: Mas naquele ano de 2001 começou um processo de percepção de representação tanto da parte dos professores quanto dos alunos, lembra?
PROFESSOR(a): Exatamente foi uma sensibilização entre todos, então até a própria direção ela nos dava esse apoio tanto pedagógico , ela tentava inclusive sempre conseguir as autorizações para a gente estar saindo da escola, para fazer os passeios e tal.., mas a maioria dos passeios era realizada aqui mesmo, aqui próxima, então a direção, nos dava bastante apoio nesse sentido e autonomia.
PESQUISADORA: Então agora.... quais as alternativas que você propõe para termos um ensino de melhor qualidade?
PROFESSOR(a): Então hoje em dia é...essas ações elas são bem já bastante vistas por aí, todo mundo se preocupa com a questão da educação ambiental, e existe hoje em dia uma preocupação também com o processo de preparação dessas aulas, todo esse processo, então é pedido sempre que se prepare com antecedência um projeto, que esse projeto seja aprovado, existe uma questão burocrática aí que eu acho inviável, então isso é um dos pontos que não vejo eu vejo tanta necessidade de a gente estar é..o tempo todo...não digo fundamentando, mas eu digo assim ...tira um pouco aquela vontade inicial do professor , né. Às vezes ele não tem um conhecimento tão amplo, então ele só quer fazer alguma coisa que ele sente a necessidade, né... da própria turma de estar é... iniciando um trabalho, e aí esse trabalho tem que ser preparado todo antes, tem que ter toda uma preocupação antes de ele estar se embasando, estar se fundamentando para depois fazer e aí essa vontade pode passar, o momento também pode ser outro, então talvez deva se abrir um pouco essa questão para não haver tanta cobrança nesse sentido, pelo menos aonde eu trabalho existe muita cobrança nesse sentido atualmente. Você não faz nada se não tiver um projeto, senão tiver aprovação, sem isso, sem aquilo. Uma segunda questão é que o professor ele precisa ser mais bem remunerado, para que ele tenha tempo de preparar o seu material, então o professor que não é bem remunerado ele trabalha sessenta horas e não tem tempo de pensar em uma coisa de preparar as aulas para todos os seus alunos das sessenta horas, então ele precisa de tempo um pouco de calma e tranqüilidade. *(interrupção*)
Agradecimentos finais.

Entrevista
Professor(a) 09

PESQUISADORA: Qual a sua formação e quanto tempo você tem no magistério?
PROFESSOR(a): tenho dezesseis anos no magistério e atuo no Ilka faz cinco anos, a minha função é de professor(a) de 3ª série no Ensino Fundamental e professor(a) de reforço de 1ª a 3ª série.
PESQUISADORA: Qual o seu conceito sobre educação?
PROFESSOR(a): A educação para mim é contínua. A gente está sempre aprendendo em cima dos nossos erros e acho que a gente cresce muito quando a gente aprende, mas em cima dos erros da gente. E ela é contínua porque hoje a gente pode fazer de um jeito, não deu certo a gente tenta melhorar, sempre para ver... dentro da educação, o propósito de ...um trabalho melhor, dentro da unidade escolar para poder ajudar os alunos, porque como diz o outro, a gente faz uma preparação para vida. A educação básica que eles têm dentro de casa que recebe uma preparação para vida é dentro de respeito, etc.
PESQUISADORA: Você estava aqui na escola em 2002/2003?
PROFESSOR(a): Trabalhava com aula de Educação Física desde que entrei aqui na escola eu trabalho dentro da área de Educação Física. Esse ano de 2005 é que assumi a sala de aula, em 2004 era secretária e de 2000 a 2003 eu era professor(a) de Educação Física.
PESQUISADORA: Quais as séries que você foi professor(a) de Educação Física?
PROFESSOR(a): Nos primeiros anos fui de 5ª a 8ª série e de 1ª a 4ª séries, depois fui para a secretaria e sala de aula, no que eu me sinto assim realizada. Que bom que eu fui para sala de aula, porque assim eu falo de coração! Tem professores que acham assim que vai para sal de aula, meu Deus sala de aula!!. É uma coisa que eu me realizo por isso que eu optei pelo magistério, eu tenho uma turma muito boa.
PESQUISADORA: Você lembra do projeto que foi realizado na escola em 2002/2003 e se você já tinha ouvido falar de Educação Ambiental(EA)?
PROFESSOR(a): Não eu não tinha muito assim, como é que eu posso dizer, eu não tinha muito interesse nessas partes de Educação Ambiental. Trabalhava com outra área, não chegava dentro da minha, né! Até que foi feito um trabalho dentro da unidade escolar onde teve uma integração das disciplinas, né! E aí é que comecei, até que me lembro que o começo desse trabalho de EA eu estava saindo do ginásio para pegar o primário, nesse projeto. Mas até então eu não tinha me interessado em EA.
PESQUISADORA: Qual é o teu conceito sobre EA?

PROFESSOR(a): É o meio ambiente, é o resgate também. Eu acredito que seria o resgate do meio ambiente, a EA trabalha com toda essa área, abrange todo o ambiente e.. eu vejo dessa forma, não sei se é correto ou não.
PESQUISADORA: Essa é a forma que você percebe a EA. Você lembra qual foi a tua participação? (*interrupção chegada de alunos na sala*).
PROFESSOR(a): Eu me lembro que foi à parte que eu me envolvi mais foi quando a gente fez o passeio para a Oficina do Mar, em Penha, na Armação, que aí eu tive contato lá com os alunos, como eu estava na área de Educação Física eu acompanhei os alunos, né! E achei muito interessante. Por que assim.. a gente não tem noção do que é, na época a gente foi ver tinha visto uns mariscos, né? Fitas de vídeo falando do meio ambiente, da sujeira, o quanto dá para resgatar e não deixar lixo, garrafas jogadas e foi uma coisa interessante, a principio mesmo, é como eu te digo, a primeira vez que eu fui eu corri porque estava muito cansada...e não foi uma coisa que me interessou, mas quando eu voltei mais vezes, por que eu andei com todas as turmas, comecei na segunda vez a olhar diferente, a gostar de ver, as explicações gostei do trabalho que foi feito. E o resgate também dentro da escola. Aí todo mundo começou a trabalhar diferente. Foi um trabalho positivo.
PESQUISADORA: Você acha que todo mundo começou a trabalhar diferente em que sentido?
PROFESSOR(a): Resgatar isso e a escola trabalhou o resgate, a Pedra da Miraguaia e o marisco. Eles tiravam as sementes de mariscos e a escola trabalhava sempre o não tirar, preservar, mas os pais dos alunos faziam isso por dinheiro. A escola trabalhava de uma forma e os pais faziam de outra forma, aí entra em choque esse negócio. Mas a escola sempre tentando resgatar esse lado. O que a gente sabe é que realmente tinha pais participando disso que é a destruição, né! Enquanto os alunos a gente tenta passar outros valores dentro da escola para não fazer esse tipo de coisa.
PESQUISADORA: Em relação à retirada de sementes de mariscos você acredita que tiveram alguma mudança ou não em relação aos alunos, a escola e os professores como você percebe isso?
PROFESSOR(a): Teve eu vejo assim o lado positivo. Quando se fala em meio ambiente a gente sempre fala no projeto, no resgate eu vejo um saldo muito positivo. A gente corre atrás para que eles não façam as coisas erradas. A escola se preocupa muito mais com outras questões agora como por exemplo à questão do lixo.
PESQUISADORA: Quanto as suas atitudes e valores você acredita que houve depois do projeto, alguma modificação na forma de você trabalhar?
PROFESSOR(a): Sim, sim, hoje eu sou mais preocupada em trabalhar as questões de limpeza, a reciclagem, eu vejo assim como um trabalho contínuo, não para, eu vê que mesmo no modo da gente trabalhar mudou. Antes eu chegava e jogava as coisas fora do lixo, hoje não, e eu ensino para os meus alunos. Na faculdade até comendo um salgadinho é aquela bagunça. Eu chego e aí pessoal vamos limpar isso aqui que está feio. Então eles sempre tentando buscar esse lado.
PESQUISADORA: Quais as alternativas que você propõe ou você sugere para que se tenha um ensino de melhor qualidade. Você acha que alguma coisa pode ser mudada, ou existe alguma coisa que nós professores poderíamos estar contribuindo para que o ensino tenha uma melhor qualidade?
PROFESSOR(a): Acho que tem que inovar, me deu um branco...(*risos, a direção também participa da entrevista)*
PESQUISADORA: Você sugere alguma coisa que poderia ser feito para melhorar a qualidade de ensino? (*independente de a nossa diretora estar aqui ao lado).*
PROFESSOR(a): O que, que pode contribuir... Meus Deus!... Ah!, eu vejo assim que tanta coisa apesar de achar que a educação assim, essa parte é muito tradicional, a gente faz projetos, mas ao mesmo tempo volta para... porque não pode fugir do conteúdo, então quer dizer que da teoria só se trocasse o plano anual, se fosse modificado para poder fazer um trabalho diferente, não sei.
PESQUISADORA: Mexer no currículo escolar?
PROFESSOR(a): Sim, porque o projeto político pedagógico da escola ele já trás esse resgate, ele trabalha muito isso, falta o método do que tem que fazer, tem que ter o conteúdo, foge um pouco fazendo projeto, mas ao mesmo tempo já tem que voltar atrás de novo. Então teria que mexer nessa parte, ai sim poderia se fazer um trabalho bem diferenciado.
PESQUISADORA: (*interrupção do(a) professor(a) 04*). Você quer contribuir com alguma coisa? Quem responde é o(a) entrevistado(a).
PROFESSOR(a): (*risos*) Ah! Não! Deixa-me falar! Deixa-me falar da minha escola, eu falo da escola porque eu sou parte, família dela. Porque desde 2000 eu estou aqui, não largo são minhas companheiras de trabalho, as direções, especialista, por nada, são muito importantes. Eu acho assim, é bom trabalhar nessa escola, porque a direção ela abre espaço para isso, entende... a direção te abre os horizontes. Então quer dizer que é especialista, nossa supervisora, amiga, modéstia parte, a direção, não tem pessoa mais inteligente e culta e assim, é uma pessoa acessível, todas as suas dificuldades que tu tens, aonde a gente chega? Conversa com a direção e tem sempre uma saída para ti. Sempre tem alguma coisa boa, construtiva para ti dar, e isso é muito bom. Meus companheiros de trabalho, sem comentários, eu gosto de paixão, assim em matéria de ... se tu vieres e dizer, você vai ter que ir para outra escola, ah! Minha filha... eu prefiro sair do serviço, tanto que esse ano foi me dada opção para ir para outra escola, eu disse que não, porque se fosse para eu sair daqui então eu perdia o meu serviço. Graças a Deus, a minha direção também, não é puxa saco, eu estou falando a verdade, tu sabes que eu falo de coração (*interrupção*)... Mas assim, devido à amizade esse círculo entende? É muito bom.
PESQUISADORA: Você considera que é um círculo muito forte entre?
PROFESSOR(a): O primeiro ano que a gente trabalhou aqui, você estava aqui né? Meu Deus!, a gente trabalhava demais, era uma turma muito boa, com o passar dos anos, a gente foi se adaptando aos que vão chegando na escola. E isso é muito bom, assim são amigos, em particular eu gosto muito de trabalhar aqui na escola, se eu tiver que me efetivar em outra, eu não sei te dizer o que vou fazer!
Agradecimentos finais.

Entrevista
Professor(a) 10

PESQUISADORA: Apresentação do(a) professor(a)
PROFESSOR(a): Trabalho com educação infantil séries iniciais, prefiro mais a educação infantil que é uma série, vamos supor assim, que eu me apaixonei desde que eu entrei na educação. É uma turma assim que eu me identifico mais com a turma de cinco a seis anos, por acompanhar assim a evolução deles, desde que eles conhecem as primeiras letras, palavras tudo para eles é... por isso

que é uma série, uma idade que me fascina trabalhar com eles. Eu adoro trabalhar com essa idade, não que não goste do ensino fundamental que é uma série também que eu trabalhei alguns anos, mas eu trabalhei mais tempo com a educação infantil. Trabalhei nove anos só com educação infantil, por isso eu me identifico mais com a educação infantil. É uma série que eu me identifico muito mais, gosto também do ensino fundamental adoro, mais sou apaixonada pela educação infantil.
PESQUISADORA: E esse ano você esta com a educação infantil?
PROFESSOR(a): Esse ano estou com a educação infantil o período matutino e a 2ª série no período vespertino.
PESQUISADORA: E no ano de 2002/2003?
PROFESSOR(a): No ano de 2002/2003 eu estava na secretaria da escola, trabalhando como secretária em cargo comissionado. Em 2005 eu voltei para a sala de aula, eu fiquei na secretaria até meados de 2004, até outubro de 2004. A partir de outubro eu voltei não diretamente para a sala de aula mais fiquei como professor(a) de apoio durante três meses apoiando a professora na educação infantil e algumas professoras do ensino fundamental. Em 2005 eu votei efetivamente para a sala de aula.
PESQUISADORA: Quer dizer então, que você acompanhou bem a escola desde... Há quatorze anos você trabalha na escola?
PROFESSOR(a): È acompanhei a evolução, a ampliação e nós tivemos duas ampliações nesta escola. Quando ela iniciou era uma sala de aula, uma cozinha e dois banheiros, depois ela foi ampliada recebemos mais três salas de aula uma cozinha e uma secretaria, então eu venho acompanhando a evolução da escola, também, em termos físicos, desde alunos até a parte física da escola. Tanto é que a gente ser além de professor(a) da escola e pertencer à comunidade é um grande orgulho.
PESQUISADORA: O que representa para você a educação, qual o seu conceito de educação?
PROFESSOR(a): A educação eu acho que é formação. (*interrupção e barulho dos alunos*). Em termos de educação para mim educação é a construção do conhecimento, é a formação do individuo para a vida futura, para o mundo que nós estamos, então é assim se ele não tiver uma boa educação, uma base na escola, onde os professores têm que ter essa preocupação de prepará-los para vida lá fora, para o mundo. Não basta apenas transmitir o conhecimento nós precisamos preparar os cidadãos para o futuro. Isso é o que tenho de educação para mim.
PESQUISADORA: No ano de 2002/2003 foi realizado um projeto na escola de EA, você lembra? Você já tinha ouvido falar em EA?
PROFESSOR(a): Eu entrei em 1989 e em 1992 nós tivemos um curso de EA oferecido não me lembro por quem...não sei se foi pela secretaria da educação, mas um órgão especializado em EA eu não estou bem lembrada agora. Nós tivemos um curso de duas semanas, nós fomos visitar uma reciclagem em Balneário Camboriu e além disso, nós fizemos um trabalho com plantas medicinais...
PESQUISADORA: Por um acaso você não está se referindo ao PERC em Balneário Camboriu?
PROFESSOR(a): Isso, nós fomos lá conhecer o trabalho que eles fazem desde a plantação até o laboratório, a preparação de chás, a importância das plantas medicinais foi um curso então muito interessante, que nos deu até base para trabalhar a EA dentro da escola, bem interessante mesmo. E daí para cá a gente teve esse curso, e a gente tentou a partir dessa base repassar para os alunos e para alguns professores que a gente trabalhava na época o que a gente aprendeu o conhecimento que a gente adquiriu com esse curso. Mas até aí eu não tinha ouvido nada sobre a EA, esse curso foi a base. Para gente entender o que é a EA e daí poder repassar para os colegas e para os alunos o que é a EA.
PESQUISADORA: Então qual é o seu conceito sobre EA?
PROFESSOR(a): Para mim eu acho que é a preservação de tudo. Desde os seres vivos, não vivos é a preservação de todo nosso meio, desde o nosso marisco, a nossa plantação, nosso cultivo, a conscientização e a preservação do nosso meio ambiente.
PESQUISADORA: Naquele projeto especificamente de 2002/2003, qual foi a sua participação?
PROFESSOR(a): Bom na época como eu estava na secretaria a minha participação foi mais assim de estar apoiando os professores, incentivando, buscando, auxiliá-los naquilo que eles estavam necessitando de material, conteúdo para repassar, é na época até um de nossos professores...Ah! a reciclagem do lixo, que esse professor me pediu ajuda para buscar esse material. A minha parte foi mais de apoio nos trabalhos que estavam sendo realizados. Por que ali eu não trabalhava efetivamente na.....,a gente trabalhou apoiando os professores e buscando, mediando com eles o trabalho.
PESQUISADORA: Para você o que ocorreu quando a escola trabalhou aquele projeto onde foi abordada toda aquela problemática da extração desordenada de sementes de mariscos aqui da região, você acredita que aconteceu alguma coisa, teve alguma influência na escola, com os alunos, na comunidade, na sua concepção apesar de você estar fora de sala de aula, mas dando apoio aos professores, o que você percebeu?
PROFESSOR(a): Eu senti o impacto na comunidade foi positivo, foi bastante positivo, que a partir daquele projeto a gente percebeu assim, que os alunos levavam para casa essa conscientização da importância da preservação. Para o futuro deles, então eu senti que na comunidade, às vezes a gente escuta as pessoas mais velhas dizer assim: Ah! Mais meu filho disse que se eu tirar semente hoje, no futuro nós não vamos ter marisco nem para comer, então foi muito bom. Eu senti isso na comunidade, porque além de estar na escola, eu estou na comunidade e a gente percebe isso dos dois lados. Então até como eu tenho meu pai que também tirava semente. Hoje em dia ele diz assim: É, hoje a gente vê a importância de preservar a semente. Não adianta a gente ir ali tirar semente e repassar para o pessoal do cativeiro, se amanhã o nosso filho, nossos netos, vão querer marisco para comer e não vão ter. Eu disse: olha que bom, que bom que vocês chegaram a essa conscientização e isso partiu de onde? Partiu do projeto dos alunos que estão levando isso para casa e a comunidade participando.
PESQUISADORA: E assim...., mas a questão econômica da comunidade?
PROFESSOR(a); A questão econômica deles, assim, a gente sente um impacto foi positivo no lado deles, que eles se conscientizaram. Só que eles também sofrem com esse problema financeiro. Porque o marisco, aqui para eles é um meio de sobrevivência, eles não têm..., muitos pescadores...,alguns trabalham fora, mas a grande maioria da comunidade, ela vive desse marisco é o sustento deles, é o sustento da família toda, às vezes,.. então é assim, como eles não podem tirar a semente, e o marisco ele tem uma época certa que eles podem estar extraindo, a extração, então é que eles ficam muito tempo parado, sem receber nada, então isso tem influência, as dificuldades financeiras, aí não podem manter isso ou aquilo. Mas é importante, apesar desse problema financeiro essa conscientização deles, porque se eles podem extrair as sementes para revender e ter um lucro do marisco, do miolo, como eles chamam, se eles extraem as sementes agora, no futuro eles não vão ter nada. Apesar de que, a maioria passa essa dificuldade financeira, porque eles vendiam um saco de semente por vinte, trinta reais, eles achavam aquilo o máximo. E era dinheiro fácil e com a extração do molusco para vender ele como eles vendem, fora da casca no tamanho certo, o lucro é muito pouco. O lucro a gente vê que é muito baixo e para eles que ficam muito tempo parado sem receber nada, essa é a maior dificuldade dos nativos, do pessoal que vive na comunidade.
PESQUISADORA: Então qual alternativa que você ....(*interrupção*).

PROFESSOR(a): É aí teria que... eu acho assim, que teria que sentar com os mais velhos, os pescadores, a maioria já está até aposentado, e até os jovens mesmos, que ainda tem família, que ainda esta aí na batalha, na luta, para se achar um meio, né! Da extração acredito que fundar uma associação, uma cooperativa, mas que não prejudique a extração do marisco, encontrar uma outra forma de sobrevivência para que eles possam utilizar o marisco como meio de sustento, sem extrair as sementes.
PESQUISADORA: Seria então conversa com a comunidade?
PROFESSOR(a): Sim com a comunidade e até com alguns representantes do poder, como aqui a gente tem, no caso o prefeito, o pessoal que cuida da parte ambiental, vereadores...
PESQUISADORA: Seria interessante porque tem vereador eleito pela comunidade.
PROFESSOR(a): É eu acho que seria interessante sentar com esse pessoal e tentar achar uma alternativa de sobrevivência para eles. Porque a gente sabe que para eles isso é importante é o meio de sobrevivência deles.
PESQUISADORA: Agora que você está na pré-escola, qual a sugestão que você pode dar em relação aos professores para dar continuidade a esse trabalho?
PROFESSOR(a): Ah! Eu acho que a escola deveria dar continuidade a esse trabalho, não somente no dia do meio ambiente, acho que esse projeto, essa conscientização deveria ser o ano todo. Em todas as disciplinas, todos os professores envolvidos no projeto até conscientizando da importância da questão ambiental, para o futuro, que quanto mais degradado pior...hoje e daqui a alguns anos. Então é importante que a escola esteja sempre trabalhando com projetos com a questão ambiental sempre revisando problemas e com isso conscientizando nossos alunos, que vão se tornar os nossos cidadãos de amanhã.
PESQUISADORA: E o que você tem realizado em sala de aula com seus alunos?
PROFESSOR(a): Agora eu trabalho..., até ontem eu saí com eles ao redor da escola para ver a questão de localização da escola, eu achei interessante porque eles observaram as casas e a questão ambiental eles dizem assim: A nossa praia como ela está suja, poluída, tem um aluno que questionou: Ah! Por que não é limpa? A questão do esgoto, a gente passou pelo riozinho, então a gente procura trabalhar a conscientização dos pequenos. É mais isso parte dos responsáveis e quem são eles? O nosso prefeito, vereadores, administrador, mas nós também como cidadãos somos responsáveis por essa preservação. Nós também não podemos estar jogando lixo, sujeira, os pais tem que estar conscientes e não estar colocando o esgoto dentro da vala que sai direto na praia, então assim eu acho interessante que eles vieram conversando sobre a questão ambiental. A gente vê que eles têm essa conscientização, que bom eles já estão crescendo conscientes disso, pelo menos a gente sabe que o futuro, quem sabe será melhor para nossa....
PESQUISADORA: Professor(a) você gostaria de falar alguma coisa mais que você acha importante e eu não perguntei?
PROFESSOR(a): O que eu acho importante assim é que a escola ela deveria se abrir mais para a comunidade, tentar trazer mais a comunidade para dentro da escola, porque eu trabalhei aqui alguns anos e teve uma época em que gostei muito. Fazia-se gincana, a comunidade participava, no dia da criança, na festa junina, a comunidade se envolvia eu acho importante essa abertura da escola para a comunidade. Entrar essa comunidade para dentro da escola, porque se a escola é à base de tudo, a gente a sabe que daqui partem nosso futuro cidadãos. Daí tudo que a gente fizer projeto que a gente queira montar e que fique só aqui, senão partir para fora, se a gente não conseguir resgatar essa comunidade e levar para eles aí fica difícil. É preciso essa abertura, a escola estar mais aberta a comunidade. Para que essa comunidade seja mais participativa. E possa ajudar. Eu acho que o que falta é um pouco isso. Hoje em dia a gente se preocupa muito só com a questão de repassar conteúdos, repassar conhecimentos, a gente foge um pouquinho de tentar trazer um pouco essa comunidade para estar participando. Projetos que tragam mesmo a comunidade para dentro da escola. Isso, que eu acho importante. Agradecimentos finais.

ANEXO P
ENTREVISTA COM A COMUNIDADE

PESQUISADORA - desde quando a senhora mora na região?
SENHORA - Eu nasci aqui, eu me criei aqui e me casei aqui. E no tempo que nós se criemo (nos criamos) aqui um tempo muito ruim não tinha estrada, não tinha água pra nós, não tinha comida, não tinha nada, só peixinho da praia, só peixinho do mar só mais nada.
Então nós ia lá pega na praia. Aqui o barranco (Dunas), aqui tinha 5 metros de altura, esse barranco aí da praia tinha 5 metros de altura. Mas aí o mare (mar) foi comendo, foi indo, o pessoal foi vendendo e aqui ficou liso né. Então ninguém tinha uma fonte, nada, a gente lavava roupa numa gamela, tinha gamela de pau, fazia prato pra come só prato de barro.
Nós tomava café numa caneca de barro, nós se criemo assim, a istera a cama, não tinha , a nossa cama era uma istera, é istera de PIRI. Então nós botava aquela istera no chão ali nos se criemo e criemo nossos filho a mesma coisa e ali fiquemo.
E aí tá , quando foi um tempo, veio uma guerra pra qui, então essa guerra, não era pra sair ninguém na praia, ninguém de casa e não era par ascender as cruzenas(querosene) acabou tudo.
PESQUISADORA-O que significa cruzena?
SENHORA - A cruzena é nós comprava a cruzena aí da venda. Essas cruzena aí da venda que faz fogo assim.(Tipo de lamparina).É a cruzena, então a cruzena acabou então tinha já a berzina, berzina, (benzina) então e agora se ascendesse ele vinho pra cá pra dentro, porque a marinha não queria porque a marinha tava tudo armado pra praia, porque vinha um navio de guerra. Aí sabe, mas nós tava com medo então meu pai dizia assim: minha filha vocês não sai de casa hoje, tudo trancado dentro de casa, vocês não ascende nada. Sabe o que nós fazia? Nós tinha muita mamona aqui no redor da casa, pé de mamona, então nós apanhava aquela baga da mamona e butava seca, pegava aqueles bambuzinho, fazia tudo no pauzinho tudo bem fininho , então nós batisucava aquelas mamona e pegava e enfiava tudo no pauzinho, enfiando, enfiando,enfiando e fazia aquela varinha sabe, e aquela varinha nós botava fogo de noite , sabe como é, nós botava fogo assim, assim fazia um buraquinho assim na cinza e butava fogo, pra modi alumiar nós e pra alumiar a comida que nós ia fazer, porque ninguém podia acender nada, porque essa guerra tava arrumada, tava esperando o navio, tava tudo esperando o navio e Navegantes e Gravatá.
PESQUISADORA – Em que ano foi essa guerra a senhora lembra?
SENHORA - Olha eu me lembro porque nós era tudo pequeno, eu era pequena uma mocinha já, quando essa guerra.
PESQUISADORA - quantos anos a senhora devia ter?
SENHORA - Eu tinha uns dez anos.
PESQUISADORA- Hoje a senhora tem quantos anos?
SENHORA – Hoje eu to com 78 anos, quase 79 já.
PESQUISADORA- Então isto ocorreu há 68 anos atrás?
SENHORA – Sim, atrás. E aí ta passou um dia e nós fumo na praia, ai eu tava na roça trabalhando, aí chegou,chegou o velho-Zezinho(seu marido) que trabalhava num lugar lá pra estrada de ferro.
Eu fiquei. E aí, cruzena, não tem cruzena, a cruzena tinha se acabado pra nós. Sabe o que é que eu fiz? Aí eu e minha mãe, não sei quem foi lá na praia o pai não sei, eu sei que chegaram lá, olho topei uma lata de berzina, uma berzina que deu na praia.
A berzina era que nem cruzena sabe? Então nós agarremo e truxemo uma garrafa, era escondido, de noite é alumiava de noite pra módi ninguém vê.
Até ali um 3 ou 2 anos 1 ano a polícia tava aí rondando. Sabe tava tudo rodando aí, tudo rodando. Ah, despos não, ah despos o navio não apareceu aí foram tudo simbora. Buraco era da marinha, então o buraco que eles fazia era qui nem uma casa na praia no barranco debaixo do barranco eles fazia aquela casa, fazia né um buracão então eles metia-se ali embaixo tudo armado pra praia.
PESQUISADORA- Ah! Acredito que compreendi esses buracos na praia eram para os soldados se protegerem, para se esconder?
SENHORA - Pra se esconder se viesse o navio de guerra nós via ele, mas ele passava pela praia que eu ia pro Gravatá, então nós passava pelo morro por cima da roseta porque não tinha estrada, naquele tempo só tinha barranco naquele tempo.
PESQUISADORA- Aqui no Gravatá existia muitos moradores naquela época?
SENHORA- Os moradores do Gravatá não tinha ninguém aqui, só tinha o pessoal antigo. Já morreu, era tia Aninha, o Padre Chico Cizaro já morreu também, quem mais o Quinca já morreu, o Joaquim André já morreu é o que tinha morando aqui com nóis.O Zé domingo já morreu.
PESQUISADORA- Como vocês faziam para sobreviver?
SENHORA- Viviam da pescaria, da tarafa é, do marisco que tiravam da pedra, da plantação, nóis plantava mandioca...
PESQUISADORA- E a senhora falou de trem que o seu Zezinho pegava, que trem que o seu Zezinho pegava?
SENHORA- Ah! O Zezinho é trabalhava lá na estrada de ferro, na estrada de ferro ele foi trabalha lá uma semana, mas, não deu e ele foi embora pra casa.
PESQUISADORA- Onde ficava esta estrada de ferro?
SENHOR- Ficava lá em Blumenau.
PESQUISADORA- E como é que o senhor ia até Blumenau?
SENHOR- Eu ia de condução, tinha um carro, aí eu vim me embora com o Fabiano----?, o ----? Carregava terra de barro pra Cabeçudas, aí eu vim de caminhão.
PESQUISADORA- Assim que as pessoas se locomoviam de trem e caminhão do amigo? SENHORA – É, era muito mata fechada, a gente também caminhava na praia.
PESQUISADORA - Então a senhora foi uma das primeiras moradoras?
SENHORA- A primeira moradora daqui era eu.
PESQUISADORA- Vocês já moravam nessa casa?
SENHORA- Já morava. Nessa casa aqui? Não a minha casinha era bem velhinha, bem velhinha, um engenho de farinha.
PESQUISADORA- Onde tinha um engenho de farinha?
SENHORA- Era aqui mesmo nessa rua, aqui nessa rua. Sabe a casa de Eucalipto do Bidusch, eu tinha um engenho de farinha ali.Quem vinha na minha casa e subia no engenho de farinha com nóis, nóis era pobre naquele tempo era o Curt.
PESQUISADORA- Quem era o Curt?

SENHORA- O Curt mora em São Paulo. É então lá ele vinha , ele me ajudava, trazia as coizinha pra mim, eu era muito pobre, fazia ----?né. Naquele tempo não havia nada, não havia serviço pra pessoa trabalha, não havia televisão, não havia radio, não havia nada disso, geladeira, então nós chegava com o peixinho , nada, nada, havia a luz de cruzena, a candeia. A candeia, então é só isso, então nóis tinha o nosso engenho de que vinha limpo ele com colchão de palha de milho, butava no chão. E lá eles dormia, eles ficavo, num engenho junto com nóis.
SENHOR-Aqui tem uns 50 engenho de farinha mana.
PESQUISADORA- 50 engenho de farinha?
SENHORA e SENHOR- É daqui até Navegantes tinha. O Artur Romão tinha, o mo pai tinha, o meu sogro tinha, eu tinha.
PESQUISADORA- No engenho de farinha vocês faziam a farinha para o consumo próprio ou vendiam?
SENHORA- Nóis fazia farinha.Era só pra come, naquele tempo não se vendia né, naquele tempo não se vendia farinha, porque não tinha dinheiro, não tinha nada, o pessoal não tinha dinheiro pra compra. E não tinha , não tinha nada naquele tempo era ruim de dinheiro e não havia nada, sabe como é? Lembro que a primeira que veio mora pra aqui pra nossa praia foi à dona Erza.
PESQUISADORA- Quem é dona Elza?
SENHORA e SENHOR- A don a Erza é a , não a dona Erza é a mãe do Crune, ----?, morou aqui foi o Bidusch, foi a dona Erza, a dona Erza, foi-----? E foi o Bernardo. Foro os primeiros que vieram-----?
PESQUISADORA- O que tinha aqui na região que os senhores se lembram?
SENHORA- Não tinha nenhuma pessoa. Aqui ser humano não tinha.
SENHOR – Eu que pedi o loteamento daqui em 51, 53. Nóis criemo os filhos com a farinha, marisco, misturava a baga com a farinha feito pirão e alimentava os filhos todos e peixinho. Não é como hoje tem pouco peixe, marisco também. È triste passa fome, agora eles vem aqui (policiais e o IBAMA) e pegam a rede, levam tudo preso, isso é triste. Eu disse pra eles vocês não passam ganham bem, e essas crianças o que estão ganhando. Não ganham nada os pais trabalham na pescaria na barra e não estão matando nada. Ah! Vocês querem me matar levando o nosso trabalho, então pode me matar porque eu já estou pra morrer mesmo. Isso é uma juduaria sem coração foram lá pegaram a rede e o que eles não arrebentaram foram lá e colocaram tudo dentro do caminhão. E foram si embora. Chegasse nesse rapaz e dissessem vocês tiram a rede d'água e deixassem eles tirar a rede não é chega e tira a faca. Né, não é verdade. Fui até a praia e cheguei a chorar de pena das crianças. Cortaram e o caminhão puxando pra carregar botar fora. E o que eles gastaram pra fazer a rede. Tiram da boca dos anjos, porque custa 300 contos ou 200 reis pra fazer aquela redinha, esse dinheiro sai da boca daquelas criancinhas!
PESQUISADORA – A rede de pesca foi confeccionada por vocês e os policiais levaram.....
SENHORA – É pra pescar é pra matar a fome das crianças. Aquelas crianças o meu neto todos eles com aquelas cordinhas nas mãos. Pra que isso minha gente? O meu neto chegou a esconder o saquinho do marisco debaixo do banco. Aí eu disse já que você levou a rede leva isso também. O marisco a gente tirava pra come, agora querem tirar o marisco pra planta lá, e vocês é que vem aqui tira então quem deve ir pra cadeia são vocês. Naquela época na pedra da miraguaia, nóis tirava e tinha marisco pra come, pra vende, discascava e criava todos filhos e agora vejo isso aí meus netos passando fome. Agora não tem mais nada.
PESQUISADORA – Vocês anos atrás esperavam o marisco crescer para poder tirar e se alimentavam e vendiam, é isso?
SENHORA – Esperava o marisco crescer nas pedras e depois é que a gente tirava. Agora depois que eles botaram esse cativeiro acabou o marisco. Agora nem marisco e nem bota um peixe pra criança comer. Como é que eu vou viver, viver de que?
PESQUISADORA – E essas pessoas que vem extrair o marisco fora de época são daqui?
SENHORA – Não não são daqui. São da Armação, Itajaí, Penha, Piçarras. E o IBAMA não faz nada. Se eles vão lá prendem eles tem dinheiro pra pagar.
PESQUISADORA – E aquele senhor que anda...
SENHORA – Não faz nada ele também é mandado. A IBAMA é que ta mandando em toda a praia. Antigamente quem mandava era a prefeitura. Ia falar com o prefeito e o prefeito também abrandava. Mas agora não é mais nada botaram tudo pra IBAMA. A praia é nossa ele não tem nada que vim aqui. A praia é nossa pra gente cria nossos filhos. Como nós criemos. Mais pra que essa vingança, cortar a rede, bota a rede no fogo, acaba com tudo deixa uma criança aí passando fome. Como é que eles não querem que mate, que roube, porque eles não querem deixar botar uma redinha pra mata um peixinho. Nas pedras já não tem quase mais nada não tem mais pra descascar. Antigamente não tinha nada disso, nóis tirava marisco da pedra, pescava, comia e vendia trocava com um camarada que trazia arroz, açúcar, feijão... e hoje não.
PESQUISADORA – HÁ pouco tempo saiu uma reportagem na televisão sobre a retirada de sementes de mariscos.
SENHORA – Uma judiaria o pessoal tirando os mariscos miudinhos, tinha é que ter uma ordem pra pessoas tirar os mariscos grandes. Eles tinham que tirar só os mariscos de cima os grandes e os de baixos miudinhos deixa vocês não mexa. Não eles mandaram o pessoal vim de fora pra tira os miudinhos e daí como fica? O que o pessoal daqui vai comer? O que eles vão tirar? Isso é jeito? As crianças daqui acabavam correndo com medo dos homens e saiam correndo se cortando os pezinhos nas pedras. Iam pra cadeia? Você acha que isso tem jeito?
PESQUISADORA – Vocês tiravam só para comer o marisco grande?
SENHORA – É isso só o grande pra come. E tinha bastante a pedra tava cheia e todo mundo vivia. Hoje vê se a gente consegue viver. E isso aí vai acabar sem nada se continuar desse jeito.
PESQUISADORA – Agradeço o depoimento de vocês.
SENHORA – Nóis espera que você como professora das crianças faça alguma coisa. Acha uma pessoa pra cuida. Que arrume alguém pra sabe quem são as pessoas daqui que precisam disso pra come e não as pessoas de fora que vem aqui tira e ganham e acabam com isso, que são pessoas de fora que já tem emprego bom e não precisam do dinheiro como nós. Aqui só manda o pessoal daqui e quem não precisa volte de onde veio. O saco pro cativeiro era vendido a 15 conto, 20 conto, o saquinho tem uns 10 kg de marisco. Que são as sementes. Carece acaba com isso. Vai ter vigia, vai ter pessoa pra toma conta disso. Mas vem gente de fora de noite com lancha com batera e pelaram toda a pedra aí. Se continuar assim não tem mais solução.

ANEXO Q
ENTREVISTA COM ALUNOS

PESQUISADORA – Os alunos foram questionados sobre o que remanesceu da atividade pedagógica realizada na Escola Municipal Profª Ilka Muller de Mello, nos anos de 2002 e 2003.

ALUNO 05 – Eu me lembro das coisas que nós fazíamos na escola, as aulas eram diferentes, toda a turma contava as coisas e nós no final fizemos o teatro. Foi bom. Eu aprendi muita coisa com a professora, hoje eu percebo que muita coisa mudou nas minhas atitudes. Por exemplo eu não jogo mais lixo na rua e olho para a pedra diferente. Até no restaurante a gente começou a se preocupar com a limpeza. Chamo atenção das pessoas quando estão na praia...ih eu acho que é isso. Ah em casa também, antes a gente não estava nem aí pro meio ambiente.

ALUNO 07 – Ah! Professora eu nem sei o que dizer. Mas depois que nós fizemos o teatro muita coisa mudou. Pra mim eu vejo que teve uma grande diferença. Hoje eu não faço mais o que eu fazia antes e o meio ambiente pra mim hoje é tudo. Não vejo mais como separado de mim...Deu para perceber também que naquela época que os maricultores estavam enriquecendo a custa desses aqui. Hoje já não acontece mais como acontecia antes. Acho que foi bom a gente ter trabalhado na escola agora eu enxergo diferente as coisas.

ALUNO 09 – Nossa professora ....aquele teatro foi bom até hoje eu me lembro dele....ó ih muita coisa mudou e como mudou poxa professora eu ....mudei muito nem ti conto...(risos) Nossa mudei bastante.. só sei que hoje eu estou trabalhando numa casa de material de construção, to casado, e a gente se preocupa com o meio ambiente. A pedra já não tiro mais, só pra come e um peixinho de vez em quando. É professora se a gente não cuidar o que é que vai acontecer? Então hoje eu colaboro.

ALUNO 15 – Bom ...eu me lembro nós fizemos.....Não vou mais lá tirar marisco só quando ele tá grande e bem pouco. To ajudando meu pai continuo estudando. E acho que a gente deve cuidar do meio ambiente. Ta tudo se destruindo. Ah....deixa eu ver....bom professora acho que é isso que eu me lembro...Deixa eu ver o que eu sei é que depois que eu aprendi vejo diferente....por exemplo às coisas, mudei não jogo lixo nas rua, nas latas de alumínio junto, e entrego pro carreteiro os papéis. A gente em casa separa e dá pra eles.

ALUNO – 16 – (Risos...) Virei surfista....mas cuido pra caramba da natureza. Eu e a galera.....(risos) A professora já viu eu mergulhando lá nas pedras né..... è foi manero naquele ano aprendi legal. Oh! Professora hoje se a gente vê surfando algum plástico no mar a gente tira. Eu cuido da natureza dos bichos, do mar de tudo, penso em tudo dos seres (risos...). A gente procura não tirar mais os mariscos pequenos, mas minha família continua tirando os grandes descascam e vendem... ah não sei o que vou falar mais é isso aí ! (risos)

ALUNO – 24 – Oh professora eu aprendi muita coisa contigo. Se hoje eu sei alguma coisa do meio ambiente foi com a professora que aprendi. Muita coisa mudou. Eu apesar de não ver muito na outra escola o que ficou comigo foi o que a professora ensinou. Hoje eu sou bem mais consciente em relação ao meio ambiente que eu fui aprender com o projeto. A importância da pedra da miraguaia, os mariscos, eu não pensava nisso antes, e muito menos em conservar, preservar.....

ALUNO – 25 – Ah! ...Eu não me lembro muito, acho que alguma coisa....ah não sei...pra mim tudo continua igual eu não me lembro de ter mudado alguma coisa. O meio ambiente é....bom eu acho bonito ver o mar, a natureza...não sei o que vou dizer mais. Na verdade nada mudou pra mim eu continuo o mesmo.